

# Revista Miliária

Dez. de 1918



Anno V

Preço 2\$500

MILITÁRIA

ALGUMAS DAS IMPORTANTES CURAS  
PELO

The advertisement features a central illustration of a medicine bottle with a label that reads 'URA' and 'FARMACIA SERRAVALLE'. The bottle is set within an ornate, Art Nouveau-style frame. Below the bottle, the text 'URA - DEPURA - FORTALECE - ENGORDA' is written in a decorative font. Surrounding the bottle are several circular and rectangular portraits of men, each with a caption identifying them by name and title. The portraits include:

- Top left: **ALFREDO FERREIRA DE SALES**
- Top right: **ANTONIO GILBERTO FRANCO**
- Middle left: **THEODORO MARQUES**
- Middle right: **ANTONIO ANTONIO FERREIRA**
- Center: **MANOEL JULIO DE MIRANDA**, LAGOA DE S. BARBADA, 17, UBERABA - MINAS
- Bottom left: **JOAO FERREIRA FERREIRA**
- Bottom center: **FRANCISCO DE SALES FERREIRA**
- Bottom right: **FRANCISCO FERREIRA FERREIRA**

**URA  
FORTALECE  
ENGORDA**

**MAPPIN STORES**  
SOCIÉDADÉ ANÓNIMA INGLEZA

# BRINQUEDOS PARA O NATAL

Enriquecido com a chegada de uma nova remessa da Europa, o nosso esplendido stock de Brinquedos fará a delicia das creanças paulistas no Natal' de 1918.

## PREÇOS MODERADOS

Como nos annos anteriores, organi-  
saremos um alegre e festivo  
**CHA' DE NATAL**  
nos dias 21, 23 e 24 de Dezembro,  
com grandes attracções para as  
crianças.



**MAPPIN STORES**

RUA 15 NOVEMBRO, 26

S. PAULO



RECEITAS  
DE  
BELLEZA  
PARA  
COLORIR  
OS  
CABELLOS

Desde os tempos mythologicos — com a magica Medea — o homem procura resistir, por meios artificiaes, aos estragos da idade, visando, principalmente os cabellos brancos, que são os primeiros e os mais evidentes signaes da velhice.

Entre as tinturas usadas para tal fim figuram as de saes de chumbo, de prata, de cobre, de mercurio, de cal, de bismutho, de estanhos e outras, que produzem sobre o organismo inteiro graves desordens que só muito tarde são percebidas. As tinturas americanas são a base de sulfato de cadmium e sulphrato de ammoniaco. São menos toxicas, mas irritam o couro cabeludo e provocam a calvice rapida. As tinturas a base de nitrato de prata, tão espalhadas, são de acção toxica lenta e fatal. Ha, porém, alguns productos vegetaes inoffensivos que infelizmente, dão uma coloração muita fraca e pouco duravel. A unica que se pôde recomendar sem receio e que, da resultados admiraveis é a *Petalina*, com a qual se pôde obter, graduando as doses, todos os tons, do castanho claro ao negro azeviche, sendo oriundo da Persia, de onde actualmentes só pôde vir com grande difficuldade.

A *Empresa Feminina Brasileira* acaba de receber uma pequena partida.

Podeis obtel-a por intermedio de nossa *Revista*, enviando a importancia de 10\$000 e mais 500 réis para a remessa.

# A' ILLUMINADORA



47-Rua da Boa Vista-47

MATERIAL ELECTRICO EM GERAL

*Abat-jour de seda e  
Lampadas para mesa*

Lampadas electricas economicas  
e de  $\frac{1}{2}$  watt

# ORVALHO

— DA —  
**BELLEZA**



O MELHOR  
CREME  
PARA PELLE

## Pharmacia Castor

Rua Álvares Penteado, 5-A  
S. PAULO



O unico meio de conservar a vossa saude é ingerir alimentos sãos e beber agua pura.

Para este fim procurar os melhores fornecedores e comprar o

### Filtro "Fiel"

*O melhor dos filtros.*

A' venda na  
RUA SÃO BENTO, 14  
Sobrado

Depositario para o sul do Brasil

### Rocha & Cia.

Caixa Postal 740 F.  
Telephone 2176 - Central  
SAO PAULO

Peçam o catalogo  
ilustrado e mais informa-  
ções sem compromisso  
algum.

# CASA GENIN

Rua 15 de Novembro N. 8-A

S. PAULO - Caixa, 204



ESPECIALI-  
DADE EM  
BANDEIRAS  
de Algodão es-  
tampado, de  
Filele de lã e de  
seda.

Confecção esmerada de bandeiras de seda propria  
para Linhas de Tiro e escoteiros. - Preços modicos.  
PEÇAM ORÇAMENTOS

## A Casa Genin

tem sempre um  
variado ser-  
timento do ar-

tigos para: bordar, crochet, filet, frivolité,  
ténériffe (Inhanduty), renda de bilros,  
tricot etc. etc.

### ESPECIAL SECÇÃO DE

linhas, lãs e sedas.  
Linhos, velludos, setins etc.

Grande variedade de artigos  
para confecção de flores artifi-  
ciaes.

## Xarope de 'Gomenol'

Especifico do

*Dr. Monteiro Vianna*

contra a

# “Coqueluche”

Preparado da Pharmacia

“S. CECILIA”

Rua das Palmeiras N. 12

*Lopes & Senna*

SÃO PAULO

*A venda em todas as pharmacias  
e drogarias.*

## Oleados Tapetes Moveis

Procurem sempre a casa

### AO GRANDE ORIENTE

J. C. COSTA

3 - Rua Floriano Peixoto - 3

S. Paulo

## A Revista Feminina

Os numeros desta revista relativos ao ano de 1917 já se acham nesta redacção, encadernados, constituindo um grosso e elegante volume. A encadernação é em percalline, com os dizeres do lombo dourados. Vende-se cada volume a 25\$000. Como presente de anniversario para senhora ou para uma moça, é o que ha de mais fino e, sobretudo, de mais util. As pessoas que tem truncadas as suas colleções devem adquirir a edição encadernada.

## Casa Lemcke



R. Libero Badaro

N. 100-104

SÃO PAULO

Telephone N. 258

Caixa Postal N. 221

*Fazendas, Modas,*

*Armarinho,*

*Roupa Branca*

## Henrique Lemcke

## “Au Palais Royal”

Rua de S. Bento, 72

Continua com a sua

LIQUIDAÇÃO FINAL

GRANDES SAIDOS!!!

NOVOS ABATIMENTOS!!!

Esta semana grande venda de meias  
a preços vantajosos

Meias de pura seda para senhora

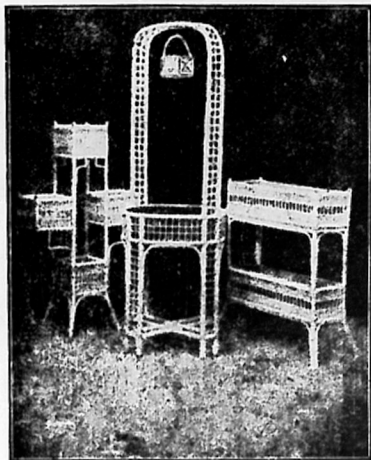
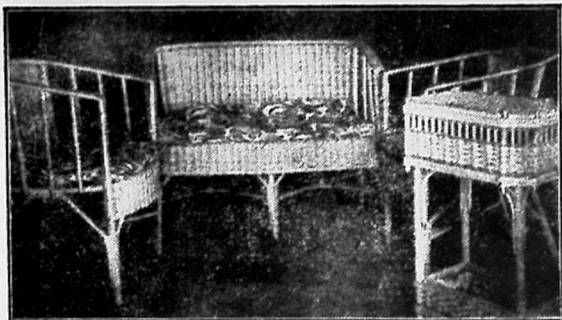
Par 10\$000

Meias de pura seda, francezas, com baguette

Par 17\$000

# J. Carneiro Braga

Grande Fabrica de  
Moveis de vime e de  
junco



*A's Exmas. Familias rogamos uma visita ao nosso estabelecimento onde temos a exposiçao mais completa e de fino gosto que se pode imaginar em moveis e outros objectos de vime e de junco.*

Espanadores de todas as qualidades

Escovas de qualquer systema

Cestas de qualquer qualidade

Escovas com pranchas de ferro, especialidade da fabrica.

Vassourões de piaçava, para terreiros de café.

Vassouras de cabelo, artigo fino, para soalhos encerados.

Gaiolas e Viveiros

Enceradeiras para soalhos

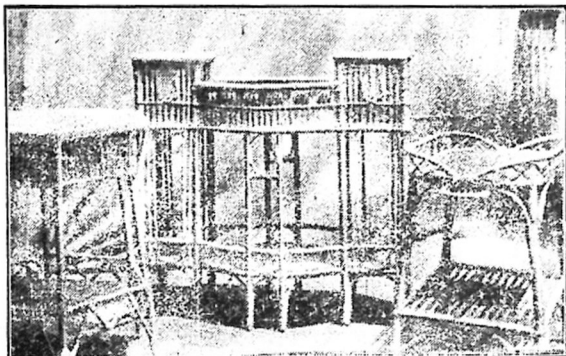
Peçam preços, catalogos e informações que enviaremos gratis a quem o solicitar, citando o nome desta Revista.

*Atenção:* a mais importante Fabrica de moveis de vime e junco

à RUA BRIGADÉIRO TOBIAS  
N. 124

Telephone - Central 243

SÃO PAULO



## Hotel Avenida

O maior e o mais importante  
Brasil

Accommoda para 500 pessoas

Diaria a partir de 10\$000

Endereço Telegraphico :  
AVENIDA

Rio de Janeiro



**Guilherme Weixel**  
**Olives**  
Telephone  
12 2001  
(Ciada.)  
Rua dos Guanayazes 155.  
São Paulo.

### A Sciencia da Maternidade

Um dos problemas mais importantes da maternidade é o problema do aleitamento. Diz-se vulgarmente: « Isto elle bebeu com o leite » e nesta synthese popular está en-cerrada toda a importância do aleitamento.

Com o aleitamento pode-se beber a força, a saúde, o *mens sana in corpore sano*; com o leite pode-se também beber o rachitismo, a fraqueza dos ossos, a pessima dentição, prenunciando um futuro miseravel, arrastado em meio de molestias e de dores.

Na maior parte desses ultimos casos a mãe deve ser accusada: durante o aleitamento ella não se preocupou de reposar, de alimentar-se bem e principalmente, de enriquecer o seu leite com principios nutritivos e basicos para a formação do esqueleto da criança, do arcahouço sobre o qual a casa tinha que ser construida. Todos estes perigos ella teria evitado se tomasse cada dia quatro *Melcom Fricolastic Pastilles*, nas quaes existem todos os elementos necessarios para tornar o leite abundante, grosso, gduroso e opulento de principios calcicos para a formação dos dentes e dos ossos. A Empresa Feminina Brasileira é a unica depositaria deste producto em São Paulo—Um vidro com 100 partilhas: 20\$000. Enviar o pedido e importancia. — Com quantia tão insignificante garantireis a formação perfeita do lindo bebê sobre o qual repousa o vosso olhar delicado de mãe.

Empresa Feminina Brasileira

REVISTA FEMININA

Praça Antonio Prado (Palacete

Briccola) São Paulo

### Para tingir os cabelos

Podemos annunciar ás nossas leitoras que com grandes esforços, conseguiram obter uma nova formulação do PETALINA, o admiravel e inoffensivo preparado, que tão grande successo está fazendo em todo o mundo e que dá ao cabelo uma linda cor, desde o castanho claro, até o negro azeviche. Os pedidos devem ser acompanhados da importancia de Rs. 10\$000, inclusive 500 reis para a despesa do correio.

### Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas,

### Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de **GIFFONI** é um excellente reconstituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, poderoso *tonico depurativo e anti-escrophuloso*, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.



É superior ao oleo de fígado de bacalhão e suas emulsões, porque contem em muito maior proporção o *iodo vegetal* e o *iodo animal* intimamente combinado: ao *lanudo da noqueira (Juglans regia)* e o *Phosphoro Physiologico* medicamento cinicamente vitalizador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel.



Um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao oleo e as emulsões; dahi a preferência dada ao **JUGLANDINO** pelos mais distinctos clinicos, que o receitam diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO IODO-TANINICO GLYCERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharracias desta cidade e dos Estados e no deposito geral:

Pharracia e Drogaria de **FRANCISCO GIFFONI & C<sup>o</sup>**  
Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

Tonico dos nervos, do cerebro  
e dos musculos

**GOTTAS PHYSIOLOGICAS**

Silva Araujo

(Claral — Iodo — Kola — Arsénico)

**NEURASTHENIA**

TRIPLO-TOXICO-REGENERATIVO

**NEURO-SÔRO**

SILVA ARAUJO

Base: Glycerophosphato de Sodio  
e Strychnina-Gacodylate

**Invicta**  
A melhor tintura  
para os Cabellos  
Guifry-Rio

## Uma Senhorita

*Atesto que soffre de uma eczema durante 2 annos e 8 mezes, e tal foi a quantidade de preparados que usei que já julgava esgotada a medicina. Recorri por ultimo ao santo **ELIXIR DE NOGUEIRA**, do Pharmaceutico e Chimico João da Silva Silveira, o qual me fez ficar completamente curada ha j3 trez annos.*

Esmeraldina Candida.

*Cachoeira, 31 de Agosto de 1913. —  
Rua do Recreio N. 55.*

*(Firma reconhecida.)*



ESMERALDINA CANDIDA

PREFIRAM  
**LACTA**  
CHOCOLATE E LEITE, O MAIS DELICIOSO

# Phosphoro e ferro em abundancia, e ria-se V. S. das doenças

O COMPOSTO RIBOTT é a melhor forma de tomar ferro e phosphoro.



Oiha para aquelle par de rachiticos: porque não tomarão COMPOSTO DE RIBOTT para ganhar forças, vigor, vitalidade e energias ?

Ninguem ignora que são estas duas substancias indispensaveis á boa conservação do nosso organismo, e que a deficiencia das mesmas ou d'algumas dellas produz fatalmente desarranjos prejudiciaes á nossa saúde. Nem todos os organismos, porém, podem assimilar devidamente estas substancias indispensaveis, cuja escassez no systema, traz como resultado infallivel o esgotamento physico, manifestado frequentemente na forma de neurasthenia, debilidade geral, anemia ou pobreza do sangue, rheumatismo, dyspepsia, etc. O COMPOSTO RIBOTT (phosphato-ferruginoso-organico), é o tonico predilecto dos Srs. medicos para supprir a falta destas substancias no organismo. E isto se explica pelo facto de levar o COMPOSTO RIBOTT sua formula integralmente impressa em cada vidro. O medico, o pharmaceutico, e o paciente tem confiança neste acreditado producto porque sabem o que recebem, recommendam ou tomam respectivamente.

Se V. S. estima sua saúde não deverá nunca tomar um remedio secreto, cuja formula desco-

nhece. Quando V. S. toma COMPOSTO RIBOTT, sabe que está fornecendo ferro, na forma mais assimilavel conhecida ao seu sangue, e phosphoro aos seus nervos.

O COMPOSTO RIBOTT é a ultima palavra da therapeutica moderna como tonico recuperador de forças, carnes e energias perdidas; enriquece o sangue com rapidez assombrosa, alimenta e tonifica os nervos, e corrige as desordens ou desarranjos digestivos.

As pessoas fracas, debeis, nervosas, anemicas e dyspepticas duplicam suas energias e forças de resistencia em poucos dias de tratamento. Se V. S. sente-se cansado, debil, nervoso e abatido, com falta de appetite, e dores frequentes de cabeça devidas á pobreza do sangue, não perca mais um minuto e comece a se tratar com o COMPOSTO RIBOTT. Seu proprio medico o recomendará. Vende-se em todas as drogarias e pharmacias acreditadas. Mandaremos amostra gratis, ás pessoas interessadas que solicitem preços, e remetam 400 rs. em sellos de correio para pagar o porte, etc.

Unico depositario no Brasil

BENIGNO NIEVA - Caixa postal, 979 - Rio de Janeiro

Assignatura annual para todo

o Brasil . . . . . Rs. 10\$000

Assignatura com registro 1\$5000

Idem para o estrangeiro 20\$000



Redacção:

Profa. Antonio Prado 112

Palacete Briccola 111

Telephone 5991 Central

FUNDADA POR VIRGILINA DE SOUZA SALLES -- Secretária: AVELINA DE SOUZA SALLES

O 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas declarou que a "Revista Feminina" é um modelo digno de imitação.

Sua Eminência o Cardeal Arcoverde afirma que a "Revista Feminina" é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas.

ANNO V

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 1918

NUM. 55

# DEZEMBRO



ERIA ocioso vir falar-voe da paz, uma quinzena decorrida, depois que todos os chronistas mundiaes della se têm occupado, traduzindo o grande hausto de desopressão com que todos e cada um receberam a ultima noticia do tremendo quadro de sangue e de delirio.

Novos aspectos surgem, porém, com a paz, e inoportuno não é frequentar-lhes a discussão. O tremendo tufo de ferro e fogo revolveu e lanhou com seus chuzes e com a sarjadura funda de suas machinas de guerra, de seus tanques tremendos, arados pavorosos da morte — todo o campo da lavoura humana. A terra revoltou eparinhou-se nos ares, e com ella dispersaram-se as sementes da cultura de hoje. Destruídas as primeiras camadas do solo vieram á tona e procuram reviver velhas sementes que hibernavam esquivadas, como esquivadas hibernam crenças nos corações dos monges que se enteram em claustris solitarios. Uma nova floração, pois, annuncia-se, e para que ella seja util caem-se as sementes do joio e do escalacho que podem voltar a praguejar a cultura. E neste momento de reconstituição não se esqueçam as lições do passado, não se desprezem os ditames das tradições, pois nada do que se apresenta por novo é novo sob o sol, como bem definiu a sabedoria de Salomão, no Ecclesiastes, dando a synthese da immutabilidade do jogo das forças universalistas. Tudo que possa parecer inólito, imprevisito, averiguado resume-se num corollario de um velho theorema esquivado. E assim é que a propria guerra de que saímos, nada é mais, nada é menos em todos seus ideas, em todos seus orientes, em todas suas perpicacias e até em todos os seus resultados, presentes e futuros, que a redicção, *pari-passu*, das guerras medicas. Também Athenas saiu a campo pelos principios de justiça, de liberdade e de solidariedade humana, contra a oppressão dos persas que queriam a vassalagem do mundo. Não houve a Belgica: houve Mileto. Houve aliados como hoje, houve invasores, houve cidades que se incendiaram, e entre ellas, a propria Athenas. Houve bloqueio de mares, e si não houve *zepellins* e submarinos, houve astucias que valeram por elles nos ares, nos mares e em terra.

Ora ao fim das guerras medicas, um só sentimento apaixonado os hellenos: uma sede insaciavel de belleza e de arte, de resurgimento plastico e psychico.

Esta reacção justifica-se em todas as guerras, e mais nas de maior truculencia. O aspecto de fealdade da guerra é que gera esta necessidade immediata de belleza. E é de esperar que seja a paixão que ora venha a dominar o mundo, depois desta guerra que a todas se avantajou em horror, pois a perfeição de seus engenhos tirou-lhe a jóia de si: o disicuteivel belleza do heroismo, para transformal-o numa salchicharia humana, numa sciencia fria de magarefes de carne humana, exposteiodores por equações de aço, que por A. B ou A—B calmamente mandavam caheças aos milharre, fossem de manilhas pacificas, de horas acastadas ou magotes fugitivos, ou de trochas ardidias, de hostes aguerriadas ou de legiões negrejanies, cujos surtos de patriotismo e de heroismo eram suffocados pelo fogo de barrageo, como que xotoadas inuteis num seculo de industrialismo, em que o coraçao do mundo é um motor avaliado em *horse-pow...*

Athenas, ao fim das guerras medicas, depois de ter escripto entre outras as paginas inescqueviveis de Marathona e Salamina, logo que se viu da fome de justiça de-pedida, criou o panhellenoismo, o espirito da solidariedade dos povos, e tal qual hoje se pretende estabelecer a Liga das Nações, formou a Confederação de Delos entre todas as cidades libertadas, contribuindo cada uma dettas com uma somma para a formação de um patrimonio commum que pudesse servir para uma guerra contra qualquer dellas que pretendesse renovar a cizania. E em seguida tendo consolidado sua obra de humanidade, sentiu, como nós hoje sentimos, a necessidade de uma resurreicção de todas as formas de belleza e de moral. Tornou-se Athenas, então, o centro irradiador do admiravel progresso hellenico. Formou ella abstractamente uma Nova Confederação de Delos, a confederação espirital dos hellenos e dos jonios, o maior centro creador do engenho humano até nosso seculo, de que surgiu a sua arte immortal. Com Orfeu e Homero, com a *Illiada* e a *Odysea* cantou-se a nova arte de cidade em cidade, e em cada uma dellas os aedos e os rhapsodos, definindo bem a ancia individual de concorrer cada um para a resurreicção geral, iam enxertando cantos proprios, phrasas de cada cidade e de cada povo... Era a paixão unica, o delirio do resurgimento após a hecatombe... E surgiram Hesiodo, doutorinario, Anacreonte e Simonides, Eschylo e Sophocles e Uripides, e o grande monumento do

theatro de Dyonisio, Aristofanes, Antifanes e Menandro, Herodoto, o pae das nove musas, Platão, o divino como lhe chamavam, Aristoteles, o perfeito; e ainda, nas artes plasticas, empunhando já o maço e o lunil, já a goiva e o escopeo o incomparavel Phidias, lelinos, Corebo, povnando o Pantheon e as cidades hellenicis de monumentos coroados de ouro, e de evangelarios novos, dos quaes cada illuminaura era uma pagina imperciveil de immortalidade. E os vencedores das Olympiadas, eram levados em triumpho pelo povo, até suas cidades nataes, e para que passassem estes sacerdotes de renovação eram devorados os muros das cidades, que todas ellas deviam ser um scenario sem descontinuidade para sua apothose! E nem só na arte; nas sciencias fundou então Hippocrates a Medicina, e assim a Grecia se relez com maior esplendor.

O mesmo momento historico ora se repete no quadrante longo dos seculos. Como os pan-hellenicos sñimos victoriosos de uma lucta quasi universal pela solidariedade humana, e pelos ideas de justiça. Dada a relatividade das epochas a devastação de uma guerra equivale á devastação da outra. Terras, herdades, castellos, palacios, igrejas e fortalezas foram arrazadas. A peiora mortifera da metralha incessante, a rajada intermitente de aço e fogo demorouno, esfariñou e varreu direitos, convenções, tratados, maximas e pre-conceitos, invadindo num furor incollastado até a sombra augusta das cathedras!

Tudo deve ser reconstruido, refeito... Trabalhem os homens para que nesta terra nova, humedecida pelas lagrimas, adubada com o adubo precioso do sangue de milhões e milhões de homens que se batiam por um ideal, surja como na Grecia heroica um mundo melhor pela sua moral e pela sua concepção de belleza, elevando a alma humana acima do esterquilino de vicios, de ambições e de egoismo que caracterisava a decadencia de nosso seculo, e que a guerra se torne assim beneficiosa nos seus effeitos superiores como o thermo-cauterio brutal que cauterizou todas as nossas chagas, saneando-as de suas podridoes, alimpando-as de sua escurpicia, e fazendo-as cicatizar com o reboto de uma carne forte e virgem...

Sonia Rita Malheiros.

# Manifestações de pesar

Seja-nos permitido interir, nesta pagina, as ultimas manifestações de pesar que nos foram dirigidas pela morte da nossa saudosa e nunca esquecida companheira de trabalho. O seu espirito continua sempre presente entre nós, guiando os nossos passos e presidiendo á execução da obra que deixou tão brilhantemente iniciada.

Recife, 5—11—1918.

D. Arcilina Salles  
Saudações.

Recibi a «Revista Feminina» correspondente ao mez de Outubro e plena de satisfação comeei a folheal-a. Assim, tive o feliz ensejo de ver que a nossa Revista obteve ultimamente um grande triumpho, com a homenagem prestada á D. Virgílna Salles.

Como constante leitora e amiga da Revista, não podia deixar de manifestar, embora em singelissimas palavras, o quanto sinto de pesar por ver figurar com grande justiça o retrato de D. Virgílna no salão de honra, na galeria dos grandes jornalistas brasileiros.

Por este acontecimento auspicioso, envio por intermedio da digna secretaria da Revista querida, os meus sincerrissimos applausos, pela victoria alcançada pela «Revista Feminina».

Da amiga  
Idalce Valença.

22 de Outubro de 1918.

Ilmo. Sr. João Salles  
Saudações.

Satisfazendo o pedido gentil e louvavel de uma das minhas amiguinhas daqui de Recife, a qual, já por minha iniciativa foi, até Julho deste anno, assignante da «Revista Feminina», envio-vos 10\$000 (dez mil réis) para que volte ella a ser considerada no rol das assignantes daquelle selecto magazine, a contar de Novembro proximo, sob o endereço: Carminha da Rocha Barros, Rua da Paz n. 272, Alagados—Recife.

Pretendo tambem, brevemente, relatar a minha assignatura, o que não faço desta vez, por estar em vespéras de viagem para o sul, talvez mesmo para Caçapava, nesse Estado: continuando assim a comprar a «Revista» aqui mesmo nas agencias até áquelle tempo.

Queira contar em mim uma sincera admiradora e propagandista da idea nobremente alta e louvavel da minha inesquecivel amiga — D. Virgílna — que, tão intrepidamente, lançou, com a brilhante «Revista Feminina», os poderosos alicerces do grande e digno edificio moral no mundo social feminino brasileiro.

Pondo ao vosso dispor o meu trabalho aqui em Recife, em prol da scintillante revista que actualmente dirigi, espero continuar gozando por parte de tão illustre redacção e directoria, a sympathia com que me honrava a minha lhanura de D. Virgílna.

Dulce Dolores.

Ribeirão, Pernambuco, 15—11—1918.

Ilmo. Sr. João Salles  
Cordeaes saudações.

Junto remetto-lhe um vale postal na importancia de 10\$000 para uma assignatura annual da «Revista Feminina».

Aproveito a oportunidade para, embora tardiamente, apresentar-lhe e á illustre redacção da «Revista Feminina», os meus mais sinceros pesames pela perda da distincta escriptora D. Virgílna de Souza Salles.

Pôde dispor nesta villa dos insignificantes prestimos.

De V. Excia.  
etc., etc.

Gracinda de Figueiredo.

«A sympathica dedicação da «Revista Feminina»

Belmira Marinho e Julio Marinho, embora tardiamente, apresentam suas sinceras condolencias pelo prematuro fallecimento de D. Virgílna de Souza Salles.

Manãos, Outubro, 1918.

Bahia

Exmo. Sr. João Salles

Aizira Ramos da Costa envia sinceros votos de pesar pela perda da sua dilecta quanto virtuosa esposa, a exma. sra d. Virgílna de Souza Salles, de saudosa memoria e o fervor das orações pelo seu eterno descanso.

Juiz de Fóra, Julho, 1918

Exmo. Sr. João Salles

Plácida Gonçalves envia sentidos pesames.

Humaytá (Amazonas), 28—8—1918

A «Revista Feminina» e ao seu digno director proprietario, sr. João Salles, envio sentidos pesames pelo prematuro passamento da saudosa d. Virgílna de Souza Salles.

Clea Affonso

S. Borja, Estado do Rio Grande do Sul

Exmo. Sr. João Salles

Seja-me permitido dirigir a V. Exa. os protestos do meu sincero pesar pelo infasto passamento da vossa excelsa esposa d. Virgílna de Souza Salles.

Do collega

Bibiano Fernandes Lima

Da «Gazeta», de Piauhv, Therezina, em seu numero de 26 de Outubro:

D. Virgílna Salles

Embora muito retardadamente, cumprimos o doloroso dever de noticiar o fallecimento, occorrido na capital de S. Paulo, da nossa illustre collega D. Virgílna de Souza Salles, brilhante talento jornalístico.

Dirigindo ha cinco annos a «Revista Feminina», excellente publicação que se edita naquella metropole, o nome de D. Virgílna Salles se impuzera em todos os pontos cultos do Brasil, em vista da formosa feição que ella sempre soube dar ao seu apreciado magazine. E a esse cunho da utilissima publicação deve a «Revista Feminina» o grão da estima em que é tida em todas as partes onde se a recebe, sobretudo em meio ao bello sexo, que nelle encontra ensinamentos para a vida domestica.

A fulgurante jornalista que se finou deixa, inquestionavelmente, um grande vacuo na imprensa brasileira e no coração do seu querido esposo João Salles, seu companheiro na direcção da Revista. No lar que ella santificava com as suas peregrinas qualidades moraes e intellectuaes e onde ficaram duas filhinas a chorar-lhe a eterna ausencia, é maior, ainda, o vacuo deixado por D. Virgílna.

Ao desolado viuvo, ás suas duas filhas e á redacção da «Revista Feminina» envia a «Gazeta» a expressão do seu muito sentido e muito profundo pesar.

# A's mulheres brasileiras!

## O feminismo no seu maior triumpho!

*Os dias succedem-se rapidos para as victorias que os ultimos mezes tem trazido quasi ininterruptamente á nossa causa. Em todos os centros de maior civilisação humana hollitana o feminismo firma-se definitivamente! Na Inglaterra as mulheres podem ser eleitas deputadas e senadoras!*

Ha poucos mezes noticiavamos que a Inglaterra, a Inglaterra tradicionalista e ferrenhamente conservadora, a Inglaterra que leva seu amor aos habitos inveterados ao pirrhoneismo sem nome de até hoje não haver adoptado o systema decimal, concedera o direito de voto politico ás mulheres. Pois este facto, que estareceu a todos os espiritos da rotina e que lhes pareceu o symptoma culminante de um grande delirio, mordidas como estão as Nações pela tarantula das reformas que vive no bojo das guerras, acaba de completar-se por uma outra lei e esta sim, que vae fazer desmaiar a todos os animos retrogradados que ainda querem ver em nós, mulheres, um animal domestico. Oçam e pasmem:

«A Inglaterra por 247 votos contra apenas 25 approvou pela sua Camara Commum o projecto de lei concedendo ás mulheres o direito de serem eleitas para o Parlamento Britanico».

Esta lei era o complemento necessario da primeira, pois, uma vez reconhecida a capacidade da mulher para exercer o direito de votar, era forçoso que se lhe reconhecesse o direito de ser votada. Ninguém suppria, porem, que, ainda neste seculo, taes e tão grandes revoluções se produzissem no modo de pensar de velhas civilisações, aferradas com a devoção dos fetichistas ao fanatismo de formulas que o correr do tempo denunciava como obsoletas e prejudiciaes.

Ao menos este beneficio nos trouxe a guerra, o da selecção necessaria, que no campo physico se opera pelos caticysmas com a eliminação das menores resistencias, e no campo psychico com o relexo daquelles motins da Natureza.

E na nova fase em que vae entrar a mulher em todo o Mundo, fase de emancipação natural, feita sem necessidade de nenhuma revolução, sem mesmo nenhuma propaganda, nenhum esforço, cahnido de madura — como pittorescamente diz o povo, — ella continuará, e de verá continuar, como a collaboradora amorosa e dedicada do homem, amando-o ainda mais, porque se lhe vé equiparada, ao em vez de prestar-lhe seu affecto como o tributo obrigatorio de uma escravidão de preconceitos. Não devem os homens temer a nova psychologia feminina. A sua essencia, as suas condições physicas, o seu arcabouço material continúa o mesmo: a sua função physica, a mesma. Nem se podem alterar as naturas e os sentimentos que de sua essencia derivam e lhe são necessarios, por meio de abstracções ou de convenções. Ella continuará a ser a mesma esposa, a mesma mãe, equianime no seu affecto. Apenas ella melhorará aquelles seus sentimentos desde que delles tenha consciencia, porque o que no escravo sujeita-se por obediencia, dá-se no homem livre por um sentimento mais sublimado de amor.

Um seculo que apregõa a equaldade, que se rotula com o liberalismo, que se afirma como o defensor dos direitos individuaes, que se reúne em conferencias internacionais e se pretende conjugar numa liga de Nações para a defesa dos fracos, não podia, evidentemente, sem calabrear suas intenções, permitir que continuasse a perpetuar-se a odiosa injustiça que trazia a mulher proscripta de toda e qualquer parte da direcção social, isto é, que trazia metade do genero humano escravizada.

E — phenomeno interessante em que sempre se aprobeu o determinismo de todas as leis de evolução natural — são as proprias sociedades conservadoras e entre ellas, as mais apegadas a preconceitos, as que ora se tornam as principaes agentes do feminismo. E é na

Inglaterra, na tradicionalissima Inglaterra que pela primeira vez no Mundo a mulher vae tomar assento numa Camara de Deputados, para legislar!...

E' de esperar que o Brasil, que, infelizmente no regimen do culto da mediocridade que se tornou a forma dirigente de nossa democracia reduz-se ao papel de simples espelho reflector do que nos vem de outras civilizações — pense, agora, um momento, sem os remoques e as toleimas dos nossos pseudo super-homens, num problema que em todo o Mundo está merecendo as mais urgentes atenções.

Nada podemos esperar, porem, sem que tomemos a iniciativa de despertar-lhe o somno. Para isto vive esta *Revista*, fundada pelo grande espirito de previdencia que foi o de Virgílna de Souza Salles, nome que ficará na historia do feminismo brasileiro como a sua primeira bandeira.

E para aquelle fim todas as mulheres brasileiras devem reunir seus esforços ao redor deste primeiro centro de crystallisação, propagando as nossas idéas, trazendo-nos a sua collaboração, e fazendo com que nossa *Revista* se propague em todos os lares.

Ao cabo de cinco annos de luta constante — na qual tomou a nossa nunca esquecida ou menos amada fundadora — longe de sentirmo-nos cançados, cobramos novo alento deante da rapida victoria de nosso ideal. Mesmo em nosso paiz é indubitavel e inegavel que nossa *Revista* tem creado «um novo espirito feminino», que já se revela nos artigos que temos publicado e na correspondencia que nos é enviada de todo o Brasil pelas nossas melhores intellectuaes, ao mesmo tempo que por senhoras de todas as classes. Não se pôde, é claro, avaliar em equações o trabalho de infiltração de uma propaganda tenaz, como tem sido a nossa. Mas os factos concretos não somente da publicidade feminina, como ainda da concurrencia de senhoras até para cargos publicos, demonstra que o espirito feminino brasileiro não é o mesmo de ha cinco annos atraz quando a nossa *Revista* surgiu alvejada pela ironia dos homens, negada como Christo, pelas suas proprias discipulas, e descrida de todos, que ninguém suppunha que a mulher brasileira fcsse capaz de um esforço continuado e effizaz no campo das idéas.

Temos orgulho do resultado até hoje obtido, mas precisamos alargar nosso campo de acção, disseminar ainda mais as nossas idéas, e é para isto que pedimos o auxilio de nossas leitoras, amigas e assignantes.

Cada nova assignatura que nos for enviada, já o dissemos, é uma pedra para a construcção de nosso grande edificio; e as que não nos podem dar outra collaboração que nos deem esta, a collaboração talvez obscura mas não menos gloriosa, porque é do esforço aparentemente pequeno do operario que resulta a belleza, a magnificencia, o prestigio das grandes architecturas.

Uma assignatura, pois, brasileiras solidarias com vosso sexo e que desejaes acompanhar o triumpho da mulher neste seculo, o seu grande e maior triumpho, porque é a *reconstituição da moral humana*, depois de eras e eras de irreligião, de corrupção, de decadencia, de vicios e aberrações que aos poucos iam fazendo sosso-brar a náu da familia, e com ella tudo o que ainda restava de puro e sobrenadava á miseria dos instinctos.

Estamos no fim do anno, na época da reforma das assignaturas, e pequeno sera o esforço de cada uma de vós por uma causa que é de todas nós em geral, e de cada uma de nós em particular.

A Direcção.

# Salvei-me, felizmente...

Paulo, tomando a palavra, falou:

— É necessário detalhar certas minúcias da vida, já que, sem ellas, não se realisam, as mais das vezes, as encantadoras espiritualidades que a poetisam. Maria Luiza não trouxe, para o nosso casamento, outros bens, além de uma casa que recebera como dote, que rende cem mil réis mensaes, e enxoval e algumas peças do mobiliário. Do tio Fernando, cujos haveres são, hoje, avultados, não recebeu senão algumas joias modestas, tão modestas como as que lhe dei como presente de noivado.

Para casar-me, tive, pois, de mobilisar todos os

sob a imminencia de um perigo que a amedrontava. E accrescentou:

— Escuta, Paulo. Ouve bem o que te digo. O que tens e o que tenho bastam, sem ser de sobra, para as nossas necessidades actuaes. Vê bem: "actuaes". Mas se Deus satisfizer os nossos desejos, nós já não seremos apenas dois, mas tres ou mais. As condições da nossa vida terão de mudar. É preciso que mudem para melhor, e nunca para peor. Eu não admitto mudança que não opere progresso.

— Mas aonde queres chegar?

— Escuta, meu amor. Estabelece um commercio,



elementos de que se compunha o meu espirito pratico, bem pouco pratico, entretanto. A minha renda pessoal eram trezentos mil réis, provenientes de umas apolices. Contavamos, portanto, para levar avante a nossa existencia, com quatrocentos mil réis, nem mais nem menos um vintem.

Era pouco, como vem. Mas Maria Luiza é dotada de um grande espirito de previdencia. E eu, que fui sempre um sentimental, mesmo nas questões de cifras e orçamentos domesticos, fui contagiado pelo seu espirito, tornando-me tambem um previdente.

— Que faremos nós com quatrocentos mil réis, se Deus satisfizer os nossos desejos? Indagou-me ella, um dia, fixando em mim os seus grandes olhos claros.

E tinha um ar apprehensivo, como se estivesse

abre um escriptorio de compra e venda, faz emfim qualquer coisa, que, sem muito esforço, contribua para augmentar a nossa renda. Oh! não é por nós! Comprehendes?

Sim, eu o comprehendia e o sentia com todas as forças do meu amor, tensas como arcos dirigidos para um alvo: a felicidade.

Um amigo, um velho e bom amigo, a quem contei as minhas incertezas, aconselhou-me que estudasse umas tantas materias, indispensaveis para um concurso a um cargo publico. Estudei-as sem esforço e com prazer. Demais, eu já tinha sobre essas materias umas noções bastante seguras. Maria Luiza, para me estimular, ou melhor, para compartilhar do meu esforço, estudava commigo. Propunhamos problemas um ao outro.

Foi uma phase essa onde a incerteza do futuro, sempre amarga, se misturava á delicia daquellas horas, passadas juntos, na mais perfeita afinidade de espirito.

Chegou o momento do concurso. Eu, como é de ver, estava apprehensivo. Ella procurava encorajar-me, mas os seus olhos não logravam esconder as apprehensões que lhe iam na alma. Prestei os meus exames. Fui classificado em primeiro lugar. Imaginem a minha alegria ao entrar em casa! Maria Luiza esperava-me á janella, ansiosa. Não me perguntou por palavras. A sua

dos, afóra descontos e impostos. Como me sentia feliz! A's vezes, naquelles primeiros dias do meu emprego, eu cuidava-me um príncipe de lenda. E porque não? Os meus companheiros de trabalho eram relativamente felizes, e elles, entanto, não contavam com outros recursos além do ordenado mensal. Sensível como sou, não podia furtar-me ao contraste que a minha situação offercia em comparação com a delles. Muitos delles tinham familia, e bem ou mal iam-se aguentando. Eu era, portanto, um privilegiado. Eu sabia bem que, quando



pergunta resumiu-se num gesto: empalideceu e arregalou os olhos. Contei-lhe o resultado. A coitadinha atirou-se aos meus braços, chorando e soluçando de alegria. Chorei também. A' mesmo tempo tomou-nos outra incerteza. E a nomeação? Acaso, em nosso paiz, a competencia, comprovada em prova publica, é garantia de nomeação? Mas esta incerteza durou pouco. O mesmo amigo — bom e velho amigo! — que me aconselhara preparar-me para o concurso, obteve, por meio das suas relações politicas, a minha nomeação. Uma vez nomeado, tomei posse do novo emprego, que me rendia mais duzentos mil réis que perfaziam seiscentos redon-

no lar começam a escassear certos elementos indispensaveis ao conforto, os esposos, que, antes, se amavam, começam apenas a tolerar-se. Infelizmente assim é. O amor difficilmente resiste a certas vicissitudes . . .

Maria Luiza e eu passeavamos, frequentavamos os theatros, os cinematographos, as salas de concerto. Tinhamos certos habitos mundanos, de que nunca nos pudemos corrigir. Economicos como eramos e cuidadosos, conseguíamos, sem grandes dispendios, manter certa linha de elegancia. E ainda nos sobejava algum dinheiro para guardar e para empregar em nossa casa, adornando-a e augmentando-lhe o conforto.

Passou-se o tempo. Veiu o primeiro fruto do nosso amor. Logo, mais outro e mais outro. Nossa vida começou a orientar-se por caminhos mais modestos. Impuzemo-nos uns tantos sacrificios, porque, enfim, não estávamos preparados suficientemente para continuar com as larguezas a que nos tínhamos acostumado. A continuidade do sacrificio, o decorrer do tempo, esse inimigo formidável, criou em nós uma nova existência, mais mansa, porém diversa da anterior. E' como a canção, a que se mudam os versos, sem lhe alterar a musica. Que importa que os versos sejam outros, se a musica e a mesma? E até parece que, porque os versos mudaram, a canção adquiriu um encanto novo.

Foi exactamente nesse momento da minha vida que o meu sentimento passou por uma crise.

Nunca sahia á noite senão com Maria Luiza. O pretexto para as nossas saídas era sempre um espectáculo e, ás vezes, um simples passeio. Vizitas nehunas. Maria Luiza não tinha amigas intimas que fosse obrigada a vizitar. Eu, á minha parte, só tinha, como amigos, os collegas da repartição. Relações cortezes, mas não intimas. Nenhum interesse de affecto me ligava a elles, a não ser um outro episodio da repartição, e, raramente, certas expansões a que só obrigadas as pessoas que convivem diariamente durante longas horas. O meu coração estava inteiramente occupado pelo amor que dedicava á minha mulher e aos meus filhos.

Não sei porque, nessa phase, fiquei tomado de uma emoção, que me guiou os sentimentos para uma direcção desconhecida. Qual foi esse momento, não o sei. Acho que não ha momento fixo, e que os momentos têm determinantes anteriores que o tornam difficeis de fixar-se. E as impaciencias, o desejo das coisas ignoradas, a cubiça das coisas prohibidas, tudo isso empolga ás vezes a nossa imaginação, não porque contemplamos a pessoa que nol-o inspirou, mas porque nos encontramos com coisas oppostas e antagonicas, que podem acordar a nossa impaciencia, o nosso desejo ou a nossa cubiça. Não sei se fui bem comprehendido, nem posso exprimir-me com mais clareza porque tudo que se passou em minha alma foi tão indeciso e obscuro! Seja como for, apanhei a doença. A doença se manifestou como uma especie de embriaguez, durante a qual o meu espirito, tentando fugir da feliz realidade, que é a propria essencia da vida, aspirava ao ideal. O pensamento, nessas condições, se compraz em construir castellos em Hespanha, com bases que não se fixam nunca porque estão fóra da vida, e deleita-se em viver em paizes chimericos, onde se nos antolham desejos prohibidos e, por isso mesmo, seductores.

Veu-me uma obceção do desconhecido. As felicidades legitimas que tinha á mão, apagaram-se, para dar lugar a outras, que eram mais desejadas por ser ignoradas. Lembrei-me do meu tempo de infancia, em que, ao ler as novellas de fada, queria ser um principe encantado, senhor de grandes reinos cujos limites fivam além do mundo. Queria ter como esposa uma fada, aureolada de luz e de surpreendente belleza. Na minha vida segui sempre o caminho recto. Nenhum a-talho desviou o meu passo. E foi talvez por isso que me senti seduzido pelo chimerico e pelo sonho. Eu era victima da minha propria inquietação e dos meus pensamentos, que é o peor dos venenos.

O mais extraordinario é que os meus deveres domesticos, que, antes, me traziam acorrentado, começaram a afrouxar as suas cadeias. Oh! o affecto que me ligava a Maria Luiza e aos meus filhos permanecia inteiro, sem diminuição. Como, pois, podia eu ter desejo fóra do ambiente domestico, sem prejuizo do affecto que me inspiravam os que me eram caros? Não sei. O facto é que, embora sentindo-me peccador, sentia que eram suaves, na sua frouxidão, os laços que me prendiam ao lar. Sentia-me um tanto ou quanto independente, e aquella primeira liberdade do meu pensamento tornou-se para mim um fruto precioso.

Eu tinha, portanto, um segredo. E note-se que, até então, eu nunca tinha occultado nada á Maria Luiza. Eu pertencia a ella integralmente. Eu communicavahle os meus mais fugitivos pensamentos. Falava com

ella como se falasse conmigo mesmo. Mas, naquelle extranho momento, tive o meu segredo, e por ser só meu, comecei a posar intensamente a sua posse. Como o meu pensamento não era compartilhado, entrei a pensar nos meus tempos de solteiro... E lembrei-me que o abstracto, ante o desejo, tem mais força, mais generico dynamismo que o concreto, ante o coração. Aquella situação encheu minh'alma de flores e de perfumes, flores que não conhecia, perfumes que não tinha provado. E' bem de ver que entre essas chimeras e o meu lar havia um abysmo. Se eu já tinha transposto esse abysmo e estava além das ribanceiras que confinam com a chimeras, não sei dizer ao certo. E' possivel que não. E' quasi certo que não. O que é certo é que esse periodo da minha existencia conjugal durou muitos dias. Cieros de numerosos momentos e sensações que não fazem parte da vida, nem se installam para sempre na imaginação. São pormenores que passam, não raro, inadvertis e de que a gente se esquece logo. Mas acontece tambem que esses pormenores não ficam esquecidos e que, juntando-se a outros de igual natureza, acabam por determinar uma orientação e a produzir uma influencia. Essa influencia revela-se num estado de alma e torna-se uma intoxicação que ameaça todo o organismo moral.

E embora a minha vontade não estivesse decidida, começou a denunciar-se em muitos dos meus actos quotidianos. Mudei de habitos e attitudes. Tornei-me outro. Não creio que, ao menos exteriormente, a minha mudança fosse grande, porque Maria Luiza não o notou. Ella que era tão subtil!

Creio que a minha transformação se operou na imaginação sómente. Se assim não fosse, Maria Luiza tel-o-ia notado e ter-m'o-ia advertido.

Mas, para realisar um ideal, como esse que me vinha obcecando, eram precisos meios. Que meios possuia eu? Os que dispunha eram empregados na manutenção da casa. O pouco que sobejava, ficava com Maria Luiza, que era dotada, mais do que eu, do espirito de economia. Ella, mais do que eu, estava ao par dos nossos recursos. Como poderia eu comportar-me, em materia de dinheiro, que ella o não soubesse? Ir diminuindo gradativamente as quantias que lhe entregava mensalmente para amontoar alguns recursos para mim? Tinha eu habilidade para isso? Não o tinha, por certo. Mesmo que o tivesse, não me julgava capaz disso.

Havia outro expedient: era procurar augmentar os meus recursos. Mas como? Era um problema. E quanto mais se me afigurava insolavel o problema, tanto maior era o meu desejo. A cada obstaculo, o desejo exaltava-se. E isso durou muito tempo. Quanto? Não sei dizelo.

Se ha umas boas fadas que servem para inspirar a virtude, não estás a par das preços. Entretanto, quando passas por uma loja em liquidação, sentes velleidades de comprar. Os peços baixos tentam a cubiça. E' o meu caso. Trata-se de um negocio excepcional.

Depende do capital a empregar.

Está ao alcance dos teus meios.

Pois conta-me lá a coisa.

Antes de contar-te, necessario ao menos ter a segurança de que, no caso de recusa, não o digas a ninguém, para que ninguém se intrometta no negocio. Deves saber que a alma do negocio é o segredo.

Dou-te a minha palavra.

Pois trata-se do seguinte: em Abril, dentro de dois mezes, vencem-se uns titulos da Divida Publica que possui um amigo meu.

Está bem. E então?

Então é que o homem necessita de dinheiro

## Tudo passa...

neste momento, e não ha inconveniente em comprar-lhe as acções. Ganharemos uma percentagem centadora.

- Quanto valem as acções?
- Cinco contos.
- Com quanto preciso entrar?
- Com dois.

Houve uma pequena discussão relativamente á percentagem que me caberia. Mas tudo ficou assente.

Todo o dinheiro que eu possuia colloquei-o nessa operação. E dois mezes depois, vencidos os titulos, recebi o meu capital (que me emprestara Maria Luiza) e mais um lucro de seiscentos mil réis que me pertenciam exclusivamente e de cuja existencia ella nunca podia suspectar. Quando ella me emprestou aquella quantia, indagou do destino, que eu lhe ia dar. Expliquei qualquer coisa que satisfizesse a sua natural curiosidade: o apuro de um amigo, que, como garantia, me dera aquelles titulos. Ella não fez nenhum commentario, nem se mostrou sobressaltada. Ao contar-lhe o emprestimo, não lhe contei, já se vê, o lucro que me coubera. Isso entrava no meu programma. Fm-bolsados os lucros, res-titui á minha mulher o capital.

— Vamos ao desfecho, falou com paciencia um dos ouvintes. O que me interessa em tudo isso é o fim da aventura.

— Já lá vou. Não sei dizer se a felicidade, quando foi realisada, enfraqueceu o desejo. O que sei é que um momento na vida em que o reclinmo dos deveres, ainda não abandonados, tem vozes mais energicas e suspiriosas. É bem de ver que muitos homens, em situação identica á minha, fecharão os ouvidos a essas vozes e romperão com os seus deveres. Mas cuído que para elles essas vozes não tem a necessaria repercussão, e os seus deveres já são, por defeito de origem, fracos.

Guardei commigo, ao contacto constante da minha mão, os seiscentos mil réis. Durante dias meu espirito esteve fluctuante.

Uma tarde, ao entrar em casa depois do expediente da repartição, encontrei o meu pequeno dormindo no seu berço, e, cosendo ao seu lado, Maria Luiza. O pequeno sonhava como um bemaventurado. Minha mulher tinha no rosto uma expressão de plácida felicidade. Olhei um e sorri para outro. Ambos, naquele momento, tinham empolgado a minha alma. Então, num gesto, de que nunca me hei de esquecer, tirei do bolso o dinheiro e pulo no regaço de Maria Luiza. Como me senti feliz naquelle momento! Não sei quantos instantes daria da minha vida para gosar-o ainda uma vez, com todo o seu sabor, com a plenitude de delicias que continha.

Maria Luiza pegou no dinheiro, contou-o e olhou-me com olhos interrogativos.

— E' teu, respondi-lhe.

E expliquei-lhe o negocio que tinha feito. Ella levantou-se, sorrindo, e agradeceu-m'o, num abraço.

Já disse que me senti feliz, mas devo acrescentar que a essa felicidade, apesar de tão intensa, se juntou o remorso de ter destinado aquelle dinheiro para outro fim.

Salvei-me, felizmente. E desde então nunca mais tive velleidades de buscar venturas fóra da ventura que já tinha á mão.

E calou-se.

Aquella enorme e — porque se não ha de dizer? — ingenua sinceridade não teve por commentario senão o silencio de alguns e o sorriso de scepticismo de todos os demais.

Laura Vaz

... Em dias do mez passado um telegramma de Lisboa annunciava que em virtude do grande aprego de toda a Nação portugueza pelo presidente Wilson, pelo papel que desempenhou na presente guerra, resolvera o Governo Municipal de Lisboa, por unanimidade de votos, dar o nome daquelle estadista a uma das mais importantes avenidas daquella Capital. A avenida escolhida foi a antiga avenida das Cortes, que em seguida foi christmada avenida D. Carlos, em homenagem ao entao rei de Portugal, que foi depois avenida da Republica e que, de hoje em diante, será a avenida WILSON... Será... E neste futuro vago e incerto resumese-se a interrogação commum da vida deante da nebulosa que cerca todos os coizes e todas as vidaz neste mundo inconstante!... E o presidente Wilson si algum dia eter a palmilha-a, ou a atravessal-a no favor de velocidade das muchinas yankees, jurá talvez as mesmas considerações que ora nos occorrem. — Ante-hontem foi avenida das Cortes, e foi avenida das Cortes por determinação igualmente unanime de outas edis da mesma cidade. Engalanaram-n'a, enfeitaram-n'a, plantaram-n'a de palmeiras triumphaes e de pennas victoriosas. Oradores discursaram-lhe o regimen monarchico, a instituição hereditaria que representava no terra o poder de Deus... E' ella, a pobre avenida de cabeça dura como o asfalto, allí ficou certa de sua missão... Um dia, porém, viram alguns dos antigos homens, e outos de novos, e enfeitaram-n'a, e embandeiraram-n'a pela segunda vez e explicaram-lhe que a queriam ainda mais dielictamente ligada ao throno, e que vinham christmal-a como o nome do sei Carlos, do grande, do magnifico, daquelle a quem o reino tudo devia, e que o reino agredido de joelhos succeia n'esta. E' ella como da primeira vez continuou p'ra' ali impassivel. Avenida D. Carlos... Pois seja!

Passaram-se annos, não muitos: poucos. Vitzam de novo homens com bandetas, com palmeiras, com musica. Entre elles a avenida descobriu muitos — a maioria — que tinham vindo da primeira e da segunda vez. Empavezaram-n'a, e empavezaram-n'a com as mesmas bandetas das duas vezes precedentes. Um orador explicou-lhe que a cite era uma immundicie, que o rei era um bandido, um monstro, que o povo era e devia ser o soberano, e que em sua honra ella passava a chamar-se Avenida da Republica. E a avenida continuou p'ra' ali, sempre quieta, apenas admittida que aquellos homens fossem num dia e voltassem no outro para dizer coizas que umas não diziam com os outros.

Enfeitaram-n'a, agora, pela quarta vez, e pela quarta vez mudaram-lhe o nome — Avenida Presidente Wilson. E ella perguntará a si mesma quanto tempo levarão os homens para lhe virem dizer que se tinham enganado, que este tambem é um bandido, e um monstro, ou para lhe darem um nome que hoje lhes faz horror — Avenida da Alemanha, por exemplo.

Tanto os homens variam, es-avenida das côtes, ex-avenida da republica, que sabia es tu que se conservas indifferente emquanto as paixões se succedem!

... Quid tibi hanc curatio est rem?

Recife, outubro de 1918.

Palmyra Bentos

## SCISMANDO

De tudo quanto Deus fez, neste mundo,  
Nada fez de melhor; e eu não me engano.  
Do que num gesto Seu sabio, profundo,  
Emmudecer o coração humano.

E nisto, ás vezes, penso e me aprofundo...  
Se o coração falasse, leviano,  
Erraria, qual triste vagabundo,  
Mendigando um consolo ao desengano.  
E o mundo desdenhoso a queixa ouvindo,  
Fechando as portas que se iam abrindo,  
Fugira da dor pela janella...

Por isso o coração secretamente  
— Guarda pezaras que ninguém temente,  
— Dores profundas que a ninguém revela

Palmyra Wanderley

## EDUCAR VOSSOS FILHOS

Para attestar o progresso da instrucção no Brazil, toda casa de familia deve ter para as lições das crianças pelo menos uma cartela escolar. Peçam catalogos illustrados. — FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES

EDUARDO WALLER

Rue Antouia de Queiroz, 65 — Tel. Cid. 1216 — S. Paulo

## PHANTASMAS

A caçada tinha terminado, felizmente sem accidentes. Os cães, que nos rodeavam, de lingua pendente de cansaço, estavam fartos e alegres, e davam ao rabo, ansiosos por manifestar quanto estavam satisfeitos. As peças de caça que cada um de nós trazia, pendentes do hombro, eram poucas. Mas isto era o que pouco nos importava. A caçada tinha, para nós, naquelle dia, o valor de um disposto, sendo secundario o resultado que pudésemos obter della. Dispostos já a voltar, esperavamos que amanhecesse para dirigir os nossos passos para a estação proxima. A noite estava escura e hiberna. O vento sibilava, tentando arrancar em cada rajada, o capote que nos abrigava. Agrupados ao redor da fogueira, juntando-lhe os gravetos a cada instante, tiritavamos, encolhidos de frio.

Falavamos banalidades. Largas puzas interrompiam a conversação, varia de interesse. Fluctuava no ambiente alguma coisa de impreciso, de estranho, de intraduzível, que quasi roçava a inquietude. Um de nós citou o caso, tão repetido sempre, do individuo que, andando o seu caminho, se lembrou de subito de um amigo aurenite e o encontra, de facto, ao virar uma esquina.

— Ha casualidades curiosas, disse outro, um pouco distraído.

O primeiro objectou logo, em forma de protesto:

— Casualidades? Ora! Porque havemos de chamar casualidades a factos cuja explicação nos escapa? Isto é um signal de impotencia. Se James Watt houvesse acreditado que só por casualidade se mexia a tampa da sua cafeteira, com certeza que a invenção da machina a vapor e, consequentemente, da estrada de ferro, se teria atrazado alguns reculos. E' possível que os antigos entendessem que por casualidade é que o ambar friccional attrae os objectos leves. E' possível. Mas desde que o phenomeno entrou a ser estudado, a idéa da electricidade e do magnetismo foi tomando corpo. E' um facto commum, que se dá com todo mundo: Fulano está pensando em Sicrano, a quem não vê ha muitos annos, e como se Sicrano obedecesse ao pensamento, apparece. E' o que chamamos augurio, palpíte, seja lá o que for. Mas este «seja lá o que for» não é mais do que a manifestação de uma força desconhecida, de um fluido ignoto, que nos avisa de um acontecimento bom ou máo que se vai dar. Esse palpíte ou augurio tambem o sentiu Cezar quando se encaminhou para o Senado, onde o aguardava a mais tragica das mortes. Sensação identica experimentou-a Abraham Lincoln ao entrar no theatro, onde a morte o esperava. Porque acontecendo tudo isto? Para explicar o inexplicavel, inventaram o vocabulo «telepathia». Outros falam em «ocultismo». Em resumo: palavras, palavras, como dizia Hamlet, de Shakespeare. Vocês já notaram como, em torno a um phenomeno, toda a nossa curiosidade se cala, quando encontramos o vocabulo com que cuidamos abraner o phenomeno? Mas, no fundo, meus amigos, ha alguma coisa de muito grande que está perto de nós e cuja explicação, entretanto, está muito longe.

— Isto é verdade, disse o Henrique Silvado. Nós vivemos uma vida toda externa e nada sabemos do mundo interior. Sempre me

hei de lembrar de um caso surpreendente de que fui protagonista. Quando morreu minha mãe, não me atrevi a acompanhá-la ao cemiterio. Eu amava-a demastado para resistir ao transe cruel. Depois do trigésimo dia do seu passamento, tomei um carro para vizital-a em sua morada final. Mas, ao chegar ao cemiterio, adverti que não sahia o numero do seu tumulo. Um cemiterio, nas grandes capitães, é como uma cidade populosa, com suas praças centrais, com suas avenidas, suburbios remotos e becos humilides. Impossível orientar-se a gente, sem conhecer o nome da rua, o numero da fila e o numero da sepultura. O coveiro, a quem quiz interrogar, não estava de serviço neste dia. Os guardas não sabiam nada. O administrador estava ausente. Comece, então, a andar á aventura por toda aquella immensa cidade silenciosa. Inconscientemente, sem fixar os olhos em nenhuma inscripção, caminhei alguns passos, até que, sem dar conta do que fazia, me detive deante de um tumulo. Sobre a lousa provisoría havia um nome: era o nome de minha mãe! Este instincto desconhecido, palpíte, acaso, seja o que for, guiou-me através do dédalo necropolitano, até dizer-me: «Aqui está o que procuras.»

— Pois o meu caso é mais typico, exclamou Raul Silvano, que até então se tinha conservado silencioso. Vocês hão de lembrar-se, sem duvida, da viagem sentimental que realizei ha tres annos. Permittam-me que explique a razão della. A historia é complicada, como todas as historias sentimentaes. Mas eu vou abreviá-la para lhes não fatigar a attenção. Amei a uma mulher, loucamente, desvaidamente, e fui por ella traído. No desejo de esquecer-a, de varrel-a da minha memoria, empreendi um vasto passeio pela Europa, deixando o meu paé, velho e achacado, aos cuidados de um antigo tervo e desua mulher. Eram pessoas de absoluta confiança, que haviam de cuidar do pobre velho com a mesma dedicação e carinho com que eu o faria. Tranquillizado, tratei de correr o mundo, como quem foge de um inimigo, sem cuidar que o inimigo de quem tentava fugir, trazia-o comigo mesmo, dentro do coração. Ao preparar as malas, commetti a imprudencia de incluir, entre os objectos indispensaveis, um retrato della, e o meu primeiro cuidado, ao installar-me no hotel, foi collocar o retrato sobre o tocador, ao alcance dos meus olhos... Queria vê-la a toda hora, aliviar a minha saudade na contemplação das suas feições. Logo que me levantava, olhava-a; olhava-a, toda vez que me detava para dormir, quando dormia! Enganava-me puramente, cuidando que, deste modo, me halituaria a dial-a. Mas o contrario é que se deu. Amava-a cada vez mais, e cada vez mais sentia o espinho da minha dor. O retrato era feito a oleo, por um grande artista. A sua belleza tinha extranhas radiações nos effeitos da luz obtidos pelo pintor. A expressão dos olhos e do sorriso, apenas esboçado, era de uma semelhança diabolica.

O retrato e eu corremos meia Europa. Andámos Londres, Paris, Lisboa, Roma... Achando-me na Alemanha, tive curiosidade de conhecer Petrogrado, que se chamava, então, S. Petersburgo. A minha primeira visita á capital dos czares foi ao addido da nossa legação, velho amigo e companheiro dos bancos academicos. Elle abraçou-me e propoz-me ter-vir-me de ciente.

— Devo dizer-te, meu amigo e illustre patricio, que não quero conhecer senão logares de prazer. Venho, saturado de musfos e de archeologia. Quero ver coisas que me salem da vida e que me reconcilhem com ella.



124

— Farei o que quizeres, disse elle, risonho. Levart-te-ai aos fogões, vou'n s'muse. Não faltam casas deste genero. Antes, porém, vamos jantar. Depois, ao Aquarium. Mas se queres matar as saudades da patria, ai estão os jornaes da tua cidade natal, chegado agora mesmo pelo correio.

Pegei ao acaso tres jornaes, cujas faixas ainda estavam coladas. Jantámos num restaurant luxuoso da Perspectiva Newsky e fomos assistir a um espectáculo, num dos melhores theatros da cidade. Vocês não fazem idéa do luxo e sumptuosidade daquelles espectáculos. As mulheres formosas são em tal abundancia, que a gente, ao vê-las, não sabe qual a mais formosa. Ellas são de diversas raças, mas as russas, sobretudo, quando teimam em ser bellas, o são em demasia. Verdade é que, entre ellas, se encontram, em grande numero, as circassianas, que são as mulheres mais bellas do mundo. Por estranho que pareça, devo advertir que as russas, apesar da attitude, parecem typos tropicaes. Têm os olhos ardentes e uma porção de traços que assemelham ás mulheres da nossa raça.

Uma, entre ellas, me agradou sobremaneira, porque se parecia, de uma forma aboluta, com a ingrata cuja recordação me persegua. Eram os mesmos olhos, de olhar profundo; o mesmo sorriso, de expressão desdenhosa; idénticas as linhas do rosto e eguaes os contornos do corpo.

— E na fala?

— A mesma semelhança. Falava francez como a outra, com a mesma inflexão de voz, com a mesma tonalidade, com o mesmo accentuamento. Uma coisa surpreendente. Foi apresentado a ella pelo meu amigo e della não me separei durante toda a noite.

— Ora! era este o caso curioso e surpreendente que nos querias contar? Disse um do grupo. A semelhança das duas mulheres

não passava de um phenomeno de suggestão. Tu estavas obcecado pela idéa da outra.

— Não. Não é esse o caso. A noite passou alegremente. Pela manhã o meu amigo acompanhou-me até á porta do hotel Subi para o meu quarto, ansioso, nervoso, avido de olhar o retrato da perdida para convencer-me mais e mais da sua semelhança com a russa. Quando alhei a porta, o meu primeiro olhar foi para o quadro. Calculei o meu asombro ao ver, substituindo o rosto adorado, o retrato de meu pai, velho e abalado, tal como quando o abraçei pela ultima vez. Eram tão semelhantes os traços, o olhar, a expressão physionomica e tudo mais, que tive de estreitar os olhos para convencer-me de que estava allucinado. Ao aproximarme da pintura, resurgiu a imagem feminina. Este facto, como é de ver, preocupou-me muito e provocou-me um grande despojo de mim mesmo. Sempre viajando como andava, morando de a dia de residencia, havia quasi deis mezes que não recebia noticias de meu pai. Elle escreviame com frequencia, limitando-se, geralmente, a assignar as cartas que dictava ao Baptista. Apprehensivo, inculpante de ingrato, de máo filho, fazendo o proposito de voltar, o mais cedo possível, ao lar paterno. Quando a despedir-me para detar-me, deixei cair no chão os jornaes. Machinalmente, tomou a caixa de um delles. A primeira noticia que li foi a da morte de meu pai.

E esse o estranho caso de telepathia que me aconteceu, enchendo-me de dó e de arrependimento. Esse facto actuou, como um catalisador, na ferida do meu coração, que ainda sangrava. Desde aquelle momento desapareceu, como por encanto, todo o enthusiasmo que ainda tinha pela tradição, por causa da qual eu esquecera os meus deves heres. No dia seguinte, antes de tomar o trem, peguei do retrato e atirei-o ao Neva.

A. M. Oliveira

## Pérics Munis Barrêto

Por uma mimosa e commovente nota, inserta no "Diario da Manhã", de Sergio, Aracajú, em seu numero de 16 de Outubro do corrente anno, souhe-me que morrem este povo e lebentão poeta, que tantas promessas tinha fazendo ao futuro. Morreu e o que mais é, morreu assassinado. Pelas oito horas da noite de 14 daquelle mez, por motivo frotivo, ou antes, sem motivo nenhum, fui elle assassinado á porta da casa de uma familia, que festajava uma data familiar. Não comprehendemos nos primeiros o desventurado poeta, sendo avaraz de algumas composições em verso. Lastimamos profundamente a sua perda, tanto mais quanto era elle um devotado amigo desta revista e o um dos mais ardentes admiradores da nossa saudosa companheira do tempo, Virgínia de Souza Sábies que lhe inspirou um magnifico e commovente soneto. Lembremo-nos, porventura, desse soneto as nossas queridas leitoras: Aquelles, porém, a quem passou despenchado, offerecendo de novo, elle:

### D. VIRGÍLIA DE SOUZA SÁBIES

(A' sua lapide)

Nobre colêda, pensamento forte,  
Doença neste Além, que ninguém soube  
Dorme no leito sepulchral da morte.  
Feito de cal e arãa, de onde em volta...

Tu nome vivirá de sul ao norte,  
A pois que não há quem me Brasil o esqueça  
E abra a gratia que p'ntar forte,  
A guisa que reviva em sacra fôrda.

Pensando neste Luz, no lar Virgília,  
Nas tuas obras tudo esplandora  
Como estêdo da tua existência.

Fera, pois, neste último destino,  
Como um lanceira poema, combeto,  
Essa perenne sombra do meu Verso.

Sergio,

Munis Barrêto

Transcrevemos do "Diario da Manhã" estas linhas, onde se transpara a commoção que tomou, ante a inesperada tragedia, os seus compatriotas de nobreza e de cultura. Não se trata de um poeta, mas de um cidadão, um do qual todos as generosas acções, porque esse que os amigos e compatriotas evoluíram homens á derredora, mora lá em um dedicado, um affectivo, um apaixonado de sua patria.

Gregório, como elle se, trabalhador, como poucos, talentoso, raiado em todas as suas investigações. Precisoissimo distinguindo entre os da nova geração, como aquelle a quem estavam reservadas immensas e vastas honras na terra das letras, de que era tão ardente.

Intelligencia fulgurante, no pensamento para que tinha devida vocação, a sua poesia era rara, que fulminava, e arrojado, que medea.

Poeta, veunjava com inspiração, sendo inexgotavel a sua fonte.

Nas outras manifestações da vida da intelligencia, o queiro de se relaxasse um momento.

Creando, no limiar da existencia, quando tudo lhe sorria e fazia, gozando de todas as considerações na sociedade dos seus tempo, como da estima dos que lhe eram superiores em todo o seu mundo social, ideio de uma familia de mediora posição e recursos, que nelle tinha depositadas as suas mais fagueiras esperanças, o nosso Precisoissimo, fazendo ponto final na sua vida, confundido está, com a legião dos videntes que disputam vozes ás cobradas poezas.

A nós, os do "Diario da Manhã", que o amamos e com idéntica, que nelle vemos uma futura grandeza para a nossa terra, faltam-nos palavras para traduzir o que nos vem pelo coração diante da emulação do destino.

Paz á sua alma de morto, conforto á sua familia de vivos, flores sobre a sua sepultura semi-coberta.

## Os nossos classicos

*Let e meditar os nossos classicos é gozar todas as bellezas retrospectivas de nossa raça, é alevantar o nosso sentimento de patriotismo e saícar a primeira, e portanto a mais pura expressão de nossa raça do abstracismo com que os francellos e os ignorantes de toda a casa a abastardam, deturpam e corrompem, ensandando-a de tocobulos estrangeiros. O bom brasileiro, que uma sua patria deve amar seu idioma, e ridicularizar sem piedade os que, por uma crassa ignorancia ou por um pedantismo sem nome, vivem a succotear-se de palavras estrangeiras...*

*És um tópico de Antonio Vieira, um de nossos mehores classicos:*

O que mais pesa e o que mais luz no mundo são as riquezas. E que coisa são as riquezas, senão um trabalho para antes, um cuidado para logo, e um sentimento para depois? As riquezas diz S. Bernardo, adquirem-se com trabalho, conservam-se com cuidado, e perdem-se com dír. Que coisa é o ouro e a prata, senão uma terra de melhor chí? E que são as perolas e os diamantes, senão um vidros mais duros? Que coisa são as galas, senão um engano de muitas côres? Cabellos de Alabado, que pareçam madeiras e cramiçagos. Que coisa é a formosura, senão uma cabeça com um volante por cima? tirou a morte aquelle véo, e fugiu hoje do que hontem adoravias. Que coisa são os gostos, senão as vestidas dos pezaes? quem mais as canta esse ar ven a chorar mais. Que coisa são as delicias, senão o mal da lã de Jonathas? juntamente vai á bocca o fava e o ferro. Que coisa são todos os passatempos da mocidade, senão arrependimentos depositados para a velhice? e o melhor bem, que podem ter, é checarem a ser arrependimentos. Que coisa são as honras, e as dignidades, senão fumo que sempre ceza, e muitas vezes faz chorar. Que coisa é a privança, senão um vapor de pouca durá? um raio de sol levanta e outro o desfaz. Que coisa são as prosperidades e os despachos grandes, senão umas cartas de Uns? todas carecem cartas de favor, e quantas foram sentenças de morte? Que coisa é a fama, senão uma inveja comprada? uma funda de David, que derruba o gigante com a pedra, e ao mesmo David com o estalo. Que coisa é a prosperidade humana, senão um vento, que corre todos os rumos? se diminui, não é bonança; si cresce, é tempestade.

Finalmente, que coisa é a mesma vida, senão uma lampada acesa, virto e fogo? Vidro, que com um astropo se faz, tozo, que com um astropo se apaga!...

EPISODIOS  
DE  
SONHO

Virtuosos, joviaes, despreoccupados,  
Sob a umbella do céu, azul e pura,  
Caminhámos os dois de braços dados  
Ou com os braços em torno da cintura.

Por onde quer que o nosso passo incerto  
Se dirigisse acaso, um gaturamo,  
Aza aberta, seguindo-nos de perto,  
Nos saudava, a saltar de ramo em ramo.

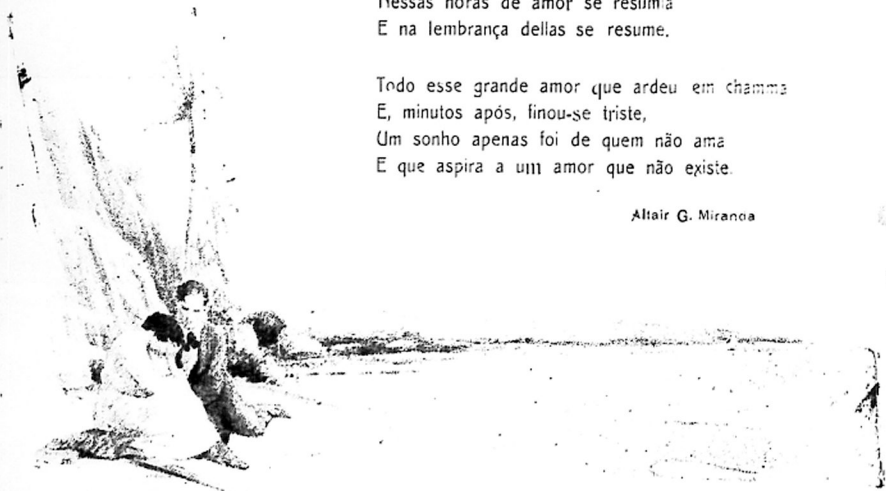
Todo o camininho era sonorizado  
Por passarinhos a cantar em côro;  
De um lado havia sombra, e de outro lado  
O occaso em fogo punha manchas de ouro.

Guiando sem direcção o passo errante,  
Como um casal de bohemios foragido,  
Quizeramos os dois seguir adiante  
Sem cuidar do caminho percorrido...

Curtas foram as horas desse dia:  
Minha existencia, como num perfume,  
Nessas horas de amor se resumia  
E na lembrança dellas se resume.

Todo esse grande amor que ardeu em chamma  
E, minutos após, linou-se triste,  
Um sonho apenas foi de quem não ama  
E que aspira a um amor que não existe.

Altair G. Miranda



# Seu Quintino

— Como foi que o conheci? Muito simplesmente: por um anúncio no "Diário", — explicava dona Anninha à sua irmã dona Escalastica, que lhe fôra jantar á casa, n'essa noite, após uma longa ausencia de tres annos n'uma cidade do interior, para onde havia sido despachado juiz de direito o seu marido.

Era uma excellente senhora, de largos espiritos e raras virtudes a senhora dona Anninhas: não havia quem se lhe não afeiçoasse, pela aristocratica distincção das suas maneiras, imbuídas de bondade. Dotada de uma alma vibratil, sensibillissima, nada se lhe passava em torno, na vida, na natureza, que a não emocionasse sinceramente, e nos minimos detalhes; se lhe fosse mais completa, mais massica a educação que recebera, daria uma esplendida escriptura, pois tinha o don de se não tornar fatigante, quando contava um caso: sabia, sem o esvurmar de grandes phrasas, emprestar-lhe um tal brilho, um tal colorido, que o tornava sempre original.

Trinchando o roast-beef, que tinha deante de si, proseguiu: — Offerecia-se para camarada, para chacareiro. Mandei-o chamar; ao dia seguinte, apresentou-se-me aqui, sobraçando um lindo gallo, que tinha uma linda crista, e dizendo-me logo, sem que eu lhe perguntasse, que era esse gallo o unico amigo que lhe restava na vida. Achei-lhe graça: sorri; elle, tambem, sorriu-se...

E, fazendo uma pausa, deitou para o prato da irmã uma fatia de carne e duas colheres de legumes; serviu-se por sua vez e continuou:

— Já não era moço, não: orçava pelos seus cin-

coent'annos; tinha os cabellos grisalhos, a barba inteiramente branca: um desses typos de tropeiro do norte, moreno, tiznado do sol... A sua vestimenta, — (e ao lembrar-se d'ella, espraçou-se-lhe pelo semblante uma alegria infinita) — não podia ser mais pittoresca: trazia um grande chapéo de palha desabado, que nunca o vi tirar da cabeça... creio que o não tiraria mesmo na presença do presidente da republica...

usava uma sobrecasaca preta, com um paletot branco de alpaca por cima, calças de brim, e, nos pés, umas enormes chancas de polimento.

— Como se chama? — indagou.

E ella, muito apropriadamente, se poz a limitá-lo no seu passado fallar: cantado d'homem do norte:

— "Quintino pr'a servi cumeçé".  
— Ha muito tempo que está em S. Paulo?

— "Não mia s'óra cheguei ant'onte: s'ou originá das Alagoas".

— Ah! sim?... E vetu só? Não tem parentes:

— "Não mia s'óra: já disse a cumeçé que só tenho neste mundo de Christo, este gallo como meu companheiro".

Expliquei-lhe, então, que o queria para me tomar conta do meu sitio no Jaguaré. E elle prontamente accedeu ás minhas condições, passando a ganhar tres mil réis por dia.

Metti-o lá na companhia do meu casal de ilheos. E cousa curiosa: logo, na primeira semana, sob o seu olho administrativo, as verduras, que não se vendiam mais, começaram a ter, de novo, uma grande procura: as gallinhas como que punham mais ovos, — concluindo eu d'ahi, muito naturalmente, com os meus botões, que os meus excellentes e honestos ilheos, ha muito, que me andavam a roubar escandalosamente... Fui-lhe creando amizade: achava-o interessante, sobretudo no seu modo de viver; tinha elle, na sua rudcza camponesa, um quê de homem superior, de philosopho. Quando me

fallava, vagamente no seu passado, nas suas decepções — rematava-me sempre, balaucando a cabeça: — Que quer cumeçé, mia s'óra, se a vida é assim feita!...



E ficava, por vezes, absorto, pensativo, com os olhos melancolicamente perdidos ao longe...

O seu quarto... installe-o na casinha, ao pé do pasto... arranjara-o elle com um certo gosto: trazia-o sempre varrido; a cama coberta com uma velha colcha de rendas, e sobre um caixão vasio de garrafas de vinho do Porto, que lhe servia de creado mudo, á cabeceira, havia sempre umas flores a esfolharem-se num vidro de confituras de S. James apanhado no lixo... Uma cousa, porém, fugia de me explicar, — surpreendi-o mesmo numa mentira á respeito; era a photographia de uma mulher ainda nova, uma cabocla, formosa pela sua robustez, de olhos vivos, basta cabelleira, que tinha elle, de pendurada num quadrinho, de um prego na parede. Dissera-me um dia que era a photographia da Joanninha, uma das suas irmãs. Tempos depois, esquecendo-se de que m'o havia dito, cortou eu lhe perguntasse: — "E que idade tinha sua irman?" — respondeu-me irreflectidamente: "Que me conste *mia si'ara*, por este vadio de lagrimas, nunca tive eu irman!..." "Não quiz insistir para não o susceptibilisar; vi, porém, desde então, que havia um mysterio na sua vida, um segredo no seu coração; e mais convencida disso ainda fiquei, ouvindo contor, mezes depois, por um outro camarada, — um tal nhô Bino, — que, uma tarde, o encontrara sentado, na soleira da sua porta, chorando e soluçando, com a photographia da cabocla, apertada de encontro ao seu peito..."

Uma nova pausa fez dona Anninhas, para se servir da sobremesa, um doce de laranjas em calda, que lhe apresentava n'uma compoteira de crystal, a boa Carolina, sempre muito assada. muito bem posta, de avental branco, uma touca branca a cingir-lhe os cabellos, empalmados na testa, no seu uniforme de *lady's-maid*, comprado mezes antes da guerra n'uma viagem que tizeram á Inglaterra. Havia entre ella e a patroa essa sympathica intimidade, que estabelece a longa privança de longos annos de serviço; risonha, lembrou-lhe:

— E o cartão que elle lhe escreveu pelo Natal?

— E' verdade! Escreveu-me, pelo Natal, um cartão de boas festas, que nos divertiu a todos immensamente! Imagina tu: augurando-me felicidades, assim se exprimia: — "Estimarei, *mia si'ara*, que *vancecê* vá passando bem de saúde, em companhia de todos aquelles que do seu *digno ventre* foram *reconhecidos*!"

Dona Escholastica que lhe seguia com interesse a narrativa, não poude deixar de sorrir; indagou:

— E que fim levou elle?

Dona Anninhas, então, trasformando-se subitamente, fazendo-se grave, venceu a testa, e respondeu-lhe:

— Suicidou-se!

— Como?! Suicidou-se?

— E' verdade: desfechando um tiro de garrucha na cabeça, precisamente á mesma hora, em que o encontrara nhô Bino, chorando e soluçando, na soleira da sua porta...

— E que motivo o levou a esse acto de desespero?

— Foi o que todos nós nos perguntamos, quando nos vieram avisar á mesa do jantar. Estavamos lá no Jaguaré a passar um mez, — o mez de Setembro...

E o facto, tal como se desenrolou, em todos os seus lances, em todas as suas minudencias, reviveu-cella, aterrada, n'aquelle instante, — tão vivo, tão palpitante se lhe apresentou elle á memoria.

Fôra assim: acabava de accender, a creada, o lampeão de petroleo na sala de jantar: accommodados á mesa, faziam-lhe companhia o seu filho, — o Elias, — a sua norá, e o seu netinho, — um bem nutrido e turbulento petiz de bochechas côrdas e rechonchudas, que choramingava, n'uma perrice, recusando-se, irascível, a tomar o seu prato de sopa. O calor levava-o a abrir, de par em par, as janellas: pelo sitio se espathava, com o perfume das flores, que lavraram n'aquelle epocha, em profusão, pelos canteiros, pelas sebes, pelos muros, e até pelos telhados, a doce melancolia do crepusculo... Não havia muito, que, no avetudado da

tarde, com um toque plangente de um sino, ao longe, na igreja do Calvario, desaparecera, alem, por de traz das arestas dos montes de Butantan, lentamente o sol e pelo céu azulado, a scintillar de estrelas, assomava, fluctuando, um crescente de lua...

A ver se calava o pequeno, procuravam distrahir-o, agitando guardanapos sobre o vojar de uma mari-posa, que se debatia irriquieta, redemolhando, em torno á luz do candieiro; de repente, ouviram um tiro... fizeram-se immoveis: entreolharam-se!... rumor de passos... um vozeiro ao longe... quando se ia levantar o Elias, a certificar-se do que se passava, entrou pallida, aturdida a Carolina, a dizer-lhes, cheia de tremuras na voz:

— Acaba de se matar n'este instante o seu Quintino!

Matar-se o seu Quintino?! E por que motivo?!...

Ergueram-se, afastando precipitadamente as cadeiras, dirigindo-se, quasi a correrem, para o quintal, para a habitação do velho tropeiro, na oita do pasto, a uns duzentos metros de distancia. Os camaradas, em altos comentarios, agrupavam-se-lhe junto da porta: entravam, sahiam, tornavam a entrar; outros, amontoados, espivavam, enfiando a cabeça pelo postigo. Mal os divisára, gritou-lhes de lá o Manoel, lithio:

— Não ha mais esperanças: morreu o homem!

E, de feito, foram encontrá-lo, sem vida, estirado de costas, no chão, com os braços abertos, a cara inundada de sangue, conservando ainda fechada na mão direita a arma homicida, — uma garrucha de dois canos. A resvalar-lhe do seu peito, no quadrinho, sorria, enigmatica, a imagem da cabocla, perante a sua morte, assim como sorria, tantas vezes, indifferente, em face das suas lagrimas

Emquanto providenciava o Elias, mandando avisar a policia a Pinheiros, relanceava, dona Anninhas, pelo quarto, um olhar pesquisador. Sobre o caixão de garrafas de vinho do Porto, debaixo do vidro de confituras de S. James, onde murchavam umas flores, encontrou ella uma carta, que lhe era endereçada. Abriu-a: umas linhas apenas, horivelmente garatujadas, pedia-lhe perdão pelo seu destino, o suicida, agradecendo-lhe todas as bondades que recebera na sua casa. Deixava-lhe como lembrança, — dizia, o seu gallo, e declarava-lhe que, havia muito, que se lhe tornára atormentadoramente pesada a existencia, não podendo mais supportar-a. N'uma dolorosa confidencia, em que lhe supplicava, que não accreditasse nunca, se algum dia alguém, por ventura, lhe viesse contar a historia da sua vida, porque não havia ninguem que lhe conhecesse a verdade pura, accusava-se de ser um criminoso foragido, condemnado na sua terra... E' que, uma tarde, ao soar das Ave Marias, — confessava, — assassinára, a facadas e com requinte, a sua mulher, a sua Joanninha, no Penedo, ao pé do rio S. Francisco. Mas, se o fizera, foi porque ella o atraçara, lhe fôra infiel, — e elle queria-lhe tanto, tinha-lhe tantos ciumes!... E como á desculpar-se, a penitenciar-se, acrescentava: — "Que quer *vancecê*, se eu era moço, n'esse tempo, e não sabia que a vida era assim feita!"...

Dona Anninhas, com os olhos rasos de lagrimas, susteve-se um momento; fez-se silenciosa; depois contemplando a irman, e balouçando a cabeça, desafogou, toda a sua alma de artista, n'uma saudade, rebufada de tantas outras saudades mais, reconditas e indeliniveis, dizendo-lhe:

— E eu, — Escholastica, — nunca ouvi cantar tão tristemente um gallo, como cantou, pela madrugada, o gallo que elle me deixou...

Rênê Thiollier.

(Vilia Fortunata).

# A FILHA DE HERODES

No seu escabello de púrpura, a princeza Lilith, filha de Herodes Antipas, meditava. A negra Nun agitava suavemente o grande leque de plumas, e o gato *Astareh* dormitava a seus pés.

A princeza Lilith tinha quinze annos. Seus olhos eram profundos como a agua das cisternas e a sua bocca, semelhante á granaada.

Ella pensava em sua mãe, que morreu, deixando-a pequenina. Ignorava que seu pai a houvesse morto por ciúme, mas sabia que, numa camara secreta do palacio, jazia o corpo da rainha embalsamado com mel e plantas aromaticas. Pensava em seu pai, o rei Herodes, tão sombrio, que, ás vezes, encerrado em seus aposentos, soltava gemidos e gritos agudos. Eram remotos. Ahgurava-se-lhe ver apparecer todos aquelles que, por sua ordem, tinham sido assassinados: sua mulher, seu cunhado, seus dois filhos... E embora Lilith ignorasse estas coisas, sentia pelo pai um indizível terror.

Pensava tambem no Messias esperado pelos judeus, e do qual, um dia, lhe falara Egla, morta já. Lilith sabia que o Messias havia de ser algum dia rei, em logar de Herodes. Desejava vivamente conhecê-lo.

Pensava no pequeno Hozael, filho da sua irmã de leite, Zebuda, que vivia em Bethlem. Hozael tinha um anno. Lilith queria-lhe muito, e, quasi todos os dias, acompanhada da sua negra Nun, a visitava.

A filha de Herodes, passava o tempo entre os seus remotos do sudim, em contras como venio Zabulon, antigo capitão das guardas do rei. Herodes havia substituido os soldados judeus por soldados romanos, mas, como tinha confiança em Zabulon, encarregara-o de vigiar a ala do palacio reservada á princeza.

— Estás triste, bom Zabulon ?

— Sim, porque diste-me um centurião que o rei expediu ordem de matar amanhã todos os meninos menores de dois annos.

— Oh ! exclamou a princeza, e porque ?

— Porque os magos annunciaram que o Messias nasceu. Mas, como não te sabe onde elle se encontra, resolveu o rei matar todos os meninos de Bethlem, certo de que, desta forma, não lhe escapará o Messias.

— Se assim é, foi bem combinado, observou a moça.

Depois de um momento de silencio, perguntou :

— E não se pode vel-o ?

— Para vel-o é preciso que se saiba onde está, e se se souber, o rei não precisaria matar todos os meninos.

— E' verdade, aprovou ella.

E accrescentou em voz baixa, como se suas palavras lhe infundissem terror :

— Meu pai é máo.

E perguntou de repente :

— E o pequeno Hozael ?

— O pequeno Hozael morrerá como os demais.

— Mas estou certa de que o pequeno Hozael não é o Messias. Como havia de ser ? Elle é filho da minha ama de leite !

— Pede o seu indulto a teu pai.

— Não me atrevo.

E accrescentou :

— Vou com Num em busca de Hozael. Ocultal-o-sei em meu quarto, onde o rei não entra nunca; e assim elle ficará em segurança.

Lilith mandou preparar a sua carruagem de cedro e partiu em direcção a Bethlem. Ao entrar em casa de Zebuda, disse-lhe :

— Há muito que não vejo Hozael. Querias levá-lo ao meu palacio e conservá-lo conmigo durante um dia e uma noite.

Mas, pelo terror que lhe inspirava o rei, não disse a Zebuda o terrível segredo. Reparando na subita alegria que resplandeciu no rosto da sua irmã de leite, perguntou-lhe :

— Porque estás tão contente ?

— Estou contente, princeza Lilith, porque tu amas meu filho.

— Onde está teu marido ?

— Foi á montanha buscar o seu rebanho.

Nun respondeu Hozael debaixo do seu manto. A princeza

e a sua escrava voltaram para o palacio quando o sol se punha por traz de Jerusalem.



*Pensava em seu pai, o rei Herodes...*

Lilith entrou nos seus aposentos, pegou Hozael e collocou-o sobre os joelhos. O menino ria, e as suas maninhas começaram a brincar com as joias que pendiam do pescoço de Lilith.

Quasi ao mesmo tempo, Nun assumou á porta da camara, sentando :

O rei ! o rei ! aproxima-te !

Lilith teve o penes tempo para esconder Hozael

numa cesta e cobri-o com um manto de seda.

O rei Herodes entrou, fazendo soar as passadas, a espada curva á cintura, os olhos rangrentos na face pallida. O tremor agitado communicava-se-lhe á longa barba em trança.

Perguntou a Lilith :

— Donde vens ?

— De Jerusalem, respondeu, esforçando-se por manter-se tranquilla.

Herodes, contemplando-a, murmurou, como de si para si :

— Oh ! como se parece com ella !

No mesmo instante um gemido partiu da testa.

— Está quieto ! talou Lilith, um pouco embaraçada, ao seu gato «Astareh», que roncava, tranquillo, sobre a almofada do escabello.

E disse ao rei :

— Meu pai, pareces triste. Queres que te cante uma canção ?

Pegou da cithara, e poz-se a cantar uma canção alegre.

O rei murmurou :

Oh ! esta voz !

E sahio, o busto curvado, arrastando os passos tristes. Os olhos e a voz de Lilith lhe tinham recordado os olhos e a voz da rainha Marianna.

Pouco depois Liliith desceu ao jardim, encontrando-se de novo com o velho Zabulon, que chorava.

— Porque choras, bom Zabulon?

— Já o sabes, princeza. Choro porque o rei quer matar este menino que é o Messias.

— Se fosse verdadeiramente o Messias, os homens não teriam o poder de matá-lo.

— Deus queira que assim seja, accrescentou gravemente Zabulon.

Depois, encarando-o, com olhos de esperança:

— Princeza, tu, que és boa e piedosa, devias avisar os paes desse menino.

— Onde os encontrarei?

— Pergunta por elles ás gentes de Bethlem.

— Mas, devo eu salvar esse futuro rei em prejuizo do throno de meu paé?

— Hoje o Messias não é mais que um menino, mais d'ellê que Horazêl, disse Zabulon. Demais, o Messias terá bastante poder

para ser rei sem prejudicar a ninguém. E se algum dia tiveres uma filha, o Messias, quando fór homem, casar-se-á com ella.

— Mas estás seguro que é o mesmo o Messias?

— Sim, porque nasceu em Bethlem, no tempo marcado pelos prophetas, e porque os magos viram a sua estrella.

— Deve ser bello, pois não?

— Está escripto que será o homem mais bello entre os homens.

— Hei vel-o, decidiu Liliith.

— Ao anoitecer, a moça envolveu-se em seus véos negros. As pulseiras de ouro, as argolas de ouro dos seus braços, os collares do seu pescoço, as gemmas preciosas que a adornavam, brilhavam através das gazes que a envolviam, como brilhos de astros através das nuvens. Liliith, vestida assim, de negro e gemmas fulgurantes, semeava a propria noite, da qual tinha o nome, porque em hebraico Liliith significa "noite".

Sahiu secretamente do palacio com a negra Nun. Enquanto caminhava, ia pensando:

— Não queria que o Messias tirasse a corôa de meu paé. Ser-me-ia demasiado doloroso deixar de viver em um palacio, deir: oada das minhas amofadadas, dos meus vestidos, das minhas joias e perfumes. Porém, a despeito disso, não queria que matassem esse menino recém-nascido. Dizei a meu paé que o encontrei, e, em recompensa, pedir-lhe-ei que lhe poupe a vida e o traza para o palacio. Assim, não nos prejudicará, e, se é realmente o Messias, nos favorecerá com o seu poder.

Liliith encontrou Zeluda rezando com seu marido Mithuel. Uma alegria infinita parecia animar a ambos.

A princeza falou:

— Horazêl está bom. Amanhã tral-o-ei para aqui. Hoje vim para adorar o Messias. Já que conheces o teu paradeiro, conduzi-me até elle.

Mithuel disse:

— Vou mostrar-te o Messias, princeza Liliith.

— Ao chegar ao lugar onde estava o divino Menino, Liliith ficou surpreendida. Sem saber exactamente porque, ella esperava alguma coisa de extraordinario, e via somente uma cabana coberta com tecto de colmo. Dentro havia um burro, um boi, um homem de aspecto rude, uma mulher formosa, mas pallida e pobremente vestida, e no cadeiro, sobre a palha, um menino que, á primeira vista, parecia igual a todos os meninos.

— Mas, ao avizinhá-lo mais, viu nos seus olhos um olhar que não era olhar de creança, por sua doçura infinita e sobrehumana, e viu que a pobre estancia estava illuminada por uma luz que emanava d'elle.

Perguntou á mãe:

— Como te chamas?

— Myriem.

— E teu filho?

— Jesus.

— Parece muito manso.

— Chora ás vezes, mas não grita nunca.

— Permites que o beije?

— Sim, disse Myriem.

Liliith inclinou-se e depoz um osculo na fronte do menino.

— Elle é pois o Messias? — perguntou a princeza.

— Tu o disseste.

— E será o rei dos judeus?

— Foi para isso que Deus o enviou.

— Então haverá guerra, matará elle muitos homens, destruirá o rei Herodes ou o seu successor?

Myriem respondeu docemente:

— Não te pondeu. Seu throno não será deste mundo. Não terá guardas nem soldados... Não terá p'ra si nem thesouro. Não levantará impostos, e viverá como o mais pobre pescador do lago de Genezareth. Será amante dos pobres e dos humilhes. Curará os enfermos e consolará os afflictos. Ensinará a verdade e a caridade a cada

reinará sobre as almas. Sofrerá para ensinar-nos o valor do soffrimento. Prêgará o perdão para todos as faltas. Amará os homens. Terá inexgotáveis misericordias para todos os que, embora culpados, hajam conservado este dom de amor. Certo, terá um throno...

— Ah! bem o dizia eu! exclamou a princeza.

— Mas, atollhou Myriem, esse throno será uma cruz. E sobre esse throno morrerá para expiar o peccado dos homens e para que Deus tenha piedade d'elle.

Liliith estava surpreendida. Lentamente desceu o olhar para o monte de palha onde jazia o menino e viu que o menino a olhava. Sob o influxo daquelle olhar profundo, cahiu de joelhos e murmurou, vencida:

— Nunca me disseram estas coisas.

E adorou-o.

Alguns tempo havia que Nun, a boa negra, chorava de olhos no chão.

Liliith levantou-se.

— Sei, disse, que o rei Herodes anda á procura deste menino para matá-lo. Não tens tempo a perder. Foge!

Pelos estreitos caminhos que collem ao redor das collinas, Jesus e Maria, José e Liliith, a negra e o burrinho chegaram á planície. — Aqui, falou a princeza, preciso deixar-vos. Sou a princeza Liliith, filha do rei Herodes Leodan-vos de nun.

Montada no burrinho que José conduzia, Myriem, com Jesus nos braços, afastou-se, Liliith, com os olhos deslumbrados, ainda continuava a ver, durante algum tempo, na noite escura, a princeza que circumdava a fronte do Menino.

E no momento em que a pallida luz mysteriosa desaparecia por traz de um bosque de sicomoros, um rumor de ferro — de cavallo a galope e o brilho dos capacetes brilhando ao luar, annunciavam o esquadrao de soldados romanos que marchavam para Bethlem...



Viu uma cabana coberta do colmo

# Um natal preto...

Eu vou dizer-vos um conto de Natal, mas para variar, no meu conto não entrarão nem creanças com seus sapatinhos à espera do Papai Natal (não digo Noel, como dizem os nossos francófilos), nem neve, nem castanhas, nem tudo o que anualmente se despeja nesta espécie de contos. Meu conto de natal passa-se com um preto... Sim, senhores, um preto retinto, desres que a gente à noite, não pode enxergar no escuro. Chama-se Mathias, tem vinte annos e é filho de Bataias, a terra do dr. Altino Arantes, de cujo paço era escravo o progenitor de Mathias. Pelo menos foi a informação que nos deu a Repartição Estatística do Estado, repartição encarregada exclusivamente de organizar a arvore genealogica de todos os novos presidentes, e mais de todos os seus amigos servigos e adherentes. Um pormenor interessante: — Mathias brincou em pequeno com o sr. deputado Julio Cardoso, que morava na Franca, e que, por previsão, cortejava o sr. Altino Arantes, tendo sido sua maior prova de precocidade politica ter felicitado ao sr. Altino pelo telephone, tendo elle, Julio, apenas dois annos! (Referencia historica do sr. Julio Prestes no seu Anuario, com prefacio do sr. Guilherme Rübão, prefacio este escripto em caracteres mimicos, pela dificuldade que sente este deputado de reunir duas ideias para serem ditas em publico).

Vamos ao conto: Mathias, o preto, tinha vinte annos. Vinte primaveras? Digamos antes vinte invernos, que é quando ha menos sol, menos luz, e, logicamente, mais trevas. Mathias sonhava...

e sonhava com todas as lendas do Natal, que lhe passavam pela cabeça e pelo coração. (Theoria da circulação arterial do dr. Arnaldo V. de Carvalho) Mathias é um insignifico, um soberbo exemplar da raça negra. Sua alma é habitada pela nostalgia que tanto caracteriza o *folk-lore* africano, tão esbarradamente descripta pelo notavel escriptor patricio dr. Leopoldo de Freitas.

Mathias ama...

E quem ama Mathias?... Uma preta, uma dessas higinhas de branco cujo andar é ondulante como o das canephoras, na abalissada opinião do egyptologo Herculanô de Freitas)? Não, Mathias ama uma branca, uma mulher cor de leite, cor de espuma de sabão, cor dos lysios do valle... do dr. Freitas Valle.

Naquella noite de Natal, pensando nella, despirase, collocara seus sapatos junto a chaminé — que no caso era um caixão de gasolina — sobre a qual, ao lado de uma garrafa enrolada em papel de seda que imitava admiravelmente um vaso de Sevres, depositara seu collarinho e sua gravata, ambos "democraticos", preto e branco, (sendo o preto do collarinho devido apenas ao pó e ao calor), e foi deitar-se em seguida no seu leito de fina *polysandre* de bambú, com um fole e delicioso enxergo de embara trançada. E Mathias sonhou... Sonhou que seus sapatos se tinham transformado em duas gondolas... (Affirmam alguns especialistas nauticos de resacas que taes sonhos não são privativos da noite de Natal). Elle, Mathias, estava dentro da gondola, em pé, heroico e sereno, e tomara do guarda-chuva, com elle amarrada uma vela e ia navegando nas doces e balouçantes aguas... de uma bacia de rosto. Ao longe uma oruma fina e quasi immaterial, poeira d'astros como dizia Amadeu Amaral, parecia envolver um corpo de mulher. E Mathias declamava com Vicente de Carvalho num de seus luminosos accordams (accordams ou accordes)?

Olhar-te... delicia calma!  
Mar tranquillo e sem escolhos!  
E' o peccado dos meus olhos  
E' a salvação de minha alma.

(Neste caso pode ser accordam ou accorde, porque o preto estava dormindo).

Segue, Mathias, segue as aguas mansas de teu sonho, enquanto nós vamos pedir ao nosso historador, Arthur Cerqueira Mendes, que nos dê um de seus "carvões historicos" sobre a figura de teu amor!

II

Imagine um bloco de porphyro com tons de café com leite, lima e rosa. Talhae nesse bloco uma robusta estatua de uma rapariga de 16 annos. Esfregai a sua cabeça com todos os tónicos que se annunciam, e esfregai-a violentamente até que surjam cabellos listos, abundantes, sedosos e negros. (Resultado que só produzem os tónicos quando applicados ao craneo das estatuas). Com o escopro de vossa imaginação rasgai-lhe dos olhos brilhantes, cuja medida podereis obter com de vossos oculistas, os drs. J. da Nova, Bueno de Miranda.

Dai-lhe o nariz modelar do dr. Alfredo Pujol, a pelle acetina de dr. Alves Lima, a voz maviosa do dr. Lisboa Junior, o queixo harmonico do nosso presidente, o collo alabastrino da dr. Ramos de Azevedo, e o sorriso feticheio do dr. Carlos de Campos, e teres credo a figura de Maria-Anna, filha de um fallecido arrendatario do botiquim da estação de Ribeiro Preto, que tentos, aggrider, certa vez, por ciumes, ao dr. Veiga Miranda. (Esquecia-

me de dizer que os abios de Maria-Anna eram grossos, polpudos, e despejavam sorrisos como os do dr. Veiga Miranda, o que de, logar à scena acima descripta).

E Mathias, quem era elle? Respondeo-nos agora, um outro historador, e dr. Cyro Costa, actualmente director da censura à raça branca. Mathias, declamava o dr. Cyro, com a sua voz singular que vem de além, com seu grande nariz em lige de agua, e com aquelle gesto longo em que seu braço se distende do lar-

go do Rosario ao infinito. Mathias? E' fantastico! Nasceu em Bataias, numa senzala. Tinha um grande talento tual, e por isto tornou-se um chimico mais notavel que os chimicos de nosso Laboratorio de Analyses, porque em cinco vezes erava se, cifra que nunca estes ultimos conseguiram attingir. Chimico, elle descobriu a synthese da nicotina, fazeo-llo ferver em banho maria, rigorosamente aseptico, uma camisa do dr. Theodoro Sampaio com algumas fatias de beterraba, o que lhe valeu o cargo de director honorario de todos os nossos Institutos Agronomicos e Agricolas. Pouco depois foi candidato à Academia Brasileira com sua magnifica memoria sobre "A utilização das folhas celtas do repollo na fabricação dos cigarros sem nicotina".

— Uma tragedia! — explicava o Cyro — na qual só teve um competidor, o poeta Saturnino Barbosa, que estava convencido de que o cigarro se colhia como o café na propria avore do tabaco, theoria que o poeta Allegretti tenazmente vem ha annos combatendo em repetidos sonetos.

Por uma correlação bem raciocinada entre a folha do tabaco e a folha do repollo (bebida nas memoraveis experiencias agricolas do dr. Luiz P. Barretto, quando candidato a senador, e dos irmãos José e Julio Conceição, que todos tres conseguiram perder a fortuna na lavoura do café) chegou Mathias à conclusão de que a folha de tabaco e de repollo eram da mesma familia das outoribricas, conclusão que foi defendida brillantemente no Instituto Historico pelo dr. Domingos Jaguarile, o inventor da theoria do emprego dos orangotanzos na colheita do café, sob acção hypnotica.



... o preto Mathias sonhava

Pelo que, podia-se dizer a folha de repolho, como na fábula deliciosa do poeta Sadi, traduzida pelo traductor juramentado de línguas desconhecidas, dr. Spencer Vampyr:

— Pardon, mademoiselle, n'êtes-vous point la Feuille de Tabac?

— Ao que a Folha de Repolho responderia, sempre no português da tradução Vampyr: — Non, madame, je ne suis pas la Feuille de Tabac; mais j'ai un beau coup fréquenté chez elle, j'en gardé son parfum.

Mathias matriculou-se em seguida na Universidade de São Paulo. Era a pupilla do senhor tenor: — tão preto, tão retinto, tão albotica quanto as pupillas do dr. Eduardo Guimarães. Fez todos os cursos, que não foram reconhecidos porque a isto se opoz o dr. Oscar Rodrigues Alves, inimigo declarado dos doutores de côr e de côr. Foi, então, para Ribeirão Preto, e no primeiro Natal conheceu Maria Anna, num salão em casa de seus progenitores, ditta. O pai de Maria Anna chamava-se Gastão Cançica, appellido cuja etimologia o dr. Sylvio de Almeida filia ao grego, Adalgiso Pereira do hebraico, Ed. C. Pereira, ao tupy, João Ribeiro, ao madgyar, e Cândido Figueiredo remonta à Torre de Babel, como gerundio de um verbo inconjunctível e tão confuso quanto os próprios grammaticos.

Gastão Cançica reunia todo o pessoal de estafetas e demais pessoas gradas da elite social da estação para um ágape em honra de Minas Deus. Mathias era o orador dos pais dos meninos que entregavam as tele-



... — Mathias branco! ... Não... não... — exclamava Maria Anna — ... Du es-  
querda para a direita: Dr. Austin Nobre, Mathias, (dapsis de refinado), Maria Anna,  
Gastão Cançica e a senhora Cançica.

A bella Maria Anna presidia o festim, e suas lindas

mãos tão pequenas e tão alvas eram duas pétalas de bonina a bater palmas (imagem emprestada ao sr. José Vicente Sobrinho). Mathias inflamou-se; Mathias ardeu; Mathias delirou... Formigas corriam-lhe o sangue; e que formigas! Saúvas, enormes saúvas, das que tiram do sono ao sr. Albalá Leonel, das que resistem a todas as formicidas, das que resistem aos trocicos Conceição! Cada vez que o olhar de Maria Anna cruzava com o seu, Mathias empallidecia sob o veu negro de sua epiderme, e sentia que e lhe ferocitava o sangue de Paraquara do Parahyba, de corcotas, nada o respeitava, maravilhozo equitimo de carne, selecta classe de banha, bíblia de unto, Breviário supersticioso de castilhana, Cosmogonia fantástica de ossos ankylosados, pasto e repasto das traças dos ankylostomos, cantando latuques aladainhados, como o kalila retrocivo, o saguame da phosphorencia putrida dos paúes, e triste como o curango que nem assola. (Dos Urupês, 5.ª edição).

Pela madrugada, Mathias, encorajado pelo abuto dos líres estrangeiros fabricados no Braz e adjacentes, foi ter com Gastão Cançica que, para fazer honra aos hospedes se emborachara mais cordalmente.

— Mestre! — exclamou Mathias. — O homem é o esyio, disse Eugenio Buflon, a dez mil réis a cazeira. Sabeis o homem que eu sou?

— Sim, respondeu-lhe Cançica — Sei e só te posso dizer o que Mac-Mishon disse à esquadra inglesa: — Persevera!

Foi então que Mathias pediu a mão de Maria Anna. Apesar de bebedor, Cançica viu as coisas pretas.

— Nunca darei a mão de minha filha a um preto! — recheio de magestade, — Filtrou-se, meu amigo, e enxerque-se. Mathias desmaiou, e assim desmaiado, tem mais palavra, tomou

o caminho de sua casa, monologando como Napoleão em Watterroza:

— Ser ou não ser...

Passava em frente a uma refinação de asucar, cujos lírios se acalavam de acender. Lembrou-se da phrase fatidica: — Filtrou-se e volte. O asucar também era preto; refinava-se, sabia branco, de um branco castal.

A primeira luz indecisa da manhã fazia com que se confundissem os aspectos. Mathias de um pulo saltou do tiblyry, correu pela refinação a dentro e na phrase quente do sr. Amadeu Lisboa, precipitou-se de cima para baixo. Dahi a momentos um guarda-cívico, que voltava de baptizar um filho, encontrou Mathias zangado a um dos barris de chapas descarregadas à porta do Cavalloz, delirando.

— Eu quero ter branco... Eu quero ter branco...

E durante o resto do anno, e mais até aquella Natural sequine, elle não voltara à casa de Gastão Cançica. Mas reatou o sonho de Mathias. Deixamo-lo de velas pandas, singrando as aguas da fantasia.

Ao longe uma bruma fina parecia envolver um corpo de mulher, e pouco a pouco, um a um, cada um de per si, formaram-se e affirmaram-se todos os contornos adorados daquelle delicioso corpo de Maria Anna.

Maria Anna!... E um só hymno, no qual se traduziam cymbolos, pandeiros, heptacordios, pentateucos, exergos, elibos, minotauros, pandeiras, (e toda a demas comparativa de Coelho Netto), e ainda o ruído polistonico de motum ragado dos contos capados dos contos regionalistas, — ambeu a superfície do lago, alcançando-se ás montanhas que eram no caso as taboas do quatto, e ali plasmava-se em nuvens claras ao alto do tecto empennado e decorado por um friso greco de teias de aranha.

A voz suave, que reunia todas aquellas vozes, repetia a Mathias: — Amo-te, mas refina-te!...

Então uma fada surgiu de dentro de uma caixa de sapatos (como no nosso theatro nacional) e agitando aos ares um traço, como nos annuncios dos preparados Giffoni, exclamou:

— Toma este liquido, esfrega-te com ella uma vez por dia, de duas em duas horas, e não deixes que o sol te toque antes de ficar tua pelle mais branca do que elle.

Mathias, somnambulou levantou-se, e de olhos fechados sempre a sonhar, recebeu o liquido, e mais um ve de gaze que lhe dava a fada para que se enxugasse e se cobrisse com elle. Bateu-se com o liquido, e grande foi o seu espanto: sua pelle clareava. Seguindo as prescripções da fada deixou para continuar a operação no dia seguinte, e para que o sol não lhe estragasse a refinação, cobriu todas as partes que se tinham clareado com praxa preta de sapato. Das seguidas continuou o tratamento. Ao fim de uma semana passara successivamente pelo mascavo, macacinho, branco de segunda, branco de primeira e crystallizado especial, de Ilanatorio.

Branco! Refinado! Sempre em sonho vestiu-se, poz o seu mais lindo terno — que era apenas um — e foi de novo pedir a mão de Maria Anna. Em casa desta elegante-se como no anno anterior. De repente entra na sala um dancante gentleman, no momento em que o dr. Austin Nobre marcava uma quadrilha! Ninguém o reconheceu, e era natural, porque naquella hora todos os espiritos cobriam pneumaticamente accumulados e toldados, inclusive o de Mathias. Maria Anna, porém, não só pelo cheiro, que sempre era no asucar, como ainda pelo seu tacto de mulher, reconheceu-o logo pelo brilho do olhar, unica coisa preta que tinha resistido à refinção.

— Mathias! — exclamou ella. — Mathias branco, descaçado como uma barata, como um acemo, como a pelle de um tacho velho de cobre! Oh, não... não... — e com um gesto pavidio, alafroto-se.

Riam-se todos. Mathias implorava:

— Fiz tudo por teu amor!

— Não... não... repetia ella. Poderia chegar a amar-te como tu és, com teus defeitos, com tuas virtudes... Agora, não... E's uma mascarada... Nada em ti é sincero... nem a tua propria côr...

E Simão Cangica, tocando-lhe no hombro, disse-lhe tão judiciosamente como o dr. Estavam de Almeida, num de seus luminosos pareceres:

— Maria Anna tem razão, Mathias... Ninguém deve negar seus paes e sua raça... Tu eras bello quando eras negro, e serias mais bello se tivesses orgulho de tua côr, e soubeses honra-la pelo teu brilho... E's um mascarado, nada mais!

Mathias sahio cambaleando, e ia precipitar-se do viaducto quando lhe occorreu uma impressão commum a muitos suicidas: po-

dia quebrar a perna e ficar alejado... E um cadaver alejado é uma coisa horrivel... Desistiu... e acordou.

#### APOTHEOSE

Accendeu a vela. Estava em seu quarto. Tinha ainda em uma das mãos e veu de gaze que a fada lhe dera para ungrir-se com o liquido milagroso. Era sua crroula, que estava cheia de tinta de escrever e de graxa de sapatos. Em compensação o tinteiro de tinta Sardinhas estava por terra vasio... Era o liquido milagroso, que inflamma as imaginações e provoca tonhos de tão absurdo Natal!...

(Adaptação de Black Noel, de Alfonso Allais, para a *Revista Feminina*).

# REVISTA FEMININA

## O que foi, o que é e o que será

No numero de abril, do anno de 1916, desta revista, a nossa saudosa directora d. Virgínia de Souza Salles fez, num vibrante e caloroso artigo, um appello ás senhoras brasileiras, concitando-as a volver a sua attenção e sympathia para a «Revista Feminina». Não resistimos ao prazer de transcrever algumas das suas palavras. Ellas são:

«Vimos novamente insistir junto ás nossas patrias para que secundem a nossa obra, que a todos deve interessar. Ha dois annos estamos empregando os mais abnegados esforços para a manutenção da nossa revista, sempre na esperanza de vencer a indifferença das nossas patrias pelos assumptos que mais as deveriam enthusiasmar, como sejam os que constituem o nosso programma. Nos dois annos que são decorridos, terão visto as nossas leitoras que não se trata de uma publicação commercial, visando lucros ou interesses secundarios. A nossa revista representa, ao contrario, um gesto abnegado de altruismo. Creamos-a pela necessidade premente, de que se resentia o nosso meio, de uma leitura sã, moral e que ao lado da parte recreativa e litteraria, collaborasse efficaz e directamente na educação domestica e na orientação do espirito feminino. Não tivemos, não temos e não teremos nenhuma pretensão descabida; o nosso esforço é modesto e humilde; não pretende ensinar nem reformar; o que deseja é apenas collaborar, na medida das suas forças, para a educação feminina. As revistas do genero da nossa, no estrangeiro, são acolhidas com enthusiasmo e as senhoras porfiam em propagal-as e auxilia-las. E' a razão pela qual ha na Europa e na America do Norte magnificas publicações femininas, muitas das quaes circulam largamente entre nós. A mulher brasileira não é menos intelligente nem menos instruida do que a europeia ou a yankee, e só ha uma explicação para o facto de não ter até agora uma publicação á altura dos seus meritos; e é a não se ter ella querido interessar com enthusiasmo pelas diversas tentativas que, em tal sentido, têm sido feitas. E' bem verdade que a «Revista Feminina» conta com o auxilio desinteressado e entusiasta de um grupo de patrias que sabem aquilatar a extensão do nosso esforço. E', porém, um grupo relativamente pequeno e que, apesar de toda a sua optima coadjvação, não pôde fornecer-nos os elementos de que necessitamos para a realisação do nosso programma. Nós queremos e deveremos ter um magazine feminino que

realise com os melhores da Europa, e poderemos tel-o com o concurso de dez ou doze mil assignaturas.»

Tros mezes depois, d. Virgínia renovava, com expressões por ventura mais saforias, o seu appello ás senhoras brasileiras O applauso vinha-lhe de todos os pontos do paiz. Rara era a senhora que, ao encontrar-se, pela primeira vez, com a «Revista Feminina», não se apressasse em enviar á sua directora o applauso encorajador... Verdade é que o gesto, sympathico sem duvida, não se realisava em nenhuma promessa pratica. Referindo-se a esses gestos de encorajamento, que tanto a lisongeavam e tanto lhe estimulavam o esforço, não poude, entretanto, d. Virgínia calar a iniquidade que a cada passo a tomava, ante os obstaculos que constantemente se lhe antepunham. São deste segundo appello as seguintes phrases: «São tambem as phrases que diariamente nos chegam por carta, de todo o Brasil, sem resultado pratico porém. Que todo ou que uma parte do enthusiasmo, que nos é assim revelado epistolarmente, se converta em acção pratica, é do que necessitamos para a consolidação definitiva da nossa obra. Até aqui, ella só nos tem valido despezas, sacrificios e prejuizos... Um bom movimento, minhas queridas leitoras, em pró da nossa revista, que é mais vossa do que nossa!»

Por essas phrases, que são as que rematam o seu interessante appello, se vê que ella, sem se sentir desencorajada, experimentava uma tal ou qual inquietação, não com relação ao exito da sua obra, mas ao seu retardamento. Se, até então, tinha ella manifestado, ao lado de uma oporiedade sem par, um extraordinario espirito de organisação, d'ahi em deante tratou de esforçar-se mais no interesse de preparar o terreno para a victoria que se adia. Não foi vão o seu esforço. Dois annos depois, grande parte das suas esperanças já estavam realisadas. O applauso sentimental com que, a principio, era acolhida a revista, transformou-se, graças á diuturnidade dos seus sacrificios, em realidades. Ainda em vida, assistiu ella a uma parte dos seus triumphos.

A Revista Feminina», num futuro proximo, terá realisado todas as esperanças que a sua fundadora entrevia. E, hoje, tal como é, constitue já, por certo, pela sua tiragem, pela sua vulgarisação em todo o paiz, pelo seu programma moral, pelo encanto de seu texto e pela belleza do seu aspecto graphic, o mais importante periodico illustrado do Brasil.

## PAGINAS SELECTAS

Não entregueis nunca a utilidade ou a paixão senão uma parte de vós mesmos. Dentro embora da escravidão material ha, a possibilidade de salvar a liberdade interior: a da razão e a do sentimento. Não trateis pois, de justificar, pela aborção do trabalho ou do combate, a escravidão do vosso espirito.

O symbolo do que deve ser a nossa alma encontro-o numa novella que evoco, arrancando-a de um obscuro canto da minha memoria. Havia um rei patriarchal no Oriente, nesse Oriente indeterminado e ingenuo onde gosta de fazer nido a alegre revoada das novellas. Tinha o seu reino a encantadora infancia das terras de Ismael ou dos palacios de Pilos. A tradição appellidou-o depois, na memoria dos homens, de rei hospitaleiro. Immensa era a

piedade do rei. Seu coração reflectia, como sensível placa sonora, o rythmo dos outros corações. Seu palacio era a casa do povo. Tudo era liberdade e animação dentro deste Augusto recinto, a cuja entrada nunca se postaram guardas para vedal-a. Solos seus porticos, sempre se acolhiam aos grupos de pastores quando distrahiam seus olhos em concerto rustico: ao cair da tarde abrigavam-se ali os anciãos; e grupos alegres de mulheres vinham ali depositar as flores e os ramos de que se compunha unicamente o dizimo real. Mercadores de Ophir, quinquilheiros de Damasco cruzavam a cada instante aquellas portas, ostentando ante os olhos do rei, as joias, os perfumes e as especiarias. Ao pé do seu throno repousavam, fatigados, os peregrinos. Os passaros disputavam entre si, ao meio dia, as migalhas da sua mesa; e ao nascer do dia, os ministros chegavam, em bandos alviqueiros, ao pé do leito onde dormia o rei de barbas de prata, para lhe anunciar o nascimento do sol. A sua liberalidade infinita estendia-se tambem tanto aos seres tem ventura como ás coisas sem alma. A natureza sentia tambem a atracção do seu apello generoso: ventos, aves

e plantar pareciam buscar — como no mytho de Orpheo e na lenda de São Francisco de Assis — a amizade humana naquella oásis de hospitalidade. Do germen cahido ao acaso brotavam e florescia, nas juncturas dos pavimentos e nas rachaduras dos muros, as vegetações das ruínas, sem que uma mão cruel as arrancasse dos seus logares ou as pisasse um pé maligno. Pelas janellas abertas se estendiam para o interior das camaras do rei as ardeças ousadas e curiosas. Os ventos fatigados abandonavam, ao passar sobre o alcaçar real, o seu carregamento de aromas e harmonias. Empinando-se, o mar, como se quizesse cingir-o num amplexo, salpicava-o com a espuma das suas vagas. E uma liberdade paradisíaca, e uma immensa reciprocidade de confianças, maninhavam por toda parte a animação de uma festa inextinguível.

Mas, dentro, muito para dentro, isolada do alcaçar ruidoso por paredes espessas, occulta á curiosidade de todos — como a "Egreja perdida", de Uhländ, num recesso escondo do bosque — uma mysteriosa sala havia, onde a ninguém era permitido penetrar, re-

não ao proprio rei. A sua hospitalidade terminava ali. D'ahi para dentro estava o seu egoismo: Fortes muros a rodeavam. Nem um eco do bulicio exterior, nem uma nota escapa ao concerto da natureza, nem uma palavra desprendida de labios humanos logravam transpassar a espessura das suas paredes de porphiro e penetrar, como uma onda de ar, a estancia delessa. Religioso silencio velava ali pela castidade do ar adormecido. A luz, que se coava pelas rosaceas emalilhadas, chegava ao interior, languida, medindo o seu passo por uma equalidade inalteravel, e diluía-se, como um bloco de neve que cae sobre um ninho tépido, na calma daquelle ambiente. Numa gruta oceanica ou na solidão de um bosque nunca reinou tao funda paz como naquella estancia. Algumas vezes, quando a noite

era diaphna e tranquilla, a aboboda, abrindo-se como duas valvas de nacar deixava entrar a magnificencia das sombras serenas. No ambiente fluctuava, como uma onda, a essencia casta do nenufar, tao grata ao somno e á contemplação de si mesmo. Carriátides graves guardavam as portas de marfim em attitude de vigilancia constante. Aqui e alli, imagens esculpidas falavam de idealidade e de repouso. E o velho rei assegurava que, embora a ninguém fosse dado acompanhal-o até alli, a sua hospitalidade continuava a ser sempre segura e generosa. Alli sohiava, alli se libertava da castidade o rei lendario; alli a sua psyché criava azas. E quando a morte veio recordal-lhe que elle, em seu palacio, não tinha sido senão um hospede, a impenetravel estancia permaneceu fechada para sempre, para sempre abysmal na seu repouso infinito. Ninguém a profanou nunca, porque ninguém ousaria pôr a planta irreverente naquelle sitio onde o velho rei quiz estar só com o seu sonho e consigo mesmo.

Este é o conto. Faça delle quem quizer o scenario do seu reino interior. As suas ideas, como a casa no monarcha, podem es-

tar abertas a todas as correntes do mundo, mas deixe um canto em sua alma onde não entrem hospedes importunos, senão a sua razão serena. Só quando puderdes penetrar dentro desse asylo inviolavel é que podereis consideral-vos, na verdade, homens livres.

Seguindo o sabio preceito de Montaigne, nosso espirito pôde ser objecto de emprestimo, mas não de cessão. Henrique Rodis

## O RIR BONITO

A' mulher convém produzir um sorriso leve, meigo e doce. É bonito e natural o riso numa bocca formosa, abrindo simente os labios e mostrando ao mesmo tempo os dentes, quaes perolas, numa enfiada brilhante e vistosa.

O estajo precioso que se chama bocca, quer a falar ou a rir não deve abrir-se em demasia.

O echo do riso tambem tem a sua importancia.

As pessoas que sabem rir, produzem como uma musica d'um timbre delicioso, d'uma harmonia celestial.



## O SALTO DA MORTE



No vasto circo, illuminado de uma claridade branca e suave, que os grandes globos de luz electrica derramavam a flux, a multidão, apinhada nas bancadas, agitava-se em applausos e gargalhadas, que, como uma onda, cresciam, avolumavam-se e morriam lentamente...

E o povo ria com estridor, olhos fitos na figura exotica e ridicula de um palhaço que, em saracoteios e faixolas pesadas, distrahia os espectadores, dava alegria...

E o palhaço sahia a correr, aos tremboiões grotescos, enquanto uma ruidosa gargalhada da população abafava os primeiros compassos marciais e alegres de um vivo rag-time, marcando o passo elastico e harmonioso de um rapaz, alto e esbelto, que penetrava na arena.

Palmas soaram longamente, saudando o numero de atracção — o gymnasta negro, de nervos de aço e rosto impassivel que, imperitavel, impavido, expunha a vida todas as noites, em saltos mortaes sobre bayonetas nuas, em proezas de barra fixa e trapezio, enquanto o recinto emmudecia extatico e um arrepiou voluptuoso de medo e prazer mordida as almas.

Depois estregiam palmas calorosas.

Mãos largas e fortes de homens do povo, pequeninas mãos brancas de mulher se uniam; nas palmas glorificadoras...

Palmas retecem quem arrisca a vida para proporcionar a morte de arte... num fugitivo instante a deliciosa sensação de morte...

O Coliseu da antiga Roma, o publico apaixonado das toureadas, — os circos da antiguidade e os circos de hoje têm a mesma alma perversa e sanguinaria e os mesmos nervos doentios que gozam e applaudem quando a morte representa de parceria com o actor...

E elle — o gymnasta negro, o Crispim, entrou no circo ás acclamações da multidão, e seu corpo fino de adolescente, apertado num *maillot* rosa, curvou-se numa mesura muito prolongada, enquanto no seu rosto franco e humilde se estereotypava um triste sorriso desamporado.

E esse sorriso o acompanhava sempre!

Crispim no passo elastico e harmonioso de acrobata dirigiu-se para a grande escada erguida no meio do circo: era o numero sensacional, chamado — o salto da morte.

Agilmente, aos accentos marciais da musica, elle galga rapido os degraus da escada e do ultimo, da cupola do circo, entre os grandes globos electricos cor de leite, a sua cabeça negra voltava-se em todas as direcções, saudando...

Como em Rema, naquellas barbaras éras anti-christãs, os gladiadores modernos diziam tambem: Ave, Cesar! Os que vão morrer te saúdam!

E o Cesar moderno, o Nero sanguinario e cruel — o dinheiro — compra hoje o gosto de ver morrer...

E lá de cima, de pé, no ultimo degrau da escada, — Crispim estendia os braços musculares e lentamente começava a dobrar o corpo para trás.

Emolduredo na luz amarela e branca, o gymnasta negro vergava o largo dorso numa curva perfeita e harmoniosa... e, num dado momento, dentro do silencio extatico da multidão, o seu corpo despende-se do alto, descreve no ar uma, duas, tres cambalhotas e vai cair no chão, de pé, torrido, amoticeado a violencia do choque pelos braços dos companheiros, que o sustêm...

Uma rajada de applausos radece violentamente o circo... as luzes vacillam... mãos nervosas se emagm em palmas freneticas e Crispim, impassivel, humilde, faz uma ultima mesura e esloça um ultimo sorriso desamporado.

E a truceza cemeçou, então, uma volta amarela e lenta, pontilhada de melancolis, enquanto Crispim em dez saltos gymnasticos galgava a porta do camarim.

Era, agora, um trabalho de equilibrio, e um menino de rosto pallido e apprehensivo subia lentamente, um a um, os degraus de uma escada, equilibrada na planta dos pés de um acrobata.

Senhoras agitavam tremulas os leques, euternecidas á vista daquella creança de oito annos franzinos, arricando a vida, soffrendo agonia d'alma, medo... para dar prazer...

E as senhoras — numa egoistica piedade — o espirito torturado com o afflictivo pensamento de verem um dia — cousas da vida! — os filhos queridos naquella arrisada posição, tremiam, e, ansiosos, não tiravam os olhos da creança...

E os peíños do menino solem... eilo em cima! muitos degraus! e a escada, erecta, firme, numa linha vertical que se apoia aos pés do gymnasta, treme imperceptivelmente... e as mãos do artista abertas no espaço têm um ininterrupto rythmo.

O pequeno, do alto, agita as mãosinhas e agradece as palmas num torturado sorriso. Vozes nervosas clamam: basta! basta! E o pequeno, perturbado, estremece, contrae a physionomia num ergor de medo, e começa a morora descida, collocando entre os degraus, suspendendo-se ora pelos pés, ora pelas mãos... lentamente... lentamente...

E a escada treme com mais força e o pequeno desce, o rosto livido, os labios descolorados, o olhar fixo no espaço vasto, elle parece fascinado por uma cousa que ninguém vê... é a morte! e elle tem medo e seus peíños tremulos tateiam os degraus, lentamente caminhando para a vida.

Muitos minutos escarram pesados, lentos.

O artista, que equilibra a escada, sente que a fadiga lhe aviva o rythmo das mãos e dos pés; o seu corpo treme todo na tentão de um grande esforço e a escada oscilla... oscilla...

E o pequeno continúa lento, como se não tivesse pressa; e enfim pisa o chão, pallido, desfeito, sorri, agita as mãos, agradece e sae correndo.

E a sala applaude frenetica, entusiasta... os nervos distendem-se; as senhoras sorriem, trocam impressões visivelmente aliviadas, satisfeitas, convencidas, quasi, de que os seus olhares foram invisiveis mãos que sustiveram no espaço a franzina creança.

E volta, de novo, o palhaço, provocando gargalhadas com ditos chocareiros, abafando nos cotarções a possivel piedade que o trabalho de creança, nelles despertára.



MINHA FILHA

O espectáculo da despedida fôra anunciado e á noite, o circo repleto de leves toilettes multicores das senhoras e de pesados trajes inasculinos, offercia o garrido aspecto do dia de estrêa.

Mas, a esse espectáculo de despedida faliou o corpo ebello e o trabalho preferido de Chrispim.

Aquella hora, enquanto a multidão etquecia a contrariedade da ausencia do gymnasta negro, ouvindo as farçolas do palhaço, procurando gozar bem a noite, — Chrispim agonizava sozinho, num quarto do hospital, a dois passos do circo.

E aos ouvidos espertos do doente o echo dos applausos casando-se á musica, formavam um ru or quasi indistincto que lhe acompanhava o delirio.

E no cerebro de Chrispim, num ritornello doloroso e incensante, passava e repassava o espectáculo da estrêa, naquella cidade do sertão, que mal entrevia, silenciosa e branca, apertada entre montanhas de velludo verde... e que lhe trouxêra a febre e — quem sabe? — talvez a morte.

E os olhos de Chrispim, ceços de febre, viam só o seu delirio... a escada... os applausos... a musica... a sala cahada de gente... e seus braços descarnados repelliam as cobertas em movimentos convulsivos.

E seus olhos dilatados viam só o seu delirio e da bocca saecra de Chrispim brotavam na allusão da febre, palavras soltas e entrecortadas...

«Deixem-me... sou eu agora... o povo me reclama... eu... eu quero representar...»

E elle se via do alto da escada, na zupula do circo, dobrando sem esforço o dorso luzido no arriscado movimento, enquanto a multidão se immobilizava e emmudecia a seus pé...

E Chrispim, no auge da febre, tentou erguer-se, mas, vencido' exgotado, morto, cahiu exanime no leito...

Elle, pela ultima vez, representara sozinho, para a agonia de de sua alma... o salto perigoso, cahindo nos braços que, ha muito, a morte amorosamente lhe estendia.

\* \* \*

E a caravana errante, a companhia de cavallinhos, lá se foi pelas estradas cheias de sol e poeira, ao chiar melancolico dos carros de bois, caminho das cidades... dando por um gouco de diaheiro a sensação artistica de ver perlicitar a vida...

E a companhia de cavallinhos partiu, e nunca mais veria, em seus numeros de successo, figurar o adolescente negro, de corpo flexivel e sorriso desapontado, que a morte arrebatára, aprisionando-o para sempre, entre os muros brancos de um cemiterio florido e pequeno, escondido numa cidade desconhecida.

Chrispim nunca tivera medo da morte, e sabia, ao clarão fosco das lampadas electricas, sob a chamma ardeante de milhares de olhos pretos nelle, — expôr a vida... frio... imperturbavel...

E o publico amava-o porque elle sabia em lances perigosos ferir as almas de admiração e prazer.

E a morte amou-o tambem... Mulher — sentiu-se atrahida pelo desdem e pela alizez daquelle adolescente negro, de movimentos agéis como o tigre e alma de creança...

Amou-o em segredo, cubiçou-o... e ciumenta, caçada de esperar que a flor envenenada do medo desabotoasse em sua alma, mandou-lhe a febre... e trinta e muitos dias esteve á beira do seu leito, aguardando paciente o instante fatal e... dejetado.

E Chrispim que só amava a sua profissão, a sua arte, os applausos do publico e que desenhava igualmente a vida e a morte... pela primeira vez, teve medo.

E o dia esperado chegou emfim, e emfim o gymnasta negro deu o seu ultimo espectáculo para a sua apaixonada — a morte, e representou sozinho, tremulo de medo, arquejando de dôr... o coração mordido pela desesperança... o numero perigoso... o salto da morte...

\* \* \*

Hoje, uma cruz humilde com um nome ainda mais humilde' marca no cemiterio goyano, o canto de terra em que Chrispim dorme o eterno somno sob o gelido e pesado marmore do esquecimento.

*Henrieta Baratinha.*

Goyaz, outubro, 1918.

Soam trindades... Vem, ó minha filha, Adormecer aqui no meu regaço; Deixa os brinqueados, vem, que já rebrilha uma estrellinha a arder no azul do espaço.

E ella occorre, alegre, pequenina, Dando-me beijos que me fazem bem; A natureza é plácida, e, em surdina, Pipitam grillos pelo mato, além...

— «Olhe, mamã, você conta uma historia?»

— «Conto, sim, meu amôr: eu já começo.»

E, nesse instante, acode-me á memoria Apenas uma historia que eu conheço.

Sua cabecita no meu hombro pousa, Com a alma ingenua a palpar na minha; E eu principio sempre a mesma cousa: — «Era uma vez a Dona Baratinha»

Que foi dar um passeio no jardim. Um baratão, que a viu, apaixonado... — «Era lindo, mamã?»

«Assim, assim...»

Poz-se tambem a passear ao lado...

E deste modo a historia continúa Dizendo phantasias que vão dar Num casamento, em que é madrinha a lua E em que uma folha é o singelo altar.

Mas minha filha a pouco e pouco dorme Enlanguescida por um somno denso; Brilham estrellas pela esphera enorme, E, enquanto sonha, eu absorta penso.

Como o meu coração é ninho de ave, Como a vida tem graça e tem enleio, Quando, ao luar, bem pura e bem suave, Posso ter a innocencia junto ao seio.

IRENE FERREIRA DE SOUSA PINTO.

# Uma divida de gratidão

— Oh, um cacete! Com certeza um cacete! — respondeu Abílio que, comodamente sentado numa cadeira austriaca de balanço, lia o expediente de seu Ministério no *Diário Official*.

— Elle diz que conhece V. Senhoria... Que, talvez, não se lembre, porque faz annos... — replicou receioso o creado.

— José de Toledo?... Não... não me lembro... Só si é outro nome...

— Outro nome?

— Isto é... quero dizer... Um homem, não conheço, não...

Mande-o embora... Ora, ora... a interromper-me a leitura...

Mande-o embora!

— Sim, senhor.

— Espere lá! Que typo tem?

— Elle tem um typo de typo, lá isso tem... E' espigado e comprido, o nó de Adão está-lhe a furar a pelle; parece que tem fome. A roupa é uma Santa Casa, e os sapatos já foram, não são mais, não, senhor!

— Uma esmolta ou uma subscrição. E' uma praga. Não se faz outra coisa nesta terra senão pedir dinheiro a quem o tem.

— E' que não se pode pedir-o a quem o não tem... De modo que quem o tem...

— De modo que não se pede, ahí está!

— Mas quando se precisa?

— Não se precisa. Trabalha-se.

— E quando se está doente?

— Vae-se para o hospital.

— Sim, senhor. Assim, sim; resolve-se tudo. O que está ahí disse que vinha por um auxilio e que V. S., em lhe sabendo o nome, não lh'o recusaria.

— E, sim, senhor.

— José de Toledo... José de Toledo!... Ah! Conheci um Toledo que era casado com uma parteira; tinha uma casa de lacticianos e um deposito de manteiga... Será elle?

— Isso não sei, patrão. Pela cara não se pode vér si é casado com parteira, mas lá pelo deposito da manteiga e dos lacticianos, como V. S. diz, não ha-de ser porque está varado de magro.

— Toledo... Toledo... Toledo... Conheci um outro. Era barbeiro; foi meu barbeiro quando eu era amannuene.

— Esse traz a barba de quinze dias... Barbeiro não pode ser.

— Espere... Creio que achei! José, você disse?

— Sim, senhor; de Toledo, porém.

— Não, não... O outro era Josué, não era José e era relojoeiro...

— Pelo relógio calhava, patrão, o que o que ahí está deve ter o estomago a dar horas.

— E depois o sobrenome, também, era outro. Era Josué Catalão.

— Catalão tem sua differença... Um é do outro é do... Si ainda fosse Catalão...

— Você não deixa de ser burro, Baptista?

— Com perdão de Vossa Senhoria!

— Para acabar, mande entrar esse individuo.

— Elle diz que conhece V. S.! Vou mandal-o entrar.

Abílio volta ao *Diário Official*.

— Oh! — exclama entre dentes — o Salles Carregosa nomeado director de minha Repartição! Uma besta daquellas! Quando entrou para a Repartição crevia officio com dois s e mercê sem cedilha... O unico que na Secretaria crevia mercê sem cedilha! Uma almiria! Director!...

— Dá licença? — era o Toledo introduzido pelo Baptista.

— Positivamente uma besta, um anno, um pedaço de idiota — continuou Abílio. — Havia que acabar com essa Commissão Central do partido... Commissão Central de bestas, é o que é!... Tudo filhos de outros Estados... Nós — pá! — ali na retranca, montados, o Salles é bahiano... eu sou paulista, ahí está... — e amassando o *Diário Official* num gesto de raiva voltou-se para o Toledo, que esperava recuro e humilde. — Besta... besta... besta... e besta...

E dando com o Toledo naquella posição de quem espera uma ducha:

— Peço desculpas...

— A' vontade! — respondeu o Toledo, ainda mais agachado.

— Não é comigo. Referia-me ao Salles Carregosa... Uma bestissima!

— V. Senhoria tem razão.

— Conhece-o?

— Não, senhor.

— Então por que é que acha que eu tenho razão?

— E' porque eu lhe venho pedir um favor... e quando se pede...

— E dizer-se que eu continuo chefe de secção!... Bandidos! Politiqueros... Uma bomba de dynamite nessa canalha toda... Emfim, o senhor desculpe-me; colhe-me na hora em que me estoura a bomba em casa.

— De dynamite?

— Peior, de podridão, de postema, de Salles Carregosa! Emfim, o senhor, é...

— Não me reconhece?

— Francamente, não. Conheci um Toledo barbeiro, um outro relojoeiro e um outro que era Catalão... quero dizer Catalão!

— Oh, aquella outra besta do Baptista! O sr. chama-se José de Toledo, não é verdade?

— Chama-se-me.

— Mudou de nome?

— Não, senhor, não fui eu, foram os outros. Dizo chamava-me, porque quando se perde a fortuna chama-se direito do ter um nome. De um polbre sabe-se que castrol-o, que encurtal-o. Mas dantes até pelo telegrapho eu era um homem inteiro. Não poupava syllabas quando me mandavam felicitar: José de Freitas Camacho e Toledo Bastos.

— E sempre assim, teu Camacho, também aquelle alarve do Salles...

— Perdão, chame-me José, é o menos fatigante de todos meus antigos nomes. Lastimo que não possa encurtal-o ainda mais, tirando a letra do meio, por exemplo; mas ficaria José, e eu tenho duvida que seja um nome de homem. E como já me negam tudo, ao menos o sexo, não acha?

— E' uma pouca vergonha!

— Que eu seja homem?

— Não, homem! A Commissão Central! A repulida é a apothose dos incompetentes. Desculpe-me ter-lhe dado de hyemem, senhor José...

— Não lhe cause incommodo. Homem não me offende, apesar de pelre.

— Em que lhe posso ser util? Aquella besta! Era o caso de mandar tirar as escrevaninhas da secretaria e pôr baías, e em vez de canetas, capim, e em vez de tinta, alfaia, e em vez de papel, milho! Mas vamos lá, que pretende de mim?

— Já que V. S. não me reconhece, vou fazer-me reconhecer. Em toda minha vida só pratiquei um acto máu...

— Que formidavel cavalgada!

— Estou, também, convencido que fui...

— Refiro-me ao Salles Carregosa, Dizia, então?

— E o unico acto máu que pratiquei foi com sua pessoa.

— Ah! Pois neste caso está perdoado, porque não me lembro.

— O senhor começava a sua vida publica, era praticante de uma repartição de segunda ordem...

— Comecei pelas amas de leite... E isso... Repartição de terceira ordem. Emfim comecei como todos começam; pelo começo, Serviço de fiscalisação das amas de leite... Sim, lembro-me, e d'ahi?

— Depois o senhor mudou de secretaria...

— Logo que se creou o Serviço de Fiscalisação, desappareceram as amas. E' sempre assim com o Governo: onde mette a mão esterilisa.

— Naquelle tempo V. S. era meu inquilino, entendia-se com meu procurador.

— Si é assim devia ao menos ter visto seu nome nos recibos.

— Talvez não, porque o senhor ficou a dever o aluguel dos tres mezes durante os quates occupou a casa.

— Eis ahí uma coisa de que não me lembrava!

— Mas não podia ter deixado de ver meu nome no acto da execução, porque eu que nunca persegui um devedor...

— Póze-me na rua e tomou-me os trastes. Ah foi o senhor?

— Sim, senhor, foi o unico acto má de toda minha vida.

— Ah. Então foi o senhor? Disse me lembro, oh, si me lembro.

— Foi o que eu pencei. Do mal que se faz sempre ha quem se lembre; dá benefícios, ninguém!

— Era uma cama de ferro, um lavatorio do mesmo metal, uma cadeira e um bahú. Foi tudo em praça, ás rebatinhas. A cama, as cadeiras, pouco se me deu, lembro-me que eram de ferro. Mas o bahú...

— Era de folha...

— O bahú era uma lembrança de minha mãe, que enfiou semanas a fazer bicourtas para o comprar. Era um bahú, senhor José de Toledo, no qual se resumiam todas as saudades de minha infancia até ao momento em que troquei a companhia de minha mãe pelas amas de leite, quero dizer, pelo serviço publico. E em leilão deu apenas mil e quinhentos!

— Si é assim, devia ter dado ao menos dois mil réis. Mas estava muito amolgado.

— Que foi que o arrastou áquelle acto de crueldade? Lembrou-me que o senhor era tido por um creder benigno. Foi mesmo o que me levou a lhe não pagar.

— Um incidente ridiculo: uma caixa de banana. E' sempre assim na vida. Um incidente sem importancia é ás vezes como um torpedio submarino: decide de um roteiro.

— Caixa de banana? Submarino?

— Eu namorava uma sua vizinha e nosso casamento estava por um triz. Para mim ella resumia tudo áquelle momento; era, aproximadamente, como o bahú para o senhor. Uma noite salhamos juntos a passeio, seguidos pelos meus futuros sogros. Logo que salhamos inicii minha declaração e quando passavamos sob uma de suas janelas e eu, tremulo e resolutio, comeccei a pronunciar a phrase suprema, o amote, escorreguei numa caixa de banana — fui torpedeado, meu amigo, por uma caixa de banana — e resobolei, e escarapatchei-me desastrosamente, rasgando o paletó e desarticulando as calças... Ella poz-se a rir. Eu tentei levantar-me e, zis, outra vez, no chão! Os paes reprehendiam-na: Que é isto, minha filha? Não se ria! — e elles tambem, arrebolhos o riso as bochechas, que as tinham contrahidas e infladas para não rir!

— Que desastre! Machucou-se?

— Foi o que elles me perguntaram, tambem, ao cabo de alguns minutos, quando eu me tive em pé. Machucou-se? Uma queda destas mata, não machuca. Sahi corrido e nunca mais tive coragem de apparecer lhes.

— Lamento imminatamente.

— Vê? O senhor tambem ri-se!

— Não, senhor. Evidentemente si eu tivesse previsto teria comido uma outra fructa á janella; ou fructa que não fizesse escorregar, uma laranja, uma batata doce, por exemplo.

— No dia immediato quando soube que o senhor estava em atrazo de tres mezes não tive contabilidade. O odio é assim; descarrega-se sempre sobre algum. E fez aquillo.

— Pois fez mal e foi injusto. Juro-lhe que, comendo aquella banana, não tive a menor intenção de desmanchar seu casamento.

— Hoje estou convencido disso, mas na hora da raiva não ha quem raciocine. E não me tendo casado, aborreci-me da vida, deixei tudo correr ao léu, perdi o que tinha, o que não perdi roubaram-me, e o que restava carregaram-m'o. E acabei neste estado. Agora que estou na miseria tenho recorrido a todos aos quaes fiz beneficios, e todos, sem excepção, fecham-me a porta. Lembrou-me, então, de procurar o senhor que foi a unica pessoa a quem fiz algum mal.

— Lembrou-me que foi socio de uma grande casa.

— Teixeira & Cia. Companhia era eu, e tambem Teixeira porque o Teixeira não tinha nada do seu. Emprestei-lhe cem contos.

— Cem contos! Quasido me lembro de meu bahú!

— Cem contos, quem ha de dizer, vendo-me nesta miseria? Montou-se a casa e no fim de dois annos, quando veiu o primeiro balanço gordo, vendo que o negocio ia bem, o Teixeira...

— Deu-lhe um presente?

— Não, senhor, deu-me por auctente e convidou-me a disolver a sociedade. Entregou-me os cem contos e ganhou mil, em seguida. Procurei-o ha dias: deu-me vinte mil réis e disse-me que não podia ser sempre!

— Vinte mil réis sobre mil contos quanto vem a ser por cento?

— Não se fazem dessas contos em materia de gratidão. O Orosio é outro: emprestei-lhe cinquenta contos para o livrar de um

processo por um desfalque. Chegou a ministro, fechou-me a porta.

— Ah, quanto a politico, não me fale, meu amigo, uma coisa! Estou com elles por aqui, pelos gorgomilos. Olhe o Salles Caregosa! Só com isto já comecou a sympathisar consigo. Podiam ter nomeado o Bento Ferreira. Aquelle ao menos sabe escrever. Desempenha separando o de e o feimento.

— Mas não são só os politico. Quer saber? Até os patraes-est! Tenho um sobrinha que andava lavando cachorro, carregando embrulhos. Burro até alli! Dei-lhe posição, dinheiro, e até indirectamente casamento rico. Chama-me ladrão! Não digo que seja um canalhinha porque não quero offender os canalhas.

— Pois, apesar do que me fez, estou ás suas ordens. Eu quero de mim? Posso dar-lhe um pequeno auxilio e torná-lo um pouco mais feliz.

— Ah, eu bem andei em procurá-lo. Um pequeno auxilio porém, é muito, mas não é tudo. O senhor tem obrigação de fazer alguma coisa mais por mim.

— Hem esta agora! Pelo que? Pelo mal que me fez? — Sim, pois que vejo que só o mal é lembrado neste momento. Não tenho onde dormir, ha tres noites poeure um pouco. Vi ahí no seu quintal um quarto desocupado...

— Si é só isso... Afinal o senhor tem graça na sua phisicosophia, tem graça e cêce bem. Eu sou um solteiro sem ninguém. Tenho pensado em trazer para casa algum que tambem não tenha ninguém. Seríamos dois alguns sem nenhum ninguém, e tentamos que acalhar, forçosamente, dedicando-nos um ao outro, para o senhor da vida. Quer você ter áquelle aliquem? Permite-me que o estude você?

— Ora, como não! Eu bem dizia! Que vida sima a sua!

— Não ha almas boas, amigo Toledo, é egoismo, puro egoismo. Não sou rico como o Teixeira, nem como o Orosio, nem o outro. Tenho, porém, trezentos mil réis de arrendado e o cargo é vitalicio. Ora, os tres mezes de aliquem que lhe devo, si ha contos e capitalizados juros, já andariam p'ali um ou dois annos. Pago-lhe num pagamento vitalicio. E vou tratar de arranjar-lhe um bico na Repartição, para as despesas mensaes.

— Já não é mais das amas de leite, pois não? Por que a minha idade...

— Não, é agora o reconhecimento. A vida do arrendamento é sempre grande, porém, seja em que serviço for. E uma pessoa mais uma pessoa menos, não faz differença no reconhecimento.

— Oh, como agradecer-lhe!

— Aceita!

— Aceito mas com uma condição.

— Ainda uma condição? O senhor é extraordinario!

— Uma condição simples: Quero que amanhã mesmo o senhor peça demissão do cargo que exerce.

— Hein? (aparte, pondo-se em defesa) Está maluco...

— O senhor já deve estar cansado de não fazer nada. Quantos annos?

— De serviço publico? Vinte. De facto cansa. E as queixas misérias? O Salles Caregosa meu director!

— E então? Largue o emprego; mande o Salles Caregosa ás lavas. Para que cêce o senhor de um emprego de trezentos mil réis?

— Para que eu preciso de... (aparte) Coitado! A miseria entendeu-o! (alto) Com que hei de eu viver, com que hei de manter-o?

— Com seus rendimentos.

— Rendimentos? Mas eu não tenho sistema de guardião.

— Não tem vintem? Nada menos de trezentos contos, e dos bons!

— Eu? (aparte) Polbre desgraçado - na miseria e maluco! (alto) E' verdade, tenho, tenho... Trezentos contos e dos bons. Mas si o senhor quizesse passar amanhã... (colocando-se por trás de uma mesa em attitude de defender-se).

— Vou revelar-lhe o meu segredo. Não se espanta que eu não estou doido. Minha miseria é uma comedia, e uma comedia muito alegre no ultimo acto.

— Eu sei... eu sei... (rindo-se) Muito alegre... sim, senhor...

— Não estou maluco, creia! Quiz apenas experimentar os amigos, todos os que comiam á minha mesa, eu que havia recebido beneficios de minhas mãos. Varios vez quantos amigos verdadeiros tenho! — peanei um dia. Fingi-me, então, arrounido. Foi um desastre: fugiram todos. Digo um desastre porque antes eu tinha, ao menos, a illusão de os ter, e já, agora... A vida nunca e gente deve procurar descaçar: é como as laranjas amargas. Lembrou-me do senhor e acabo de descobrir que si minha miseria fosse verdadeira teria por fundo um inimigo.

— Ah! (muito tranquillo) Então o senhor?...

— Ainda sou o José de Freitas Camacho e Toledo Bastos. Possão seiscientos contos em títulos, metade de minha fortuna passa a penitenciar-lhe, e viveremos d'ora avante juntos. Aceita?

— Mas isto não é pilheria, não? Você não está maluco?

— Olhe! disse Toledo, mostrando um pacote de papeis.

— De facto... Oh, Toledo! Será possível? Venha de lá um at: 1250! Porque diabo não comi eu aquella banana ha mais tempo?

— Agora uma outra coisa: quero pôr em leilão pela segunda vez os seus moveis. Desta vez, porém, despejo-o para o meu novo palacetico.

— Ponha, ponha tudo em leilão, até o meu creado, até o Baptista.

— Uma ultima declaração: Sou um psychologo e foi sempre minha mania descobrir as primeiras impressões. Qual é sua impressão neste momento, verdade, recorde, sem acanhamento?

— Franqueza... franqueza? Vá lá: E' de alegria, de grande alegria ao pensar na cara do Salles Carregos, nas caras dos meus

superiores, e nas dos meus inimigos quando souberem que estou rico... Ah... ah... ah... Vão ficar lulas? E a sua?

— A minha?

— Francamente, como eu disse a minha.

— E' que não ha mais gratidão, ou antes que nunca houve.

— Perdão...

— E' que amanhã o senhor teria capaz de fazer o mesmo que o Osorio, o Teixeira, o meu sobrinho...

— Não, senhor. Eu disse a minha primeira impressão, mas disse mal... A minha primeira impressão é de gratidão... Eu sei agradecer o beneficio que me fazem... nunca fui ingrato... eu...

— Não é preciso dizer mais; todos os outros falaram-me assim desde meu creado, até que deu o desfalque e chegou a Ministro... Já agora tenho que arranjar um outro inimigo para o caso...

Rio, 20 de outubro de 1918  
(Da Academia P. de Letras).

Claudio de Souza.

## ENTRE ENTENHO DO A VENTRILOQUIA DO

A ventriloquia pôde ser classificada como um passatempo. E como passatempo, é dos mais interessantes e attractivos. Um homem habiê pôde, com essa habilidade, recrear um salão, tornando-se alvo da attenção de todos e obter um immenso successo. Não se pense que a produção deste trabalho é difficil. Não, está ao alcance de todos, ou, pelo menos, de um grande numero de pessoas. Existe um grande erro na supposição que em geral se fórma desta habilidade. Suppõe-se erradamente que a ventriloquia é a voz que parte de ventre e do estomago. A palavra parece indicar que assim é. Antigamente os ventriloquos eram rarissimos. Hoje, são tão communs, que já, na Europa, não fazem mais successo nos theatros. A

arte da ventriloquia consiste em aprender a modificar a voz de maneira que pareça vir de longe e que imite a de outras pessoas. Ventriloquia é, pois, a arte que estuda as inflexões da voz, dos seus effeitos á distancia e, sobretudo, dos accentos profundamente tristes e soffredores. Sem um conhecimento perfeito dessa parte da arte da ventriloquia, o operador não pôde obter, perante o seu publico, o effeito necessario. Para se ter uma idéa exacta do effeito que produzem as palavras que se emittem com determinado proposito, observe-se que umas phrasas pronunciadas pelos mesmos labios e com a mesma entonação, encontrando-se a pessoa por traz de uma porta fechada ou entreaberta, ou então, escondida numa caixa, difficilmente causarão a mesma impressão aos ouvintes se fossem pronunciadas na presença d'elles. Baseado nestas experiencias é que está o estudo do phenomeno, ou, melhor, dessa habilidade. Quem alcança verdadeiro exito neste trabalho é aquelle que sabe pronunciar palavras ante um auditorio com as exactas inflexões que chegam aos ouvidos deste, como se estivesse escondido em outro lugar, fóra da vista do publico,

Admittindo-se que o artista possuia essa faculdade de imitação dos sons, facil lhe será crear uma perfeita illusão no auditorio, voltando-lhe as costas para falar; em outro caso, quando, por exemplo, o ventriloquo deseja operar frente a frente do seu publico, tem que aprender a arte, não menos difficil, de falar com os musculos da garganta, sem alterar as feições nem mover os labios, porque qualquer movimento ou acção muscular no rosto do operador accusa a emissão directa dos sons. Ora, o que elle pretende é fazer crer que os sons partem de outro lugar. Trahindo-se por qualquer movimento dos musculos ou alteração das posições, não obtém elle nenhum effeito. Trata-se, pois, de duas artes: a imitação dos sons e a habilidade de emittil-os sem nenhuma acção muscular vizivel.

Como se vê, a ventriloquia não é um phenomeno, como antes se acreditava. E' uma arte que está ao alcance de qualquer individuo intelligente e que seja dotado de bastante tenacidade para não desanimar nos seus exercicios.

Primeiro deve ser exercitada a arte da imitação; depois, utilizados, por meio de exercicios constantes, os musculos da garganta, onde se fórma o som.

A ventriloquia é, pois, uma habilidade pacientemente adquirida pela constancia.

### bes romanesques

Do evantador poeta Edmond 'Rostand, morto este mez, temos, nesta redacção, alguns exemplares do magnifico poema theatral 'Les romanesques', em edição luxuosissima. As illustrações são feitas a cores e a negro e são assignadas por J. — M. Auv. Paul-Chabas e Paul-Albert Lauzens. E' uma edição propria para presente, que vendemos a 15\$000 o exemplar.

Os pedidos devem ser dirigidos á redacção da 'Revista Feminina', acompanhados da respectiva quantia.

## As pállidas

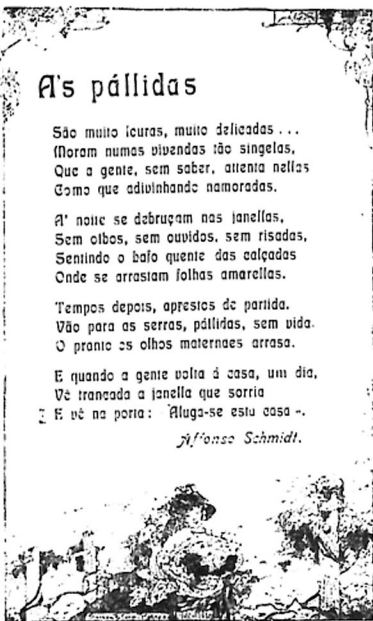
São muito leuras, muito delicadas...  
Moram numas vivendas tão singelas,  
Que a gente, sem saber, acenta nelas  
Como que aduinhando namoradas.

A' noite se debruçam nas janellas,  
Sem olhos, sem ouvidos, sem risadas,  
Sentindo o bafo quente das calçadas  
Onde se arrastam folhas amarellas.

Tempos depois, apressos de partida,  
Vão para os serras, pállidas, sem vida,  
O pranto e os olhos maternaes arrasa.

E quando a gente volta á casa, um dia,  
Vê trancada a janella que sorria  
E vê na porta: 'Aluga-se esta casa'.

Alfonso Schmidt.



## « Symphonias de Pan »

Conta Plutarco que, estando uma noite o piloto romano Ehamo, nas imediações de certas ilhas, o vento cessou de repente. Todas as pessoas á bordo estavam bem acordadas, quando ouviram dentro da espessa noite uma voz que vinha das ilhas e que chamava Ehamo. Este deixou-o e chamou-se duas vezes sem responder, mas á terceira, respondeu. A voz então disse-lhe que, ao chegar a certo lugar, gritasse que o grande Pan tinha morrido.

Não houve ninguém a bordo que não ficasse tomado de terror e espanto. Deliberou-se se Ehamo devia obedecer á voz; este concluiu que, se quando chegassem á paragem indicada, houvesse bastante vento para passar adiante, não era preciso dizer nada; mas se ali uma calmaria os delatasse, era necessário desemparar-se da ordem recebida. Ficou surprehendido da calma que reinava neste lugar, e immediatamente começou a gritar: «Pan, Pan; o grande Pan morreu!...»

Apenas cessou de gritar, ouviram-se de todos os lados queixas e gemidos...

Dizem os Poetas que a humanidade ainda chama pelo deus Pan; as queixas e os gemidos são sempre os mesmos, por isso quiz reunir como ponde, d'aqui, d'aí, de um livro antigo ou de uma antologia moderna estas queixas, estes gemidos... ouvi os cantos e os comelhos de Pan que sómente se pronunciam durante as noites longas e silenciosas. Quando estas symphonias não reverem a outra cousa, ao menos quero d'ellas conservar um suspiro de vida e de saudade. Por que? Porque o raio do sol pôz nesta flôr uma alma tão singela?

Porque a primavera veste-se de verde e as andorinhas cantam de ramo em ramo?

Porque as aguas que vão ao mar murmuram como um gigante ferido?  
Porque hoje estou deslumbrado de luz e mais tarde estarei n'uma tenebrosa escuridão?

Por que? por que?  
E Pan respondeu-me: Não tens razão de estar tão triste; não sabes por acaso que o livro do porque foi para o mar!... não existe...

Porque de amor definha uma princeza, e, por amor o pagem sabe morrer? Porque ás vezes sou tão máo que desejava fugir de mim mesmo? Porque ás vezes sou tão bom que fico satisfeito comigo mesmo? Porque um véo escuro cobre a minh'alma gelida? E porque o mal? E porque o bem? Porque? Porque?

E Pan respondeu-me: Infeliz, não tens razão de estar tão triste; não sabes por acaso que o livro do porque foi para o mar... não existe.

Porque eu vivo, sinto, vejo e penso? Porque estou saudosos dos beijos de minha mãe? Porque o esquecimento me faz desaparecer dos olhos, a pouco e pouco, todo o passado como um navio que se afasta vagaroso da terra? Porque o amigo, a mulher, os paes que amei não viveram mais? Porque não sou mais quem fui? Porque me parece não ter nascido? Porque a realidade é uma chimeria? Porque? Porque?

E Pan respondeu-me definitivamente: Louco, não tens razão de estar triste; não sabes por acaso que o livro do porque foi para o mar!... não existe.

E Pan continuou a dizer-me:  
Escuta o rumor das aguas que vão para o abysmo, escuta o teu coração: agua que corre pelo infinito, coração que ama, terão ambos o mesmo rythmo de harmonia; verás a tua vida nisto tudo. A illusão é uma palavra vã. O que tu chamas illusão não é tenão uma forma de vida mais profunda e mais intensa.

Seja a tua mocidade como um hymno, como um canto larguissimo que vá ao infinito, que vibre tão forte, para o seu echo seguir-te por toda a vida.

Se a palavra Rei, tem um significado entre os homens, ella é realidade sómente para aquelles que fazem viver esta idéa. Alóra disse o resto é verdade.

Nó através do coração de uma mulher poderás comprehender e amar a infancia.

No administrar a tua justiça, não esperras nunca que és tambem tu: um homem.

Eu não sei dizer-te, meu amigo, as novas leis que adoptarás no curso de tua existencia, sei porém que a tua creatura será para ti sagrada: — tua mãe.

Esta é a planta, a pobre e fragil planta, que deu todas as suas flôres por ti, além do amor e da morte. Saílhas venerar tua mãe.

Isso me disse Pan pela vez primeira na solidão daquella noite.

Luz Vicente Cassiano.

## AO LUAR

A' Irene Camargo

Noites de encantos e maravilhas!  
Gemia a viola dos boadeiros;  
Pairava a lua sobre as coxilhas.

Os bois dormiam pelos outeiros;  
Enchendo a noite de almos perfumes,  
Floram muitas de jasminetos.

No céu brilhavam pallidos lumes;  
Pontuando o campo verde-solombr,  
Bailavam bandos de vagabundos.

Crespo, osculando, no leito frio,  
Hervas e flores, rochas e fragranas,  
Rápido e rouso rolava um rio.

Feita de indias, etheras maguas,  
Como era grato seismar ouvido  
A neenia triste daquellas aguas!

Lembrava o arroyo, trepido e lido,  
Nixen serpente de argenteos flancos,  
Sempre correndo, sempre fugido

Entre pastagens, entre barrancos,  
Fulgia o orvalho nas tenras unhas,  
Das rosas brancas e lyrios brancos.

Dentro de escovas, lobregas furnas,  
Ao longe, esovam, pelas coxilhas,  
Vozes e gritos de aves nocturnas.

Noites de encantos e maravilhas!  
Oh! quantas vezes, ao luar, errámos  
Por verdes bosques, escuras trilhas!

Sob arvidados, trenculos ramos,  
Falem as flores, falem os ninhos)  
Que bellos sonhos architectamos!

Os nossos passos, pelos caminhos,  
Fam lamburios nas espessuras,  
O somno leve dos passarinhos...

Doirando moitas invidas, escuras,  
Ante seus olhos deslumbradores  
Raiava a aurora nas espessuras.

Pisando relvas, trilhando flores,  
Voava nos ermos a imagem sua  
Com a ligeireza dos heija-flores.

Branqueando a estrada deserta e nua,  
E acariando seu vulto boiro,  
Sobre as campinas vagava a lua...

Qual se a atrahisse regio thesoiro,  
Fulvos lampyrios in a prendellos  
Na fina toia das tranças de ouro.

E assim corria, toda desvelos,  
Sobre o velludo daquelles campos,  
Sultos os longos, aureos cabellos

Lantejoulados de pyrillamos!...

JOINVILLE BARCELLOS.



*Último retrato de VIRGÍLIA DE SOUZA SALLES, a brilhante e gloriosa patriciã,  
fundadora da "Revista Feminina".*



# Em vez de um, dois

— COMEDIA DE ROBERT DE HIERS E G. DE CAMILLAC —

Esta composição dialogada não pertence precisamente a nenhum genero dramático determinado. Pela ingenua simplicidade da acção, assemelha-se ao genero novelista da *épate-médée*, mas, pela ausência do diálogo, poderá recordar, para certos crítics, o nome de *Aristophanes*, que é um dos muitos nomes que elles conhecem. A rapidez das scenas e a variedade dos scenarios podem ser tentados a Shakespeare, mas a sua verdadeira essencia é impossível de se classificar.

Scena primeira

JOÃO DE MORAES, 21 annos.  
GASTÃO TERRAL, 23 annos.

Em casa de João de Moraes. "Garcouzeiro" peyquiuu, scien, de um gosto discreto, mas hesitante. Esthetica hesitante. Alguns objectos modernos, mas de aspecto esthetico: "bêlêlots" de antiguidade, mas de fabricação recente. Estatuetas sem caracter, quadros sem personalidade.

João — E' insupportavel o que estás fazendo. Que diabo tens tu? Desde a madrugada que mandas perguntar por mim, como passei a noite, como vou de saúde... Mas, ainda hontem á tarde, estivemos juntos, conversámos, trocámos idêas...

Gastão — Mas de hontem para hoje pôde ter acontecido muita coisa.

mo que as coisas verdadeiramente graves acontecem num piscar de olho, como um accidente na bolsa, um desastre de automovel, a queda de um prédio, um incendio, uma ruptura feliz, que sei eu? Tudo isso acontece em menos tempo do que é preciso para contar o proprio episodio. E não te falei do principal acontecimento, que é o que me interessa e cujo resultado me poz terrivelmente embaraçado.

João — Ah! já sei. Quanto perdeste?

Gastão — Duas horas. Durante duas horas ganhei. Ganhei como ganham os jogadores medrosos, em paradas pequenas e certas.

João — Quanto ganhaste?

Gastão — Tres vezes! Eu estava no "banquier-sortant", á espera da minha mão...

João — Quanto perdeste?

Gastão — Um instante. Imagina que um instante bastou para que eu perdesse todo o meu sangue frio. E prompto!

João — Mas perdeste emfim?

Gastão, depois de um silencio. — Quinze contos.

João, com uma admiração — Puxal!

Gastão — Palavra d'honra!

João — Creio. Parabens!

Gastão, com simplicidade — Querres emprestar-m'os?

João — Estás louco!

Gastão — Recusas?

João — Não é uma recusa. E' que eu não tenho tanto dinheiro.

Gastão — Mas podes arranjar-o.

João — E tu?

Gastão — Eu, não. Impossivel

arranjar-o. Se eu não tivesse perdido, talvez não me fosse difficil obter, por emprestimo, essa quantia ou mais. Mas como perdi, é certo que não encontro

quem m'a empreste. E' a logica dos homens.

João — Pois fize' um esforço. Mexe-te. Tu f'io, o co-

ronel Ambrosio, quem sabe te adianta algum dinheiro?

Gastão — Não, Elle é muito pobre.

João — E teu paiastro?

Gastão — Esse, muito menos. E' muito rico. Demais, comprehende. Estou soffrendo o aborrecimento de haver perdido essa somma, e não quero juntar a esse o desgosto maior de ir mendigal-a. Tu, como bom amigo, devias soccorrer-me. Escuta. Já me tens cumulado de tantos favores... Faze mais esse. Emfim, seja! Até logo.

João — Gastão, não te vás embora. Escuta.

Gastão — Vae me dar lições de moral?

João — E então?

Gastão — Se ha um instante em que a moral é perfeitamente odiosa, é esse, depois que a gente perde quinze contos quando os não possui. Verdade é que é muito mais desagradavel perdê-

os quando a gente os possui.

João — Meu caro, és um homem perdido.

Ha mezes que fazes uma vida desvaivada. Precisas disciplinar a vida.

Gastão — Ainda não. Ainda não me diverti bastante.

João — Dás-te ao luxo de fazeres dividas que não podes pagar, de te enterres na lama até ao pescoço.

Gastão — Estás com inveja...

João — Eu? Ora! Não tenho nenhuma vergonha de confessar que sou um rapaz sério. Não ha crime em ter a gente o gosto da ordem e o cuidado com o futuro.

Gastão — Falas como um ministro de finanças. Quando penso que tens um paé, aquelle velho elegante, "smart", brilhante, cheio de phantasias e vicios finos, que tinges os cabelos e usa polainas de fustão, emquanto o filho é um modelo de virtudes! E' ocio.



João — Isso é verdade. Numa hora pôde haver um cataclysmo.

Gastão — E até num minuto. Acho mes-

tre quem m'a empreste. E' a logica dos homens.

João — Pois fize' um esforço. Mexe-te. Tu f'io, o co-

ronel Ambrosio, quem sabe te adianta algum dinheiro?



João — Quanta sabe se será mais feliz...  
Gastou com uma bonita doloressa — Eu  
sou sempre feliz.

### Scena II

GERMANA —  
THEREZA —

Uma vez a filha do capitão da cidade, no par-  
ticular de "mimosa", e se contentava de ser feliz  
tinha. Sabemos que era proprietária de muitas  
casas. A sua fortuna foi a capitalista. Ao  
passar a vida por as mãos de outros, chegou a  
situação que hoje se vê perante mim, e não  
de João.

João — Então, Germana, posso contar  
com a tua promessa? Queres mesmo ser mi-  
nha mulher?

Germana — Sim, João.

João — Como sou feliz!

Germana — Eu também.

João — Você não tinha desconfiança do  
que eu lhe ia dizer hoje?

Germana — Certo que sim. Tinha alguma  
dúvida a propósito da minha dúvida.

João — Quanto aos meus sentimentos, vo-  
cê está bem segura delles, pois não?

Germana — Eu já estava segura antes de  
você.

João, encantado — Sim? porque não me  
dize?

Germana — E' boa! E, porque não me  
dize você?

João — Não tinha coragem.

Germana — E eu estava á espera.

João — Ainda bem que hoje, meu grado  
nosso, confessámos tudo um ao outro.

Germana — E' verdade. E tudo tão na-  
turalmente.

João — E, dizes que o amor é uma coisa  
complicada?

Germana — Qual complicada! Tudo de-  
pende da occasião.

João — A occasião é que nem sempre se  
encontra.

Germana — Fomos felizes em tel-a encon-  
trado. A mim dá-me a impressão de ter re-  
cebido um presente inesperado.

João — Sinto-me muito feliz. E sabe por-  
que? Porque pensava que eu não era o seu  
tipo.

Germana — Porque?

João — Ora! Sou tão diferente desses  
outros rapazes, frívolos, smarts, dessa elega-  
ncia caprichosa que agrada tanto á moças!

Germana — Curioso!

João — O que?

Germana — Eu pensava tambem da mes-  
ma maneira, por causa do meu ar provincia-  
no. Pensava dar a você a impressão de ser  
uma tolinha.

João — Somos, portanto, semelhantes: nem  
romanticos, nem smarts, nem complicados.

Germana — E amamo-nos. Eis tudo. Não  
se trata de romance. E' o amor verdadeiro,  
que é o melhor.

João — E'.

Germana — Eu sinto que o amo muito.

João — Creio. E a proposito do nosso ca-  
samento, acha que os nossos paes se opporão?

Germana — Qual! Elles são tão occupa-  
dos! Não têm tempo de fazer opposição. Ma-  
mãe está sempre a preoccupar-se com o corso,  
as villégiaturas, as tarefas da vida a chic.  
Quanto ao papae, vive a estudar planos de  
expansão industrial, e em companhia dos oje-  
tarios, na fabrica.

João — E tua irma?

Germana — Thereza? Não sei. Mas vou  
dizer-lhe tudo.

João — Hoje?

Germana — Oh! sim! Sinto-me muito  
feliz para poder calar-me.

João — Quando será que meu papae irá  
encontrar-se com o seu papae pedir-lhe a mão?

Germana — Amanhã, com certeza. E an-  
tes do almoço.

João — Porque?

Germana — E' um palpite.

João — Que bom! Assim não se perde  
tempo.

Germana — Que bom! Eu já tenho vinte  
annos.

João — E eu vinte e quatro. Que ver-  
gonha! Já podíamos estar casados ha dois  
annos.

Germana — E' verdade.

João — Quanta felicidade e tempo per-  
didos!

Germana — Não faz mal. E' sempre  
tempo de recuperar a felicidade perdida.

### Scena III

GERMANA —  
THEREZA, SUA IRMA, 22 ANOS.

Um "baudoir" classico de moça saltosa.  
Pendentes da parede, utensilios de sport, pa-  
lmas, flores, um par de saquetas de lençol,  
etc. Atmospha de coqueteria.

Germana — Que pensa você de João  
de Moraes?

Thereza — E' um excellent moço.

Germana — Ora, mais que isso.

Thereza — Intelligente, bem educado.

Germana — Mais que isso.

Thereza — Sério, gentil, delicado, sincero.

Germana — Oh! muito mais que isso!

Thereza — Mais o que?

Germana — E' que eu o amo.

Thereza — Bravo! E como foi isso?

Germana — Acabámos de nos confessar  
tudo, hoje.

Thereza, rindo — Creança que é você!

Germana — Porque se é?

Thereza — Porque tenho de que.

Germana, indignada — Oh!

Thereza — Você não pôde saber o que  
é o amor.

Germana — Sei muito bem o que é isso,  
porque amo, naturalmente, simplesmente. Ain-  
da não aprendi a ser complicada. Demais, vo-  
cê é mais velha que eu apenas dois annos.

Thereza — Mas tenho a experiencia ha  
meios tres vezes.

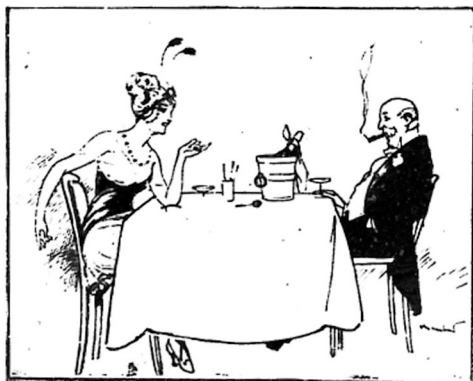
Germana — Você!

Thereza — Sim, eu. E de cada vez tra-  
teva-se de amor definitivo. Agora, mais exper-  
imentada, desmonho de tudo e não me deixo  
apoiar na réde. Diga-me uma coisa. Você  
é capaz de, numa loja, computar o primeiro  
objecto que o caixairo lhe offerece?

Germana — Não. E' preciso heitar  
recuar, decidir-se, voltar atrás, e, por fim re-  
coller, mais offelher com consciencia. E, pre-  
cioso, sobretudo, não confundir a setmeta com  
o tailetta, e o capto-homino com a verdadeira  
paixão.

Germana — Pois eu lhe garanto que o  
que João e eu sentimos é a verdadeira paixão.

Thereza — Que façam o teu flut com  
elle, não ha mal. E' a primeira heza de sa-  
grima. Mas fique sabendo que você não en-  
tende nada disso. Em amor você pensa como





uma collegial. É preciso que você seja castigada por quatro ou cinco papaes para encontrar o bom ou máo, enfim, aquelle que será o teu marido.

Germana — Therzia, O facto é que o senhor Moraes vem hoje falar com papae para pedir-me em casamento.

Therzia — Que pressa! Impossivel!

Germana — Veja só. Eu não sabia que as outras são obrigadas, antes de amar, a tentar essa porção de provas. O que eu sei é que o meu amor, apesar de ser o primeiro, é o verdadeiro e definitivo.

Therzia — Oh! o que illusão!

Germana — É o que lhe parece. O que lhe peço é que não brinque com os meus sentimentos.

Therzia — Então, perdoe-me.

Germana, pegando-lhe das mãos, com ternura — Eu quero muito a você, Therzia. Eu lhe quero, mais do que você suppõe.

Therzia — E quando você vae falar com papae e mamãe?

Germana — Quería dar essa incumbencia a você.

Therzia, recusando — A mim!

Germana — Sim. Eu sinto-me sem coragem. Os velhos me tratam como se eu fosse uma creança. Ao passo que você... elles têm mais confiança em você.

Therzia — Pois seja.

Germana — Como lhe quero bem!

Therzia — Tanto como ao João?

Germana — Oh! isso não!

Madame — Nós tambem. Soubemos da coisa pela Therzia.

Moraes — Ah! sim? Então não percamos tempo. Caço moralmente as minhas luvas e tenho a honra de pedir a mão de sua filha Germana para o meu filho João.

Madame — Nós sentimo-nos muito honrados com esse pedido. Sabiamos que o senhor vinha hoje para esse fim.

Senhor Severo, que até então, silencioso, mas interessado, se occupava em luniar o seu havano — Sabiamos, mas sentimo-nos, neste momento, muito honrados.

Madame — Honrados e commovidos.

Moraes — Consentem então?

Senhor Severo — Em these, sim.

Madame — Mas só em these, porque Germana ainda é muito nova.

Moraes — Quasi tao nova como a mãe.

Madame — Oh!

Senhor Severo — É o seu filho naotem tenao vinte e quatro annos, creio...

Moraes — Mas já é um pouco mais velho que o papae...

Senhor Severo — Escuta, caro amigo. Sejamos francos. Crês tu que esse casamento fará felizes os nossos filhos?

Moraes — Não estou habilitado a responder á pergunta. Não nasci para propheta. Se eu cuidasse que me vinhas propôr problemas tao embaraçosos, não vinha cá.

Senhor Severo — Não é preciso ser propheta. Examinemos, antes de tudo, as parentias da felicidade delles.

Moraes — Pelo casamento?

Senhor Severo — Por certo.

Madame — Bem entendido.

Moraes — O meu filho João segundo pensa, não dará bom marido?

Madame — Conheço bem o teu filho, senhor Moraes. É um moço excessivamente serio. É isso que me inquieta.

Moraes — A senhora tem talvez razão. E já que me fala com tanta franqueza, devo confessar-lhe uma coisa e é que... mademoiselle Germana me inspira tambem algumas apprehensões.

Madame — Já o adivinhava.

Moraes — Oh! é uma menina enantadora, cheia de qualidades brilhantes, mas, como disse? não tem o nize muito bem assentado.

Madame — É a pura verdade.

Moraes — Juro, por exemplo, que ella nunca tentou um flirt.

Madame — Nunca. É uma

lacuna na sua educação. O senhor não imagina quanto a tenho censurado por esse defeito.

Moraes — Isso é grave. É preciso que uma moçinha da minha sociedade saiba ser coquette com os homens. Se ella, como menina, nunca foi atacada, não saberá defender-se, quando mulher?

Senhor Severo — Gostaria que Germana fosse como a mãe mais moderna, mais sportiva, mais audaciosa.

Madame — Ella é muito provinciana. Tem um ar excessivamente casto.

Moraes — É o meu filho é excessivamente honesto. É uma lacuna na sua educação.

#### Scena IV

SENHOR SEVERO, 50 annos.

MÃO SEVERO, apparencia de 40 annos.

MONSIEUR MORAES, 60 annos. Typo de velhote "senhor".

*Um salão confortavel e luxuoso. Mobilia rio de estalo. Um pouco de mistura de mo do gosto naquello conjunto sumptuario.*

Moraes — A senhora não desconfia do objecto da minha vizita...

Madame — Desconfio. Desconfio.

Moraes — A senhora tem sorte. Eu, ha uma hora, estava longe de o desconfiar.

Madame — Elles não podem amar-se nessas condições.

Senhor Saverio — Seriam desgraçados. Moraes — Meu filho é inteiramente oposto a mim.

Madame — Oh! se é!

Senhor Saverio — Oh! se é!

Moraes, lisonjeado — Obrigado aos dois. Francamente, não sei a quem sahi aquelle rapaz. Como sabem, minha mocidade foi accidentada, desvairada, cheia de immensas aventuras. E só depois que experimentei de tudo, é que me resolvi a casar. O que não obstei a que, depois de casado, recomences todas as loucuras interrompidas, exactamente na idade em que essas loucuras são, por certo, muito mais interessantes... Dissipei duas ou tres heranças ao «tableau» do bacarat. Fiz tão desgraçada a minha mulher, que acabei por amala.

Madame — Numa palavra, o senhor teve uma mocidade encantadora.

Senhor Severo — Tens saudade della?

Moraes — Não. Ainda não sou tão velho...

Madame — E o seu filho?

Moraes — E' o contrario... Methodico, sério, honesto, trabalhador, escravo dos seus deveres, todo cheio de escrupulos...

Madame — Nunca teve aventuras?

Moraes, com ar desencorajado — Nunca!

Madame — Nunca jogou?

Moraes — Nunca!

Madame — Enfim, nunca fez loucuras?

Moraes — Nunca!

Madame — Que e semsaborão!

Deve gosar de uma esplendida saude.

Moraes — Esplendida.

Madame — E' incrível.

Moraes — Evidentemente!

Madame — E' preciso que os moços, antes de se casarem, tenham praticado algum desvario.

Moraes — E' indispensavel. Sem o que, serão desgraçados. Um casamento, nessas condições, não repousa sobre bases sérias. E' um casamento fragil, numa sociedade tão frivola como a nossa.

Madame — Elles são, um e outro, muito razoaveis, muito simples, muito ingenuos, muito sérios. Têm qualidades demais.

Moraes — A afinidade entre dois jovens que se amam deve ser a afinidade dos defeitos, e não das virtudes.

Madame — Nós, como paes, temos a estricte obrigação de oppormo-nos a esse casamento.

Moraes — E' o que devemos fazer. Preciso escolher para o João uma rapariga mais mundana, que tenha tido as suas aventuras de salão... Uma rapariga que o arraste, que o incite, que o dissipe um pouco...

Madame — Quanto á Germana, devo arranjar-lhe um rapaz que tenha tido uma mocidade convenientemente, quero dizer, inconveniente, um pouco louca. Todas as mães de familia pensam assim.

Senhor Severo, que acabou o seu charuto — E' pena que os nossos filhos não estejam ainda habilitados a ser felizes.

Moraes — A culpa é dellas. Tanto peor para elles. Oh! estas creanças!

## Scena V

JOÃO DE MORAES, GERMANA

A um canto do parquy, á sombra da mesma mata. João aguarda com impaciência o resultado da entrevista. Ao avistar Hermann, corre, ansioso, ao seu encontro.

João — E então?

Germana — Ah! João, João! Se você soubesse!

João — O que? Que aconteceu?

Germana — Elles oppõem-se ao nosso casamento. Foi o que a Theresza me disse. Mamã contou-lhe tudo o que se passou, perdendo-lhe, porém, que jurasse pela vida de papae que não me dissesse nada.

João — Por que motivo?



de nós? Eu não posso viver sem você, Germana.

Germana — Nem eu sem você, João. Mas tenho uma idéa.

João — Diga lá.

Germana — Experimentemos dar os nossos paes uma impressão peor, quero dizer, melhor, na opinião dellas.

João — Mas como?

Germana — Vou procurar aventuras. Você irá fazer uma vida de bohemio. Depois disso seremos julgados dignos de formar uma familia.

João — Mas eu não dou para bohemio. E' tão difficil, tão incómodo!

Germana — Mas eu não quero que você se faça bohemio, de facto. Isto, não. E' só para fingir. Demais, sou eu que vou orientar o seu procedimento. Em cambio, será você quem me vae escolher os namorados.

João — Mas...

Germana — Comece então.

João — Você pôde começar por fazer a corte ao meu primo Jayme.

Germana — E' muito feio.

João — Justamente por isso.

Germana — E' horrivel.

João — Oh! Germana! então você quer começar a fazer o flirt por prazer?

Germana — Não. Que tolice! E' para melhor enganar a mamãe.

João — Seja como for, não gosto disso.

Germana — Não tem confiança em mim... Ingrato!

João — Perdoe-me, Germana.

Germana — Agora cumpre-me dar a você os meus conselhos. Vá ao alfaiate e mande fazer um terno «smart».

com cintura, bainha dobrada e todos os matadores da moda. Depois, arzi-nho petulante...

João — Ih! Acho que ficarei com um ar de idiota.

Germana — E' o que é preciso. Primeiramente, precisa dizer ao seu papae que fez uma divida de jojo.

João — Quize contos.

Germana, desconfiada — Porque precisamente quinze contos?

João — Nada, nada. E' porque é uma somma salgada.

Germana — Depois, porque é uma coisa que todo mundo faz, arranje uma aventura. Olhe, Corteje uma actriz. Dizem que é chic. Uma actriz em voga, elegante, bonita.

João — Oh! uma actriz! Pois está bem.

Germana — Que entusiasmo! que pressa! João, João, você me rala de cume. Quem me dirá que você já tem uma em vista... que já a conhece, que a ama talvez...

João — Oh! Germana!

Germana — Não ha oh! nem meio oh! Você me engana, João. Estou morrendo de cume. Ella é loura?

João — Que doidinha! Sei lá quem ella é! Estou apenas obedecendo ao seu plano.

Germana — Mas agora já tenho medo que ella exista realmente. Você me jura que eu sou o seu primeiro amor?

João — Exquisito! E agora? Que será

Germana — Você é incapaz de adivinhar.

João — Diga, diga depressa.

Germana — Pois bem. Meus paes acham que você é um moço sério demais.

João — E então? Que inconveniencia ha nisso? Não percebo.

Germana — Parece-lhes que você daria melhor marido se tivesse uma conducta menos exemplar.

João — E' exquisto!

Germana — Mamãe acha que não é. De resto, fazem de mim equal conceito. O seu papae acha-me muito reservada, muito ajuizada... E sabe porque? Porque ainda não tentei nenhum flirt.

João — Exquisito! E agora? Que será



João, muito sério — Juro.

Germana. — C'cio Seja como for, aborreço-me a idéa de "que supponham que vôtém uma aventura. Mas, quando nos casarmos, é preciso restabelecer a verdade, não acha ?

João — De certo.

Germana — Os nossos paes serão illudidos.

João — Bem o misrecem.

Germana — Está dito. Vamos illudidos.

João — Está dito.

Germana — E amar-nos-emos até á morte, até á eternidade.

João — Até á morte, até á eternidade.

Germana, dando-lhe a mão — Nada nos separará !

João, convicto e com força — Nada ! Não crento, na expressão, *na expressão dos dois nascidos nos dois houve um feitor resolutivo, ardente, intenso, de invieira a commença nestes momentos os espediões, convencidos de que esses dois caracteres estão transcendentalmente ligados para a vida e para além da vida.*

#### Scena ultima

*Hall do palatete de sr. Costa, de onde se desce a rua, através dos rodizes de crystal, a viduete, que se estufa á distancia um trecho do palatete. Mobilíario elegante. Mr. Costa é um homem de lãbi-*



*los finos, um pouco altivo. Mas, Costa é uma natureza truída. Sobre uma mesquita estão os juramentos manhã e a correspondência.*

Mr. Costa — Jornaes e duas cartas de participação. Nada mais. *(Offerece á mulher uma carta e fica com outra).* Leia lá.

Mme. Costa, lendo : — «Monieur e Madame de Moraes participam o casamento de seu filho João de Moraes com mademoiselle Regina Mendes. E convidam a V. Exa. e exma. familia para...»

Mr. Costa, lendo tambem a sua carta : — «Monieur e Madame Severo têm a honra de participar o casamento de sua filha mademoiselle Germano Severo com o sr. Heitor Lima, e convidam...»

Mme. Costa, pensativa — Mas não havia um projecto de casamento entre esse João de Moraes e esta Germana Severo ?

Mr. Costa — Havia, Viviam num franco idyllio.

Mme. Costa — Pensei que aquillo acabasse bem,

Mr. Costa — Bem como ?

Mme. Costa — Emfim, por um casamento, como nas comedias.

Mr. Costa — Melhor que nas comedias : em vez de um, dois !

## Crenças Irmãs

Nas linhas finas da «Lenda da Morte», uma interessantissima chronica de João do Norte publicada ha uns dois ou tres mezes, encontra-se o seguinte pensamento, fulgurante de verdade : «A philosophia dos povos é, no fundo, a mesma, quer habitem elles o planalto central asiatico, quer vivam no hinterland immenso da America. As almas dos povos são irmãs.»

Nesse trabalho, o illustre escriptor patricio confronta duas lendas, sendo uma procedente do imperio turco e outra do nosso terrão cearense. Na primeira, o heroe tem por nome Djemal Pachá ; na segunda João Macacheira — ou João Pellado. Ambas têm, pois, origens completamente oppostas. Mas, na essencia do pensamento, as lendas confundem-se : a fabula turca sinthetiza a mesma ideia que a nossa, isto é, a convicção profunda da «fatalidade absoluta da morte.» Isto é, em resumo a conclusão final do articulista.

E, sem duvida alguma, djs que leram a alludida chronica, nenhum irá contestar o autor nua cousa que se evidenciava sem grande meditação.

Agora, folheando a *Viagem ao Japão*, de Vicente Lustosa, topo inesperadamente com um caso curioso e digno de nota. E' um exemplo typico que vem confirmar e talvez fortificar as palavras do literato norista.

E, comparando-o com uma superstição nacional, veremos como no Brasil e no Japão «a alma popular sentiu da mesma maneira e pensou da mesma fórma.»

Na velha Nipponia, o espirito do povo creou uma phantasia leve e graciosa, cujo fundo philosophico se irmana com a verdade que palpita numa lenda nossa. Seria superficialidade reproduzir aqui a segunda, si não se soubesse que as lendas degeneraram de terra para terra. Assim, limito-me a contal-a tal qual foi colhida em cidades que pouco distam da fronteira do Estado de Minas, onde é narrada de maneira muito differente.

Versa essa superstição sobre os destinos das crianças que morrem sem ser baptisadas.

As almas das crianças em taes condições, reza o mytho brasileiro, após a morte irão directamente para o lugar da penitencia, que fica situado a meio caminho do Purgatorio e do Céu. Lá, nada mais existe além das ditas almas. Unicamente ha uma gigantesca escada, que se estende pelo infinito até o parazo christão.

Por meio della é possível passar, dessa extranha terra, para a habitação do Senhor. Por isso, dia após dia, a pequenada renova as tentativas ; com impeto esperançoso, galga os degraus da immensa escadaria...

Mas — oh ! desillusão — quando um pequerrucho vai attingir emfim a méta cubigada... rola, rola das alturas abnionadas ; rola e torna á sua triste morada.

Essa desalentadora penitencia é imposta, por vontade do Altissimo, até «a alma ganhar o estado em que pôde ser considerada

adulto.» Então, e só então, ella poderá abandonar esse lugar maldito.

Vejamos agora a fórma pela qual, no Imperio do Sol Nascente, o espirito da plebe, influenciado pelo Buddismo, exteriorizou o mesmo pensamento. Essa forma é um tecido de ideias ingenuas, formando, em conjunto, uma lenda. Encontral-a-á o leitor, como já disse, no livro de Lustosa, que apenas a esboça, dominado por uma pressa depravoral. Resume-se no seguinte : o *Sui-No-Karrara* é um rio phantastico. A lenda o localiza num mundo que não é o nosso ; suas aguas imaginarias, deslizando sobre um leito rochoso, banham o paiz, singularmente arido e desolado.

Os unicos habitantes dessa terra são Jiso e as almas das crianças que pereceram logo nos primeiros annos de vida.

Com aquella paciencia genuinamente japezesa, ellas se entregam, todos os dias, ao extenuante trabalho de empilhar pedras sobre pedras. Cada uma destas symboliza uma ideia mystica. Assim, a primeira visa a felicidade de seus pais ; a segunda, a de suas mãis ; a terceira, a de seus irmãos ; a quarta, a de suas irmãs ; a quinta, finalmente, a sua propria salvação. De quando em quando, elles ouvem as predicas proprias de Jiso.

A vida ahí decorre mais ou menos tranquilla, enquanto não anoitece. Mal findo o dia e já se confrangem de terror os corações dos pequeninos entes. E' o reinado do terror... E' que, com o uivar tragico do vento, surge o demonio da destruição. E é horrivel esse demonio ; seus olhos despedem chispas ; sua garganta vomita labaredas ; com as garras sinistras, brande ameaçadoramente uma virga...

Emquanto os pequerruchos buscam a protecção de Jiso, elle inacia, implacavel a sua obra destruidora : a Virga sibila, cortando os ares, derruindo os seus amontoados...

E na manhã seguinte a lida recomeça ; de quando em quando, algum parente, atravessando o *Sui-No-Karrara*, leva-lhes algum alento.

A' noite o mesmo visitante...

E a lucta pela redempção final prosegue, sempre dura e sempre a mesma ; prosegue sempre, á espera duma salvação que só virá com a idade madura.

Em nossa lenda, ha a accessental a circumstancia do baptismo. Mas, si pensarmos bem, chegaremos á conclusão de que nada representa.

Do confronto destas duas lendas, nasce um sentimento de concordancia incondicional com as palavras de João do Norte. Sentem-se que ellas exprimem a verdade dos factos. E isso, com justiça, ninguém poderá negar.

Mas ainda resta, para os que discordarem, o nosso exemplo : a intelligencia de dois povos, quasi desconhecidos um ao outro, no terreno das ideias, externa o mesmo pensamento, embora por forma differente : a alma duma criança, depois da morte, não tem direito immediato ao grande repouso, porque não soffreu as penas deste mundo.

Oswaldo Besfordor.

Vou contar-vos, minhas leitoras, uma historia antiga. Antiga, mas, apesar disso, comovedora. Essa historia li-a, uma vez, num livro amarelado pelo tempo, ha muitos annos, e ainda surge em minha memoria, a cada passo, a silhueta de um homem que foi grande, que foi triumphador de homens, e o perfil delicado de uma mulher forte, da qual, hoje, nenhum vestigio resta a não ser o que ficou esquecido nas paginas empoeiradas do chronicon.

O chronista esqueceu-se de dar um nome á sua historia. Esquecimento ou proposito, que importa? Acaso conta-se o tempo na historia, não escripta, do coração humano? Que vale uma data numa lenda verdadeira? Quem sabe do dia exacto em que Salomão, com todo o seu poder, cahiu? As idéas de Platão e a arte de Praxiteles valeriam mais se se subisse a data em que aquelles esta botaram? Mas o chronista deixou passar outra lacuna: não disse o lugar onde se deram os acontecimentos. Isto tambem não importa. Todo homem tem uma patria cujos limites geographicos não variam nunca: o mundo.

Comecemos pois. Lugar da scena, qualquer humana habitação, anno, qualquer dos quatrocentos ou mais que nos separam da idade-media; personagens: um velho rei enfermo, um príncipe, esperança do reino; e uma princezinha, doital menina sem mãe, nascida e criada numa côrte guerreira, como uma flor entre pedregalhos.

Como sua vida era triste! O pai, conquistador de imperios, dominador de reis, sentia repenhenes e velho sangue toda vez que ouvia contar as façanhas do filho, pacioso alto e valente, galeão do palacio, herdeiro da coroa e das tradições da raça. Que valiam, ao lado das altas cavallarias do irmão, as delicadas prendas domesticas que a princeza executava? Que valia, ao lado daquella voz treboante de homem que commandava troços de villos e cavalleiros armados, a sua voz de anjo que cantava saetas ao som queixoso do alaúde? Porque a pobre menina só sabia cantar e bordar. Tambem sabia outra coisa, e essa, sem nunca a ter aprendido, era coisa que raras vezes é doce e que quasi sempre é amarga: chorar.

Se a noite era de estrellas, bebia do cáldo aroma das flores, enlanguesciam-se os seus nervos, inclinava a cabeça loira e entao deixava que as lagrimas corressem. Se o dia era bello, illuminado de sol, e no parque as creanças travessas saltavam pelas alças, e tudo era vida, movimento e alegria, ella, sentindo o con-

## A melhor soberana

traste entre a exuberancia daquelle vida exterior e as maguas que lhe doíam por dentro, não podia reprimir o pranto que lhe humedecia as palpebras. Mas as suas dôres eram ainda mais amargas quando, nas recepções do palacio, ante toda a côrte reunida, o velho monarcha acarinhava o filho, ostentando o cons orgulho, sem se dignar a dirigir para ella um simples olhar de fingida ternura. Então, quando estava só, encerrada em sua camera, tentava em vão adôçar o amargo da sua dor, tocando-o com pranto. Ella não invejava o irmão. Oh! não! O que lhe doía era não ter desperdiçado no coração do pai o amor a que tinha direito.

Ella leu ou porventura ouviu contar que existia um remedio para curar tristezas juvenis. Esse remedio curava os mais fundos pezares da alma e tinha a propriedade de tornar risonhos os rostos habituados á expressão do soffrimento. Mas esse remedio era ellectrico para as moças bellas, e ella, a infeliz princezinha, não era bella... Só os homens é que têm o direito de ser felizes.

A despeito dos deslens do pai, a filha ó amava. Amava-o acima de tudo. O velho estava enfermo. E, immovel no seu leito não queria receber outro carinho senão o do filho. Debalde ella, curvando-se sobre o rosto do pai, lhe offerencia a maço onde fumegava a trana, supplicando-lhe com olhos dozes que a tomasse. Elle não acceptava nenhum remedio que não fosse offerecido pela mão do filho dilecto. E lemb de ver que o velho monarcha não desestimava a filha. Não, por certo, mas andava tão alagorvido pela admiração da belleza e da bravura do príncipe, que em seu coração já não havia lugar para outro affecto e para outra ternura.

Durante o inverno, os males do rei recrudesceram. Os medicos deram-n'o por perdido. Não havia esperança de salvagão. Enquanto, porém, todos, inclusive o príncipe amado, se resignavam áquella morte, como a uma fatalidade, a princeza, sempre encorajada e esperanzada, tratava de indagar de novos remédios e estudar novos planos de cura.

Foi durante esta phase aguda da enfermidade do rei, que se deu um estranho, um assombroso successo. Pela manhã correu pela côrte uma noticia, que levou o estupor a todas as almas. A principio foi commentada á rebatinhas entre as damas d'honor da princezinha. Mas, pouco a pouco, a extranha nova, soprada de bocca em bocca, foi-se espalhando, propagando... Dahi a pouco, por todos aquelles arredores, desde o paço até além dos limites da metropole, não havia quem não



Como sua vida era triste

soubesse a inesperada aventura e a não lastimasse sinceramente.

Um dos validos do rei, um dos maiores e mais intimos, chegando-se a elle e dobrando os joelhos sobre o tapete de purpura que tornava o soalho da regia camara, murmurou com sollemnidade:

— Senhor... é o dever que fala por meus labios, e não o affecto. Se fosse só por affecto, calaria... Mas o dever obriga-me a dizer á vossa magestade...

Tirou o rei, dentre os lenções, o longo braço ossudo e esquelético, e apoiando-se sobre elle, escutou, arregalando os olhos febrils.

— Vossa filha, Senhor... continuou o áulico.

Então o rei, como se a noticia tivesse perdido inteiramente o interesse, aludou-se de novo entre os lenções e as grandes almofadas. Mas do fundo do leito ainda falou, com fastio:

— Minha filha... que aconteceu?

— Vossa filha desapareceu do palacio.

— Que triste momento ella escolheu para desaparecer! Porque não esperou a minha morte? Enfim, seja o que Deus quiser! E a meu lado?

A cabeça do principe levantou-se, amustada de dor e vergonha, inclinando-se novamente.

— Ao vosso lado, meu pae.

O rosto do enfermo serenou. Seus olhos, onde uma luz de febre fulgurava, cravaram-se no filho... depois elevaram-se até ao tecto, numa expressão de supplica resignada, e fecharam-se. Na camara do enfermo reinou o silencio.

Passaram-se dias. A princeza não voltava. O rei ia morrendo aos poucos. Os seus membros já estavam inertes. O pouco

de vida que lhe restava ainda, se lhe apegava aos olhos. Num momento de lucidez o rei foi obrigado pelos seus áulicos a fazer o seu testamento, e elle, comprehendendo que realisava o ultimo acto da sua vida official, ergueu-se, como nos seus tempos de saude, e ditou, sereno, o testamento. Não foi mencionada nelle a princeza. O pae não lhe deixava como herança nem uma expressão de carinho, e o tabellião do paço, que lhe ia ajudando a memoria, não se atreveu a pronunciar o nome da filha ausente. Depois, fatigado pelo esforço, o rei recahi no seu lethargo, e, desta vez, como diziam os medicos, para não se levantar mais.

Escurecia. Na regia alcova, nem um cicio de voz, nem um rumor de passos. Entre as pessoas que, de pé ou apossadas em prece, permaneciam alli, pairava esse quê mysterioso e apavorante que antecede a morte.

A's dez horas ouviu-se, fóra, um estranho rumor. Eram vozes que se faziam ouvir. Que seria?

O mordomo do palacio adeantou-se para averiguar a causa do bulicio, mas, ao sair da alcova, deparou-se-lhe a princeza, que entrava, oflegante, rotas as vestes, os cabellos despenteados. Sua ap-

parição alegrou todos os cortezaos. Naquelle atmosphera de morte, a presença da princeza, com seus cabellos de ouro fulgurante, tinha um arismo de renascimento e de vida.

Acercou-se do leito do pae, beijou-lhe a fronte, como uma mãe que beijasse o seu filho, e sem attentar na estupefacção dos vellos physicos e Galenos, levantou-lhe a cabeça e verteu em sua bocca o conteúdo de um pequeno vaso que trazia na mão.

— Que é isto? Que fazes? indagaram.

A princeza, dirigindo-se ao principe, exclamou:

— Immo, é a saude.

E, era verdade. Como um arbusto reverdecido pelo riego, o rei, desde que tomou a droga, entrou a reanimar-se. Um dia, abriu os olhos, ávidos olhos de convalescente, e ao ver a filha chorando de alegria, lembrou-se da sua inexplicavel ausencia, e, severo, mandou-a sair. Alguem tentou contar-lhe o occorrido, mas a filha, habituada á ingratitude, prohibiu-lho.

— Mais tarde, ainda é cedo, disse ella, sahindo.

Ao cabo de algum tempo, o rei levantou-se e foi de despacho com seus ministros e conselheiros. Nessa cerimonia, concedeu grandes recompensas aos seus mais fieis servidores. Nada perguntou da

filha e ninguém se atreveu a falar della, temendo molestar a implacavel monarcha. O transaccidato, entretanto, não podendo por mais tempo calar a sua consciencia, vendeo quanto era numerada a situação da princeza, lembrando-se de um alvitre e tratou de pô-la em pratica na primeira oportunidade. Um dia em que o soberano, de bom humor, conver-



*O pouco de vida que lhe restava, apegava-se-lhe apenas aos olhos.*

sava amistosamente com os grandes do seu imperio, e lhes ouvia narrar historias galantes e aventuras romanescas, disse-lhe assim:

— Ouvi contar, Senhor, um facto occorrido em louses terras, do qual se tiram grandes ensinamentos...

— Contae-nol-o, ordenou o rei, interessado.

E, os cortezaos, esperando, como sóhia acontecer, algum sermão ou anecdota de fé, calaram-se.

Trata-se, Senhor, de saber qual de duas pessoas ama mais uma terceira: se a que, vendo-a morrer, desespera de dor, ou a que, resistindo á dor, corre a buscar-lhe a salvagão.

— Adeante, adeante. Disseram todos, curiosos. O sacerdote continuou:

— Era uma vez um jardineiro que, estando a trabalhar em sua tarefa, ajudado por dois pequenos, cahiu num tanque profundo, e como não sabia nadar, ia-se afogando. Um dos fillos, agarrado á borda do tanque, chorava e gritava, com todas as forças; o outro sahi a correr, pegou uma taboa, e arrastando-a penosamente, cahindo a cada passo, nauzando-se em cada queda, approximou-se do tanque e estendeu a taboa providencial, e tao a tempo, que salvou o pae.

Todos estavam calados e admiraram-se da audácia do sacerdote. O rei perguntou com alguma inquietação:

— E que fez o pae?

— O pae, Senhor, aturdido ainda pelo accidente, não pôde inteirar-se do occorrido. Quando viu o primeiro dos filhos a chorar, a gritar, a desesperar, julgou que era aquelle o que mais o amava, sem se lembrar do segundo.

— E este? perguntou o rei.

— Este, abandonado, enfraquecido, maguado pelo eslorço que fizera, continua a viver triste, mas disposto a repetir o sacrificio se outra occasião se lhe apresentar.

Calou-se o sacerdote. O rei, dando por terminada a audência, retirou-se para os seus aposentos, remoendo na memoria as palavras que ouvira.

Pouco depois, convocado o reino ás Côrtes extraordinarias,

apinhava-se, deante do palacio, uma multidão numerosa e aclamadora. Os officiaes e soldados, em grande gala, faziam brilhar ao sol os galoes de ouro.

Precedido pelos soldados da sua guarda e rodeado pelos nobres, apresentou-se o soberano e tomou assento no throno, todo tauriado de ouro e cravejado de gemas preciosas. A sua dextra, num escabello de purpura, sentou-se a princeza. Sempre simples na sua attitude, modesta, parecia, entretanto, formosa, não porque o fosse, mas porque tal se tornava, graças a esse dom do céo que é a bondade quando se lhe mistura a alegria.

Adeantou-se até ao throno o tabellião real, e entregou ao rei um envolvero lacrado. O monarcha, sem o abrir, rasgou-o e disse:

— Rompo o testamento que fiz durante a minha enfermidade, porque quero dar-vos, meus feis vassallos, um soberano melhor. Hoje, são de espirito e de corpo, ante vós todos que me ou-

vis, constituo por herdeira do meu throno, dos meus Estados e das minhas colonias a princeza minha filha.

Apezar do respeito que infundiam as suas cãs e a sua magestade de rei, ouviu-se um murmuro de desapprovação. Um dos presentes, mais audaz, avançou e arriscou-se a dizer:

— Senhor, as leis não permitem que a fronte de uma mulher cinja a corôa real...

O rei, lentamente, prosteigou:

— Quando eu morria, todos vós gemeis, todos lançáveis estereis lamentos; mas houve uma pessoa, uma só, que, vencendo a dor, desprezando os perigos, partiu desta cidade, sem outra companhia mais que o seu animo e o seu amor, costeu campos e villas, até alcançar uma remota aldeia onde ha um sábio que conhecia o nome do meu mal e o remedio para cural-o. Essa pessoa deixou nas mãos, ou, melhor, nas garras do sábio toda a sua fortuna e correndo de novo, affrontando novos perigos, voltou ao palacio e propinou-me na hora de morrer o medicamento salvado. E não

era um homem, um heroe; mas uma mulher, uma heroína.

A sala toda fremeu num applauso unanime á princeza. E o rei, dominando o tumulto com um gesto, ainda falou, solenemente e grave:

— Não lego a minha corôa a uma mulher, por ser mulher; lego-a a uma virtude, que é unica, a uma virtude, que é fecunda, que não tem sexo, a uma virtude salvadora de imperios e vingadora de povos.

E, tirando da propria cabeça o aureo symbolo, collocou-o sobre a cabeça da princeza.

— Acclame a vossa rainha, disse o velho rei. E a mulher soberana, em que estão encarnadas a Acção e a Luta, que é o que salva os povos contra o fatalismo e a passividade.

Clara Branca das Neves



“Não lego minha corôa a uma mulher, por ser mulher...”

## Receitas de Toilette

Para evitar o mau cheiro da transpiração.

Não pôde haver nada de mais matyrizante para uma senhora elegante do que uma exhalação impura qualquer, por exemplo, o mau cheiro da transpiração, que é impossível esconder, principalmente num baile, numa partida de tennis ou em qualquer sport. Toda a bel-

leza, oda a graça, todo o encanto da mulher, desaparecem de chofre: todo o veu de sonho que a aureolava e toda a phantasia em que o olhar embevecido do homem a envolvia fundem-se á rajada cruel... A culpa exclusiva porém é da mulher. É simplicissimo evitar e eliminar de vez o suor excessivo ou o seu mau cheiro: basta usar o *Helioi*, que custa relativamente barato e que sendo um pó, (como o pó de arroz) as senhoras podem usar com facilidade. O

resultado é tão extraordinario que, a pido de muitas das nossas leitoras, fizemos vir de Paris, uma nova remessa de *Helioi*, que não se encontra á venda no Brasil — e remetteremos a quem nos solicitar ao preço de 65000 e mais 500 réis para o porte do correio. O preço do *Helioi* como o de todos os preparados estrangeiros, subiu muito, devido a guerra.

Pedidos á Redacção da *Revista Feminina*—S. Paulo.

## SEARA DO RISO



Um banqueiro, que tanto tinha de rico como de grosseiro e orgulhoso, encontra na rua, brincando com outros garotinhos, o filho do seu cocheiro. O pequeno vê o banqueiro e continua a brincar, sem o ter saudado.

O rico, mal humorado, pergunta-lhe:

— Então? Não saíes quem sou?

— Sei, sim. O senhor é o que embarca todas as manhãs no carro de papae.



Um caixeiro viajante (que era provavelmente filho de Calino) foi obrigado a pôr, uma noite, numa hospedaria, onde havia também um hospede negro. Enquanto o viajante dormia, tendo deixado aberta a porta do quarto, por causa do calor, uns garotos entraram e enlamburaram-lhe a cara com carvão e graxa de panela.

Antes de deitar-se, o viajante pediu à criada que o acordasse cedo, logo que amanhecesse. Com effeito a creada cumpriu o seu dever, mas elle, ao levantar-se e olhar-se ao espelho, exclamou:

— Já é má sorte! Aposto um contra mil que essa creada idiota acordou o negro antes de me acordar a mim!



Um juiz instructor interroga uma senhora, chamada como testemunha em certo processo. Ella, como todas as senhoras, presume-se muito mais joven do que é.

— Que idade tem a senhora?

— Trinta annos, doutor.

Trinta? Pois não os representa.

— Oh! o senhor é muito amavel, é tão palante.

— Nem tanto. E' que eu acho que a senhora representa muito mais.

Um joven lavrador, muito preguiçoso, estendeu-se à sombra de uma arvore trondosa e começou a dormir. Foi nessa agradável



postura que o encontrou o administrador da fazenda.

— Ah! mandirão! Enquanto os outros trabalham a preparar a terra para as sementeiras, ficas aqui a roncar! E's indigno da luz do sol.

— Foi por isso que me deitei à sombra, patrão.



Um marido à sua mulher:

— Tu és tão ignorante, que nunca souste distinguir entre um burro e um cavallo.

A que ella replicou vivamente, embora com ar ingenuo:

— Mas eu nunca disse que eras um cavallo.



Onde está a cozinheira, Isabel?

— Foi a um lugar aonde ninguém podia ir por ella.

A senhora, cuidando que a creada, a quem dirigira a pergunta, queria divertir-se com ella, exclamou colérica:

— E' a mim que me respondes dessa maneira? Quero que me fale com clareza, ouviste?

— Pois ella foi à casa do retratista para se photographar.



Um viajante accomoda-se num vagon em frente de uma senhora. Logo que o trem se põe em marcha, ella abre um cestinho que tinha sobre os joelhos, e deixa sahir um cãozinho, que começa a latir:

— A'ú! a'ú!

A affectuosa senhora repetia os latidos esganando a voz:

— A'ú! a'ú!

Mas, depois, reflectindo, falou ao cãozinho:

— Cala-te, "Marisio". Não vês que estás incomodando este cavalheiro?

— Oh! minha senhora, não incommoda nada. Basta que elle lata sosinho.



— Estás contente, Pedrinho? perguntou ao seu neto um velho academico barrigudo, cavalgando-o sobre os seus joelhos e fazendo-o saltar a geito de trote.

— Não, não, vovô. Eu quero um cavallo de verdade, que ande, que ande...



— Acabo de comprar no mercado, falou certo individuo a um medico, um kilo de cogumelos para fazer uma sopa. Querias saber doutor, como é que se conhece que os cogumelos são venenosos.

— Nada mais simples. Tente a experiencia.

— Comendo-os?

— Não. Dando-os a comer à sua sogra. Se, ao cabo de meia hora, ella morrer, são venenosos.

A institutriz acabava de entrar no dormitório de mademoiselle, e, dirigindo-se ao gabinete contíguo, abriu as venezianas de madeira, para que entrasse a luz, e soltou as torneiras na bacia de banho. Feito isto, estendeu as toalhas, a pequena para o rosto, a grande para o corpo, poz à mão os frascos de perfume e outros utensílios de tocador. A menina enfiou os

## A pequena Solange



— Mademoiselle sabe de sobra as razões que impoem essa ruptura. Nem era preciso perguntar. Nada pôde haver de commum entre os filhos de um consul-boche e a filha de um honrado e bravo militar, deplorar de um paiz que acaba de declarar guerra à Alemanha. Seria notoriamente escandaloso que se cumprimentassem sequer, e



dedos entre os cabelos embaçados, bocejou preguiçosamente, esticou o corpo, e não se mostrou disposta a deixar os lençóis. Como ella se sentia bem na cama, entre aquelle conforto tépido! Mas, não havia remédio. Precisava saltar da cama.

Madame, a institutriz, uma viuva quarentona, muito aspera, não transigia com os gostos de mademoiselle. Ah! isso é que não! De mais, ella não transigia com coisa nenhuma.

— *Atens, mademoiselle Solange!*

Antes, madame Moutier, que, no fundo, era uma excellente senhora, grave, mas doce, carrancuda, mas affectuosa, transigia, não raro, com os gostos da petiza, alimentando-lhe as preguiças e os ocios. Agora, porém, a coisa tinha mudado inteiramente. O seu genio transformara-se por completo. E a razão disso era ter ella um filho na frente. A pobre mãe, sem fazer jamais allusão ás suas angustias, vivia em perpetua tensão de nervos. A sua superexcitação revelava-a ella no zelo exaggerado, no excessivo cuidado com que cumpria o seu dever. Não se descuidava de nada.

Atens, mademoiselle...

A menina vivia escravizada á hora que marcava o pequeno relogio que madame levava no pulso esquerdo, atado ao redor delle por uma fitinha de couro. Aquelle pequeno mostrador, de ponteiros minúsculos, regulava todos os actos de Solange: tantos minutos para o banho, tantos para a «toilette», hora e quarto para o «floating», tantas horas para o repouso... Um horror.

Solange soffria com resignação todas as exigencias de madame. Havia uma, porém, que a revoltava. Madame tinha-a intimado a não dirigir palavra aos seus melhores amiguinhos Gustavo e Anna. Prohibiu-a terminantemente, impondo-lhe até a obrigação de brigar com elles quando fosse opportuno. Ora, isto era uma clamorosa injustiça. Solange não a podia tolerar. Pois que! Brigar com Anna e Gustavo, só por causa da guerra! Que culpa tinham elles de ser alemães? No seu paiz não havia guerra. Essa ateara-se lá longe, ao norte da França, e em outros logares de nomes exóticos. E emquanto ia deitando o assucar na chavens de café com leite, Solange atreveu-se a interpellar a sua institutriz em tom cheio de magua.

— *Donc, madame...*

Madame, carregando o sobreceño, respondeu sem dureza, mas também sem doçura:

muito mais se continuassem a manter relações de amizade...

Um prurido de choro contrahiu o rostinho da menina, que não pôde ella o seu protesto contra tal doutrina.

— Anna e Gustavo não fizeram nada de mais. Que fizeram elles, coitadinhos? São bons miguinhos. Não posso crer que, por causa da guerra, se tenham tornado inimigos meus.

— São inimigos da nossa patria.

A menina, que tinha desatado a chorar, arregalou muito os olhos, ficou séria e, desannuviando o rosto num sorriso, falou:

— *Pif! Anna e Gustavo inimigos da nossa patria! Era o que faltava! Très drôle! Voilà une chose qui est très drôle!*

A idéa parecia divertida. Anna era uma bonequinha loura, de pernas finas e brancas como louça; Gustavo, seu irmão, um menino gordalinho, de olhos azues e tranquilos. Ambos eram dedicados á Solange, e viviam com os olhos pregados nella, como á espera de uma ordem ou de um commando. Eram tímidos e obedientes.

— Mademoiselle, a senhora não entende dessas coisas, e procederá bem se não replicar.

Solange entendia todo o sentimento de madame Moutier. Apesar dos seus doze annos travessos, era intelligente e perspicaz. Ella comprehendia o odio da institutriz, porque esta tinha um filho na frente. Mas os filhos de Solange eram o gatinho Bichano e alguns soldadinhos de chumbo, com o uniforme de guarda prusiana, que lhe deu Gustavo.

Mas o riso de Solange amargou madame Moutier. E foi tão triste o gesto da mãe, que a menina, enternecida, murmurou, mudando de tom:

— *O' pardon, chère madame.* Farei tudo o que a senhora quizer. Não se zangue comigo.

Uma scintilla de affecto brilhou nos olhos, habitualmente duros, da institutriz, que, querendo, por seu turno, ser amavel, recordou á menina que, naquella tarde, dia de festa, a levaria á «matinée».

O seu intuito, levando-a a um espectáculo infantil de cinematographo, era, também, apresentar-a a umas novas amiguinhas.

Quanto aos allemesinhos, ficava combinado que Solange, quando os visse, viraria o rosto.

Elles, provavelmente, acrescentou a senhora, não terão a vilania de se approximarem. Caso o fizessem, era virar-lhe o rosto, assim,

acompanhando o gesto com um sorriso irónico. Se elles teimarem, é o caso de lhes dizer: «Não os conheço!»

— Está bem, disse a menina. Se me olharem, viro a cara; se me cumprimentarem, sorrio com ironia, e se me falarem, digo-lhes: «Não os conheço!» Está combinado. *Parfaitement*. Elles devem, de facto, ser meus inimigos. Quando nós éramos amigos, eu batia-lhes ás vezes; agora, como inimigos, bato-lhes com mais força se or preciso.

O salão estava ás escuras, e na tela passava-se uma scena qual-quer, de correrias e desastres, que fazia rir as creanças. Quando o salão ficou claro, entrou, tomando assento perto de Nenê, uma linda menina, que, indruidiada por madame, offereceu a Solange um saquinho de bon-bon, de chocolate.

Na tela, depois, exhibiu-se uma fita em que uma joven, bella e virtuosa, perseguida por uns malvados, era encerrada numa masmorra, na amavel companhia de varios crocodilos e uma immensa serpente «boa». O episodio, que parecia emocionante, trazia suspensa a attenção dos espectadores, que se conservavam em silencio. A orchestra tocava, em surdina, uma valsa triste. A pobre moça agarrava-se á grade da prisão, conservando-se suspensa para não ser alcançada pelos hiechos. O publico estava ansioso. «Cahirá ella da grade?» «Se a «boas» levantar o pescoço, pôde agarrar-a pela perna». «Chegará a tempo o salvador?» «Onde está elle, que se demora tanto?» Eram estas as idéas que se trocavam em voz baixa. E quando o publico mais ansiava pelo desfecho, foi quando, de subito, se illuminou a sala. O desfecho ficava para outro acto, depois do intervalo de dez minutos.

Solange olhou por acaso para uma frisa. Não havia «dauid», eram elles. Elles, os inimigos da sua patria, tinham-na reconhecido e faziam-lhe signaes, impacientes, para chamar-lhe a attenção. Ao lado d'elles, muito magra e vermelha, com seu nariz de agua e seus olhos faiscantes, estava a institutriz Fraulen Lotte. A velha allemã tinha o pescoço magro e chovo de nós, como o de uma gallinha de-

pennada. Solange lembrou-se das instrucções, rememorando-as uma a uma: gesto de desprezo, sorriso de ironia, assim, volver a cabeça, e um secco «Não os conheço», caso fosse preciso.

A' hora da sahida, Anna, que debalde a procurou com os olhos, correu a Solange e atirou-se-lhe nos braços:

— Solange, amiguinha Solange!

Gustavo, ao lado, muito gordo, muito córado, esperava o momento de abraçá-la.

Anna, não podendo conter a sua alegria, começou a dar pulos freneticos.

Um braço colheu Solange pelo hombro, afastando-a daquellas effusões, e arrastando-a para fóra do salão. Madame Mourtier estava livida. Toda ella tremia de colera. Fraulen Lotte imitou-a, agarrando os meninos e protegendo-os com o braço. E iam os dois grupos a por-se a caminho, quando as duas educadoras se acharam, de subito, frente a frente. Uma indignação terrivel fazia-as tremer dos pés á cabeça. Por um momento exaltadas, esqueceram as creanças. E enquanto, ameaçadoras, avançavam uma para outra, avidas por desalfalar, num insulto, os seus rancores, as creanças ficaram por um momento livres. Elles saíam bem o que deviam fazer. Anna e Gustavo tinham sido também indruidiados por Fraulen Lotte. Eram obrigados a voltar a casa, mostrar desprezo ou fazer uma injuria. Bem o saíam elles; mas o que fizeram foi abrir os braços e correr um para outro, enternecidos e alegres, cobrindo-se de beijos. E abraçaram-se, beijaram-se e deram todas as mostras possíveis de ternura, desta ternura infantil, que é feita de entusiasmo e de calor excessivo, enquanto as duas institutrices, a allemã e a franceza, se preparavam para desvagar o seu odio, como os meninos tinham acabado de desalfagar o seu amor. Gustavo ria, ria e batia palmas ao ver Solange offeteceer a Anna o seu saquinho de bon-bon quasi inteiro...

Condessa de Pardo Bazán.



## REGIMEN TONICO

(Conselhos às nossas leitoras)



A prudência mais elemental aconselha que, após uma enfermidade, se deve apressar a saúde por meio de uma medicação tónica. Os productos indicados para esse caso, como para a anemia, emmagrecimento, chlorose e outros males, são tantos e tão numerosos, que a escolha se torna difficil. De uma vez por todas, porém, advirta-se que o vinho, quando é puro e generoso, é o melhor vehiculo que pôde haver para os principios tónicos de que necessita o organismo. Já os antigos diziam, e com razão, que «vinum lufificat cor hominis». Se o vinho, em si, já possui essa virtude de enriquecer o sangue, claro está que, se a elle se juntarem outros elementos de acção regeneradora, a sua virtude será notavelmente maior e os seus effeitos mais rapidos. Os vinhos tónicos que se annunciam em nosso paiz, são innumeraveis. Mas o melhor dentre elles, o que se impõe a todos aquelles que o experimentaram, pelos seus resultados verdadeiramente efficazes, é o «Vinho Biogenico», preparado pelo sr. Francisco Giffoni. É um excellento regenerador e fortificante, é o melhor tónico, é o mais effcaz estimulador da vitalidade, graças á sua composição, na qual predominam os phosphatos biologicos e o iodo organico.

A despeito da campanha que os naturistas, os vegetarianistas e os abstinentes vêm, de uns tempos a esta parte, movendo contra o vinho, o seu uso therapeutico é antiquissimo. A maior parte dos clinicos têm assignalado os resultados que promette o vinho, como medicamento e nutrição. D'ahi a razão por que se deve sempre preferir o vinho, de superior qualidade, para servir de vehiculo para os preparados regeneradores. A sua riqueza de substancias nutritivas é a melhor garantia da sua effcaçia. O vinho, consoante á opinião de Nothnagel e Rossbach, é um elemento indispensavel a um bom regimen fortificante. Para Trousseau, Cantani, Rabuteau, e outros autores de incontestavel responsabilidade scientifica, é um alimento que, tomado em dose moderada, favorece a nutrição, estimula e tonifica o systema nervoso, excita a actividade cerebral e reforça a energia do coração.

O «Vinho Biogenico», contendo phosphatos biologicos, isto é, o phosphoro directamente assimilavel, torna-se indispensavel para todos os casos de perturbações da nutrição. Os phosphatos biologicos que contêm são verdadeiros alimentos cellulares, que exercem sobre todos os tecidos, particularmente sobre os systemas osseo e nervoso, uma acção reparadora importantissima. É notorio tambem que o iodo activa a nutrição celular, preparando a defeza do organismo contra as infecções.

Outros elementos ha, como vegetaes corroborantes e digestivos, que entram em sua composição; porisso a sua acção se faz sentir sobre o estomago, augmentando o appetite e facilitando a digestão. A's nossas leitoras aconselhamos, pois, esse magnifico preparado, que é o preferido pelos convalescentes, as puérperas, os anemicos, os lymphaticos, os arthriticos, os dispepticos, os neurasthenicos, por todos aquelles que necessitem de um regimen tónico.

# O despertar na ambulancia

Ao redor tudo é triste, desconhecido. Quem é este anjo singelo com apparencia feminil?

Com seus olhos meigos, sollicitos, nos espera com carinho na ambulancia ou no hospital. Recebe-nos como o bem-vindo perto d'ella e dentro do seu coração. Este facto enche a sua alma de prazer e de esperanza. De todo conforto ella nos rodeia. Que meiguice, e que procedimento irreprehensivel! No seu coração se abrigam todas as virtudes. N'este tempo de soffrimento universal, ser util, alliviar as dôres alheias é a sua missão, é a alegria da sua vida! Tanto na guerra como na paz a sua dedicação não tem limites, d'isto faz as delicias dos seus olhos. Embora não tenha os nervos tão fortes como o homem, ella sabe ser forte, quando realmente é fra-

ca. Parece mesmo que não se cansa! Não descuida do seu paciente um só momento. A sua pratica faz-lhe adivinhar os seus desejos intimos.

Como lhe é sympathico o doente pallido, immovel, todo envolto em compressas! A sua alma é nobre, o seu coração muito terno e dedicado. Quantas vezes, para acalmar um gemido, para minerar a dôr aguda, com a sua ternura maternal, ou fluido magnetico que parece possuir, ella consegue adormecer um afflicto, ou ajudal-o a morrer tranquillamente!

O soffrimento predomina no mundo. Entretanto, não nos acostumamos com elle, nem sabemos soffrer!

Sim, a unica cousa que ainda não mudou desde a criação do mundo é o soffrimento. Elle desenvolve-se por toda a parte. Principalmente nestes ultimos tempos, o genio do homem só se occupa em fazer mal, destruir!

Sómente os demonios podem estar satisfeitos. Foram bem executadas as suas aspirações. Devem bater palmas de alegria! Quando estamos doentes, uma tristeza profunda nos abate, julgamo-nos totalmente abandonados. Comquanto o sol brilhe com todo o seu esplendor, a natureza ria por todos os lados desabrochando perfumadas e bellas flores, os passaros procuram distrahir-nos com o seu harmonioso gorgoejo, mais nada nos anima, d'isso nada nos satisfaz. Estamos desalentados. A vida nos parece uma cousa desconcertada, tudo nos é ficticio!

O nosso dinheiro pôde satisfazer o estomago, mas não o coração.

Apenas um lugubre pensamento nos perturba: receiamos morrer!

Porém isso ainda não é nada, se toda a humanidade deve pagar este tributo. Mas, como viveremos na outra vida; como, de que modo irá a nossa alma apresentar-se deante do Juiz supremo e justo, esse Deus tres vezes santo?

Nós, que nunca ligámos grande importancia a isto! Ah! quanto tempo perdemos, nutrido desde para as cousas divinas! Estremecemos de pavor!

Instantemente nestas horas de profunda reflexão, e que a tristeza transforma os nossos dias em existencia sepulchral, este anjo mysterioso que ainda não conhecemos bem, apenas balbuciamos o seu nome, aproveita para cuidar do nosso corpo e do nosso espirito.

A verdadeira enfermeira zela ainda de outras feridas a não ser as physicas,

E não são as menos dolorosas...

Como ella sabe encher-nos de alegria e de esperanza! Que consolo ella traz quando, com o seu espirito fertil, aproxima-se de um leito, aperta com carinho a mão do doente e com rosto sereno começa a falar-lhe da misericordia de Deus!

— Elle é tão bonfoso, nós é que temos vivido na ignorancia. Apenas conhecemos uma caricatura da religião divina! Elle está sempre prompto e com seus braços abertos nos espera, Peçamos-lhe perdão dos nossos erros.

Então vê um brilho differente, em nossos olhos uma lagrima fugitiva, ou um sorriso morno e reconhecido em nossos labios. Está completa a sua missão angelical.

Este drama seria uma reliquia para o coração materno. Quantas mães e esposas detejaram estar ali velando pelo pedago da sua propria vida que perigo! Comtudo ellas podem tambem

contribuir para essa grande obra. A oração tem sempre um lugar especial em nossa vida. Não é ella o laço que nos une ao céu? E quanta força ella nos transmite!

Dedicar-se completamente em alliviar os soffrimentos da humanidade, torna a vida perfeitamente feliz. Dir-se-ia que esta alma nobre não tem um desgosto aqui na terra! Faz-nos mesmo inveja.

Abnegadas enfermeiras, neste mundo egoista elegestes a suprema virtude, a qual nos approxima da perfeição; e d'isto fazes o segredo, muitas vezes desconhecido, de um serviço publico abençoado por Deus.

Albina A. Pires dos Campos.



**TOLUOL** —

TOSSAS BRONCHITES, ASTHMA. MOLESTIAS DO PEITO E GARGANTA. ■■■■■■■■  
 ■■■■ VENDE-SE EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS. ■■■■■■■■

# Superstições dos selvagens

*As superstições no Brasil. O perigo do charlatanismo. Um facto alarmante. O engrandecimento francez. As praticas magicas dos indios atis, apaches, mohaves e outros. A infecção dos curandeiros pelles-vermelhas. Torturas inacreditaveis. Fraudes. Ritos e ceremonias. A lenda do diluvio. Segredos e burxarias. Hervas magicas. Danças de sacerdotes e guerreiros. Adoradores do sol. A ditandade "Kan". Descobertas importunissimas dos indios. O valor dessas descobertas na pharmacopéa occidental. Anecdotes interessantes.*

O povo brasileiro é, dentre os povos civilizados, não o mais supersticioso, como geralmente se diz e pensa, porém o que tem maior numero de superstições. O povo francez que é, porventura, o que mais alto gráo de civilização alcançou, é um dos que possuem mais rico "folk-lure". Nos seus "grimoires" encontram-se as mais extravagantes praticas de burxaria. A religião do bruxedo tem, em toda a Europa, numerosos adeptos e crentes. Não é de admirar, pois, que, no Brasil, com os seus vastos latifundios quasi despovoados, com os seus serões de vida inhospita, com a sua espantosa porcentagem de analfabetos, ainda se conservem, quasi intactas, as velhas superstições que para aqui trouxeram os seus colonisadores.

O nosso paiz é uma grande caldeira de raças. As praticas de burxaria européas, juntam-se, aqui, as do negro e as do indio, que cooperaram para a formação da raça do brasileiro actual.

Mesmo nas classes elevadas, entre a gente culta, são communs estas praticas. Os amuletos, as figas, os penduricalhos magicos estão grandemente vulgarizados, não apenas entre o povo, mas tambem, o que é para admirar, entre as pessoas que, por sua civilização e cultura, já deviam estar libertas da baixa religião popular. E' commum ver-se, em casas de familias, mesmo nas capitães mais adeantadas do paiz, uma ferradura pregada na parte interior da porta principal. Essa ferradura é um amuleto

contra os máos espiritos, portadores de atrazos financeiros, enfermidades e outras desgraças. Os proprios esteterios, os cultores das sciencias-occultas acreditam na efficacia desse amuleto; estes, porém, ao pregar a ferradura na porta, o fazem com o rompão para a esquerda. Posta desse feitico, a ferradura lembra o "cal", que é a undécima letra do alphabeto hebraico, designativa de força, victoria e poder. Não ha quem não conheça o trevo de quatro petalas, portador da felicidade; o galinho de arrada, para afastar os máos espiritos; a figa, para evitar máo olhado, sobretudo se a figa é feita de raiz de Guiné; a fava de tres pontas, de que se usa um par, macho e femêa, para trazer no bolso, como portadora de boa sorte nas tentativas de commercio; as teias de aranhas nos armazens e depósitos; o chifresinho de osso na cadeia do relógio, como defeza contra accidentes e máo olhado; a corcundins de marfim, coral ou de osso, para "quebrar" o feitico, e outras bugigangas e

penduricalhos que se usa para diversos fins e cuja efficacia é ingenuamente garantida pelo povo.

Todas estas superstições, que escrivam o homem e o inferiorismo, recuando-lhe o espirito até o estado selvagem, são, commutadas, innocentes; e se lhe não trazem nenhum bem, não lhe acarretam mal nenhum. Mas, ao lado dessas, ha outras, perigosissimas, como as que exercem os curandeiros e charlatães, que, por ignorancia ás vezes e por má fé geralmente, propinam ás gentes rudes das cidades ou dos serões drogas nocivas á saúde. Essas drogas, essas hervas magicas, que, dizem elles, têm a propriedade de despertar o amor, arranjar um casamento difficil, encaminhar bem um negocio, facilitar o encontro de um objecto perdido, fazer obter ganho de causa num litigio difficil, e outras muitas virtudes, conforme a hora em que são tomadas, a reza que as

acompanha, as praticas que as rodeiam e a fé do paciente, essas hervas são, não raro, mortaes.

Os casos fataes de feitiçaria, são em nosso paiz, muito mais numerosos do que se suppõe. A noticia desses casos só nos chega ao conhecimento de longe em longe, e isso pela simples razão de que, quando um individuo morre por haver ingerido uma dessas drogas lethaes, a familia, ao comentar a morte, resigna-se, usando da velha expressão "estava escrito", attribuindo-a á lei do destino.

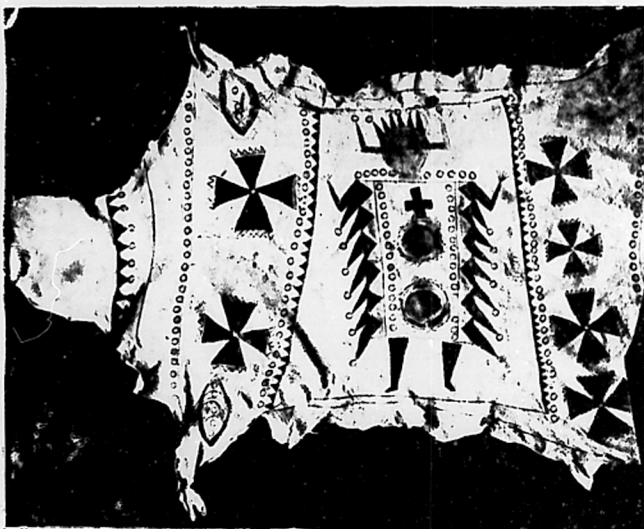
Para que

as leitoras façam uma idéa da ignorancia e superstição do nosso povo, principalmente nos serões e norte do paiz, vamos relatar um facto que se deu ultimamente e que é bem caracteristico.

A poucas horas de Manáos, no lago Paraquequara, reside um velho caboclo da tribu dos "muras", que alli vive, desde muitos annos, de exercer a feitiçaria. Conhecido em todo a redondeza pelo nome de "Baré Grande", vem o feiticero exercendo, entre os habitantes do lago, uma verdadeira fascinação, em virtude de suas curas miraculosas e das "relações amistositas que mantem com os espiritos".

Ultimamente, appareceu no logar a noticia de que, nas immediações do lago, andava, todas as noites, errando pelas estradas ermas e sombrias, um vulto estranho, desconhecido, pondo os habitantes em continuas apprehensões e sobresaltos.

Alguns moradores do lago, temerosos de uma desgraça ou



*Pelle de gamo, pintada com cores brilhantes. Essa pelle, entre os apaches, depois de submettida a ceremonias magicas, tem a propriedade de tornar invisivel a pessoa que se cobre com ella. A pelle de gamo corresponde á lenda do "Anel de Gyges" da mythologia grega.*



Figuras simbólicas gravadas em madeira pelos apaches. Esse objecto, que serve para exprimir uma fórmula de encantamento, tem a propriedade de curar certas enfermidades.

mando ao pescador Raymundo Silva, que se achava presente, que o vulto estranho de todas as noites, era um "bôto", que, virando gente, andava apaixonado por sua filha Maria, a qual, por intermédio dos espíritos "invisíveis", se achava já em adiantado estado de gravidez.

O pescador, diante da revelação, ergeu-se indignado, mas o feiticeiro, acenando-lhe para que se conservasse quieto e calmo, prometeu fazer desaparecer a gravidez e bem assim restituir à mocinha a sua alegria. Pol-a-a como era anteriormente, e, para isso, castigaria o "bôto".

Dahi por deante, todos os dias, a infeliz rapariguinha era cruelmente supplicada com galhos de cuieira, depois do que, era submettida à deglutição de diversas beberagens manipuladas pelo "mura" que não se cansava de afirmar que as cousas andavam às mil maravilhas. Cinco dias depois que começou a se submeter ao barbaresco tratamento, Maria, seriamente doente, com o corpo dolorosamente chagado, expirou.

O pescador, não se conformando com a morte da filha, procurou novamente o "Baré Grande". Este, depois de explicar-se e depois da concentração ritual, afirmou que Maria não havia morrido, estava viva. Os espíritos assim o queriam. No entretanto, iria ver se a resuscitava. No dia immediato, o pagé, armado de dois punhais aproximou-se do cadáver da infeliz victima, embebendo a arma no corpo rijo e frio da morta, acompanhando de uma "oração forte". Vendo que a mocinha não resuscitava, o "Baré Grande", voltando-se para os presentes, murmurou, numa voz pausada, profunda e dogmática: — "O grande espirito não quer que ella volte à vida..." E retirou-se, rumo à sua barraca.

Mas não é das superstições brasileiras que vamos tratar nesta noticia. O nosso assumpto é mais largo, e, por isso talvez, mais interessante. Vejamos por alto em que consistem as superstições em medicina, entre os apaches e outros selvagens.

Não é, talvez, aventurado afirmar que a influencia exercida nos indios americanos pelos curandeiros é uma das causas principaes que mantêm aquella gente em estado selvagem. Provavelmente nunca poderá ser averiguado como, quando e onde chegaram esses curandeiros a possuir as mysticas faculdades que exercitam e que os tornam tão prestigiosos entre os selvagens. Relativamente aos remedios que prescrevem, ou,

pelo menos, à sua maior parte, está, entretanto, por averiguar os que têm efficacia por si mesmos ou se se tornam efficazes por meio da suggestão. Porque, é preciso advertir, os curandeiros exercem sobre os companheiros de tribo um poder de fascinação prodigioso.

Todo joven indio que mostra indícios de possuir "dotes" necessarios para essa profissão, está com a carreira feita. Deve, entre outras coisas, saber interpretar os sonhos, resistir aos mais longos jejuns e insomnias, fazer oráculos e dar outras provas concludentes do seu alto poder e da sua intensa espiritalidade.

Na tribo india dos siús exercem a medicina alguns guerreiros muito habéis na dança do sol. Mas os curandeiros apaches, pelo contrario, não têm nenhuma inclinação por essa dança, nem se tatumam ou matiam como soem fazer os que dançam por officio.

Em geral, os curandeiros de certas tribos podem dividir-se conforme as especialidades. Uns se dedicam à cura das enfermidades dos olhos, outros à das da cabeça, ou estomago, orelhas,

bocca, etc. Alguns têm fama de saber provocar as chuvas; outros exercem dominio absoluto sobre as serpentes, e outros ha tambem cuja unica especialidade é conversar com os espíritos e só por uma excepção se encarregam da cura de um enfermo.

Na tribo dos mohaves os parentes de um defuncto consultam o curandeiro, que, por meio da invocação do espirito, averigua se o enfermo morreu por negligencia ou ignorancia do "medico" que o assistiu. Se os espíritos affirmam que a morte provém de ignorancia, não resta ao "medico" outro recurso senão fugir para outra tribo, ou, se é tenaz, discutir com o invocador, o que é sempre perigoso. Como se vê, o curandeiro espiritalista, tem, nestes casos, a favoravel oportunidade de descartar-se de um competidor que o incommoda ou de quem tem resentimentos.

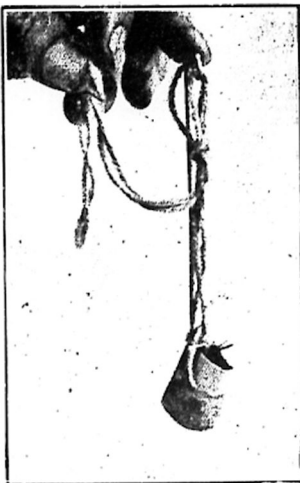
Os apaches não empregam substancias nem drogas nas suas ceremonias medicas, segundo costumam outras tribos americanas, como os cricos, com a sua beberagem negra, ou os valpays de Arizona que se valem do sumo do *Datura stramonium* para provocar a alegria frenetica.

Os curandeiros apaches attribuem ao louro que cresce nos cumes das montanhas de Sonora e Arizona, a propriedade de enlaquecer as pessoas.

Os patajões chamam bruxos aos seus curandeiros, obrigam-nos a vestir-se de mulher, e, algumas vezes, fazem-nos pagar com a vida os seus erros em medicina.

Os aspirantes ao officio de curandeiro entre os indios da Guyana devem submeter-se a varias provas, como, por exemplo, beber copiosas poções de sumo de tabaco misturado com agua.

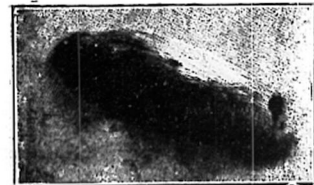
Todos os curandeiros indios presumem ter a faculdade de poder enquistar impuneamente pontas de lança, flechas, o estopas em chamma. Alguns cravam em si flechas, enterrando-as no peito. e



Bolsa em que os feiticeiros negros da Africa Central guardam ossos humanos, dentes e outros restos macios que servem de amuletos. Levam-na pendente de um anel, presa ao dedo medio.



Calmãs indios de Mucatan. Pequenas imagens de pedra, que se penduram às paredes dos templos, como ex-votos.



Peda de cacto que levam consigo os indios para se resguardar contra o rheumatismo.

permitted que se disparem contra elle armas de fogo com balas previamente marcadas.

Como é de ver, ha muita intruque em tudo que concerne ás super-humanas faculdades que tornam invulneraveis os indios curandeiros. Os valapayos, por exemplo, são astutos de sobra para modelar balas de papel, que, como é natural, não lhes fazem mal nenhum quando são disparadas contra elles. Demais, enrolam, dando-lhe fórma espherica, uma tripa cuja extremidade fica atada a um fio, collocado occultamente entre os dentes. Feito isto, engolem a bola de tripa, que, pela acção do estomago incha e se desenvolve; começam, então, a vomitar aquella longa tripa, puxando-a pelo cordel, com grande pasmo dos assistentes. Geralmente os curandeiros são parentes proximos dos chefes da tribo. Isto parece indicar uma das duas coisas: ou os chefes delegam as funções sacerdotaes aos seus parentes, ou a influencia da familia bastará para despertar no aspirante as faculdades negromanticas. Entretanto, entre os apaches não ha castas sacerdotaes, e um mesmo individuo pode ter sacerdotio, guerreiro, etc. Gabam-se de ter mulheres curandeiras. Uma dellas, chamada *Tre-Gofuni*, que significa *Linda bocca*, ganhou entre a sua gente uma grande reputação por haver escapado, uma vez, á acção do raio, e, depois á sanha de um leão que a agrediu.

Muitos povos selvagens obrigam os albinos a exercer o officio de curandeiros, porque ha casos notaveis de albinismo entre as tribos dos zenis e tusayantes do Novo Mexico e Arizona.



O curandeiro apache ante um enfermo, em pieno exercicio de suas lictorias e encantamentos.

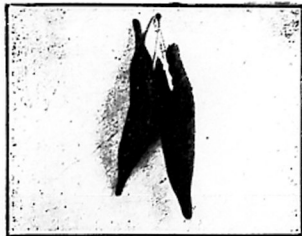
Os curandeiros indios estão encarregados da celebração das festas e danças, como, por exemplo, a dança da puberdade, em que tomam parte as donzellas aptas para o matrimonio, e as danças guerreiras que precedem os combates. A maior parte dos preparativos bellicos estão sob a direcção do curandeiro, cujo poder é omnino quando a tribo segue no encalço do inimigo. Todas as noites elle toma o seu "banho doce", em que, entre canticos religiosos, confecciona drogas magicas para estimular o valor dos combatentes.



Uma scena de provas de iniciação nos mysterios sagrados, entre as tribos apaches.

Na Lapônia os curandeiros abandonam o officio desde que começam a cahir-lhes os dentes; nas tribos americanas, pelo contrario, gosam de maior prestigio na arte de curar os individuos velhos e decrepitos.

Na ilha de Vancouver, da Colombia britannica, sobreveiu uma epidemia de sarampão que os ilhéos attribuíam ás artes malignas de um individuo da tribo. Este, não podendo defender-se satisfactoriamente da extranha accusação, foi queimado vivo. Verdade é que a epidemia continuou a propagar-se... Os indigenas, que têm tambem a sua logica, attribuíram a recrudescencia do mal á vingança do morto.



Raizes de peonia que os indios collocam no pescoco das creanças para preserval-os da loucura



Desenhos enigmaticos feitos em madeira e que significam que a boa conducta prolonga a vida e que o dainho recree o oppressor.

Consoante ás theorias pathologicas dos selvagens, toda enfermidade provém da influencia dos espiritos malignos. Toda medicina deve consistir, pois, em afugentar esses espiritos. O methodo therapeutico resume-se em cantos e rulos de tambor á cabeceira do enfermo, acompanhados, não raro, de bailes.

O curandeiro então o hymno e os concorrentes respondem com uma especie de antiphona em estribillo. A presença de mulheres novas e de creanças é indispensavel ao rito barbaro. As coisas, porém, que recitam ou cantam consistem em palavras incoherentes, destituídas de sentido. Dizem elles que a divindade comprehende melhor essas geringonças verbaes do que a linguagem commum. Não é improvavel que essas cantorias lugubres, monotonas, rythma-



A "Carreira final". Ultima prova de iniciação

das, cantadas em voz baixa tenham a virtude de fazer adormecer o enfermo, dando-lhe o refrigerio do sono, o que é sempre eficaz.

Os curandeiros apaches cobram as suas receitas toda vez que são consultados, variando os seus "honorários" conforme a gravidade do mal ou a posição do cliente, tal como fazem, entre nós, os médicos. Dão particular importância à necessidade de prevenir o destino de além tumulo do doente no caso de morte, e embora não designem no espaço, como fazem os mohaves, o lugar onde habitam os espíritos, acreditam na vida futura e afirmam, como os espiritistas da seita de Allan Kardec, que as almas andam sempre ansiosas de reencarnação. Todos os curandeiros se atribuem a facilidade de ir, depois de mortos, para o lugar que lhes aprouver.

As drogas que empregam são muito simples e têm por base raízes, folhas e outras substâncias vegetais. O remédio heroico para todas as cêncas é o "banho doce". Em casos de indigestão usam elles enfiar na garganta do enfermo uma penna para provocar o vomito. Os zuniis usam também este processo, tendo, porém, o cuidado de beber, antes, grande quantidade de água morna.

Depois de marchas prolongadas, usam certos índios esfregar o corpo com folhas de vegetaes causticas, como a urtiga, na crença

de que o effluxo de sangue á epiderme revigora os musculos. A infusão de folhas de salgueiro é eficaz contra as feridas produzidas pelas balas. O ferro em brasa e as gorduras fermentes servem para curar as feridas chronicas.

Em casos desesperados de enfermidade, os curandeiros do Sudoeste usam, como ultimo recurso, levantar altares e confeccionar imagens de barro, depois do que esfregam os pés do doente com o barro consagrado. Os curandeiros de Guatemala fazem oráculos do recém-nascido e predizem as enfermidades que terá em vida.

Os curandeiros apaches cuidam em extremo da sua cabelleira e ostentam, com orgulho, as suas tranças, mas não usam postigos, como os índios de Montana ou os mohaves do Colorado. Entretanto, alguns apaches do districto de Zuni levam uma peruca de cabelos postigos, feita dos cabellos cortados de um deluncto que rido. É um signal de lucio, proprio somente para ostentar em ceremonias religiosas ou de cura.

Os peruanos creem que, no céu, existe um ser ou genio tutelar, armado de sceptro. É elle quem distribue as chuvas e os trovões. Esta mythologia é bastante semelhante á grega, que creou Júpiter, pae das chuvas e dos raios.

A pandeireta sagrada da dança da serpente é commum á Grecia antiga, á Africa, á Nova Zelandia e á America. Por mais estranho que pareça, é preciso reconhecer o signo da cruz no symbolismo apache e na religião dos incas do Perú.

Os índios arinabinos e os mondanos de Dalcota usam postigos e têm o costume de dividir o cabelo em riscas largas, de uma

polegada, enchendo essas riscas com terra vermelha misturada com cola. Os apaches, não ha muito, tinham o habito de depillar as pestanas e sobrancelhas.

A cruz, segundo todos os autores e constante affirma Pizarro, conquistador dos incas do Perú, quando foi das conquistas espanholas na America, estava generalizada como emblema religioso em todo o continente. Sem duvida alguma, symbolisava os pontos cardaes da rosa nautica, e quando os guerreiros iam fazer incursões por territorio inimigo, pintavam-na em suas sandalias, para que lhes servisse de guia.

Numa precisão de apaches de ambos os sexos, os curandeiros, certa vez, levavam duas cruces, cujo braço vertical media metro e meio e o transversal uns trinta centimetros, construídas de madeiras de quarenta millimetros de largura. Estes madeiros eram pintados numa face e a outra era ornada de virgula azues e uma figura de serpente, também azul, enroscada ao longo do madeiro vertical. No topo havia uma corôa de ramos de salgueiro e, em baixo, um espelhinho, uma campainha e um adorno de plumas de aguia. Os portadores dessas cruces disseram que a precisão se effectuava para rogar á deusa Guzanuti o benéficio da agua.



Ceremonia sagrada dos indígenas da ilha de Vancouver, para preservar-se das doenças epidemicas

Os índios cheyenes de Montana e Wyoming levam um collar de pelle de gamo com pequenos avelórios azues e brancos, incrustados alternativamente, de que pendem cinco flexas e cinco boltas. A primeira destas contém um pó vegetal: a segunda, uma substancia chamada "kilkinnick"; a terceira, seementes coloridas de "chia"; e a quarta uma materia vegetal de cor branco amarellada. Esses extravagantes atavios têm para os selvagens cheyenes uma poderosa virtude medicinal. As tribus que residem proximo do isthmo do Panamá,

usam collares de dentes humanos, a que, também, attribuem virtudes magicas.

Curioso talisman therapeutico entre os apaches é um pequeno sacco de couro que os guerreiros trazem á cintura. Contém um pó vegetal amarello, chamado "hoddentin", que outra coisa não é senão o pollen de uma planta conhecida vulgarmente pelo nome de "rabo de gato", que cresce nos pantanos do Sudoeste. Os curandeiros applicam este pó na cabeça dos cantores e amigos do enfermo e também na sua propria cabeça e bocca. Quando os apaches se aprestam para a guerra, para a caça ou para qualquer expedição ariscada, têm a precaução de atirar para o sol uma pitada do "hoddentin", dizendo: "Com o favor do sol vou á guerra, á caça, (conforme vae combater ou caçar) e desejo que o sol me ajude."

Este pó é um remédio interno para certas enfermidades, e uma pitada posta sobre a lingua allivia o cansaço proveniente das longas caminhadas.

Entre as ceremonias com que se celebra a puberdade das raparigas apaches, ha uma que não é destituida de encanto. Sobre as virgens, que estão dançando, lançam-se flores de «notshi». Demais, no dia em que ellas entram na puberdade, dedicam-se á oração, arrojando punhadros de flores de «notshi» para o sol.

A serpente cascavel é um elemento indispensavel em muitas ceremonias apaches. Frequentemente applicam uma serpente cascavel na cabeça do enfermo ou noutra parte do corpo. Entre os curandeiros que vivem no sertão brasileiro ha uma superstiçao identica. Cuidam elles que a picada de cascavel cura a morpheia.

Dizem os apaches que, quando os curandeiros vão á caça das serpentes, recitam um litania ao tocar com a mão esquerda na serpe, tendo o cuidado de «defender» essa mão com uma flor magica.

O capitão norte-americano Bourke, que estudou minuciosamente os habitos e extravagancias dos curandeiros apaches, afirma que talvez não haja entre elles cerimonia medico-religiosa mais importante que o «ize-kloth» ou cordel medicinal, cujo emprego se reserva para as mais solemnes occasões, e todo curandeiro o leva preso ao hombro direito até tocar o quadril esquerdo. Creem elles que este cordel protege qualquer homem na guerra e permite, a quem o eva, descobrir ladrões ou objectos furtados. A dor de cabeça curase, segundo elles, apertando-se ao peito o ar que serve de remate ao cordel. Esse talismã é muito efficaz para o individuo encontrar o caminho de que se extraviou.

Os capacetes, tunicas, cintos e estolas dos curandeiros indios que tambem exercem o officio de sacerdotes, são adornados com figuras de cor amarella e outros ornatos de penas de agua, conchas e pedras de cor. O capacete remata, geralmente, com uma serpente empalhada, vendo-se ainda caracteres symbolicos, desenhos de nuvens e arco-iris, o deus, o vento, o sol e estrellas.

A divindade suprema dos apaches é o «Kan». Seus amuletos se chamam «Tzidalai» e são feitos de madeira de abeto ou de pinho. São cortados em pequenos pedaços com figura humana, levando incisões representativas do raio. As creanças e mulheres que amamentam nsam estes amuletos ao peçoço.

O curandeiro indio mostra-se nos em toda a plenitude do seu caracter quando applica a sua arte na cura de uma enfermidade grave. Segundo escreveu um ethnographo americanita, em certa occasião foi chamado um destes curandeiros junto a um indio que tinha duas feridas de bala no corpo e estava deprimido. Era impossivel desenvolver-lhe os sentidos. O curandeiro mandou formar uma ronda em torno do ferido, e revestido de uma pelle de urso, accorreu-se delle, com a varinha magica na mão direita e o tambor na outra. Executou danças ao redor do enfermo, saliendo de um lado e de outro, com gestos e gatafunhos rituales. Poucos minutos depois, o ferido, que estava em estado de coma, morreu; e mas o curandeiro não se mostrou vexado pelo insuccesso. Retirou-se dali com o mesmo ar com que entrara.

Em sua obra «Vagares de um artista», Kane descreve outra scena, bastante curiosa. Chegou elle de noite a uma aldeia india, e como quizesse grande estrepido no interior de uma cabana, entrou. Uma velha sustentava nos braços uma formosa rapariga, inteiramente nua. De cócora no meio do assento, o curandeiro, em consequencia das fatigantes operações que executava, suava copiosamente; substituiu-o no trabalho outro curandeiro mais joven, que começou a cantar e a gesticular violentamente, enquanto os demais circunstantes, dançando, faziam soar as pandeiras. Depois de meia hora de semelhante exercicio, agarrou-a pelos hombros, taccidua-a; apanhando depois um pouco de agua com a mão, chupou-a e horripou-a para cima, dizendo que alli deixava a doença que, com tanto esforço, tinha arrancado da corpo da doente. Depois tomou entre o polegar e o index uma coisa que parecia uma correa, cortou-a em duas partes, pondo uma na agua, outra no fogo, acompanhando estas ceremonias com um diabolico estrepito que por tórnado as entidades são capazes de fazer. Por ultimo, deu por terminada a tarefa, mostrando se muito satisfeito, se bem que a pobre rapariga não parecesse alliviada dos seus males, renão ainda mais abarida com o brutal tratamento a que foi submettida.

Vejamos agora, para terminar estas notas, algumas ceremonias da iniciação dos curandeiros nos segredos da sua arte e dos jovens guerreiros antes de ser armados cavalleiros.

Entre os indios mandanos ha a lenda de que a terra esteve, durante longo tempo, alagada pelo deluvio, conseguindo salvar-se dessa catastrophe apenas um homem em sua canoa. Cada anno se celebra a cerimonia da iniciação, e, ao raiar a aurora daquelle dia, apparece, como se viera de muito longe, a figura representativa do primeiro homem, a que elles chamam *nnahle-mucl-a-nah*. Recebem-n'o cordialmente no pateo central da aldeia, e elle passa depois para o pavilhão de medicina, cuidadosamente fechado durante todo o anno e que tem o pavimento alombrado de ramos verdes e

plantas aromaticas, tapetado de craneos humanos e esqueletos de bufalo; no centro ha uma especie de mesa sobre a qual se vê o symbolo dos mysterios da iniciação, do qual só se póde approximar o mestre de ceremonias.

Depois, o que figura de primeiro homem visita todas as tendas, relatando, em cada uma, todos os episodios do diluvio e a sua milagrosa salvação. Cada chefe de familia lhe dá um certo numero de instrumentos de lavoura, que devem ter officios ao Grande Espirito. No ultimo dia das ceremonias, estes instrumentos são lançados ao rio.

Na manhã do segundo dia, depois de haver estado occulto durante a noite, volta o primeiro homem á aldeia e encaminha-se directamente para a tenda ou pavilhão de medicina, seguido dos candidatos á iniciação, que se apertam todos pintalçados, armados de arco, flexas e escudo. Por espaço de quatro dias permanecem todos sentados ao redor do pavilhão, sem comer, nem beber nem dormir. O primeiro homem accende o cachimbo, dirige uma pratica aos candidatos e exhorta-os a ser animosos e a impetrar do Grande Espirito a necessaria fortaleza para supportar as provas. Depois autoriza a um curandeiro o cargo de mestre de ceremonias e entrega-lhe o cachimbo sagrado, que é a insignia do seu officio. Feito isto, delega a sua autoridade a um secretario e despede-se, dizendo que voltará no anno proximo. Ties dias duram as danças sagradas e encantamentos, até que chamam o primeiro candidato e o collocam entre dois ajudantes. Ferem-n'o então no hombro com uma laça e cravam na ferida um dardo de madeira. Repete-se esta operação no outro hombro, nos braços, musculos e barriga das pernas, sem que o candidato possa dar mostra de soffrimto, sob pena de perder todo o direito á iniciação. Suspendem-n'o em seguida de umas cordas que, pendentes do tecto, se prendem aos dardos de jóo cravados em suas carnes, e nesta posição balançam-lhe o corpo, até que o pobre desfalce e fica sem sentidos. Então baixam-n'o ao solo. Ninguém se approxima delle, até que, recobrados os sentidos, consiga arrastar-se até ao extremo da tenda, onde um curandeiro o aguarda, armado de um machado, com que amputa o dedo minimo esquerdo do neophito, collocando este despojo no craneo de um bufalo para offerecer-o, em sacrificio, ao Grande Espirito. Algumas vezes se sacrifica o polegar da mesma mão.

A ultima cerimonia da iniciação é a «Carreira final». O mestre de ceremonias se transporta, do pavilhão medico, para a «Grande Canoa», em cujo fundo se deita, de bruços, chorando copiosamente. Ao ouvir o seu pranto, accorrem vinte jovens, enfeitados com atavios de plumas de agua. Executam em seguida os mais estranhos e desvariados ritos, submettendo o neophito a novas torturas, cada qual mais dolorosa.

Já dissemos bastante sobre as ceremonias que conduzem á iniciação medica entre os indios. Convém, porém, notar que, por mais superstitiosas que sejam as suas praticas, por mais numerosos que sejam os seus erros na arte de curar, aos curandeiros indios se deve a descoberta de muitos medicamentos de real efficacia, como a coca, a salsparrilha, o quinino, o tulo, a jalapa e outras plantas adoptadas pela pharmacopéa occidental.

## OS SONETOS CELEBRES

*Offereceram aos meus olhos a ludo soneto de Chagas, feito a um pe, para ser recitado para minha lingua, e com pouco publicaveram as duas traduções, que fazem classificar-se em primeiro e segundo lugar pelo nosso jury.*

(CHAGAS)

Instante de Jazmin, concepto breve,  
Atomo de azuzena prezumido;  
Pues os Juggan las anclas del sentido,  
Sospecha de crist-l, susto de nieve.

Nó plé, mentira pont; pues como leve,  
Ni verdad en los solos aveis complido,  
Antes creo que escrupulo aveis sido:  
Pues de ser, ó no ser, la duda os mueve.

Como, si idea sois de ojos tan carios,  
Hazeis los ojos fe para creeros,  
Y hazeis la vista fe para mirarlos ?

Yo me resolvio en fin que he de perderos.  
Pues si el veras es solo imaginarios;  
Siendo imaginacion, como é de veros ?

# Afeições extravagantes



Colette Willy o seu "bull" favorito

Os mythos de Leda, de Europa, de Pasiphae impressionaram tanto a Grecia e Roma, que os gregos e romanos da decadencia não resistiram á tentação de lhes dar vida e realidade. Mythos de Leda, de Europa e de Pasiphae, quão longe estais dos nossos dias, e, entretanto, quantas vezes, hoje, os vamos presentindo na vida febril das cidades e na existencia ociosa dos campos! E toda vez que vos vemos realinados, rememoramos, sem o querer, os amores que se escondiam no bosque sagrado de Eleusis...

«A bella e a fera», este lindo conto da colleção dos «Contos da Carochinha», não é mais do que um esotrodo das afeições extravagantes da mulher. «A bella e o homem» foi sempre o thema favorito dos narradores. Quantas anomalias, quantos paradoxos, quantas surpresas desconcertantes revelaram certas mulheres nas suas relações de affecto com o homem! Mas não é disso que se trata aqui. Aqui trata-se do affecto, muitas vezes extravagante, que certas mulheres têm dedicado aos animaes.

Perguntae a Colette Willy qual é, para ella, o sér mais querido: e em resposta, um horrendo cãozinho negro, roncão e mal humorado, cujos olhos parecem saltar das orbitas. Nenhum homem, nenhuma pessoa da sua familia lhe inspirou mais amor. O antipathico cachorro come com ella no mesmo prato e dorme no seu regaço.

Perguntae á dançarina Napierkowska, a hystérica, á Polaire, a ambigua, á Forzane, a exquísita, e, por fim, á Monna Delza, a divina, perguntae-lhes em quem ou em que resumiram toda a sua effectividade, toda a porção de ternura de que são capazes, e ellas vos mostrarão, em resposta: Napierkowska, o seu griffon pequenissimo; Polaire, o seu microscopico cão japonês; Forzane, o seu elegante dog de Ulm, e Monna Delza, o seu gigantesco São Bernardo.

Na balança sentimental destas vidas femininas podeis pôr, num prato, todos os homens que através dessas vidas passaram, e, no

outro, o griffon, o cão microscopico, o dog e o São Bernardo: a balança se inclinará, de uma maneira decisiva, do lado dos bichos, emquanto que o prato dos homens ficará no alto, como se não contivesse nada, como se sobre elle não pesasse outra coisa mais que o vapor de um amor volatilizado ou o espectro de um amor defuncto, tornado cinza ou apagado no tempo e no espaço.

Ainda é do homem o caso daquella multi-millionaria americana que, em viagem de lodaes pela India, se afeicou a um elephante. Montada sobre o manto pectider-



Aquella multimillionaria americana, em viagem de nupcias pela India



Aline Le-Galvez, e tres dos seus amigos preferidos



me, caminhou o mundo, atravessou continentes, tocou civilisações, enquanto ao seu lado, sorna e cabibaxio, seguia o pobre marido, alvo do motejo de todas as populações do globo. E assim, atravez do mundo, viajando sempre, ella tomou, um dia, o caminho da patria. Chegados que foram á casa e integrados no lar, o marido, farto daquella situação, propoz á esposa o dilema de optar por elle ou pelo bicho. A bella optou pelo bicho, e, para poder conserval-o em sua companhia, requereu o divorcio...

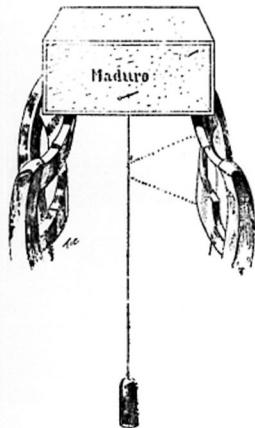
Mas todas estas mulheres são dilettanti. Ha tambem as profissionais, que são as domadoras de tigre, as charmeuses de terpenes, as amazonas...

Algumas das nossas leitoras ouviram, por certo, falar daquella domadora de leões que foi chicoteada pelo marido dentro da propria jaula onde estava o seu leão favorito. Não bem o marido levantou o chicote para agredil-a, quando o leão, num urro, se atirou sobre o offensor, torturando-o entre as garras...

Mas não censuraremos ás mulheres essas afeições hystericas. Ha homens tambem que se afeicão delirantemente aos bichos.

# INVENÇÕES UTEIS E INTERESSANTES

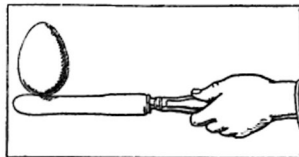
Um violino humorístico — A leitora que olhar esta gravura, verá uma caixa de charuto collocada sobre o espaldar de duas cadeiras. O nome "Maduro", que se lê no centro, é uma indicação da qualidade do charuto. Para se construir este curioso instrumento, toma-se, pois,



os maiores e mais surpreendentes efeitos.

O ovo magico — Toma-se um ovo cru, dos de maior tamanho. Esvasia-se o ovo, furando-o com um alfinete em cada extremo e soprando-se o conteúdo. Uma vez vazio, enche-se de areia finissima, introduzindo-a cuidadosamente por um dos buracos, até a quarta parte, mais ou menos, da sua capacidade. Depois disso, tapar-se os buracos com cera branca. Então, nada mais facil do que illudir a ingenuidade das creanças com exercicios de equilibrio, porque o ovo, graças ao peso da areia, se equilibra sem difficuldade sobre o fio de uma faca, ao longo de um barbante ou no rebordo de um vaso, tanto por um extremo como por outro. Basta para obter este equilibrio, fazer cahir a areia na parte que tem de servir de base.

Limpador de pratos — A tarefa mais aborrecida nos encargos da cozinha é a limpeza dos pratos e panelas. Os que poem isso em duvida é porque nunca a experimentaram. O proprio cozinheiro tem horror a esta tarefa, e só a executa porque a isto é forçado como cumprimento de um dever. De facto, nada mais desagradavel do que

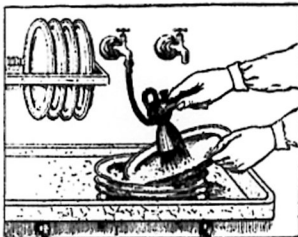


enlamburar as mãos na gordura dos pratos e na graxa das panelas, mergulhadas na agua quente e depois na agua fria. Essa transi-

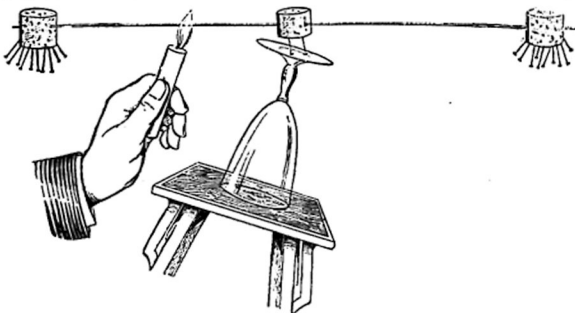
ção brusca de calor produz, ás vezes, dores rheumaticas e dolorosas.

Mas para tudo ha remedio, meços para a morte. O engenho dos inventores proporcionou aos cozinheiros e ás donas de casa que não têm cozinheiro, um aparelho muito simples e util, que serve para alliviar grandemente este pesado serviço de lavagem dos pratos.

Uma mangueira de borracha, de uns 6 milímetros de diametro, especialmente fabricada para resistir á agua quente, collocar-se na torneira por meio de um bocal apropriado. No outro extremo do canudo ha um calço de borracha que protege a louça dos choques bruscos. Um rociador, na ponta, lava os pratos como se fosse uma esponja ou esfregão, sem contacto directo com as mãos da credda ou da senhora que não tem creada.



A balança sensitiva. — Esta experiencia, que, de resto, não passa de uma mera travessura, é, entretanto, curiosissima. E' facilissima a sua experiencia. Tomemos um alfinete longo, desses que se usam para prender o chapéo das senhoras. Elle deve ser recto, porque se estiverem torcidos ou tortos não terem para a experiencia. Atravessemos com elle uma rolha de cortiça, de lado a lado, e bem ao centro do cylindro, de modo que a rolha fique exactamente o meio do alfinete, tal como está indicado na gravura. Depois atravessemos a rolha com dois alfinetes parallellos ao seu eixo, um de cada la-



do do alfinete longo. Nas duas pontas delle colloquemos duas rolhas. Mas, como é quasi impossivel que, desde logo, se obtenha o perfeito equilibrio das duas rolhas, pôde o seu peso ser rigorosamente equalado, cravando-se numa dellas ou em ambas pequenos alfinetes de cabeça. Dessa fórma é mais facil obter o equilibrio perfeito. Feito isto, colloquemos o conjunto sobre o pé de um copo emborcado, e teremos uma balança summamente sensivel, cujo fiel é a rolha que ficou ao centro e cujos pratos são as duas rolhas das extremidades. Obtido o equilibrio, esperemos que a balança fique immovel. Observamos então que, applicando ao alfinete a chamma de uma vela, se altera o equilibrio da balança. A razão disso é que o calor, dilatando os corpos, resulta que o lado aquecido fica mais pesado que o frio, determinando com isso a inclinacão da balança. Experimentem e verão.

# VIDA FEMINA

## Lojas maçônicas femininas

Os maçons ingenuos, que, a despeito de ser maçons, confessam a sua fé catholica, ainda não perceberam nitidamente o espirito desta associação secreta. Não ha muito, realizaram-se em Paris, Roma e Lisboa, congressos maçônicos, em que se tratou da emancipação da mulher, da Igreja e do confessoriano, o que importa dizer, desviar a mulher da fé christã. Os orientes da península ibérica submetteram-se de prompto ás decisões do congresso, e trata, actualmente, de augmentar as lojas femininas. Como se sabe, a iniciação maçônica exige aos seus adeptos umas tantas provas que se tornam alheias ás mulheres. Por isso, os supremos directores, no interesse de tornar mais faciles essas provas exigidas ás "maçonas", (— maçãs ou maçãs ?) para passarem de um grau a outro, estabeleceram as lojas volantes d'um só grau, preteridas por maçãs mais antigas, sem ceremonial nem symbolismo — verdadeiras reunidas em familia em que as *peidas* ou verdadeiramente iniciadas no regredo da *reita*, empregam o conhecido processo de *desbostar a pedra bruta*, quer dizer, desatrolhar a mulher, pouco a pouco, sem ella o perceber, até as *meistas* a julgarem apta para passar á categoria de *perfeitas iniciadas*, capazes, por sua vez, de dirigir nova loja.

O seu ponto de reunião é variavel. Póde ser mesmo uma casa de modista, ou uma feitoria mais ou menos futil, publica ou particular, em que só haja mulheres. O importante é essencial é a presença d'uma *mestra*, que já tenha conseguido desviar das práticas religiosas pelo menos duas das mulheres que alli concorram, e que, de harmonia com ellas, empregue os meios conducentes a que as outras lhes sigam o exemplo.

A *mestra maçona*, de cada uma destas lojas femininas volantes, aponta numa lista quinzelos nomes e mais circumstancias das mulheres assim afastadas da religião, entregando-a mentalmente na secretaria respectiva, para chegar ao conhecimento do Grande Oriente o resultado da sua propaganda.

Tal é a nova organização da maçãria feminina, contra que devem estar de guarda as mães de familia christãs, vigiando incansavelmente as filhas, para não contrahirem relações com pessoas do seu sexo em que notem indifferença pelos assumptos religiosos, sob pena de poderem cair nas mãos duma *mestra*, que as desvie das práticas catholicas e as entregue para as fileiras do Grande Oriente.

### Um gesto nobre

Um grupo de senhoras, da melhor sociedade de Barretos, em nosso Estado, acaba de ter um gesto, que póde bem em evidencia quanto, em nossa terra, ainda se rende culto á moral e aos bons costumes. Trata-se do seguinte. Um cavalleiro "qualquer teve" a má idéa de fundar naquella cidade um "cabaret", destinado, sem duvida, a offerecer aos seus frequentadores espectáculos variados, sendo de presumir que todas essas variedades convergissem para um fim unico, que é a degradação e relaxamento dos costumes. As senhoras de Barretos, porém, pondo-se de sobreaviso, incumbiram a uma commissão de tres senhoras, que procurou o dr. delegado de policia, a quem pediu, em representação escrita, se dignasse impedir a execução deste atentado.

Eis o texto da representação :

Ilmo. e exmo. sr. dr. delegado de po-

licia de Barretos. — As abaixo assignadas, constituidas em commissão, e em nome da familia Barretense, vêm pela presente, e usando do direito de representação que lhes facultam as leis do país, pedir a v. exa. que, em observancia das mesmas leis, de que é um dos fins executores neste municipio, e a bem da Moral Publica, também sob a égide da policia, se digna de, fazendo valer, como *sic* e deve acontecer, a sua autoridade, obstar a que se faça realidade entre nós e se desenvolva um grande mal com cuja perspectiva já as familias desta terra se sentem profundamente alarmadas.

Trata-se e annuncia-se já com todas as seguranças de facto irremovivel, da fundação, em Barretos, de um centro de diversos de *tudo genero*, cabaret, Eldorado, ou que melhor nome tenha.

Vossa excellencia bem comprehende o perigo que dessa iniciativa póde decorrer para o *so rgo* dos lares, affectando até mesmo as seguranças do credito pessoal nas relações commerciaes e bancarias, *enomes*, vultuosas, que se esperam nesta cidade.

Sabe v. ex., melhor do que nós, em que consistem esses centros que se apresentam com o maior numero de seduccões possíveis, atrahindo os incautos e os inexperos para o vicio, que, sob naltiformes aspectos, alli costumam dominar.

Nem só o rotulo de sociedade regularmente organizada póde amparar-se a iniciativa (que as abaixo assignadas acreditam não haja nascido de pessoas aqui domiciliadas e com responsabilidade social nesta terra) por que as leis que regulam a organização e funcionamento das sociedades civis, para qualquer fim que sejam, não toleram alli tudo quanto importa em offensa á ordem, á moralidade e aos bons costumes: — os jogos de azar, a ociosidade, as práticas immoraes — tudo lhes é de feio.

E v. ex. sabe que a maior virtude da acção policial consiste em prevenir os males.

Esperamos que v. ex. se dignará acolher o nosso pedido, prestando, de tal arte, relevante serviço á sociedade Barretense e dando cabal desempenho ao elevado cargo que exerce em nosso meio.

Ao exmo. sr. dr. B. Alipio Bastos, m. d. delegado de policia de Barretos.

Margarida Leonel

Corina de Lima Campos,

Amelia de Oliveira Menezes.

A mulher nos correios

Uma das consequencias da guerra, e, quicá a mais importante, foi o aproveitamento das mulheres para os cargos que se suppunham privativos apenas do homem. A guerra fez ver ao homem que a sua companhia é ajda para todas ou quasi todas as tarefas masculinas.

A mulher, em França, começa a ser preparada para o serviço postal, e a razão disso é porque, no departamento de la Seine Inferior, se verificou que eram muito restrictos os candidatos a quell' emprego.

O commercio, a industria, a agricultura, actualmente, proporcionam situações mais remuneradas.

Na difficuldade de obter empregados competentes o director dos Correios desse departamento francez, recorreu ao concurso dos institutos de ensino.

Este appello foi mais correspondido de parte da Escola Feminina de Ruão, onde a secção commercial preparara os candidatos a logares nos correios e telegraphos; mas a escola apenas fazia a cultura geral; existindo difficuldade para os serviços technicos.

Deixando a escola os candidatos eram obrigados a adquirir pratica.

O director dos Correios procurou supprir a deficiencia, preparando o elemento feminino intelligente, activo e habil para os serviços da sua repartição; reunindo o ensino scientifico ao pratico.

E para conseguir este melhoramento encarregou um dos seus empregados projectos de fazer conferencias e dar aulas, de serviço postal na Escola de modo que interessasse ás alumnas e ao mesmo tempo lhes dêsse os meios de entrar em concurso.

O exemplo tem sido imitado noutras escolas e por outras administrações postaes.

### Dedicacões heroicas

A epidemia actual, se nos trouxe prejuizos incalculaveis em vidas, muitas das quaes preciosas, trouxe-nos, entanto, um consolo o espirito de devotamento da mulher. O que as moças e senhoras da Cruz Vermelha têm feito, tanto no Rio como em S. Paulo, em prol dos que necessitam e necessitam de socorro, fica muito acima de tudo quanto se possa imaginar. Essas *dedicacões* de que ellas têm tido motivo, não vêm a publico. São dedicacões obscuras, exercidas na sombra, e, por isso mesmo, mais dignas de louvor, porque são eminentemente christãs.

Entretanto, se-nos permitiu, dentre tantas senhoras que, arrostando tantos soffrimentos e desconfortos, se puzeram ao serviço dos gripados, destacar uma, miss Mary Elisabeth, essa abnegada enfermeira da Cruz Vermelha, que succumbiu, ha dias, no seu posto de caridade. Directora das enfermeiras do Hospital do Isolamento, ha de oito annos que vinha ella exercendo o seu piedoso sacerdocio de caridade.

Eis o que, a proposito dessa senhora, escreveu um *vesperino* desta capital:

Exemplo typico de verdadeiro amor ao proximo esse de miss Elisabeth; exemplo que desperta em memoria uma lembrança de admiracão a essa nobre alma dedicada a dor e ao soffrimento de seus semelhantes!

De todos os sentimentos nobres do coração, de todas as virtudes que enaltecem o espirito humano, é, sem duvida alguma, o sentimento da caridade o mais elevado e o mais perfeito. E esse sentimento existiu eloquentemente na alma dessa heroína que tombou.

A caridade fê-la esquecer-se de si mesma e voltar os olhos, com piedade, para os soffrimentos e angustias do proximo. A vida confortavel da familia, ao bem estar que nunca lhe faltava, cercada de carinhos no accon chego de um lar feliz, ella preferiu achar-se ao lado dos que padecem sob um ambiente de tristezas e amarguras, transformando-se em anjo benfido de caridade a levar o consolo e o alívio aos enfermos attribuidos nos dias tristes do presente.

Foi nesse posto de sacrificio e de heroismo que miss Elisabeth encontrou a morte. Exercendo a maior das virtudes christãs — a caridade, essa heroína morreu deixando inapagavel na memoria de todos o bello exemplo de sua abnegação — eloquentemente atestado da nobreza de sua alma e da sensibilidade infinita de seu grande coração.

A lei suprema do christianismo: amar a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a ti mesmo, ella soube cumprir com o mais accentuado devotamento.

Registem-se nesta columna nosas mais fundas sympathias á memoria da mulher sustimada que hoje descança. Alou-se o seu espirito para as alturas da bemaventurança, ficando na terra o seu nome elevado e enaltecido aos olhos da humanidade... — 11.

De tudo quanto pôde servir de alimento para o sonho, não há assumpto mais rico e mais colorido que uma mulher joven e elegante, que, depois que deu a ultima demão á sua «toilette», se apresenta ao nosso exame. O mundo inteiro contribuiu para a sua indumentaria. Sem falar nos estofos que a revestem, as plumas do seu grande chapéu recordam os climas ardentes e o deserto infinito, onde eram as azeitunhas; as pelles que a abrigam sugerem ao nosso espirito as extensas planícies geladas onde correm as raposas céleres e as candidas zibelinas; as perolas de seu collar, no brilho rosado e macio que as banha, falam das vagas phosphorescentes do Oceano Indico, enquanto que os brilhantes e os rubis dos seus aneis parecem dar, com o seu permanente esplendor, um aspecto de dureza inflexivel a todos estes ornatos fragéis e passageiros.

Mas, acima de tudo, vemos ainda um rosto meigo e mysterioso, uma bocca de inflexões suaves, olhos, cujo olhar, por mais distrahido e indeciso que seja, basta para eclipsar, para nós, estas perolas e estas gemmas que brilham sem alma.

O mundo é devastado para a gloria das mulheres: as especies animaes desaparecem, devido á caça que se lhes faz; as aves do paraizo que, em bando, á tarde, vinham pousar nas arvores da Africa, diminuem dia a dia, ao mesmo tempo que o magnifico incendio dos insectos de ouro, que fulguravam na sombra humida das florestas tropicaes, não lançam senão algumas scentellas. Desta depredação, as mulheres não são senão a causa involuntaria, mas e muito provavel que, se lhes consultassemos a ambição, a maior parte dellas não acharia máo que, em seu favor, se despojassem o mundo e se arrancasse á terra as suas mais lindas graças para dar mais realce ás graças dellas, para as tornar mais formosas ou, pelo menos, um pouco mais vãs. Porque, em todos esses ornatos, a idéa da riqueza, que elles recordam, mistura-se intimamente á do embelezamento que ellas realçam, e desses dois elementos, riqueza e embelezamento, o primeiro e ainda o principal, consorte o conceito dellas. As mulheres cuidam pretender que, se se enfeitam, o fazem para ser agradaveis aos homens. E dessa forma querem, sem duvida, excusar-se, perante elles, das despesas que o seu luxo acarreta, fazendo-lhes crer que elles, só elles, são a causa dessas immensas despesas superfluas. Ellas, externando-se assim, dão uma prova de condescendencia, digna de louvor e agradecimento, mas, para falar verdade, se a idéa de agradar aos homens é o que as move, ellas esquecem, no desvaio da sua vaidade, que é a vaidade sómente que as inspira.

As mulheres vestem-se e enfeitam-se para se eclipsarem e humilharem umas ás outras, e neste aspero

## As mulheres e as flores

combate o homem, tornado, mau grado seu, juiz do torneio, não sabe a quem offerecer o premio da victoria. Porque — attente-se bem nisto — se um homem pode distinguir bem entre uma «toilette» elegante e outra que o não é, elle é, entretanto, incapaz de reconhecer se é da ultima moda ou da moda que a antecedeu ou se custou muito caro. Todas estas minucias, que elle mal comprehende e que são todas evidentes para ellas, têm, ante os seus olhos, diferenças notaveis.

Sem duvida que as perolas, as plumas e as pelliças dão muito relevo e graça ás mulheres, mas attestam, sobretudo, que ellas, ao ostentar toda essa indumentaria sumptuosa, possuem immensos recurvos para de consagrar á adoração do seu corpo, e revestidas de tudo isso, que constitue a inveja das suas semelhantes, essas mulheres privilegiadas e triumphantes sentem-se menos lisonjeadas em sua belleza que no seu orgulho.

As flores, por si só, não valem quasi nada; nenhuma idea peculiar corrompe ou diminua a sua gloria desinteressada. Em certas epochas do anno, quando a estação é propria, ellas são tão communs pelo numero quáo preciosas pela belleza. Ellas são tão brilhantes como os mais ricos thesouros. O passeante distrahirido que as encontra, ao alcance da mão, bordando o caminho, pode colher, á vontade, braçadas dellas, sem que ninguém lhe denuncie o furto. As flores são os verdadeiros ornatos, e não são senão isso.

Uma mulher não se pode blasonar de ser verdadeiramente a unica e exclusiva possuidora das suas joias. Ao passo que ella vive á orgulhar-se do brilho que ellas lhe emprestam, as joias a deixam envelhecer e murchar sem que nada altere o seu esplendor, continuando a fulgurar indifferentemente sobre o seu proprio orgulho para outras carnes.

As flores, ao contrario, porque são ephemerhas, associam-se inteiramente áquella que as leva, ao collo n'cujo calor as faz murchar e morrer. Porque a sua vida é passageira, ellas empolgam aquelle instante de vida com uma plenitude interdita ás coisas duraveis. O diamante, frio e egoista, contenta-se de resistir ao tempo com desdem, oppondo ao tempo o seu crystal indestructivel. A flor, no momento em que desabrocha, expande e desbarata os seus thesouros de poesia e paixão, e triumphal porque os seus thesouros se exgotam. Só ella pode dizer ao cabelo ou ao collo que perfuma: «Apressa-te, aproveita o momento que possa. Nem sempre é tempo para ser feliz!»

Todos os demais ornatos são indifferentes áquella que os usa. A flor é o verdadeiro emblema da mulher. Nunca passeamos por um jardim cheio de rosas, sem



que cada uma dellas represente ao nosso espirito um caracter feminino. Essas rosas, de tom vermelho excessivo, que sorriem nos taboleiros de relva, são mocinhas frivolos e luteis com quem todos se divertem. Esta outra, de uma brancura imalada, que, no centro da corbeille, é como que uma maravillosa lacuna de cor, tem a belleza intacta de uma alma unica. Esta outra, na sua gloria carnal, é Helena de Sparta. Esta rosa-chá, inflamada e enternecida, é a rainha Berenice, e a sua com-

panheira de bouquet, cujas petalas encrespadas são tintas de um rubro tão espesso que até parece negro. É Dido abandonada por Enéas, no momento em que se apunhala. Se nos poms a pensar nas mulheres que conhecemos, não ha, por certo, nenhuma a que não corresponda a uma flor e que não encontre na flor o seu symbolo. Ha a mulher-lyrio, branca, direita, desdenhosa, e que, occultando um ardor secreto no aspecto de desdem que ostenta, sente-se feliz dentro dos seus devaneios como dentro da folhagem fresca que a envolve. Ha a mulher-cravo, fina, esgalgada, um pouco ambigua, que seduz, sem contar, entretanto, a quem a ama o segredo da natureza que lhe deu o perfume. Ha a mulher-lyrio-rosa, ativa e quente como um chamma. Ha a mulher-pavoine cuja belleza robusta parece impercível, e a mulher-tulipa, que, muda, tranquilla, impenetravel, vive a inspirar sonhos, sem os sentir nunca. Ha a mulher-verbena, pallida, pensativa e taciturna, que, cruzando sobre o peito as suas lindas mãos onde se trançam as veias azues, passa ao crepusculo, emquanto que, atraz delta, o céu vae empalidecendo e a terra enchendo-se de sombras. Ha a mulher-glycinia, muito suave, muito meiga, que, reclinando sobre o terraço, succumbe á dor dos seus amores incompreendidos. Ha a mulher-ochideia, a mais original de todas e ao mesmo tempo a mais banal, que, a despeito da sua attitude, mal escende a miseria das suas intimidades. Porém, mais encantadoras que todas as demais e mais attrahentes pela sua simplicidade, pela sua frescura e pelo seu mysterio, são as mulheres-flores do campo.

Se as flores vão bem ás mulheres, não é porque umas e outras sejam dotadas dos mesmos sentimentos

e pareçam usar a mesma linguagem, mas tambem porque as mulheres são as unicas capazes de se associar á natureza. Ha muito tempo que os homens, na sua immensa maioria, perderam esse poder. Observe-se um homem no campo ou num jardim: a bella perspectiva do campo e o encanto do jardim são-lhe indifferentes. Se elle é obrigado a permanecer, por muito tempo, diante de um taboiteiro plantado de rosas, elle, enfiado, abre o seu jornal, como para se preservar do esplendor

que o rodeia, e absorve-se na leitura das noticias e telegrammas, emquanto, em torno delle, a abelha, a libellula, a borboleta e o musgo verde compõem uma historia maravilhosa, da qual lhe escapam os mais interessantes episodios. O homem não se interessa mais pela natureza. Só as mulheres é que sabem guardar al, um acossa desses instinctos primitivos, que unem todos os seres nas sobrias festas da terra. Uma manhã de maio, um bello dia de primavera são para ellas como signaes promissores de venturas.

O homem ligou-se estreitamente a si proprio. Elle não vale senão pelas suas proprias qualidades.

As mulheres, não. Ellas não valem apenas pelo que são, mas tambem pelo que suscitam, suggerem, lembram. A mais insignificante dellas pode captivar e mo um espelho magico onde se reflecte o universo. Os seus languores, os seus caprichos, as suas coleras, tudo quanto nellas se observa de razoavel ou de incoherente, tudo isso as torna semelhantes ás lagoas que, na planicie, reflectem todas as perturbacoes do céu, ora as nu-

vens de gaze, promettedoras de bom tempo, ora as nuvens pesadas, nuncias de tempestade. Assim, pois, quando as mulheres se approximarem de nós, coroadas de flores como pequenas bacchantes, esses ramalhete e guirlandas não servem apenas para enfeitá-las senão tambem para evidenciar-lhes o encanto. A mulher é que nos põe em contacto com a natureza e com o mundo. É por isso que as mulheres amam as flores. Os homens que dizem amar as flores, não o dizem com sinceridade, são snobs, hypocritas, mentirosos. Raros são os homens que se interessam por uma flor; e os que se interessam por ella, têm sempre em mira offerecê-la a uma mulher.

Tristão Cesario.



# Uma festa de caridade

(Trad. para a Revista Feminina).

## PERSONAGENS

O marido 38 annos      A esposa 30 annos  
A costureira      A criada  
Um cachorrinho      Tom  
Scenario: --- O tocador da senhora --- Horas: 8 1/2 da noite.

O marido — Que brincadeira é esta? Então não queres mais ao theatro?

A esposa — Reccebi esse bilhete de minha costureira. Espero-a em 9 horas.

O marido — Oh, essa é admiravel! Pois tu me fazes comprar localidades, eu me metto nesta casaca, e, á ultima hora não podes ir ao theatro porque esperas a costureira, e ás nove horas da noite!

A esposa — Nada de admiravel. Esqueces-te que temos uma festa de caridade em prol dos inundados, dentro de oito dias; que que as costureiras estão cheias da encomendas, e que as clientes, si não quizerem ficar sem vestidos para aquella festa, devem sujeitar-se ás horas de prova que ellas usarcarem.

O marido — Estes inundados... E' extraordinario como vós descobrem desastres e victimas para terem precatos para festas!

A esposa — Cada qual comprehendendo a caridade a seu modo: tu, por exemplo, és um dos ornamentos da Sociedade Protectora dos Animaes.

O marido — Sociedade de grande importancia social.

A esposa — Como as nossas pelos sinistrados.

O marido — Mas esta festa devia de realisar-se na proxima quinzena.

A esposa — De facto. Fomos, porém, abrigadas a precipital-a porque, segundo as ultimas noticias, já ha dias os rios estão baixando, e dentro de dez dias a festa ficaria prejudicada por haver mais inundados! A culpa não é nossa. Cuidado com esse teu cachorro... Tom!... Tom!...

O marido — Aqui, Tom! Aqui! (Tom aproxima-te) Vês? Tem uma intelligencia de homem, este animal! (Ouve-se a campainha).

A esposa — Deve de ter a costureira. Dás licença?

O marido — Si não te incomoda, eu assistirei á prova.

A esposa — Sem dar opinião, porém, sim?

O marido — Ficarei mudo como um junco. (Entra a costureira seguida pela criada, que traz a caixa de vestidos).

A costureira (tirando o vestido da caixa). Minha senhora! Meu senhor!

O marido — Ah! Que lindo vestido! Que soberbos volantes!

A costureira — Infelizmente não são volantes.

O marido — Bahados!

A esposa — Nem bahados! Cala-te, quando não, te pões a dizer anedotas.

O marido — (para a costureira). Peço desculpas, minha senhora. O vestido é delicioso, isto lá não ha a discutir: um bello vestido de baile.

A esposa — Oh!... Isto não é vestido de baile.

O marido — Não é um vestido de baile? Decotado assim?

A esposa — Então tu me achas com cara de ir a um baile com este toilette?

O marido — Sem toilette é que acho difficil que tu fosses!

A costureira — A senhora tem razão. Isto não tem nenhuma semelhança com um vestido de baile. A senhora mandou fazer no anno passado uma linda toilette para uma outra catastrophe, então na America do Sul...

O marido — (interpondo-a). Ah, lembro-me... Era a sul... Por signal que nunca mais a vi...

A esposa — Oh, meu amigo, esse genero de toilette só se usa uma vez. Não se pode usar a mesma toilette em duas catastrophes diferentes... Tu pareces ignorar por completo a geografia!

O marido — Ah!

A esposa — Uma toilette que serve para um incendio seria feita de papiro para uma inundação, ou para uma festa pelas victimas de um desastre de estrada de ferro, que exige côres inteiramente diferentes. (Para a costureira) Parece que para uma inundação estes tecidos estão um pouco exaggerados?

A costureira — (que colloca alfinetes na blusa). Tem razão; já estou marcando.

O marido — Um pouco largo para inundação?... Eu me contessei um idiota!

A costureira — Sua senhora diz muito bem. Ha vinte annos, tanto são os que me têm visto na direcção de minha casa, faço vestidos para diferentes catastrophes...

O marido — Quer dizer para diferentes festas de caridade... A costureira — Sim. E' mais ou menos a mesma coisa. Pois bem: não pode haver oitavo peito que confunda uma toilette de um incendio, por exemplo, com a toilette de um desabamento.

O marido — Pois eu até agora não tinha dado por isto! Si me quizesse explicar qual é a differença...

A esposa — Aduro sua pachorra de perder tempo com meu marido! Elle é incapaz de entender dessas coisas.

O marido — Mas é porisso mesmo que me devem explicar...

A costureira — E' uma coisa que não se pode explicar, meu caro senhor! Ou a gente nasce com olhos, ou nasce sem elles. A senhora chama sua attenção para esta toilette. Olhe-a bem, reflecta, e diga-me depois si não encontra nella um não sei que caracteristico de uma toilette para uma festa de caridade em favor das victimas de uma inundação que submergiu dous departamentos de nosso paiz.

O marido — Com boa vontade... e um lettereiro...

A esposa — Oh, meu amigo, tu estás aqui com essa historia, já se te explicou que é uma toilette assim, assim, assim. Que queres mais?

O marido — Está bem... Está bem...

A esposa — Olhe este cachorrinho em cima da cadeira!

O marido — E' que elle tem muito mais furo do que eu! Já percebeu que se trata de uma inundação e por-se ao secco, em cima de uma cadeira. Aqui, Tom! Tem uma intelligencia de homem!

A esposa — Tua gracinha alem de perfeitamente sem graça é mais que decadida na presenca de minha costureira, que acata de fazer esta obra-piima, este amor-de-toilette. (Para a costureira) Queira desculpa-l'o, madame. Meu marido só entende a caridade irracional. Outro dia salvou um cachorrinho da ficar sob um bonde, e ganhou uma medalha; ficou mais orgulhoso que nós quando, dançando toda uma noite num baile de caridade, salvamos familias e familias!

O marido — Eu te ficaria muito grato si deixasses meus animaes em paz.

A costureira — Prompto. O vestido está uma perfeição. Minha senhora, meu senhor!

A esposa — (já criada de quarto) Julia! Acompanhe minha costureira. Passar bem, madame. Muito obrigada, e não ligue a meu marido, sinão quando tiver que mandar a conta. (Sorrir).

A costureira — Não tem daviada! Eu já estou acostumada! E' uma raça muito interessante mas um pouco monotonica porque não varia! (Sáe a rir).

O marido — Quero pedir-te um favor e é o de não fazeres pilherias com a Sociedade Protectora quando houver gente de fora.

A esposa — Não te meitas, então, com minhas toilettes, de que não entendes nem o modo de fechar um colchete! Minha manin é mais inoffensiva do que a tua, e queres que te diga? Eu já tenho medo de sahir contigo porque um fazeres outra coisa então multar cocheiros...

O marido — Por que maltratam os animaes.

A esposa — E então passam a maltratar-te... Dizem-te outros... Comprehendes que é preferivel que elles maltratem os nossos animaes...

O marido — Tu és de uma amabilidade... como direi?... excessivamente conjugal!

A esposa — Quando me lembro que te atiraste sob um bonde para salvar um cachorro, sem lembrar-te que podias morrer, que me podias deixar viuva! O cachorro valia mais do que eu, portanto!

O marido — Eu não me atirei sob o bonde. O bonde já tinha passado...

A esposa — Então porque te deram uma medalha?

O marido — A Sociedade procurava ha muito tempo um pretexto para premiar minha assiduidade.

A esposa — E' de-se uma medalha assim! E' uma usurpação.

*O marido* — E tu continuas nestes ternos eu me retiro.  
*A esposa* — Si estás de mau humor, é melhor. Leva contigo esse grotesco animal.

*O marido* — Aqui, Tom! A proposito: Não contes commigo para acompanhar-te á tal festa. Esta toilette é do peor gosto, e eu não me quero expor ao ridiculo snindo com uma senhora assim «carnavalizada»!

*A esposa* — Ah! (irada) teu protector de animaes!... Quem é que precisa de sua companhia? (dando com o pé em Tom) Tira esse cachorro para lá!

*O marido* — Eu prohibo-te de bateres em meu cão!

*A esposa* — (Bate de novo com o pé em Tom) Tome!

*O marido* — Si o bateres outra vez ponho em pedaços esse vestido, e adeus festa de caridade.

*A esposa* — Ah, é assim? Espera ahí! *chegando-se á porta* Julia! (Julia apparece)

*A esposa* — (Tendo falado ao ouvido da creada). Comprehenheu?

*A creada* — Sim, senhora! (sae)

*O marido* — (tendo-se acalmado) Minha amiga, eu fui talvez um pouco vivo...

*A esposa* — Ah! Espera lá, que nós vamos sair! (ri)

*O marido* — (conciliador) Minha amiga!

*A esposa* — (rindo). Um momento. É o tempo de Julia voltar.

*O marido* — Que lhe disseste ao ouvido?

*A esposa* — Queres saber? Que fosse buscar uma das "bolas" com veneno para cachorro que andaste a colher nas ruas e que ainda estão na prateleira da garage.

*O marido* — E que queres fazer com aquillo?

*A esposa* — (calmamente) Liquidar com esse teu lindo animalinho que me dá nos nervos! (a creada entra e entrega um objecto á patriça)

*O marido* — Não brinques! Deixe-me ver isso!

*A esposa* — Oh! não te arreceies; não é para hoje.

*O marido* — Dá-me isso!

*A esposa* — Não te approximes! (evita o marido que se approxima).

*O marido* — Dá-me isso! (salta para tomar a "bola" da mão da esposa; esta se debate e a "bola" cae por terra. Tom precipita-se sobre a "bola" e engole-a)

*A esposa* — Oh, meu Deus! A "bola"... a "bola"...

*O marido* — Quede? Onde?

*A esposa* — No chão... Larga Tom! Oh, meu Deus, Tom enguliu-a!

*O marido* — Pobre Tom! (agarra o cãozito e sae com elle) Vou ver si o salvo!

*A esposa* — Oh, que horror! Era tudo brincadeira. Eu não pensava uma palavra de tudo quanto dizia... (o marido volta acabrunhado, trazendo Tom morto)

*O marido* — Pobre Tom! Foi fulminante!

*A esposa* — Perdão-me, meu amigo! Eu não tinha intenção, era tudo brincadeira! Eu seria incapaz... Eu não sou má... Pobre Tom!

*O marido* — Também não vale a pena que te ponhas nesse estado por um cachorrinho. Morreu, que se hade fazer? (Beija a mulher)

*A esposa* — Dizem-se que Tom não teria marido tão desastrosamente si tu não fosses membro da Sociedade Protectora dos Animaes!

*O marido* — E que nós não teríamos brigado se não fosse a tua caridade!

*A esposa* — (beijando o marido) Perdoa-me, meu amor, e quanto á tal festa eu desisto della, eu te juro que não quero mais saber de caridades...

*O marido* — Pois eu tambem, vou pedir demissão da Sociedade Protectora dos Animaes. Assim talvez viveremos mais em paz... E quanto aos animaes pouco se me dá. Tenho mais que fazer!

*A esposa* — Tal qual eu quanto aos inundados... Viveremos um para o outro.

Alfredo Capus

## ARVORE MORTA

Pobre arvore, que, out'ora, sobranceira  
 ás frondes todas, mádida, te abrias  
 em festões, ramos verdes, harmonias  
 de cigarras e pássaros! R' beira

da esotra luminosa e ampla, extendias  
 calma sombra, — que o sol batendo a joieira  
 das fôlhas, marchetava de ouro em poeira —,  
 na ecclôsoa potencial dos meios-dias!

No pé do teu cadáver, ergo um canto  
 a essa que, nos Verões resplandecentes,  
 — Força tranquilla —, te enfeitava o manto...

E, entre gorgeios, ruflos de aza, e amores  
 de abelhas, espalhava-te as sementes  
 e o póllen procreador das tuas flôres!

Natal. R. Grande do Norte.

Othoniel Menezes.

## Paschoa na Aldeia

(Para o Alvaro Guerra)

*Partem ao pôr do sol, alegrementa,  
 Jura o "moramento" e cruz toda enfeitada:  
 O pássaro caminha pela estrada  
 Descendo do estêdo aiva o pingento.*

*Festa da Paschoa, Inutilião sagrada,  
 O coração palpita de contentio!  
 Já bom vinho, já, já, já, já, já,  
 Todos se agarram para a festa amada.*

*Tudo se veste de ourozêdo, do arminho,  
 Forçaram avos pela ramaria,  
 Jurdam flores á margem das caminijos.*

*Pastores idem flautas suspiradas:  
 Até a aurora adoso claro dia  
 E uma aveiãção mágica de rosas!*

Francisco Gaspar.

# AMIGOS MORTOS

O mez que passou e alguns dias que o antecederam foram de luto para todos nós que, de sol a sol, mourejamos nesta lãna exhaustiva das letras. Muitos dos nossos amigos da imprensa disap-



*José Maria Lisboa*

pareceram. Lá se foi José Maria Lisboa, aquella veneranda figura, o decano dos jornalistas de São Paulo. Portuguez de origem, fez-se brasileiro pelo coração. Dotado de um extraordinário espirito de organização, fez prosperar as empresas jornalísticas que fundou ou de que fez parte, garantindo-lhes, pela sabia orientação que lhes imprimiu, a prosperidade e o futuro. Foi também homem de letras. Compoz alguns contos humorísticos e chronicos de phantasia, a que não faltava o condimento da dicacidade, muito ao sabor da época. Fundou o "Diario Popular", que é, hoje, uma das empresas mais solidas do jornalismo brasileiro, jornal independente que sempre viveu do favor do publico e nunca dos tentadores subsidios á custa dos quaes a maior parte dos jornaes brasileiros vão, bem ou mal, vivendo. Afastado ha muitos annos da luta, porque a isso o forçavam os annos e as velhas enfermidades, deixou como seu continuador na direcção do "Diario Popular" o seu digno filho dr. José Maria Lisboa Junior, herdeiro das brilhantes qualidades paternas. Era tão estimado o velho Lisboa, era tão grande o seu circulo de amigos, que a sua morte causou uma verdadeira consternação, apesar de ter fallecido numa época em que a cidade já estava fatigada de tanto luto. O seu enterro teve, a despeito disso, uma realisação de apothose.

Outra morte que poz luto em nossos corações, foi a de Arnaldo Simões Pinto. Não deixou, como recordação das suas letras, senão um livro de versos, com que estreo, e algumas bellas chronicas de phantasia que andam esparsas por jornaes e revistas; mas a recordação do seu espirito permanece viva em nossa saude. Foi um bom e leal companheiro. Todos que privavam com elle o amavam. Tinha uma alegria communicativa. Foi um humorista que viveu a esbanjar a sua verve, ás vezes causticas, mas sempre encantadora. Amava o verso e manejava-o com segurança, mas a luta pela vida não lhe dava treguas para vasar no verso os sonhos que o arrebatavam. Nunca invejou a ninguém. Viveu para amar a familia e os amigos. Se alguma vez odiou, guardou tão secreto o seu sentimento, que ninguém chegou a descobri-lo, ou sequer suspital-o.

Outra victima da epidemia foi Adalgio Pereira. Esse foi

combativo. Não teve odios pessoas. Odiou as instituições. Affectuoso até ao enternecimento. Amou a lingua com um exaggerado carinho e, por conseguinte, os classicos, que a apuraram e lhe estabeleceram as leis. Os seus trabalhos literarios, sobre os mais variados assumptos, nunca foram reunidos em volume. Muitos delles são interessantes, por certas audacias de idéa e, sobretudo, pela veracidade. Adalgio Pereira viveria das letras, se as letras, em nosso paiz, garantissem o pão. Mas, como o não garantem, fez-se professor. O pão, porém, que o seu magisterio lhe garantia, era tão escasso, que mal dava para elle prover a si e aos seus. Viveu em combate constante contra a adversidade. Apesar disso, manteve sempre uma erecta e forte dignidade. A sua falta é dolorosa para os amigos e para o nosso jornalismo.

Gomes dos Santos, que se finou também, não teve tempo de deixar grande numero de amigos. Viveu poucos annos em São Paulo e era de uma natureza retrahida. Os poucos que conviveram com elle, dois ou tres rapazes, gabavam-lhe a delicadeza do trato e a doce affectividade. Foi um estylista brilhante. Entre os nossos jornalistas tinha elle um destaque excepcional. Viveu sempre das letras quer em Portugal, quer no Brasil, como professional. Foi um artista, na rigorosa expressão do vocabulo. Morreu em plena mocidade, cheio ainda das mais ardentes ambições literarias.



*Gomes dos Santos*

A todos elles, a José Maria Lisboa, a Simões Pinto, a Adalgio Pereira e a Gomes dos Santos deixamos aqui nesta pagina o tributo da nossa immorredoura saude.

# Vendado e às cegas

— Vem cá, minha filha, vem cá.  
O velho Claudio, estendeu os braços para recolher nelles Virginia. Virginia acabava de entrar, vestida de noiva, toda de branco, tremula e commovida, com o semblante illuminado por um extranho goso.

Claudio, entalando no olho esquerdo o monoculo, olhou-a com ternura.

— Estás linda, estás encantadora. És um anjo!

A noiva sorriu.

— Você gosta deste vestido?

— Gosto. Mas gosto mais de ti. Esta «toilette», comparada a ti, é uma coisa apagada. Entretanto, esta «toilette» parece ser confeccionada por mãos de fadas. Isto não é um vestido, é um sonho.

E, depois de um silencio, mais sério:

— E tu? sentes-te feliz?

Virginia, tomada de um subito enlevo:

— Padrinho!

— E muito padrinho! Fui teu padrinho quando nasceste e o sou agora que te vaes casar. Sou teu padrinho dos pés á cabeça.

Claudio suspirou.

— Ah! filha minha, se soubesses o quanto me custou ser teu padrinho duas vezes!

— Custou-lhe muito? Custou-lhe o que?

— O que me custou? Bagatela, frioleira! Custou-me apenas vinte annos de vida, a melhor porção da minha vida. A differença que vae de ser joven, que era então, a ser velho, que hoje sou. Ainda me perguntas o que me custou!

Virginia sorria, sem nada dizer.

Pelos salões e corredores do palacete havia um rumor de festa. Os convidados á cerimonia iam entrando, parladores, formando grupos. Viam-se flores por toda parte. O ambiente estava impregnado de aromas.

Claudio proseguiu:

— Mas, em compensação, filhinha, tenho orgulho de ser teu padrinho, de ver-te crescer, de assistir á eclosão da tua mocidade e de ver-te neste dia em que vaes realizar a tua melhor illusão.

Deve-te um momento, como a reflectir. E depois:

— Mas agora reparo... Estás inquieta, nervosissima... Parecees uma borboleta assustada.

— Ah! padrinho! fez a moça, num suspiro, como a significar uma alegria ou a expandir uma inquietação.

— Ah! padrinho! repetiu elle, imitando-lhe a inflexão e o gesto. Porque suspiras assim? Que é que te aconteceu?

— Sabe? Tenho medo.

— Medo? Tive razão em comparar-te a uma bor-

boleta assustada. Esses medos não são mais do que innocencia: o polen de ouro de tuas azas.

Toda tremula, forçando o riso, mas com um ar de quem escondia o pranto:

— Ah! padrinho! E' que tenho medo, tenho medo de tanta felicidade. Não diria isso a ninguem, mas a você o digo, sem receio de que se ria de mim, porque sabe como sou e porque sabe desculpar as minhas tolices. Tenho medo de ver que, d'aqui a minutos, o meu sonho se vá fazer realidade: o homem a quem amo vá ser meu marido. Será possível? Esta é a pergunta que faço a mim mesma, assustada, como se duvidasse de tanta felicidade.

Será possível, meu Deus?

— Pois não ha de ser possível! Que tontinha que és, meu amor! Vaes te casar, vaes ter o marido a quem amas! vaes ser feliz e patatin, patatan.

— Padrinho, pois é tudo isso que me faz tremer, que me faz medo de ser feliz, isto é, o medo de deixar de ser, logo em seguida.

— Tens medo de ser feliz, por medo de deixar de o ser! Preferes não alcançar a felicidade para não ter que perdê-la! E agora não és feliz? E até este momento não o tens sido toda a vida?

— Sim, por certo, tenho-o sido sempre, sou-o neste momento; e por isso tenho medo por essa demasia de felicidade, tenho medo que, a datar de hoje, poucos dias feizes me restem.

— Mas ha motivos, mais que suficientes, para es-

perar que esta ventura, de que te sentes possuida, se prolongue por muitos annos. Tu és muito boazinha; Alvaro o é também. Vocês se querem muito, nasceram um para o outro. Porque vaes deixar de ser feliz? Não tens medo, minha filha.

E pegando-a pela mão, attrahindo-a a si, numa ternura que a envolvia toda:

— Vem cá. Olha-te, mira-te, examina-te a este espelho. Achas-te bella? Por certo que sim, embora não digas por modestia. E se te olhas em tua propria consciencia, esse outro espelho clarissimo, é bem seguro que te achas formosa.

Claudio, que se levantara, sentou-se de novo. Virginia permanecia em pé, deante delle.

— Bem, supponho que o senhor teu esposo não se fará esperar. Já é hora. E o teu coraçãozinho, que sabe do tempo-mais que o teu proprio relógio, deve estar palpitando nestes momentos com uma pressa... Não é verdade? A coisa não é para menos. Estás no humbral da vida, ante a porta magica que te faz tremer e te



Vendado e às cegas

obriga a perguntar: A felicidade estará aqui dentro? Certamente que, sem a formular precisamente, todas as noivas fazem essa pergunta temerosa, ou, melhor, todas as amorosas, as poucas amorosas que ainda restam no mundo... poucas, filhinha, bem poucas, porque isto de amor é uma coisa que acabará por desaparecer à força de inventos, de industrialismos, de progresso... O amor, hoje, é quasi um anachronismo. Por isso uma enamorada como tu é uma coisa que commove e consola.

Claudio falava com melancolia. Estava muito commovido com a solemnidade do momento e tratava de dissimular a sua commoção.

— Olha, filha, disse, depois de uma pausa pensativa. Se hoje me vês assim, um pouco chloado, não faças caso: é porque te quero muito. O teu coração moço está em festa, e o meu, velho, está em ruína; e enquanto experimentas a emoção inexprimível da illusão realisada, eu sinto o neso da vida sobre os meus hombros cançados. Vês? Já começo a querer chorar. Que piégas que sou! Vamos agora à outra coisa. Vaes me prometter, meзина, que, embora passes a tua vida emriagada com os carinhos do teu marido, te lembrarás sempre de mim, nem que seja um pouquinho, de modo que sempre haja para o teu padrinho uma migalha de affecto.

— Você será sempre o mesmo para mim. O mesmo, sabe?

— Promette-me tambem que, quando o céu te mandar um anjinho, se approuver ao céu mandar-lo, eu seerei o padrinho. Não me recuses este prazer, que é quasi um direito, já que sou teu padrinho duas vezes.

A noiva, corando de subito, não disse nada. Sorriu apenas.

— E por ultimo, tem presente, menina, o conselho que te vou dar.

— Ah! sim! Aconselhe-me, padrinho.

— Estas enamorada, enamoradissima. Basta olhar a tua cara para o adivinhar. Pois bem: se queres conservar sempre intacta a tua illusão de enamorada, cuide de uma coisa.

— Diga-la.

— Tu já sabes que o amor, esse travesso menino que representam armado de arco e flexas, com o carcaz ás costas, anda sempre de olhos vendados.

— Sim, sei.

— Pois essa venda, que o amor traz nos olhos e que é a mesma que trazem nos olhos as enamoradas como tu, tem bem cuidado em que ella não caia.

— Quer você então dizer...

— Quero dizer que no dia em que a venda cahir, começaras a ver o Alvaro, o teu marido, não como o vês agora, sino tal qual elle é.

— Tal qual elle é? Dar-se-á o caso então que eu não o vejo tal qual elle é?

— Não, filha, não. Agora elle não é como o figurar, modelo de todas as perfeições, de todas as bondades, de todos os meritos...

Virginia u,m pouco ansiosa, arregalando muito os olhos:

— Mas...

Claudio riu-se.

— Não te assustes. Sabes bem que eu tenho por Alvaro uma afeição muito sincera e formo delle um conceito muito elevado. Elle é bom, generoso, distincto, discreto, correcto, fino... Pois, apesar disso, não é como tu o figurar, não é como todos os namorados costumam figurar o objecto amado, porque não o vem, porque nos olhos trazem essa divina venda que trazes nos teus olhos, tão claros, tão ingenuos, tão limpidos, e que me estão olhando agora com uma expressão de inquietude e interrogação. Se, por desgraça, a venda te cahir um dia, começaras a ver em teu marido defeitos, imperfeições, que nunca dantes suspeitavas... Porisso é que pintam cego o Amor. Não te esqueças do meu conselho. Em amor, para ser feliz, não ha nada mais prudente do que andar como a Amor: vendado e ás cegas.

## Nox anima

(Do Deplougo)

Nos festins da existencia appareci um dia,  
Entre as pompas da luz e o fremito da alegria...

Das aves a canção, o chorar da cascata,  
A candidez da flor que as petalas desata,

Das auras o rumor nas palmas rorejadas,  
Me emballaram da infancia as illusões douradas!

Subi ao peristylio augusto da poesia,  
Em busca de um phanal que, em sonhos me sorria...

Nos versos de Petrarcha eu sorvi o ideal,  
Como se aspira o aroma em floreado val!

Decantei a belleza, escrevi madrigaes,  
Fiz idyllios de amor em phrases orchestraes.

Quasi por toda a parte o palpitar do amor,  
Desde o leito nupcial à corolla da flor!

Ao florir da illusão julguei que a vida fosse  
Um lago azul sereno, uma caricia doce,

Que os sonhos me embalasse e do prazer me desse  
Na rosea taça de Hebe o vinho que entontecesse...

Uma visão surgiu, coroada de rosas,  
Tinha no doce olhar e na bocca mimosa

Os fluidos divinaes, a dulcida ambrosia,  
O veneno letal que me embriagou um dia...

A desreença crestou-me as illusões de amor  
Como o sol no deserto a delcida flor.

Quantas vezes a magua annuviou-me a fronte,  
Ao longo do caminho, ao litar o horizonte

Nos desertos da vida, a dolorosa estrada  
Que vai do nascimento à ultima morada!

Quando um dia descer exaustado de fadiga,  
A' sombra do sepulcro, a' doce sombra amiga,

Levarei, desfolhada, ao derradeiro somno,  
Min'h'alma, qual vergel aos rigores de outono!

Recife.

J. A. Corcía de Araújo

## Collecção da revista da 1918

A collecção da "Revista Feminina" do anno corrente já está completa. A encadernada custa 25\$000, sem encadernação, . . . 15\$000. A collecção está enfeitada num elegante e luxuoso volume em percaline de cor com dizeiros dourados. As pessoas que não assignaram a "Revista Feminina" ou que possuem a collecção truncada, devem adquirir o volume encadernada. Como presente para uma moça ou senhora, é o que ha de mais precioso. É um grosso volume de mais de mil paginas. A materia que esse volume contem é interessante e variadissima. Quem quer que, em nosso paiz, ainda não leu a nossa revista, precisa adquiri-la e habituar-se á sua leitura. Nenhuma das revistas que se publicam no Brasil, tem uma parte literaria mais copiosa e attraente que a nossa. As novellas que publicamos, que são sempre acompanhadas de bonitas e nitidas illustrações, recomendam-se pela clareza da linguagem, pela correcção do estilo, pela acção e pela rigorosa moralidade. É notorio que, no Brasil, a maior parte das novellas e romances que estão expostos á venda, de producção nacional, não podem ser offerecidos impunemente á leitura das meninas e moças, porque, com raras excepções, os escriptores nacionaes limitaram em fazer literatura para perturbar a imaginação das leitoras. A literatura da nossa revista, quer se trate do conto, quer da simples phantasia, é casta, sem deixar de constituir arte, no seu sentido mais rigoroso. A "Revista Feminina", ao demais, aborá outros assumptos, que tanto podem despertar a attenção dos homens de letras, como das moças e mães de familia. Compõe o seu texto magnificos artigos de viagem, de curiosidades, de sciencia ao alcance de todos, physica, chimica, mechanica celeste, de passatempo e recreações, de sport, de cozinha, de hygiene publica e domestica, de moda, de lordados, etc. A's senhoras brasileiras aconselhamos sobretudo, os nossos minuciosos e esplendidos artigos sobre lordados e rendas, que levam o titulo geral de "Trabalhos femininos". São artigos muito detalhados e onde ensinamos as mais subtils minucias desse genero de trabalho domestico.

A nossa collecção de 1918 vende-se nesta redacção.

# TRABALHOS FEMININOS

Para suavisar certas horas que uma moça tem ociosas durante o dia, não ha nada mais encantador do que a execução de trabalhos em bordado e rendas. Essas horas são as que sobejam das tarefas domesticas urgentes e da leitura. Momentos ha em que uma senhora, tendo cumprido todos os seus pequenos deveres do lar, não lhe appeteece nem a musica, nem a leitura, nem outra qualquer diversão para o espirito. Ella deseja um entretenimento menos intellectual, em que poupe idéas e pensamentos, já fatigados pelo cultivo da leitura ou da musica. O entretenimento que se impõe é o bordado, porque requer menos percepção de espirito e porque é quasi n a arial.

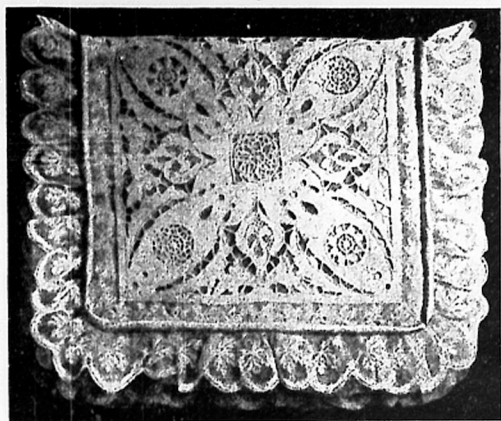


Fig. 1 — Porta-lenços, em Lingette — 208. O risco em tamanho natural encimamos por 24

Aqui estamos nós para fornecer ás leitoras os elementos de que precisam. Os modelos que apresentamos foram escolhidos dentre os mais preciosos, e pôde-se dizer que são quasi inéditos, tal é a sua graça original.

## Porta-lenços

A gravura n. 1 representa um lindo porta-lenços. É em linon de fio com transparente de setim rosa. Mede, não dobrado, 41 centímetros de comprimento por 21 centímetros de largura. O linon de fio é dividido em duas partes, da qual uma é enfeitada com um magnifico bordado em Richelieu. As flores juntam-se quatro pequenas incrustações de Veneza, de 3 centímetros

rendas feitas á agulha, de um effeito encantador. Quatro pequenas incrustações de Veneza, de 3 centímetros

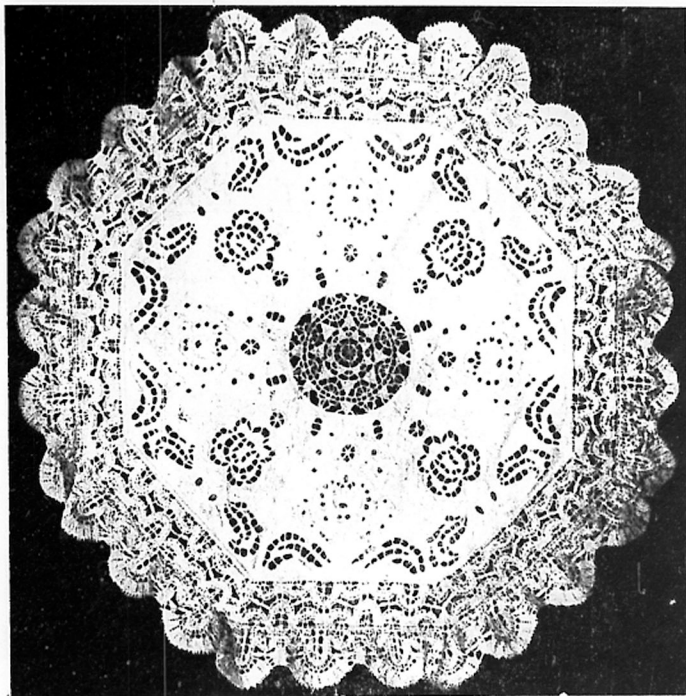


Fig. 2 — Centro de mesa — 198. O risco em tamanho natural encimamos por 22000.

de diâmetro, figuram nos ângulos, enquanto que o centro é ocupado por um motivo quadrado de 7 centímetros de lado. A segunda parte do linon de fio, por conseguinte a que se encontra por baixo, é ornada de um pequeno motivo igualmente encantador, «ajouré» à inglesa simples, contornado com uma moldura em Richelieu. Ao centro um arredondado em Veneza, de 5 centímetros de diâmetro, é incrustado em ponto de festão.

O linon, uma vez bordado, é rodeado de um entremeio de Valencianas, depois, de uma renda de 5 centímetros de largura, franzida sobre um volante de mousseline de seda rosa pallido. Para terminar, convém enrolar em torno da renda e do entremeio uma fita de setim cõr de rosa pallido.

#### Porta-luvas

A confecção deste lind o trabalho, fig. 4, obedece, como bordado e como guarnição, ao mesmo gosto que preside ao porta-luvas. Quem executou o primeiro, executa

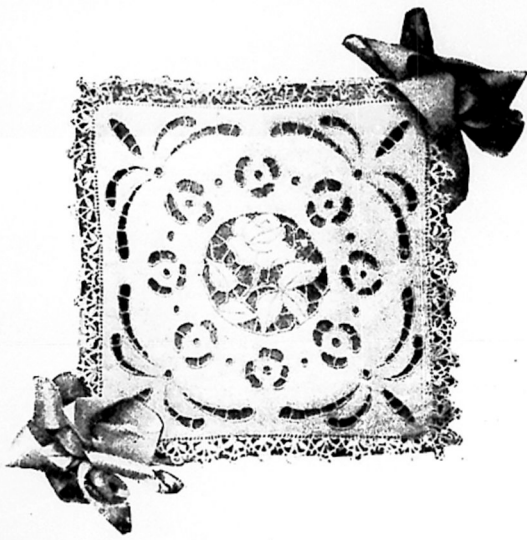


Fig. 3 — Almofoadilha quadrada — 368. O risco em tamanho natural encimado por 18560

commoda, no quarto de dormir. Não tem a fôrma arredondada que tem, em geral, as almofoadilhas. É chata, tendo a face de cima levemente elevada, o que se adapta perfeitamente ao seu uso.

Na parte de cima, o setim rosa pallido é recoberto de um quadrado de batista de fio, ao centro do qual um medallão redondo enquadra uma rosa em bordado.

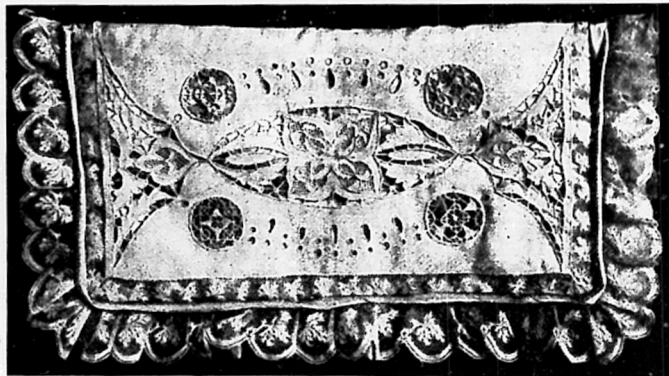


Fig. 4 — Porta-luvas — 368. O risco em tamanho natural encimado por 25500.

com igual facilidade o segundo. Não ha nada de particular a acrescentar á sua execução. O retalho de linon mede, desdobrado, 42 centímetros sobre 40. Olhando-se o modelo, verifica-se que o quadrado de Veneza, que se vê no primeiro modelo, desapareceu deste e que os quatro arredondados que se tem nos ângulos

Richelieu. As folhas que acompanham esta flôr têm as nervuras em ponto de cordãozinho. Ao redor deste medallão bordam-se pequenos motivos «ajourés» à inglesa, em bridas.

A almofoadilha de forma quadrada mede 20 centímetros de lado. É guarnecida, em torno, de um «ruche»

são mais importantes.

As senhoras dotadas de habilidade, executarão, sem outro esforço mais do que observar cuidadosamente os detalhes. A gravura oferece a nitidez precisa. Nenhuma minúcia está apagada ou pôde passar despercebida.

Qualquer destes trabalhos, quer o porta-lenços, quer o porta-luvas, constitue um delicadissimo presente para dia de annos de uma moça ou senhora. E esse presente tem mais valor quando a pessoa que o oferece é que teve o trabalho de executal-o.

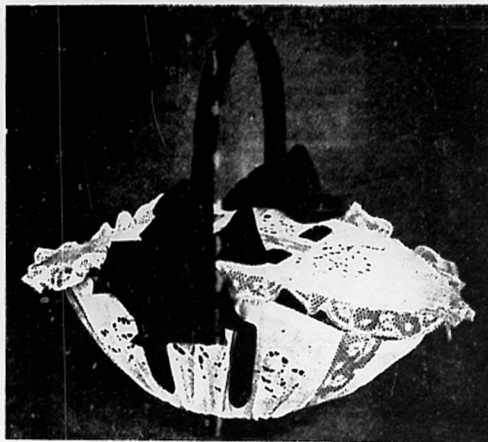
#### Almofoadilha quadrada

A almofoadilha, representada na fig. 3, é dessas que se collocam sobre a mesa do tocador, no quarto de «tollette», ou sobre a

de mousseline de seda rosa pallido e de uma pequena renda de Cluny. Terminando o conjunto nós de fita de setim rosa pallido nos dois ângulos.

#### Porta-lenços

Neste trabalho predominam as rendas. É inegável que as reproduções photographicas, por mais perfeitas que sejam, nunca dão uma idéa absolutamente exacta das maravilhas de rendas que se observam no original. É pena. Na nossa gravura não ha lacunas, mas pela reprodução do modelo, que obtivemos pela photographia, não se pôde apreciar toda a belleza original, que é realmente de um magnifico effeito. Pela descrição, por mais cuidadosa e minuciosa que seja feita, á ingleza. Para poder dar a forma dos que se não recobrir, faz-se o



11. 5 - Cestinho "Lingerie"

Attente-se na fig. 6.

Imagine-se um fundo de setim rosa pallido recoberto de mousseline de seda do mesmo tom ligeiramente pregueada e sobre a qual é applicada, ao centro, um quadrado de linon de fio ricamente bordado á ingleza simples e á ingleza em bridas para a parte do centro, e em Richelieu para os quatro ângulos. O quadrado é, demais, enquadado de uma pequena renda de Cluny, ligeiramente pregueada.

Os ângulos são guarnecidos de motivos de «filet», de um desenho encantador e de uma execução perfeita. Estes motivos, de forma triangular, medem 16 centímetros de lado para 74 malhas.

Eis agora as dimensões do trabalho: ellas são de 38 centímetros para cada lado. Ao redor é collocado um volante plissé de mousseline de seda rosa com trans-



Fig. 6 - Porta-lenços - 308. O risco em tamanho natural enciamos por 25/100.

deve ser bem lisa e bordada com uma pequena renda combinada com um entremeio. Uma fita é passada pelas casas ou botoeiras. Em torno da aza do cesto enrola-se

parente de volante de setim rosa. Uma pequena «ruche» de mousseline de seda enquadra esse conjunto de plissé, e fitas de setim rosa, enroladas sobre si mesmas, desenham o quadrado formado pelos motivos de «filet».

Dois grossos nós de fita de setim côr de rosa ornamentalmente dois ângulos do porta-lenços.

#### Cestinho "Lingerie"

É um mimo este cestinho. Eis como se pôde, de uma maneira encantadora, cobrir um pequeno cesto de vime.

O bordado é feito sobre linon de fio. O desenho é composto de pequenos nós á ingleza com bridas e de pontilhão, e em sementeira arredondada dos lados. O bordado em quatro panos, dois grandes e dois pequenos, reunidos por um entremeio de Valencianças. Este entremeio se junta, no centro, sobre a tampa do cestinho. Nos dois grandes panos far-se-ão duas grandes botoeiras ou lapelas para que, por ellas, possa passar uma fita larga. O cestinho, tanto por dentro como por fóra, deve estar recoberto de setim. Quanto á côr e tom do setim, isso é coisa que fica ao gosto da pessoa. O vermelho é de muito effeito, e é a côr que francamente preferimos. O bordado, que envolve o conjunto, deve ser adaptado ao cestinho, e bem esticado, liso na parte de cima e pregueado na parte de baixo.

A parte de cima deve ser bem lisa e bordada com uma pequena renda combinada com um entremeio. Uma fita é passada pelas casas ou botoeiras. Em torno da aza do cesto enrola-se



Fig. 7 - A grande moten - A "Primavera", grande moten em renda de Veneza. 302. O visto em tamanho natural 3460.

uma fita, terminando, em cada lado, com um laço ou um «choux».

#### Centro de mesa

Nada mais arrebatador, para quem tem o gosto pelo bordado, do que a interpretação do desenho deste centro de mesa, fig. 2, cujos motivos, semelhantes entre si, são tratados alternativamente de maneiras absolutamente opostas. Assim, as partes bordadas em plumetis bem cheio em alguns motivos, são justamente as que, em outros, são «ajourés» à inglesa e bridas. Esta simples intervenção basta para mudar totalmente a fisionomia dos motivos e faz-los parecer diferentes.

Ao centro do bordado está incrustado, em ponto de festão, na batista, um «rond» de Veneza de 10 centímetros de diâmetro. Um entremeio de Cluny de 4 centímetros de largura passa em torno do bordado em forma octogonal e é completado por uma renda de 4 centímetros e meio de largura, ligeiramente pregueada.

O centro de mesa tem uma largura de 35 centímetros.

Esse bordado pôde servir também para uma almofada. Nesse caso combina-se com um transparente de setim de côr.

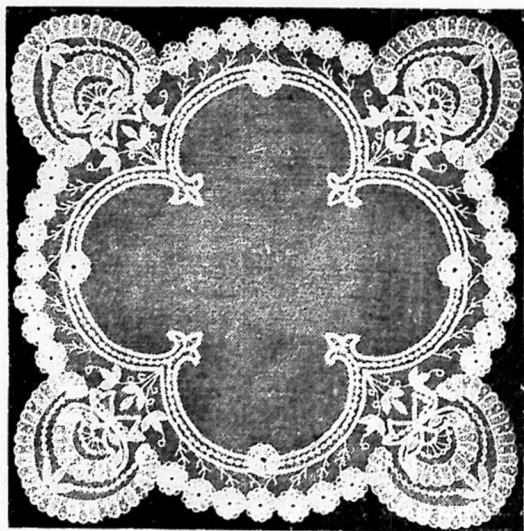


Fig. 8 - Faudo de vaso em ponto de Bruzellas - 302. O visto em tamanho natural encontramos por 2540.

#### Grande motivo em renda de Veneza A "Primavera"

Este desenho é realmente, em dos mais lindos trabalhos que, no gênero, temos visto, fig. 7.

Elle é encantador. As dimensões permitem empregar este bordado como lundo de bandeja, por exemplo, porque elle mede 52 centímetros de comprimento por 30 de largura. Pôde também ser empregado para outros fins, como incrustação para um store, uma colcha bordada, uma coberta de canapé, etc. Um bello, um magnifico bordado tem a sua applicação em qualquer parte.

Transporte-se o desenho para uma tela especial ou tela de architecto. Ella terá 30 centímetros de altura por 50 de largura. Para executar o trabalho,



use-se a linha n. 42. Os tres amoninhos e o bode são inteiramente recobertos de uma fila de pontos formando o ponto cheio de Veneza.

Estes pontos serão um pouco menos fechados e um pouco mais finos no desenho do rosto das figuras, para o qual deve-se preferir a linha n. 72.

Todos os contornos, assim como as linhas que desenham certos elementos das figuras, como os cabelos, o pelo do bode, etc., serão rebordados, depois de feitos, em ponto de festão; as flores e as folhagens igualmente, assim como certos elementos do rosto, os olhos, etc., etc., para os quaes se deve preferir a linha mais fina. Para o chão, ao contrario, far-se-ão os pontos bem afastados, empregando-se uma linha mais grossa, n. 56. Todas as flores se destacarão sobre o desenho do chão.

A moldura é toda feita em ponto de tulle duplo. Emfim, a palavra «Printemps» ou «Primavera», conforme se queira, destaca-se em baixo

sobre um fundo de tulle. Começar-se-á por executar, com linha muito fina, o mesmo ponto com que se faz o fundo de Milão, depois executa-se a palavra «Primavera» por cima.

O fundo, em malhas hexagonaes, é ornado de bridas festonadas com um picot.

Fundo de vaso em ponto de Bruxellas

Attente-se bem na gravura n. 8. E' de um encanto sem par. Substituindo-se a tulle da parte central por um linon muito fino, obter-se-á um pequeno e lindissimo lenço de algibeira. Empregada a tulle, tal como está representada na illustração, far-se-á um bonito fundo de vaso.

Ser-nos-ia verdadeiramente penoso dar aqui todas as explicações que são necessarias para a execução desta renda. Nesta secção já temos, por diversas vezes, explicado os detalhes technicos do ponto de Bruxellas feito á agulha. Para as leitoras observadoras, que têm acompanhado as nossas lições sobre bordados, não são necessarias mais explicações.

Entretanto, fornecemos, para facilitar a execução do trabalho, os seguintes detalhes: São precisas as seguintes rendinhas: 8.952 para os quatro bicos dos angulos; 8.951 para as floresinhas que bordam o desenho; 8.948 para as tres pequenas folhas dos angulos; 8.947 para todas as outras pequenas folhas.

As duas linhas de enquadramento interior são feitas com rendinha fina n. 8.939, como tambem os nós que servem de suporte aos motivos do angulo.

Façam-se as florinhas bem redondas, applicando-as nos lugares marcados. Cosam-se com bastante cuidado

as rendinhas pelos seus bordos, com linha muito fina, picando na tulle sómente, e não na tela, e façam-se as hastes em ponto de cordonet.

O entremeio do filet conta 31 malhas por 8 centimetros de largura. Elle é bordado com linha n. 54 para o fundo e com linha 48 para o ponto de tela ordinaria.



Linda e simples toilette, propria para a estação actual.



Elegante modelo para moças e senhoras, propria para o estio.



## Casa Bonilha

---

Rua Direita  
N. 29

DURANTE ESTE MEZ GRANDE VENDA A PREÇOS  
REDUZIDÍSSIMOS

GRANDES ABATIMENTOS EM TODAS AS MERCADORIAS.

NÃO CONFUNDIR A NOSSA GRANDE VENDA A PREÇOS  
REDUZIDOS COM AS LIQUIDAÇÕES DE ALCAIDES  
E FAZENDAS ESTRAGADAS.



Lindos e originaes modelos.



## Sejamos meigas

*Num canto do salão, D. Eufrasia, commodamente sentada em sua ampla cadeira de vime, finge que está muito absorvida em sua costura, enquanto, de solado, examina a filha, que, muito triste, finge dar atenção ao seu bordado. Um silêncio, um desses silêncios incommodativos, paira entre ambas. D. Eufrasia tem quarenta annos, e, a despeito dos seus cabellos grisalhos, possui ainda um grande brilho de juventude. Laura, sua filha, vinte annos. Tem as linhas angulosas, como as moças que se desenvolveram muito precocemente. Belleza promettedora.*

D. Eufrasia, ao ouvir um suspiro de Laura, rompeu o silencio.

— Ainda estás triste ?

— Como não hei de estar, mamãe ? Sou tão infeliz !

— Quem te ouvisse dizer isso, acreditaria que realmente o és. Infeliz porque ? E's bonita, intelligente. Danças magnificamente. Interpretas o teu Chopin com muita discrição. Fazes algum successo nas salas. Eu, na tua idade, brilhava menos, e, ao contrario de ti, cuidava-me feliz. Outros tempos, outros costumes.

— A senhora foi feliz. Quando o seu coração despertou para o primeiro amor, realisou esse amor pelo casamento. Papae foi o modelo dos maridos.

D. Eufrasia, que falava com os olhos fitos no chrochet, deixou cair as mãos sobre o collo e levantou os olhos para o tecto.

— Foi o modelo dos maridos. Amou-me acima de tudo. Mas tudo o que elle me deu em amor foi grandemente retribuido ; e se lá, desse além onde vive, lhe é permitido penetrar em meu coração, ha de verificar que a saudade que deixou em mim é perpetua como o meu luto.

— Como a senhora está confessando, foi, portanto, feliz. E eu ? Meu coração, como o seu, despertou tambem para o primeiro amor. Amei Arthur com uma dedicação, um carinho, uma ternura, de que a senhora não foi testemunha porque eu nunca soube externar os meus sentimentos. Durante o nosso noivado, que durou exactamente um anno, o amor que Arthur me inspirou, creou tantas raizes, que nunca supuz que ellas pudessem ser arrancadas sem o sacrificio da minha vida. Durante um anno elle não fez outra coisa senão cercar-me de carinhos e fazer-me promessas de felicidade. Habituiei-me a esses carinhos e a essas promessas, tanto, tanto e de tal maneira, que julgava insensato quem me visse dizer que aquelles carinhos teriam um fim e que aquellas promessas nunca seriam realisadas. Ponha-se

a senhora no meu logar e veja se eu tenho ou não razão de considerar-me infeliz. Tenho ou não ?

Laura calou-se. Os seus olhos humedeceram-se levemente. Não foi propriamente uma lagrima, mas uma sensação de lagrima. Não tinha o habito de chorar. A ultima pergunta de Laura ainda estava de pé, á espera de uma resposta. Mas d. Eufrasia retomara novamente a sua tarefa, e picando a agulha sobre o dedo, ia contando os pontos :

— Um, dois, tres...

— Então, mamãe ? A senhora não responde ?

— Não responde o que ?

— Eu disse : Ponha-se a senhora no meu logar e veja se eu tenho ou não razão de considerar-me infeliz ?

— Ora, minha filha ! Eu nunca poderia estar na tua situação. As situações são sempre creadas pela propria pessoa.

— Ah ! mamãe ! Quer a senhora insinuar que eu sou culpada de tudo !

— Eu não insinuo. Affirmo.

— A senhora já começa !

— Não começo. Tenho-me mantido sempre calada.

A ruptura entre ti e Arthur data de um mez. Ha um mez que me calo, que me poupo de fazer o menor comentario. Hontem, por exemplo, encontrei-me com Arthur...

Laura, vivamente, levantando-se da cadeira e aproximando-se da mãe :

— Com Arthur ? Oh ! meu Deus ! Mas a senhora não me disse nada !

— Que é te interessava nesse encontro ? Entre ti e elle não ha mais nada de commum. A ruptura entre vocês é definitiva. Elle já me restituiu as tuas cartas, e eu já restitui as suas e os presentes que te deu. Mudou-se para o Rio. Embarcou hontem mesmo.

— Que é que elle vai fazer ao Rio ?

— Não sei. Não me importa saber. Nem a ti. Se em teu coração ainda permanece um pouco de amor, é preciso que arranques d'aquí, limpando o coração desse resíduo.

Laura sentou-se novamente e retomou o seu bordado.

— Não sei se poderéi.

— Podes. Porque não has de poder? Tudo depende da vontade. O próprio amor, minha filha, depende menos do nosso instinto, que o inspirou, do que da vontade, que o alimenta. Duas pessoas que queiram amar-se, porque fizeram esse propósito, amar-se-ão com um amor mais duradouro, porque é um amor em que o instinto entra pouco e a vontade inteligente entra muito. Ao contrário, se o amor fica dependente exclusivamente do instinto, como a paixão, dura pouco, e não deixa em seu lugar, para substituí-lo, senão o tedio e o fastio. Se é fácil alimentar o amor, mais fácil é apagá-lo. Não digo que se consiga isso com o primeiro esforço, mas, ao cabo de alguns esforços, conseguir-se-á. Resta o tempo. O tempo se incumbe de tudo. Não ha nada que lhe resista. D'aquí a alguns mezes nem te lembrarás mais de Arthur.

— Impossível, mamãe. Nunca hei de esquecer-o.

— Extranha confissão!

— Parece-lhe?

— Porque é a primeira vez que me dizes que amas a Arthur. Eu suspeitava-o, mas tu nunca m'o dissesse. Nem a mim, nem a elle. Elle, o coitado! amou-te até ao desvario. E hontem, ao apertar-me a mão para se despedir, ficou tão pallido, que pensei que ia ter uma vertigem. Suas mãos estavam frias. Perguntei-lhe se soffria, e elle respondeu-me: « Atrozmente! » ao mesmo tempo que se lhe encheram os olhos de pranto. Aquelle, sim, amou verdadeiramente, porque resumiu em ti toda a sua ambição, todo o seu ideal, toda a sua vida. Eu não devia dizer-te isso para não augmentar o teu sofrimento. Mas elle ama-te como um insensato.

— Menos do que eu a elle.

— Creio. Deve ser verdade. Porque, pois, não lh'o dissesse a elle? Que vale fazer-me tu essa confissão, se eu não lh'a vou transmitir? Se alguma coisa houvesse eu de dizer-lhe, não seria nada que o convencesse do teu amor, mas da tua indifference. Porque o amor, que não pôde realizar-se mais pelo casamento, precisa ser suffocado.

— Como a senhora gosa com o meu sofrimento!

— Eu? Oh! Laura!

— Sim. Em tudo que a senhora diz ha tanto azedume! A senhora foi sempre assim. Papae também.

— Tu pae!

— Sim, papae.

— E' porque foi um desiludido, como Arthur. Elle quiz-te, Laura, mais do que a mim. Durante todo esse tempo, vivi apagada. Se elle, ás vezes, se approximava de mim para me fazer um carinho, não era para acarinhar a esposa, mas a mãe da sua filha. Pouco ambicioso que era, foi-se tornando ambicioso á medida que crescia. E á custa de pequenas economias, de esforços constantes, de uma actividade, que me deixava inquieta, conseguiu conquistar uma fortuna para da-la a ti, para garantir da tua felicidade futura. Foi o trabalho, essa excessiva tensão de espirito que o envelheceu antes do tempo e que o matou. Tu pae! Tu nem sabes quanto lhe deves! Por fim...

— Deixou de querer-me?

— Não. Isso nunca. Desiludiu-se apenas, sem deixar de por bem empregado tudo o que fez por ti.

— Sempre a mesma historia! Porque se desiludiu de mim?

— Porque cuidou, e com razão, que tu não lhe querias.

— Ah! mas eu queria tanto a papae!

— Creio. Mas nunca lh'o dissesse.

— Elle devia saber.

— Como? Se te fazia uma carícia, não lh'a correspondias; se te punha ao collo, ficavas impaciente e fugias; se queria dar-te um beijo, escondias a face; se te trazia uma flor, não lh'a agradecias, e preferias enfiar-te com outra, escolhida por ti; se sahia contigo a passelo, não lhe davas o prazer de caminhar ao lado d'elle, mas las na frente; se te ostentava com orgulho aos amigos, tinhas um gesto de hombros aborrecido. A' mesa da refeição servia-te dos melhores pratos, e nunca tiveste a delicadeza de servir-o tambem dos pratos de que elle gostava. Se te elogiava uma "toilette", era certo que a não usavas mais. Caprichavas em evitar a companhia dos seus amigos, e só escolhias para amigas as pessoas que lhe não eram sympathicas. Dedicaste-te ao piano com affino, só porque elle queria que estudasses violino. E foste sempre assim.

— Ah! mamãe, nem tanto!

— E foste sempre assim. Por fim, tudo cançou. Tu pae cançou. Desiludido de ti, entregou-se de novo a mim, e com um tão grande amor, com tanto carinho, com uma dedicação tão ardente, que parecia querer indempensar-se do tempo que esbanjou em dedicar-se a ti sem proveito.

— A senhora é realmente cruel!

— E assim morreu o pobre homem. O seu ultimo olhar foi para mim, e o ultimo gesto que fez com as mãos foi para procurar-me, para apertar as minhas para me dizer daquella fórma — já que seus labios se tinham para sempre cerrado — que, ao despedir-se da vida, ainda tinha o pensamento em mim.

— Como a senhora é má!

— O que fizeste com teu pae, fizeste com Arthur! E assim, com a tua frieza, fizeste fracassar tres existencias: a de teu pae, a de Arthur e a tua.

— Confesso que fui sempre exquisita. E' o meu feito. Mas dizer que eu não amei a papae é uma injustiça que me revoltou.

— Se o amaste, nunca lh'o dissesse, nem por uma palavra, nem por um olhar, nem por um gesto... O amor que se cala é como se não existisse. Elle morreu sem acreditar no teu amor. Que vale, pois, hoje a tua confissão? Amaste tambem a Arthur...

— E amo-o, mamãe, amo-o, amo-o. Nunca lh'o disse, nunca lh'o manifestei, porque o amor que sinto por elle, como o que sentia por papae, é um sentimento que tenho prazer em guardal-o connigo e que sentiria profanado se o confessasse. Eu fazia soffrer a Arthur e tinha pena d'elle; mas, por maior que fosse o meu remorso, nunca tive animo de penitenciar-me. Vendo o soffrer por minha causa, soffria com elle, e se nunca tentei atenuar-lhe os seus justos ressentimentos, se o affrontava cada vez mais, se lhe espesinhava o amor proprio a cada instante, maguando-o, torturando-o, infelicitando-o, é porque o meu amor é feito dessas tortuosidades. Eu nunca fui compreendida. Ninguém me comprehendeu nunca. O que é verdade é que, fazendo-o soffrer, eu soffria duplamente, pelo mal que causava a elle e a mim propria. Foi assim com Arthur, foi assim com papae, e é assim com a senhora.

— Extranho! extranho!

— Sentindo-me infeliz, não quero ver felizes as pessoas que amo.

— Extranho! extranho!

E d. Eufrasia, que se tornara muito pallida, desatou a chorar.

Laura soffria, mas continuava com os olhos secos.

Clara das Neves.

## MASSAGEM, INJECCOES

preços modicos. Injeções hypodermicas e intramusculares 3.000, Massagem geral 10.000 e 8.000, do rosto 3.000, da cabeça (contra caspa e queda do cabelo) 3.000, luezas a cullano 5.000. *Mme. Maria Woll*, Massagista e enfermeira sueca. Diplomada em Stockholmo. Rua Monte de Souza 152. Recados pelo teleph. 2458 central. Falla portuguez, inglez, francez e allemão.

Nicacio Passas, o dono da estancia «Maria Laura», era homem de mãos bofes, no dizer das gen'as de toda aquella redondeza. Tinha-se tornado famoso em quarenta leguas de redondo, como o protótipo do patrão brutal e tyrannico para com os seus gaúchos. E não somente estes o temiam pelo seu mão genio, como tambem todas as pessoas que, por qualquer motivo, se viam forçadas a manter ordinariamente algum commercio com elle.

Nacacio Passas era, de facto, uma personagem original. Seu repulsivo aspecto physico, seus modos grosseiros, sua lingua absoluta de senso de justiça, suas irrellexões, suas roupas extravagantes, que não trocava nunca, até os habitos sedentários que mantinha, faziam da sua pessoa a figura mais antipathica e ridicula de que se possa fazer idéa. Era de porte alto, cambado de pernas, cheso, se bem que agilmente andar. Tinha cincoenta annos solidos. O seu rosto era avermelhado pelos excessos do copo. Andava sempre despeteado, com os olhos sempre escondidos no sobreenho carregado, que lhe encrespava as sobrancelhas, a bocca sempre azeda sob o nariz rombo e grosso. Umaz quinze ou vinte cerdas vermelhas, que constituíam o seu bigode, completavam o seu aspecto sinistramente feroz. Pescocço de touro e mãos de orange. Tal era o verdadeiro retrato do solitario e temível dono da estancia. E a sua roupa? Em igualdade de condições com o physico: botas de couro, bombachas amplissimas, camisa com ou sem gomma, conforme a estação, e ao pescocço — isso sempre — uma larga gravata de laço, amarella como um canario hamburguez, e de grandes pontas que esvoaçavam ao vento; o chicote na dextra, e, algumas vezes, o chapéirão de maniba na cabeça. E vaidoso, intimidador como ninguém.

Era de vel-o, pela manhã, ao romper do sol, quando se sentava na cadeira de braços, na varanda exterior do seu velho casarão. Com que soberbia, com que empáfia punha-se elle a observar, d'alli, com ar de Inquisidor, o movimento da faina diaria da gaúchada! Um indiosinho, que, conjuntamente com uma pobre velhota, constituíam todo o seu pessoal de portas dentro, servia-lhe o mate. Os matutinos exercicios musculares do patrão, traduz'los em sopapos e ponta-pés, eram supportados com resignada passividade pelo «gury», acostumado ao mão trato, e que continuava a servir-lhe, sem uma queixa, a beberagem favorita.

Ninguém sabe o que o dono da «Maria Laura» pen-



## A GRAVATA

(Quadros da vida dos pampas).

sava a respeito da vida e da sociedade humana. E' provavel que elle tivesse, com relação ao proximo alguns preconceitos ancestraes... O caso é que elle se considerava nascido para mandar arbitrariamente e cria que todos os demais lhe deviam obediencia sem replica. Tal era a base da sua philosophia feudal, e de accordo com ella marcava com ella o estalão com que media as coisas mais insignificantes. Na sua presença, os gaúchos, sem ser preciso desviar a attenção das suas tarefas, já conheciam, por certos signaes familiares ao ouvido, quando a tormenta, isto é, as iras do patrão estavam a ponto de desencadear contra algum delles. Primeiro era a tosse rouca com que Nicacio começava a limpar o peito; depois uns grunhidos surdos, como os do porco, que denunciavam o descontentamento, e o estalar nervoso do chicote contra o cano das botas... E, de repente, era o corisco, o trovão, o rato que calia.

Nicacio levantava-se, se estava na cadeira, e ia direito contra o infeliz que lhe despertara a ira. Bufando, encrespado, brandia os punhos fechados ante a cara do infeliz; chamava-lhe animal, perrenque, molleirão, coisa à toa... Em materia de improprios, tinha um vocabulario especial. A's vezes zgrarrava o interpellado pelo braço, sacudia-o ou empurrava-lhe o punho nas ventas. E ainda bem quando não passava disso. Quando ia além, que o dissesse o gringo Victorio, a quem desmantelou um hombro, em certa occasião, com um murro só! Ai! de quem lhe respondesse ou tentasse contrariar-o! Então Nicacio Passas já não era Nicacio, já não sabia onde estava... Perdia a linha e virava fera. Dava patadas, vociferava, passos p'ra frente, passos p'ra traz. Tornava-se um epileptico. Perto delle, o Vesuvio, em erupção, era uma chaleirinha a ferver, Orlando furioso parecia um louco vulgar. Lá ia, voando pelo ar, tudo que encontrava à mão, foices, enxadas, acinchos, todos os utensilios do trabalho. *Aqui ninguém manda senão eu!* trovava Nicacio. E os improprios continuavam. E a coisa acabava com a expulsão immediata do pobre gaúcho, com a agravante de se escafeder depressa, sob pena de ficar com os calchares nos colmilhos do cachorro.

Como acontecia sempre, aquella ira durava o dia inteiro. Mas essas occasiões iam-se tornando menos frequentes, porque os gaúchos, aceitando a pressão com a humildade dos necessitados e desvalidos, abaixavam a cabeça e deixavam que amainasse a tempestade. O trabalho escasseava em toda a parte. Demais, embora sem-

pre maltratados, restava-lhe o consolo de que em "Maria Laura" o pagamento das quinzenas era pontual. Isso, era.

Tinha família Nicacio? Ninguém o podia afirmar com segurança. De índole taciturna e nada comunicativa, nunca falara com ninguém sobre questões íntimas. Os únicos que o visitavam e, às vezes, jantavam com elle ou jogavam uma partida de xadrez, era um agente de colonos e um inglês, que se occupava da compra e venda de fazendas de criar. Consoante informava a velha creada que lhe arranjava a casa e cuidava da cozinha, Nicacio era viúvo. Isto dizia ella porque, certa

vez, tñ n ha encontrado, enquanto punha em ordem os trastes do casarão, um biberon no quarto de Nicacio. E com uma sagacidade digna de Sherlock Holmes, fazia as seguintes deducções: o biberon presuppõe a existencia de um menino; um menino, de uma mãe; a mãe de um esposo. Logo o esposo devia ser Nicacio. A afirmação de que era viúvo escapava da logica deductiva e n cava por sua conta... A respeito do resto, mais nada.

Não raro, depois do labor quotidiano, quando a rapaziada da lavoura tinha sua hora de descanço e palestra na cozinha, o mulato Seraphim, velho na casa, sentenciava em voz baixa:

— Um dia a casa cae. Elle ha de encontrar quem o esbare. Não ha como um dia depois do outro.

O certo é que até então, fosse por isto ou por aquillo, Nicacio ainda não tinha encontrado quem lhe fosse ás fuças, nem mesmo de quem o encarasse de perto. E o homem continuava porisso com suas fumaças de valentão.

Assim decorreu o tempo: os rapazes sempre debaixo da canga de Nicacio, cada vez mais pesada, e elle sempre azedo, com suas ameaças de tormenta.

A entrada de um verão começaram a fazer a tosquia. A "Maria Laura" era uma das boas estancias de gado lannigero.

O capataz, uma semana antes de começar o trabalho, começou a procurar gente para aquella tarefa, porque os que trabalhavam na estancia não bastavam. Todos os "ajustados", menos um, eram dalli mesmo, vaqueanos daquellas zonas e já tinham trabalhado em "Maria Laura" por diversas vezes e sabiam bem com quem tinham de haver-se. O "talzinho" não era dalli. Não conhecia ninguém. Era uma cara nova. Pequeno de corpo, enfezado, muito pallido, como se tivesse apanhado as maletas, a capataz, quando o viu, não quiz "ajustal-o" para o serviço, por consideral-o incapaz de arcar com aquelle trabalho pesado. Entretanto, taes foram as insistencias do pobre rapaz, a lamuria chorosa de que precisava arranjar um "gãna pão", que o capataz, comovido, o acceptou para o serviço, um pouco á má cara, é verdade. E não se esqueceu de advertir-lhe:

— Olhe, rapaz, precisa ter muito cuidado no trabalho, porque o patrão, se vir as coisas mal paradas, arranca couro e cabelo.

E sorriu significativamente. Tinha elle razão de sobra para sorrir daquelle getto, porque já antevia o mal agitado rapaz nas garras do patrão.

Quando, á noite, o recém-chegado entrou na cozinha para fazer a sua ceia, os gaúchos entre-olharam-se piscando o olho, como se dissessem: "Que virá fazer este "coisa" aqui?" Dias depois já lhe tinham posto a alcunha de "Mosquito". Realmente, a alcunha condizia bem com o seu aspecto

esqueletico e minúsculo. Apezar de tudo, ia cumprindo elle os seus deveres. Verdade é que nunca o mandavam para serviços de grande importancia que exigissem pratica e robustez; ao contrario, só o incumbiam de trabalhos facéis.

Nicacio, que, do sitio habitual onde se alaparava, observando os gaúchos, viu o rapazito, não teve mão em si que não perguntasse ao capataz:

— Quem diabo é aquelle boncco?

— É um rapazinho que eu estou experimentando, respondeu. É um infeliz, um voluntario...

— Hum! hum! regongou o estancieiro. Pois que se porte bem, muito bem, senão...

Todo o primeiro dia da tosquia andou ás mil maravilhas. A rapaziada trabalhou muito; em compensação, Nicacio nada teve que objectar. Pelo contrario, parecia até um pouco mais suavisado. Todos estavam admirados, tanto a coisa lhes parecia milagrosa.

Mas quiz o destino que aquella tranquillidade fosse ephemera, como a do mar, que é sempre preannuncio de borrasca: Ao amanhecer o segundo dia, Nicacio levantou-se com um humor de mil demônios. A culpa tinha a creada, que o despertara tarde, quasi ao nascer o sol. Quando appareceu na varanda, com o chapirão de palha pendente da manopla e com a immensa

gravata esvoaçando ao vento, havia um par de horas que os gaúchos estavam tosquindo as ovelhas. Um "bom dia" secco, guttural, com que respondeu á saudação dos peões, augurou mau tempo.

Felizmente, a manhã decorreu sem outras novidades além de um ou outro grito de Nicacio, attendido sempre de prompto. Os menores gestos do matamoiros era entendido de longe por todos, menos pelo "Mosquito", que, á porta do curral, aguardava, silencioso, uma ordem mais clara.

Chegou a tarde. Como um dos tosquidores cortou-se na mão, foi preciso substituil-o, e o capataz, á falta de outro rapaz disponível, poz "Mosquito" no lugar do outro, não sem lhe recomendar que trabalhasse com cuidado. "Mosquito" sabia tosquiar, mas não tinha muita pratica. Nicacio, quando deu conta da subs-



tuição, cravou alli o olho, como o tigre que descobre a sua presa...

E era inutil a sua precaução, porque, depois de algumas tesouradas, a melhor das ovelhas e a de mais fina raça, sangrava com dois cortes no couro. Foi em vão que o inexperto moço recorreu a um frasco de lysol para curar o animal, que balava como um maldito. Mas era tarde já Nicacio tinha avançado para elle, lançando chispas pelos olhos, a bafar. "Mosquito" encolheu, como hypnotizado pela ferocidade daquelle olhar. O patrão falou, ou, melhor, rroncou:

— Onde aprendeu você a tosquiar, filho de má mãe? Sevandija! Vou ensinar-te a tratar as ovelhas finas!

Aquillo não era um homem, era um tumulto de insultos, de fúrias, de berros, de patadas no chão. Um verdadeiro furacão personificado. A figura atletica de Nicacio curvava-se sobre a figura minuscula do homenzinho, que, encolhido, ainda parecia menor. Os espectadores quideram-se immovéis, observando a scena. Não havia duvida, o desgraçado novio ia desaparecer nas guelas do monstro. Nicacio, depois de se ter epilético em gestos convulsos, alçou os punhos sobre a cabeça do rapaz. Todos fecharam os olhos, tomados de assombro. Na visão dos gaúchos ficou, confusa, a imagem de um homem de gravata amarella e uma scena de tragedia...

"Mosquito", inundado pela vaga de impreperios, quasi sem respirar, não tinha uma noção exacta da situação. Viu aquella tempestade desabar sobre a sua cabeça em menos de um segundo. Com os olhos voltados para cima, via elle uma cara apoplectica, de dragão apocalyptic, uns olhos dilatados, sanguineos, que despediam fogo, e uma bocca que vomitava injurias, ao mesmo tempo que o queimava como um forno, uma gravata amarella cujas pontas lhe roçavam o rosto e umas tenazes que o agarravam... Que tinha feito elle? Tinha cortado uma ovelha... Mas era isso coisa do outro mundo? Não era uma coisa que acontecia sempre? E que era aquillo que tinha diante si? Um genio irritado, uma vingança divina, que recalhia sobre a sua cabeça por ter commetido tal peccado? Pensou que ia desmaiar. Algumas gottas de suor frio lhe orvalharam a testa...

Nesse mesmo instante, dois punhos, como martelos de carpinteiro, elevaram-se para descarregar sobre a sua cabeça, mas aquella trapo amarello, que lhe batia nos olhos, impediu-o de ver. Então, no terror de ser achatado pelo muro invizível, o desespero fez-lhe recobrar o animo e o movimento. Pegou febrilmente naquello que não sabia o que era, agarrou pelas pontas e entrou a puxar, a puxar...

Elle, no seu desvario, não sabia o que estava fazendo. Mas foi isso que o salvou. Os punhos, que se tinham levantado, não caíram. Puxou mais, puxou mais, com todas as forças que tinha, como o naufrago que se agarra a uma tábua. Parecia-lhe, na vertigem do seu espanto, que deixava aquella tira era o mesmo que precipitar no abysmo. Respirou por fim. Sentia que alguém o pegava por traz, para arredal-o d'alli. Era seguramente o monstro. E continuava a lutar. Por fim o monstro cahiu, desabou no solo pesadamente. "Mosquito", que continuava puxando, inconscientemente, viu-se de improviso aferrado por cincoenta mãos que o arrastaram e o immobilisaram contra a parede.

Que havia succedido? Quando Nicacio, no impeto supremo da sua colera, se ergueu para se arrojar contra a sua victima e acachapal-a num muro, sentiu-se agarrado violentamente pela gravata. O laço correu apertando-lhe o pescoco; tentou safar-se, recuando um passo atrás, mas esse movimento apertou mais o nó. A idéa de que aquelle minusculo homem era um assassino, passou pelo seu cerebro e ahi installou-se. Enquanto forcejava, tentando inutilmente escapar-se, porque a pressão era cada vez mais forte, ponde, em certo momento, olhar a cara do adversario. Quanta crueldade felina havia no semblante daquelle individuo! Que expressão feroz! Que força immensa que tinha! Como puxava!

Nicacio esforçava-se por afrouxar o laço, mas não o conseguiu. A cara tornou-se rubra. Sentia a lingua secca e escancarava a bocca até ás mandibulas. Podia apenas respirar. Os olhos saltavam das orbitas. Balbuciava palavras roucas, inintelligíveis. Já não podia mais.

Os outros que assistiam de perto aquella scena, riam. Aquillo parecia-lhe um "complot" para assassinar-o. Tinham-n'o entregado a um criminoso. Um atordamento tomou-lhe o cerebro, deu alguns passos vacillantes, como um ebrio, e, desequilibrado sobre as pernas que amollecera, cahiu como uma massa inerte.

Tanto os gauchos como o capataz não sabiam o que fazer. Elles tambem eslavam surprezos. "Tinham fechado os olhos e voltado o rosto para não ver a aniquilação do "Mosquito", e, de improviso, assistiram á derrota de Nicacio e viam o minusculo peão a afogal-o e a estrangulal-o, com uma expressão selvagem no semblante, e puxando, puxando sempre pelo laço fatal, enquanto, no solo, jazia, inerte, a sua victima...

Se Nicacio fosse um bom patrão, por certo "Mosquito" teria sido lynchado pelos peões. Mas, infelizmente para Nicacio, nenhum delles o estimava. A sua derrota não provocou nenhum gesto de consideração pelo dono da "Maria Laura". Porisso, quando, ao vel-o por terra, correram a socorrer-lo, limitaram-se a arrancar das mãos, hermeticamente fechadas, do "Mosquito", a gravata amarella, e arrastaram-n'o até a um angulo da casa.

Ahi, ouviu dizer em torno:

— Quería matal-o.

— Quem havia de dizer! Com esta cara de mosca morta!

— Ora! Já se viu! O "Mosquito" é um valentão! Carambal!

Todos alli commentavam o succedido, espantados. Mais além, Nicacio, ajudado pelo capataz, levantou-se com a cara questionada, concertando a sinistra gravata amarella, sacudindo a camisa suja de terra. Ainda cabaleante, dirigiu-se para o interior da casa, sombrio, com um cão que tivesse sido castigado.

Naquelle mesma noite, "Mosquito", despedido da estancia, seguiu seu caminho. Duas leucias andadas, começou a relembrar a horrivel scena, sem lograr comprehendel-a. Não sabia, sobretudo, como se tinha salvo. A's vezes parecia-lhe que tudo era um sonho.

Nicacio, de cama, delirava numa febre de quarenta grãos A' força de tizanas e beberagens que lhe propinou o velho medico do povoado, foi-se acalmando. O seu desequilibrio nervoso durou entretanto mais algumas semanas.

Ao cabo de um mez, em que, graças aos cuidados da boa creada, não se realisou por completo o "atentado criminoso" de que fora victima, ficou restabelecido. Quando os gaúchos souberam que elle já estava melhor, disseram entre si: "O homem vai virar bicho!"

Mas, não. O dono da "Maria Laura" tinha-se transfigurado. Isso tornou-se patente, quando, de novo, se poz em contacto com os seus servidores. Não perdeu o costume de sentar-se na sua antiga cadeira, na varanda, isso não; mas, em cambio, já saudava os rapazes com um gesto amavel. Se era mister corrigir alguma coisa, fazia as indicações necessarias, sem exaltações, sem ameaças nem gritos. O proprio indiosinho, portador do mate, deixou de receber as suas desagradaveis manhas de sopapos e ponta-pés.

Na propria manha augmentou o salario de todos os trabalhadores.

Unicamente, como quem sente a necessidade de vingar uma afronta imperdoavel, atirou fóra a fluctuante gravata, amarella como um canario hamburguez. Para substituil-a, entrou a usar uma gravatinha parda, nada ridicula e até de um gosto discreto...



## A MODA

As duas figuras mais interessantes do theatro, na época que antecedeu a romantica, foram Colombina e Pierrot. O tipo do Pierrot tornouse classico e ainda hoje é recordado, ás vezes, nos interme-

diós. Hoje, transcorridos já mais de cem annos do tempo de Colombina, esta um pouco apagada. A moda que ella usava, como se vêra a litteraria, caracterisa-se, sobretudo, por ser curta e tu-tuda, não quadrada de modo a ampliar excessivamente os contornos. Esse talo postizo é a polonaise. Admittam, porém, as senhoras que a moda, por mais original que seja, por mais nova que seja a sua criação, por mais módica que tenha o seu aspecto, não é mais do que uma passagem, mais ou menos plausível, da velha moda. É tanto assim, e que não se encontra em os modelos, sem excepção, os que se encontram n'alguns países, que se não se prendem, quasi sempre, a uma certa effluvia de conquistas, nos vestios modernos, a datar do século XVI. Os vestidos exploram o pensamento, fazem d'isso a pobreza de alguns inventos dos d'antão, de moda actual, que contrasta com a alta cultura ethica dos séculos brilhantes que antecederam a ella a habitar a terra. A tunica, por

exemplo, que hoje está em pleno apogéo, não passa de uma modica-çáo, mais ou menos gratuita, da polonaise de Colombina. A tunica é um mudo arauto da sua. Ella surge, logo em seguida no advento

das suas estreitas e curtas, e so porque a polonaise, que a inspirou, é incompativel com a sua longa e ampla. A tunica, que surgiu ha alguns annos, desp'pareceu durante algum tempo, mas acaba de conquistar de novo a adopção de todas as senhoras de bom gosto. Como essa adopção entrasse a generalisar-se cada vez mais, os creadores de moda, em Paris, trataram de estudar as diversas e multiplicas modificações de que ella é possível.

As suas accões e outras do mesmo estylo, que actualmente estão em voga, são as que melhor se adaptam ás tunicas. Estas se apresentam sob diversos aspectos. Ora são amplas, esvoaçantes, ora curtas, ora ainda ligeiramente dobradas. A última novidade e o estylo é o lenço de a-

vental, havendo, na genero, duas variedades: o avental com des-potes e abotoa sobre a frente e, não raro, para traz. A tunica pode envolver, de um lado e de outro, a saia, podendo ser mais comprida na frente que atraz, ou vice-versa. Todas essas modalidades,









# AVENTALES



Fig. 1. Avental com bordado.

## Avental simples

Na maioria dos artigos que se referem em geral ao modo de fazer que se vão fazer, fazem as coisas de maneira que quem passar os olhos, elles não se detem nem se detem a ler, e assim, a gente não sabe o que se quer fazer. Entre nós, porém, a gente é mais avessa a fazer as coisas de maneira que se possa ler, e assim, a gente não sabe o que se quer fazer. Entre nós, porém, a gente é mais avessa a fazer as coisas de maneira que se possa ler, e assim, a gente não sabe o que se quer fazer. Entre nós, porém, a gente é mais avessa a fazer as coisas de maneira que se possa ler, e assim, a gente não sabe o que se quer fazer.

Entre nós, porém, a gente é mais avessa a fazer as coisas de maneira que se possa ler, e assim, a gente não sabe o que se quer fazer. Entre nós, porém, a gente é mais avessa a fazer as coisas de maneira que se possa ler, e assim, a gente não sabe o que se quer fazer. Entre nós, porém, a gente é mais avessa a fazer as coisas de maneira que se possa ler, e assim, a gente não sabe o que se quer fazer.

## Avental com laço

Entre nós, porém, a gente é mais avessa a fazer as coisas de maneira que se possa ler, e assim, a gente não sabe o que se quer fazer.

Entre nós, porém, a gente é mais avessa a fazer as coisas de maneira que se possa ler, e assim, a gente não sabe o que se quer fazer. Entre nós, porém, a gente é mais avessa a fazer as coisas de maneira que se possa ler, e assim, a gente não sabe o que se quer fazer.

encilhado não o ligeiramente com desenhos em haste executados com cordonnet.

Alguns centímetros a altura do bôbo como do avental, a mesma altura, é mister preparar, por meio de um ferro, uma espécie de "costureira" ou costureira, na qual se passará uma fita, que, postada, dará ao avental a forma de um sacco.

Todo o avental é guarnecido de bordas.

É muito proprio para pequenas tarefas domesticas e notavelmente elegante. Nos bolsos podem ser guardados todos os utensilios de costura ou de bordado. Como se vê, o avental não é apenas um lindo ornato, mas é tambem um ornato de utilidade impressionavel.

Este outro modelo, que é igualmente interessante e, sob certos pontos, mais elegante até, a despeito da simplicidade do seu conjunto, é entretanto, nos angulos da barra, com aberturas de hortenzias.

## Avental com hortenzias

Examinese bem a fig. 2. Este avental compoese-se de um retangulo de tecido bordado no todo de um fecho, e, em cada angulo, de um mangão de hortenzias curvas. Estes são applicados à medida, enquanto que as folhas e hastes devem ser tratadas por processos ordinarios.

Desde a cintura até abaixo e chegado a a direção do bordado, deve estar disposta uma carreira de caes pela qual se passará uma fita larga, alternando, da maneira como está representada na gravura. É muito recommendavel que o tamanho da cara deve corresponder à largura da fita, sem de que esta não enchocha. Esta fita precisa estar pregada na cintura por alguns pontos finos, depois em baixo qual se renada numa laçada.

Chamamos avental de o, a estes dois modelos, porque elles tambem podem servir de sacco para guardar utensilios de costura e bordado. Uma palavra, este digão utilidade. Para a transformá-



Fig. 2. Avental simples com hortenzias.

tem em vários pontos, tanto no principio como no seu fim, insere, puzo a fita. Entretanto, apresentamos estes modelos apenas a título de curiosidade. O que importa, a mais de tudo, é a adocção de

avental, sendo de notas que elle, por mais simples que seja, um recanto de linho ou batiste bordado de rendas, é sempre um ornato bonito, util e encantador.

O modelo representado na figura 3 é o

#### Avental para chã

cujas graça elegante se impõe á primeira vista. Este modelo vai bem a qualquer «toilette», mesmo á «toilette» de passeio, quando a dona da casa, aguardando a hora de sair, veste o seu avental para se distrahir com qualquer destas pequenas actividades casueiras.

O conjunto se compõe de tres peças: o avental, os folhos de baixo e os folhos das diagonaes, ao alto. A fórma, tal como se vê na gravura numero 3, é obtida por meio de entre-meios marcados, segundo o desenho indicado pela gravura. Comece-se primeiramente por apastar, sobre a fazenda que se escolher, o entre-meio, dando-lhe a fórma que se quizer.

A qualidade da fazenda e o padão são coisas que devem ser tomadas em consideração. Com fazendas grossas, amarelalhadas, ou com padões impróprios, não se pôde obter um avental elegante, como o que convém a uma senhora de bom gosto. Escolha-se a fazenda e o padão, formando as pontas em cima e em baixo, naquelas se desenharem os motivos, que são, em seguida, apanhos á

Fig. 3. — Avental bordado com renda de chã.



Fig. 4. — Avental bordado com renda de chã.

maquina. O volante ou folho é ondo, em baixo com um motivo semelhante. No meio deste volante faz-se uma série de pequenas presas, que se vão retirando gradualmente e suavemente, indo o todo o volante para dentro e para fora. O avental deve ser apastado sobre o volante. Comece-se a fazer o entre-meio em ponto de condôr. Assim se faz o avental, com antecedência, alguma presas. O volante é bordado com os entre-meios, depois com um padão. Os volantes são reunidos no alto pelo pequeno número de botões.

Na cintura uma série de pequenas presas sobre uma faixa de 25 centímetros.

#### MATERIAES

Folho em 120	1 m.
Entre-meio	1 m.
Renda	4 m.

#### Outro modelo

Este modelo é extremamente encantador. Este avental, tal como se vê na gravura sob numero 4, é extremamente simples e de uma execução muito facil da que, a primeira vista, parece. É composto de um quadrado de linho ou batiste com 1 metro de comprimento e 90 cm. de largura. Este linho deve ser composto com lindos motivos de flores grandes, que formam uma especie de largo entre-meio. Folhas e botões são bordados á maquina. Os supramentos cruzam-se por traz e saltam sobre os lados para formar a cintura. No alto do avental, a alguns centímetros do bordão, fazem-se uns folhos, que diminuirão a largura a cerca de 30 centímetros. Na cintura faz-se á a mesma coisa, tendo o cuidado de reduzir um pouco mais a largura. Enfin, o avental será guardado ao redor de uma renda estreita

# Calças e corpinhos

## Vestes de phantasia e alta novidade

Por mais de uma vez temos referido, por essas colunas, á moda das "lingeries" e ás elegancias interiores. A elegancia perfeita não é aquella que apenas se mostra em

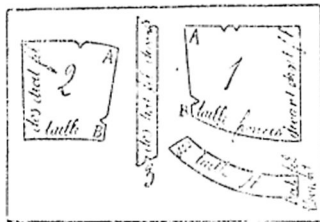


forma de indumentaria exterior, para os effeitos da exhibição nas ruas, nas salas de espectáculo e nos salões de visita. As elegancias intimas tambem são apreciaveis e devem ser cuidadas e cultivadas para o gozo pessoal. A senhora que se presa de elegante sente muito maior prazer quando, ao exhibir a sua rica "toilette", se lembra de que as suas roupas intimas são igualmente ricas e seleccionadas segundo os modelos mais recentes.

Só é verdade que o individuo gosta de parecer bem, menos para a apreciação dos outros do que por sua propria satisfação, deve pôr tanto cuidado na sua toilette quando na suas roupas intimas. Temos dito por vezes que a moda das "lingeries" é nova, mas isso não é verdade de verdade, e não gostar bem os modelos mais recentes, que são os antigos.

Os vestidos e a lingerie, em suas formas de hoje, são o resultado da evolução da moda, e não se constituem em novidade, que se produz a cada instante. Observa-se, nem a moda, nem o encanto suggestivo, a linha distinctiva que resultam deste conjunto, de corte modernissimo.

O corpinho tem a forma Imperio, com entremeios e lias. Com os mesmos elementos se executa a calça, que pode ser feita em linon fino ou em musselina.



Os bordados se fazem em plumetis, mesclando os com pontos de arma e rendas valencianas. Cinto de seda lavavel.

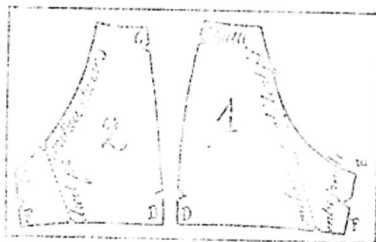
O corpinho consta de quatro peças, as quaes se cortam duplas, incluindo as costuras.

Observemos as gravuras e tratemos de descrevelas.

**Fig. 1. Corpinho** - A frente sem costura. Preguar o tecido duplo antes de o cortar.

**Fig. 2. Costas directas** - Une-se a costura de abaixo dos braços pelas marcas e letras A, A, e B, B. Colocar a tira do entremeo no corpinho, e cortar, uma vez cosida, ao redor do peito.

**Fig. 3.** - Corta-se a tira dos hombros a fio direito, prendendo-a na frente pelas duas marcas e por traz pela marca indicada.



**Fig. 4. Intimida** - Corta-se a fio direito e sem costura. Corta-se a cintura, o entremeo de 50 cent. de largura por 1 de altura, prendendo o corpinho a cintura.

Quas explicações são ociosas. Bastam as gravuras para orientar a leitora.

# Esperanças e decepções

Marcoz foi o bohemio mais brilhante do seu tempo. Verdade é que, para manter este brilho, dissipou tres fortunas: a que, em vida, lhe deu o pae, a que, mais tarde, herdou do pae, e, finalmente, a que lhe deixou a mamã. Para realizar completamente a dissipação dessas tres fortunas, gastou elle dez annos de bohemia sem reio e de loucuras sem momentos lucidos. Ao cabo de dez annos,



Domingo

não tinha mais nenhum vintem. As ultimas propriedades tinham ido á praça e as joias tinham desaparecido nas casas de penhor. D'ahi por deante, entrou a viver de expedientes, de dividas, de cabeçadas de toda especie. Os amigos, principalmente aquellos que elle beneficiara no tempo dos seus esbanjamentos, abandonaram-n'o. A principio, ainda sorriu á esperança de um casamento rico. Mas, com o

Um amigo excêntrico, um dia, teve pena daquella miseria. Deu-lhe algumas roupas do seu uso e recebeu-o em casa como hospede. Os dias assim iam-lhe correndo suaves, o que quer dizer, menos dolorosos. Mas essa situação não podia durar muito. Elle estava moralmente obrigado a procurar qualquer occupação. Que occupação? A solução deste problema deu-lhe com um espinho. Fazea



Quarta

literatura? Sim, elle tinha algumas aptidões para as novellas de phantasia. Mas não é com novellas de phantasia que se ganha a vida, nem com contos reaes, senão com contos de reis. Elle não podia comprehender que se pudesse ganhar a vida com outro elemento que não fosse o dinheiro.

Foi neste estado de alma que recebeu, pela manhã de um



Segunda



Quinta

correr do tempo, essa esperança desvaneceu-te logo, porque as suas roupas já estavam no fio, rustidas nos cotovels e com lamentáveis joelheiras. O unico traço que converteu da antiga elegancia, era o monoculo, um escandaloso monoculo preto ao pescoço por um largo cordão de seda preta. Por pudor, só sahí' á noite, e, mesmo assim

certo domingo, uma carta. Uma carta! Extranha coisa! Occorreu-lhe que seria de algum amigo que, vivendo ha muitos annos no estrangeiro, ainda não sabia da sua situação. Seria isso. Não podia ser outra coisa. Attentou bem no envelope e viu, com surpresa, que o selo era nacional e que o borrão do carimbo postal deixava adivi-



Terça



Sexta

não se mostrava nunca nos sitios onde habitualmente se reuniam os seus antigos companheiros.

Tentou o jogo nos clubs suspeitos. Perdeu. Por fim, esses mesmos clubs fecharam-lhe a porta, no receio de complicações com a policia.

nhar a origem: Ribeirão Preto.

— Quem diabo teve a extravagancia de me escrever? perguntou elle aos botões de sua camisa.

Rargou o envelope. Era uma carta do tio Mauricio. Marcoz empalideceu. Tio Mauricio era um velho solteirão, que amon-

toara, á custa de meio seculo de trabalho, uma fortuna colossal, porventura a maior fortuna daquella zona. O unico herdeiro do velho era Marcos. Isso fez-o sorrir e deu-lhe ao rosto uma expressao de beatidade. Eis o que elle leu, com o coração aos pulos:

"Querido sobrinho Marcos.

Estou doente. Tenho todas as visceras comprometidas. Ha dias que estou entre a vida e a morte. Velho como estou, não me resta senão morrer. Ser-me-ia, entretanto, penoso morrer, sem que, ao menos, me venha fechar os olhos uma pessoa de minha familia. Tu és o meu unico parente vivo. Vem pois. Se te demoras em



Sabado

— Qual, meu bom sobrinho, rouquejou, tossindo, o velho, decididamente não escapo desta.

Na manhã do dia seguinte, terça-feira, o rapaz, que se levantava cedo, foi ver o velho.

— Está melhorzinho, titio? indagou.

— Assim, assim, meu filho. Dormi um pouco melhor. Mas sinto-me ainda tão desanimado!

— Pois eu tenho fé em que o titio esteja melhorzinho amanhã.

No fundo, elle tinha fé que o velhote não durasse até o dia seguinte. Mas durou. Levantou-se mesmo com mais animo. Quando Marcos se chegou a elle com a tizana na colher para propinal-a ao



Domingo

vir, é provavel que já me encontres morto. Creio, porém, que, com os teus cuidados e carinhos, posso arribar.

Do teu tio affectuoso

Maurício.

Marcos ficou com os olhos arregalados, tão arregalados, que nem pde mais suster o monoçulo, que cahiu do olho, ficando a balouçar como um pendulo á ponta do cordão. Com o dinheiro que tomou de emprestimo ao amigo que o hospedara, correu para Ribeirão Preto, donde chegou no dia seguinte, que era segunda-feira. O tio, sentado numa poltrona forrada de travesseiros, arquejava a sua dorçã. Ao lado jazia a tizana. Pobre tio Maurício! Como estava acabado! Marcos beijou-o na testa, disse-lhe ternuras e procurou reanimar-o com palavras de esperança.

enfermo, este recusou a com um gesto de mão. Assim passou elle quarta-feira.

Quinta-feira, o velhote tomou o caldo por suas proprias mãos. E Marcos não pde esconder a sua decepção quando o viu raspar com a colher o fundo da tizana. Era o appetite que voltava.

Sexta-feira o tio Maurício repeliu a canja.

Sabado, enjado da canja, reclamou um bife solido e uma garrafa de vinho. A medida que voltava o appetite do velhote, Marcos depauperava-se de inappetencia e desanimo.

Domingo tio Maurício estava completamente restabelecido. Fumou o seu charuto, sorriu, contou aneddotas. Por fim, reparando na magreza do sobrinho, e no seu ar alitado, observou-lhe que o clima de Ribeirão Preto lhe estava fazendo mal e aconselhou-o a que, sem mais demora, voltasse para a capital.

Marcos voltou, depois de enterreda a ultima esperança.

## A MODA DO PASSO

O passo da mulher tem tambem a sua moda, como as lindas roupas que a vestem. A moda do vestuario, porém, é creada por um artista. Paquin, Rolden ou outro qualquer, enquanto que a moda do passo não tem um creador. Se o tem, o que não é improvavel, o seu nome não vem a publico. É um artista que cria uma arte, lança-a ao publico, e esconde-se depois, para gozar, em socego, o successo de sua creação.

Para as pessoas simples, sem exceptuar mesmo muitas pessoas que se cuidam elegantes, o passo não tem outro merito senão o de encurtar uma distancia. Em there assim é. Mas só em there. O passo é tambem uma manifestação de belleza, de graça e de rythmo. Uma mulher que se presta de ser verdadeiramente elegante, estudada, meditada, torturada e refinada, não pôde contentar-se apenas de andar com correcção segundo o estylo corrente. O estylo do passo corrente resume-se em poucas leis: distancias eguaes de um pé a outro pé, firmeza, nenhuma flexão no joelho da perna que acaba de firmar-se e attitude digna. Este estylo não é desprezivel, mas não é tudo.

O passo miudo, curto, salitante de passaro, que se vulgarizou após o adrento das saias «entravées», sahio da moda. Substituiu-o o passo «tango», de um rythmo largo. Para que este passo fosse bastante largo, tornou-se necessario fender a saia, em ampla abertura, como a usavam, nos cafés-concertos, as dançarinas do tango argentino.

A este, succedeu o passo «rag-time», que fez algum successo. Este passo é executado da seguinte maneira: uma levisima flexão no joelho da perna que se firma, para dar ao busto uma linha do movimento mais sinuosa; a passada mais curta que a do tango; os braços, um pouco riios, cahindo ao longo do corpo, conservando-se as mãos patentemente flectidas para fóra, e, finalmente, como um retoque de graça leve a todo esse conjuncto, um pequeno movimento de hombro.

O passo actual, de importação norte-americana é, orventura, o mais bello. Não ha nenhum que o eguale em originalidade, em rythmo e em belleza. É o passo a que chamaremos «fox-trot». É um passo de marcha, entre a militar e a dança. É militar pela sua disciplina e uniformidade; é de dança, pela sua languidez e cadencia musical. As attitudes são estas: pouca flexão nos joelhos; os braços caem ao longo do corpo, um pouco para a frente, sem flexão das mãos; os hombros bambolantes, acompanhando, ora á esquerda, ora á direita, o movimento de cada perna.

Este ultimo passo, que, finalmente, acaba de ter adoptado pelas nossas patricias elegantes, é notavel pela sua riqueza de rythmos.

A sua adopção não se torna facil á moça que não saiba dançar, com exercicio e gosto, o «fox-trot» e não esteja bastante familiarizada com o andamento dessa musica americana, que se caracteriza pela simplicidade da melodia e pelas transições do tom bruscas e desconcertantes.

# A cozinha moderna

Uma cozinha deve estar aparelhada de maneira que haja o máximo de eficiência e commodidade para o trabalho, que tem de ser executado nella. Não nos referimos aqui á cozinha modesta das famílias que têm hábitos excessivamente frugaes, mas á cozinha moderna, que tem de ser modelar.

Uma cozinha nestas condições, quer esteja aparelhada para os grandes serviços permanentes, quer a de família, onde, por vezes, a própria dona da casa

vae supereintender o serviço, precisa accoimodarse a todas as necessidades, de forma a, nas occasões excepcionaes, poder funcionar sem faltas nem lacunas de especie alguma.

Na cozinha, que é, por certo, a parte mais importante do lar, deve-se pôr o maior cuidado, convertendo-a num logar hygienico, escrupulosamente asseado, pratico até ao exagero, commodo, muito commodo, tanto quanto o permitam as circumstancias. Demais, uma cozinha alegre desperta alegria e inspira boa vontade para o esmero do serviço, e, sendo limpa, contribue para crear o verdadeiro appetite, que é o de que o organismo necessita para digerir e assimilar perfeitamente os alimentos.

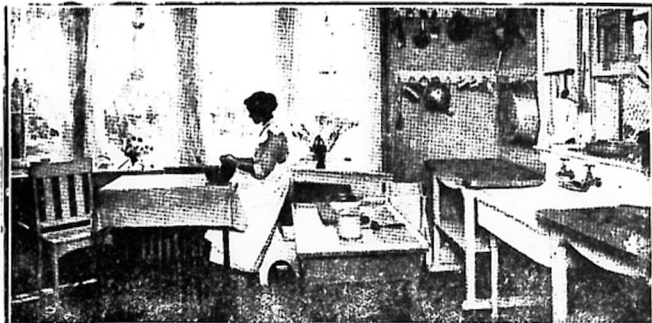
Antes de mencionarmos os detalhes que são precisos para collocar uma cozinha á altura das exigencias que lhe dêem o título de modelar, devemos, em primeiro logar, attentar nas seguintes coisas: na preparação dos alimentos antes de serem levados ao fogo ou ao forno, nos guisados em si proprios, e no modo como tem de servir cada prato. Como é de ver, tudo deve estar, com antecedencia, rigorosamente asseado, esfregado e polido. Só assim é que se comprehende uma cozinha modelar, preparando-a para attender a essas operações tão variadas, com a maior efficacia possivel.

E' mister que haja um logar apropriado onde se guardem as provisões e uma mesa destinada ao seu preparo. Muitas senhoras, de indole pratica, preferem um armario, cuja parte inferior esteja provida de uma taboa postiga, que se puxa para fóra, na occasião do serviço, fazendo-a entrar, depois do serviço executado. Na parte da taboa para cima guardam-se certas provisões, como: arroz, assucar, pastas, conservas, e na parte de baixo, as batatas, os legumes, as verdnras frescas e o azeite. A razão é porque, não só a parte inferior do armario é mais fresca por causa da visinhança do solo, como porque a taboa movel serve para isolar as provisões conforme a sua qualidade. A taboa, pois, substitue vantajosamente a mesa, e, o que mais é, economisa espaço e poupa passos inuteis.

Adapte-se, portanto, como elemento mais pratico, essa mesa auxilliar. O fogão deve estar ao lado. Essa mesa precisa ser recoberta de zinco ou de oleado branco, com bordos mais elevados, em feltro de taboleiro.

Serve isso para evitar que corram para o chão as gorduras e as aguas. Sobre essa mesa é que se executam todos os preparos que vão ser empregados na comida.

Um detalhe que merece attenção é o assento. Uma cadeira commum não serve, por causa do espaldar. O melhor é uma banquetta alta, que permita á cozinheira estar sentada emquanto prepara as salsas ou descaasca as batatas, servindo-lhe tambem para aproximarmos o fogão de gaz, segundo os casos. Advirta-se



*A cozinha é um logar hygienico, escrupulosamente asseado, pratico até ao exagero, commodo, muito commodo, tanto quanto permitam as circumstancias.*

tambem em que muitas são as horas em que a cozinheira tem de pé e esses pequenos descansos são-lhe necessarios.

De resto, além do fogão commum ou economico, é requisito indispensavel que haja outro, electrico, ou de gaz, e, entre um e outro, um deposito de agua quente, guardada no deposito, é providencia da cozinheira, que, sem ella, se vê forçada a malbaratar o seu tempo, a aquecer agua, toda vez que precisa.

Nas casas modernas esse mesmo deposito serve para abastecer de agua quente o compartimento de banho.

A installação da pia ou lavadouro é uma das coisas mais importantes da cozinha. A pia deve ser bastante ampla e de ferro esmaltado, servida por duas torneiras, uma quente, outra fria.

O rebordo plano que circunda a pia, onde se empilham os pratos e talheres para lavar, precisa ser levemente inclinado para dentro, para que as aguas entornadas não escorram para fóra. O lavadouro terá a altura conveniente, porque, muito alto, fatiga terrivelmente os braços de quem trabalha sobre elle, e, muito baixo, obriga a pessoa a estar curvada, o que, como se sabe, compromette os rins.

Outro pormenor que não é para desprezar é o sitio onde se haja de collocar o lavadouro. E' preferivel deante de uma janella, para que recolla maior quantidade de luz afim de ser bem verificada a limpeza dos apparelhos, sem receio ás lacunas de asseio. Mas não é só pela luz mas porque, como o trabalho da limpeza e esfrega é summamente desagradavel para quem quer que se dedique a elle, o ar sempre renovado se faz necessario ao olfato de quem trabalha entre os diversos cheiros que erram no ambiente. Quanto mais perto estiver a pia do armario de pratos ou da prateleira onde se empilham as cassarolas e outros utensilios, melhor e serão mais poupados os passos inuteis, considerando ainda que esteja na visinhança da despensa.

Os utensilios de outra especie, como escovas, esfregões, esponjas, sabões, tijolos de arear, frascos de desinfectantes, pannos, etc., requerem tambem um logar apropriado e que esteja ao abrigo do pó. Inutil é acrescentar que a illuminação ha de ser perfeita. Além da lampada electrica no centro, para distribuição geral

da luz, ponha-se outra sobre a pia. Um refeitório higienico, instalado na propria cozinha, é um pormenor preciso e utilissimo, quer para a refeição dos creados, quer, em casos excepcionaes, para a propria familia que soffra momentaneamente a falta de creados.

Attentem as nossas leitoras, que se deram ao trabalho de ler estas considerações, nas gravuras que illustram as nossas paginas. Por ellas poderão orientar-se as donas de casa.

Dito isto, façamos alguns conselhos geraes sobre a arte da cozinha. A preparação dos alimentos comprehende a

escolha d'esses alimentos, e o modo de os preparar, segundo a sua natureza, antes de os pôr a cozer. A coação significa ao mesmo tempo o modo de os cozer, e o gráo d'esse cozimento. Consiste nelle o verdadeiro segredo da cozinha. Ha quatro modos diferentes de sobmeter á cocção os alimentos: ferver-os em agua; cozê-los na sua propria substancia, frígil-os, ou assal-os. Em geral a ebulição torna-os mais tenros, mas não convem que seja excessiva, porque a agua apodera-se de todas as substancias solúveis. O caldo é o resultado d'esse modo de cocção das carnes. Quanto mais forte e prolongada é a cocção, mais substancioso fica o caldo, e menos materias nutritivas e saborosas se conservam na carne. No processo que se chama "Estufar" a carne penetra-re de vapor quente: fica tenra, e coze perfeitamente, conservando toda a sua substancia. Os alimentos cozidos por esse processo são effectivamente os de mais facil digestão, e os mais nutritivos. A fritura torna igualmente as carnes muito tenras mas é necessario que seja bem feita, e que a crôsta, que a envolve, fique extremamente delgada, aliás, a agrura que lhe é communicada pela banha, ou pelo azeite, a torna nociva aos estomagos delicados. O assado feito com perfeição conserva quasi todas as partes solúveis da carne; a acção directa do fogo, carbonisa-lhe as partes exteriores, e concentra no interior todos os liquidos, que alli ficam retidos pela crôsta carbonifera. O assado é nutritivo e tónico, o seu sabor appetitoso, e esta ultima qualidade o torna preferivel, para muitos estomagos, a toda e qualquer preparação. É geralmente conhecido o modo usual de cozer as carnes, aves,

peixes e legumes pelo decoção na agua, mas é fóra de duvida que os alimentos cozidos em agua simples, apesar de mollificados pela decoção prolongada, são menos tónicos, menos appetitosos, do que se fossem fritos, grillhados, ou assados. A carne cozida, sobretudo, é a menos nutritiva por isso que foi submettida,

por maior tempo, á ebulição, que a despoja infalivelmente das suas partes aromaticas e nutritivas.

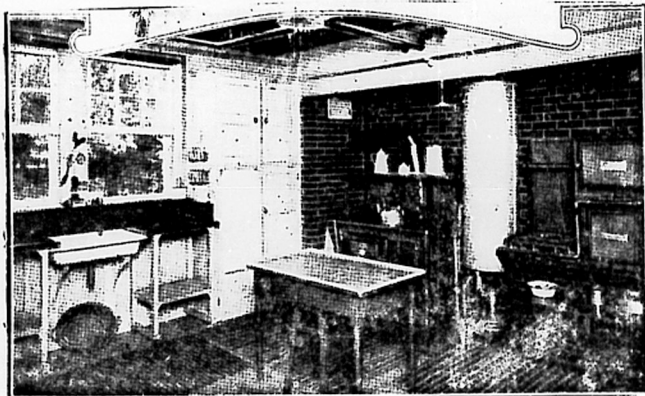
Diz, porém, um habil pratico, que é possível cozer uma carne qualquer, por decoção, sem lhe roubar a sua substancia. Se, por exemplo, em vez de agua, deitarem n'u-

ma panella caldo já feito, e lhe juntarem a carne, esta perderá menos substancias, porque a agua, ao passo que se concentra com as substancias que dissolve, perde a sua propriedade dissolvente. Obtem-se o mesmo resultado deitando na panella muita carne e pouca agua.

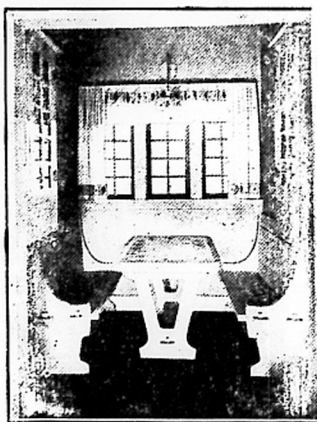
Na decoção, as carnes brancas perdem mais a substancia do que as outras. Fazendo-as cozer em muita agua, sem lhes juntar outra carne qualquer, a parte fibrosa é a unica que se não conserva insípida. Se, pelo contrario, se fizer cozer uma ave com muita carne e pouca agua, e haja o cuidado de a tirar quando começa a delir, conserva quasi toda a sua substancia, e torna-se um alimento saboroso.

Vejamos agora, para terminar, como se estufam as carnes, as aves, etc.

Colloca-se a carne em uma cassarola proporcionada ao seu tamanho, guarnece-se o fundo com pranchas de toucinho e tiras de vitella, ou de outra qualquer carne, e tempera-se. Podem juntar-se legumes, taes como, cebollinhas, cenouras, cogumellos, e um ramo de cheiros. Molha-se tudo, com um pouco de caldo, ou com metade caldo e metade vinho, ou mesmo com vinho só. Póde, igualmente, não se lhe juntar nem vinho nem caldo, mas nesse caso é necessario guarnecer a cassarola com pranchas de toucinho, e cozer a fogo lento. Será bom barrar com massa a tampa da cassarola, para evitar a evaporação mas nesse caso, como se não póde voltar a carne, deve usar-se de uma cassarola cuja tampa possa comportar brazas ou cinzas quentes. Por este meio a carne recebe a impressão do calor de todos os lados.



A cozinha moçola



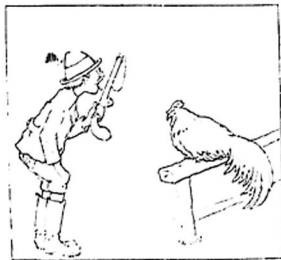
Refeitório higienico dentro da propria cozinha

# Página das crianças

Zé Mico, que era muito medroso, e ainda mais mentiroso, ganhou uma espingardinha no dia de seus anos. Correu a encontrar os companheiros e disse-lhes que com aquella arma não tinha mais medo de ninguém. Os companheiros, que sempre ouviram suas bravatas, pediram-lhe, então, que matasse um cão que havia no vizinho e que se lhes atirava ás pernas todas as vezes que elles por ali passavam, para ir á escola. Zé Mico prometeu que iria matal-o naquela noite, quando teu dono dormisse, e como houvesse um, o Chiquinho Barrigudo, que duvidasse, elle prometeu que lhes havia de trazer o sangue do cão. A' noite Zé Mico foi para o quintal, para cumprir sua promessa, matar o cão por cima do muro. Quando ouviu, porém, o urro do cão, teve medo, e resolveu desistir da empreitada. Para que os companheiros não o tivessem por poltrão resolveu usar de um estratagemá: matar um gallo que dormia num poleiro e levar o sangue, dizendo que era do cão...



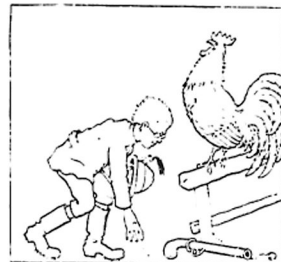
... olhou o gallo ...



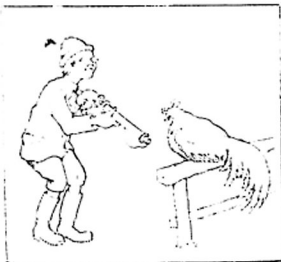
... fez-lhe uma cart.á ...



... preparou a arma ...



... mas o gallo cantou e o cão ladrou! ...



... Zé Mico, a tremer, largou as armas, e apanhando uma penna do gallo ...



... foi "intimar" aos companheiros que tinham morlo o cão ...

Os companheiros que estavam fartos das mentiras de Zé Mico, não acreditaram.

O Chiquinho Barrigudo perguntou-lhe :

— Onde está o sangue que você disse que trazia, seu "prosinha" ?

— Não trouxe o sangue mas trouxe esta penna do bruto! — disse o Zé Mico.

E como cachorro não tem penna, Zé Mico entrou numa roda de "cacholetas", e foi obrigado a dançar!...

... Nunca deves mentir nem conta: fanfarronadas. A mentira sempre se descobre... e as taes valentias tambem!...

# A FESTA DAS CRENÇAS

A mais engraçada festa das crenças de que me lembro, foi em Inglaterra, na casa de campo de meus amigos Birds, no paiz de Cornwall. Era uma mascarada reproduzindo em miniatura a corte do Rei Arthur e dos Cavalleiros da Tavola Redonda. E o que tornava interessante a resurreição desse mundo heroico e gentil, popularizado por Tennyson, é que nós estávamos allí justamente na região de Cornwall, onde viviam, entre sarau e batalhas, Arthur e sua rainha Ginevra, e os doze valentes de Tavola. A pouca distancia do Parque dos Birds, numa collina coberta de carvalheiras, a tradição colloca os passos de Arthur e a maravilhosa e sombria cidade de Caerleon. O rio em que pescavam trutas era o velho Usk. Nas suas frescas margens erguera-se outrora o mosteiro, onde o irmão de Porsival, uma noite, da janella de sua cella, viu passar numa nuvem cor de rosa, entre aromas de junquillo, o vaso de San Graal cheio do sangue de N. S. Jesus Christo. E das varandas da sala de jantar, podiam avistar-se em dias claros, lá ao longe, na costa, e entre as rochas, as ruínas desse castello de Tintagil, que apparece em todas as balladas do rei Arthur, negro e triste, junto ao mar de Cornwall. A corte começou a reunir-se cedo, á hora do lunch, no grande salão branco, sob e o jardim. Era o filho dos Birds quem esplendidamente recebia, vestido de rei Arthur. O primeiro personagem da lenda que chegou, acompanhado pela sua governante, foi o feiticeiro Merlinio, um adoravel bebê gordo e embeberado, com a corôa de hera, uns cabellos loiros e umas enormes barbas profeticas enchendo-lhe a bochecha cor de rosa. Depois, seguidos das mamãs, vieram entrando todos os outros figurões da romantica chronica, cavalleiros de cinco annos armados e emplumados, mongezinhos nedios, bispos quasi de mama, com seus baculos nos braços, bardos rubijentos, mestieiras vestidos de seda, e fadas mais lindas que as fadas. As tres rainhas misticas do Walhala chegaram por ultimo, gravezinhas, todas as tres pela mão, cobertas de veus negros, escoltadas por um grande laçao empoadado. Pouco a pouco o salão ficou animado como a velha Caerleon, numa manhan de torneio. O pequeno Bird, de rei Arthur, com seu manto bordado de oiro, os cabellos frisados, sahindo em aneis de sob a corôa carregada de pedras, passeiava magestoso, entre os seus irmãos de armas.

Uma senhora, encantada, quiz dar-lhe um beijo. Elle repelli-a asperamente, como teria feito o casto rei Arthur. Mais orgulhoso do que elle, só o bravo Lancelote do Lago, a quem tinham pintado um buço, e que revestido de armas negras, com longa pluma escaurite, ondeando-lhe desde o elmo até ás esporas de oiro, não tirava a mão da espada. E o que parecia ensoberbecel-o mais, era a sua facha branca, passada sobre a couraça, e feita em rigida obediencia á epopéa, de um véu da rainha Ginevra. Essa era a grande belleza do sarau, a rainha Ginevra, uma irlandezinha com as duas tranças negras e olhos verdes como os prados do Erin. Seria e fria, envolta na pesada capa de setim azul, conservava-se no meio de um sofá, immovel, com um sorriso, que lhe punha uma covinha no queixo, indifferente aos madrigais, insensível ás proezas dos cavalleiros, e sempre de olhos baixos, ou por ella os bardos firam as harpas, ou por ella se batam os vassallos junto ao mar de Cornwall. Um escudeiro annunciou o lunch tocando uma busina de prata, tal qual como em Caerleon. E pelo corredor, aos pares toda a corte seguiu á sala de jantar o rei Arthur, que, levava pela mão com uma graça solenne a linda rainha Ginevra. Depois, mas não sem alguma confusão, em que necessariamente as mamãs tiveram de ser energicas com os cavalleiros, ficou completa a Tavola Redonda, ornada de baixelas e de flores. E nada faltava do que mandam as poeticas

chronicas. Ao fundo da mesa, na sua cadeira esculpida pelos Genios, lá se achava o velho feiticeiro Merlinio a quem a governante, para elle comer com limpeza a sua sopa, tirara as barbas profeticas. Não havia um javali assado sobre um prato de oiro. Apenas um modesto roast beef.

Mas o rei Arthur levantava seu copo de agua misturada de uma gotta de Borden, com a nobreza com que o outro, ha bastantes centos de annos, e naquella mesma collina erguia a taça de hydromel em dias de victoria. De resto, a sala, com o seu tecto de carvalho lavrado, linha o severo apparato de outras eras; e a-tavez das janellas, lá estavam, como nos versos da morte de Arthur, as ruínas do castello de Tintagil, negro e triste, junto do mar de Cornwall. A corte mostrava tanto appetite como á volta de uma batida aos lobos do bosque, que avinha o Usk. Até as tadas devoravam. Sir Galaad, esse que possuia a força de mil porque seu coração era virgem, já por duas vezes reclamara pudding de batatas, batendo furiosamente com o garfo sobre seu murrião de prata, posto ao lado da mesa, entre os crystaes. Fôra preciso, por causa de sua magnifica tunica de setim verde atar um guardanapo ao pescoco do cavalleiro Bors, essa radiante flor de brava christan. No meio de toda a alegria o forte Porsival, incommodado com sua armadura permanencia manso e corado com o ar de estar pensando (como o outro Porsival) em se recolher ao mosteiro de Wik. Depois, de repente e inexplicavelmente, rolou abaixo da cadeira, entornando todo o molho no joelho do intrigante Modred, o mais violento cavalleiro da Tavola. Modred despropositivo e arrepejou os cabellos de oiro de Porsival. A tia do herôe acudiu assustada, e então, como o famoso Lancelote do Lago se estava tornando turbulento, foi arrancado da Tavola Redonda, ignominiosamente, nos braços de um escudeiro aos berros. Depois do lunch, a corte de Rei Arthur voltou ao saráu, a regosijar-se com dansas. Saráu delicioso! Havia dois monges extraordinarios, de burel branco, tão pequenos e tão tropegos, que as senhoras tinham de os segurar pelos braços nas quadrilhas que queriam constantemente dansar, mais jovias que os cavalleiros, promptos a atirar-se sempre aos bracinhas das camponezas toucadas de flores. O puro sir Galaad, já sem broquel e sem murrião, galopava doidamente com uma ligeira fada, chegada esta manhan da Bretanha, das florestas de Borceliand. Um bardo com a corôa de folhas de carvalho enterrada até aos olhos, chorava por ter perdido sua harpa. Havia tambem um principe do mar do Norte, um castellão de Erin, e o bravo cavalleiro Bors, que se tinham reliquiado a um canto, por traz de um sofá, onde sentados no chão continuavam a sua divertida merenda, com bolos, dando gritos, quando as senhoras queriam pôr cobro áquella gula tão imprópria de paladinos christãos. No corredor o pai Bird teve de suster um rechonchudo abbade que arregaçava as vestes sacerdotaes e ia, furioso, sovar o intrigante cavalleiro Modred. E não foi possivel realizar a parte mais interessante da lenda fazendo com que Lancelote do Lago cortejasse Ginevra. O bravo Lancelote (bem differente do outro) parecia de coração duro e sem gosto pelo sorrir das damas. Terminou o mesmo por ter uma hedionda perrice, e cahiu nos joelhos da mamã, com duas grossas lagrimas nas pestanas e a sua bella penna escaurite caída no chão, como numa tarde de derrota. Cedo os bebês começaram a estar caçados. Eu mesmo, no meio da festa, tive de levar ao collo o veneravel bispo de Blackburn, com a sua mitra e seu rico baculo. Os seus doces olhinhos azúes fechavam-se de sono. Deitei-o no sofá, junto da mais pequenina das rainhas do Walhala, que já allí formia sob o véu negro, com os cabellos de oiro soltos, e o lyrio do Paraizo entre as mãos cruzadas... E o santo bispo candidamente adormeceu ao lado da mystica rainha!...

Mas voltemos ás questões de "toilette" infantil, que é o que mais interessa ás mães de família. Já por diversas vezes temos dito, por estas columnas, que a vaidade das creanças, quer se trate de meninas ou meninos, deve ser estimulada e constantemente alimentada. Quem, na infancia, descurou da sua "toilette" e não se habituou a ver-se sempre sob o seu melhor aspecto, quando attinge a idade adulta, difficilmente se habituará a cuidar de si. O asseio, por exemplo, é um habito que se adquire na infancia. O asseio, como tu d'ois mais. O gosto, pois, pelas "toilettes" pelos ornatos elegantes, por tudo que concorra para dar brilho e graça á pessoa, deve começar desde a mais tenra idade. Na idade adulta já é tarde para se adquirir hábitos e atitudes de elegancia e legancia.

Da attitud, que é apenas um modo de ser plastico da pessoa, depende a suas attitudes moraes e decorrente dellas, a finura de sentimento na mulher e o orgulho cavalleiresco no homem.

Attentem bem as mães de familias nesses nossos conceitos, procurem tel-os sempre presentes e traquem de applical-os na educação dos seus filhos, se desejam que elles tenham relevo na sociedade.

As illustrações que vão nesta pagina representam os mais lindos modelos de "toilette" infantil. São, sobretudo, não apenas elegantes, mas notavelmente graciosos. Os quatro modelos que se vem em cima são proprios para meninas de seis a treze annos. O primeiro, da esquerda para a direita, é em tussor azul claro, guarnecido ou não com sutchae. A guimpure é de tule. O segundo é em crepe da China, guarnecido de crepe da China rosa e bordados de lã do mesmo tom.

O terceiro é em foulard rosa, com pequenas guarnições em sutchae. O ultimo, que é o mais simples, sem

deixar de ser muito interessante, é em linon branco, guarnecido de bordados de algodão vermelho. Os outros modelos são igualmente dignos de nota, vendo-se no centro quatro variedades de chapões que devem ser escolhidos conforme o typo da menina.

As fazendas apropriadas para qualquer desses modelos são o jersey, o linon, o foulard, o crepe da China, o tussor, o crepe e o pongé.

Difficilmente se encontra um conjunto de vestidinhos tão elegantes e lindos como esses que representa a nossa gravura, e que são da ultima criação pariziense e especialmente desenhados para nossa Revista.

Outro problema que deve sempre estar presente nas mães de familia, é o problema do calçado para as meninas. Meninas ha, por ahi, que a despeito dos seus doze annos em botão, já usam sapatinhos de salto alto. Isso lhes dá um aspecto de moça, o que as afleia sobremaneira, ao mesmo tempo que lhes altera a saude. O salto alto provoca o desvio da vista, predispondo as meninas á myopia ou presbitia. E não é só isso que reside o seu inconveniente, porque muitos dos orgãos internos ficam prejudicados. Que

as moças usem sapatinhos de tacão alto, vá lá; se lhes faz mal, — o que é evidente e está amplamente provado pelos hygienistas, — é, entretanto, imposto pela moda. Mas essa moda não pôde ser extensiva ás meninas. De resto, pondere-se que o tacão alto, não é apenas anti-hygienico, mas tambem tão desgracioso, que não ha menina, que, usando-o, consiga manter um passo desembaraçado e elegante. Para as meninas impõe-se o salto chato, no maximo de um centimetro de altura. Isso dá-lhes derembarço, e, o que é mais, a graça infantil, que as faz tão interessantes.



## A EDUCAÇÃO DOS NOSSOS FILHOS



Filhinha de sr. dr. Amabile de Melo, de Santa Féria.



Aracy, filhinha da exma. sra. d. Dorothéa Girard Fraga, de Araraquara.



Nessa encantadora amiguinha, Maria das Dares Ferreira, de Jimbáuba.



Edraes Ferreira, nessa galante amiguinha, de Uimbuca.



O galante Raul Augusto, filhinha da exma. sra. d. Joia Estêvão Pereira.

Na formação do caracter da creança influem principalmente, e quasi que se pode dizer exclusivamente, a herança e o meio, contribuindo de modo secundario o proprio caracter, que pode modificar-se em parte ou no todo. E' commum verem-se filhos de pessoas que em politica esposam as causas mais adeantadas, manifesta-

ses solidas, garantidoras da felicidade.

A primeira coisa que se deve fazer para educar convenientemente um menino é estudal-o e conhecê-lo, e, precisamente, aqui está a dificuldade do problema, porque, embora pareça paradoxal que são muito poucos os paes que conhecem os seus filhos o bastante para poder

rem-se socialistas e cheios de idéas audaciosas, e não raro é tambem encontrarem-se individuos religiosos e morigerados, filhos de paes virtuosos e rectos. A herança manifesta-se, porém, mais claramente no aspecto physico dos filhos, enquanto que o meio, isto é, o conjunto de circumstancias exteriores que concorrem para a formação da sua mentalidade, tem tal poder, que se pode assegurar que só delle é que depende a sua educação. A educação abarca tres aspectos: religioso, moral e social, se bem que os dois primeiros podem fundir-se num só, porque a religião e a moral estão de tal maneira unidas,

que difficil é conceber uma sem admittir outra. A educação social, que, em synthese, não é outra coisa mais que a arte da attitude no meio social, o papel que se representa na sociedade, está ao alcance de qualquer, bastando, para completal-a, uma pequena cultura literaria, ou, em falta desta, o talento de observação. O que nos interessa de perto é o aspecto moral-religioso da questão. Esse aspecto é o que deve interessar aos paes que desejem dar aos filhos uma educação fortalecida em ba-

gogico ao caracter, a indole especial de cada um delles.

Uma vez conhecido o menino, o que equivale a dizer, o seu caracter, toda a tarefa dos paes deve consistir em observar todos os seus sentimentos, combatendo os máos, estimulando os bons e forçando o desenvolvimento daquelles que, potencialmente existindo, sejam dignos de ser despertados. Primeiramente, deve-se fazer isso com muito tacto, com muita habilidade e finura, para não forçar a vontade do menino; o processo contra-

inculcar-lhes os principios que háo de formar a base de sua educação particular. Demais, cada menino é, neste sentido, diferente dos demais; e assim como em medicina é corrente afirmar-se que não ha enfermidades senão enfermos, apresentando cada um modalidades e idiosyncrasias que fazem variar o tratamento até ao infinito, pode afirmar-se tambem que, de maneira analoga, os systemas e methodos educativos devem ser tantos quantos meninos haja para educar, tendo-se ainda o cuidado de amoldar cada methodo ou systema peda-



*Além, filha do sr. coronel Fenelon Ferreira  
Minaçanga, de Itabayana, Estado da Paraíba*

rio seria contraproducente, inspirando ao menino um sentimento de reserva e fazendo-o perder a franqueza, que ia desabrochando, e a confiança que deve ter nos pais. Necessita-se também, para activar as boas qualidades do menino, applaudir-as, toda vez que elle as pratica, ou fazendo-o comprehender claramente as vantagens moraes ou sociaes resultantes de um acto honesto e mostrando, em comparação com quem o praticou, o menosprezo e a aversão de que se fazem credores os que procedem mal ou os que possuem qualidades duvidosas.

A alma do menino é como a argilla nas mãos do artista, que a afeiçoa segundo a sua concepção e lhe dá a forma que quer. O menino recebe as impressões, principalmente por intermedio do sentido da vista. Porisso devem os paes por-lhe deante dos olhos aquillo que lhe querem ensinar, e ter em conta que o que mais influe em seu cerebro é o exemplo. Aqui está o escolho da educação. O exemplo é tudo ou quasi tudo. Sabido é que o menino é como os insectos: mimetista. Elle é imitador. Tanto imitará pois o bom como o máo exemplo. Proporcionemos-lhe, portanto, só o bom exemplo, sem esquecer nunca que as impressões recebidas na infancia ficam indelevelmente gravadas na memoria e não se apagam mais. E' por essa razão que certos filhos mostram um tal ou qual desprezo pelos paes, que, não sabendo dar o bom exemplo, começam a ser passíveis da critica dos filhos.

Os paes não devem ser verbugos dos filhos. A educação nunca se ha de impor por meios violentos, senão pela doçura e persua-

são, advertindo que, se ensinamos os nossos filhos a amar a Deus, adeantamos o respeito que elles nos devem, sob a condição, já se vê, que cumparamos com rigor o respeito que lhes devemos.

Todo o nosso cuidado, todo o nosso afan, toda a nossa tarefa é cuidarmos dos nossos filhos. No berço ou no braço materno é que devemos principiar a educação espirital do menino. Do influxo de alma que lhe transmite a mãe dependerá a direcção da sua moral e a sua acção futura no meio em que, feito homem, vae agir.

Os filhos são sempre superiores aos paes. Esta é uma velha lei que, na maioria dos casos, é observada. A creança vem pois ao mundo com disposi-



*Almaga, filha do sr. Arthur Lopes de  
Mourão, residente no Cabo, Pernambuco.*



*Peralta, filha do sr. Theodoro Louzada, fa-  
zendeiro em S. Paulo.*



*Calope, filha do sr. Ernesto Silva, do Mata-  
Rio Grande do Norte.*

ções especiaes para progredir. Se, porém, não encontra ao seu alcance um ambiente favoravel para essas disposições, não logram desenvolver-se, e, em vez de progredir, como era seu destino, vão-se atrasando gradualmente, chegando, em muitos casos, a anular-se de todo. Dessa fórma, perdem-se, por effeito de uma má direcção, intelligencias que seriam aproveitáveis, aptidões que poderiam garantir ao homem a victoria na vida.

Assim pois, os paes precisam rodear a vida do filho de um ambiente purissimo, onde a justiça e o amor sejam cultivados, onde o sentimento do dever tenha largo campo de desenvolvimento, onde, enfim, se encontrem, como num resumo, todos ou cada um desses principios em que se baseiam as sociedades e que são a verdadeira norma ou lei que ha de reger os actos do homem verdadeiramente digno e nobre. Essa educação que se adquire no lar ao calor dos bellos maternaes, essa educação de todos os instantes, absorvida assim insensivelmente, naturalmente, suavemente, fica tão infiltrada na alma ingenua da creança, que, mais tarde, quando já homem, aquelles principios de que se infiltrou, serão para elle o guia que o levará ao porto de salvação.

O sentimento do bello acompanha sempre a bondade da alma e a nobreza do coração, tornando-se, porisso, um factor importantissimo da educação moral do menino. Portanto, ponhamos deante do menino tudo quanto possa concorrer para a elevação do seu espirito, despertando-lhe aspirações nobres e formosas. Habitue-mo-l-o a interessar-se pelo desenho, pela musica, pela poesia, pela leitura das lindas novellas moraes, por tudo enfim, que tenha um laivo de belleza. Esses ensinamentos no lar, esse ambiente de fina espiritalidade deixam na vida do homem uma impressão tão duradoura, que se tornam os seus verdadeiros guias na vida.

# O HOMEM DA NARIGANCA

## CONTO PARA CRIANÇAS

Estava um dia El-Rei da Persia Abe-len-fui com os augustos pés metidos numa bacia cheia d'agua de rosas, meio ingenuo de se te servia para que lhe occurressem ideias felizes quando d'el-la tinha precisão.

Já meio adormecido á força de sublimes pensamentos que lhe bailavam no cerebro, S. M. cabeceava de tempos a tempos, como que approvando por mimica as suas somnolentas cogitações; depois, esfregou os olhos, e, reclinando a cabeça num cochim, ficou-se a dormir.

A côrte contemplava em silencio respeito o doce dormir de Sua Magestade, quando um estrondoso espirro fez estremecer de terror os cortesões e despertou sobresaltado El-Rei.

— Quem foi? — perguntou o Monarcha.

— Senhor — exclamou um mancoço, — fui eu, que não pude evita-lo.

— Enforca-se? — perguntou o grão-visir.

— Ainda não; espera. Acabas de interromper-me o mais doce sonho da minha vida. Pensava eu em cessar a princeza Chan-talân com um principe da sua linhagem, e já o tinha eleito quando o teu intempestivo espirro fez com que tudo se apagasse na minha imaginação. E' teu dever, pois, adivinhar o meu sonho. Se m'o recordas, perdão-te; se não, ordenarei que te cortem o nariz para que não torças a espartar em toda a tua vida.

— Senhor! — clamou o infeliz corteão, agarrando ao nariz como se lhe dister-se já o adeus derradeiro. — O meu nariz e a minha pessoa pertencem a Vossa Magestade; mas não duvido que, se me deixarem cinco minutos para reflectir e com a ajuda de Deus, eu poderia recordar-vos o vosso sonho.

Expirado este breve prazo que lhe foi outorgado por El-Rei, o corteão aproximou-se atoutamente dos degraus do throno e disse:

— Poderoso monarcha: eis o unico sonho digno do vosso preclarissimo talento. Sonhaves que dois principes solicitavam a branca mão da augusta princeza Chan-talân. Que onze d'elles eram galhardos e um tinha um defeito; aquelles eram senhores poderosos e este de minguada fortuna; e, contudo, Vossa Magestade elegera para principe consorte o candidato defeituoso.

— Se me disteres porque o elegi — interrompeu o Monarcha — teu é o nariz.

— Vossa Magestade elegera-o por elle ser o mais avantajado em ingenho e ter vencido todos os rivais nas provas a que Vossa Magestade os submettera.

— Muito bem. Agora me recordo perfeitissimamente. Que Deus te conserve o nariz pelos seculos dos seculos e que o meu thesoureiro te entregue mil moedas d'ouro como premio ao teu peregrino entendimento.

A côrte acolheu com um murmuro liongeiro aquella disposição de Sua Magestade e, logo depois, todos os que minutos antes fugiam do joven corteão, como dum estepella, se acercavam d'elle para o felicitar.

— Pois bem — exclamou o monarcha, — quero seguir a inspiração do sonho, cuja fiel descripção acabas d'ouvir; e desde já está aberto o concurso para aspirar á mão de minha filha Chan-talân. Avise, grão-visir, todos os meus embaixadores para que todas as côrtes saibam qual é a minha deciso. E' condição essencial que

os principes aspirantes a meus successores enviem com toda a urgencia o seu retrato. E agora, — acrescentou dirigindo-se aos trovadores do palacio — permitto-vos que canteis os meus louvores; e a vós — disse encarando os cortesões — tolero-vos que me applaudais pelo talento que Deus me deu e que me creceu.

— Bravo! Bravo! — exclamaram a um tempo os cortesões.

— Estivestes muito frios — disse El-Rei: applaudi com mais entusiasmo, que eu vos prometto não me zangar, ainda que fíraes minha modestia.

— Bravissimo! Esplendido! Surprehendente! — gritavam os da côrte, batendo as palmas que nem a claque dum theatro. — Que ingenho! Que penetração! Que fatalidade se elle nes faltasse!

— Não se afflijam, que eu durarei ainda, para orgulho vosso e regosio d'este paiz de imbecis e brutos.

— Oh! que magnanimidade! Que cumprimento tão delicado!

Os embaixadores annunciaram o desejo de Sua Magestade em todas as capitães dos reinos visinhos e bem depressa começaram a chegar memorias e retratos de principes em todas as altitudes possiveis e imaginaveis. Um, cofiava um bigode com um ar trão; outros, melancolicamente, cozavam as barbas como se tivessem herpes; outros, enfim, uma mão apontando a cabeça e a outra segurando o punho da espada, como se tivesse perdoado o vida ao mundo inteiro; em summa, El-Rei da Persia reuniu uma collecção variadissima. Mas, entre todos, um d'elles chamava especialmente a attenção por sua horrorosa extravagancia: o do principe de Tokay, que apparecia de perfil, ostentando um nariz tamanho e tão disforme como ninguem nunca viu, já não digo igual, mas ao menos da decima parte, em todo aquelle reino da Persia.

E uma coisa é dizer-lo e outra coisa era vê-lo. Porque aquelle nariz, immenso, colossal, tinha da base á ponta cerca de vara e meia das do paiz, o que vem a dar pouco mais ou menos duas das portuguezas. E então era grego na preparação do comprimento e de tal modo que quasi eclipsava da cara o resto dos feiços. O pintor, sem duvida muito habil, tinha exprimido bem o ar de cansaço do principe, vergado áquelle peio desconforme e tão mal equilibrado que estava mesmo a pedir em altos brados um contrapeso para o cachaco.

El-Rei viu muito ao ver aquelle phenomeno, e, vendo-o rir, tambem os cortesões se atreveram a fazer chacota do Principe; a Princeza é que, chamada a contemplar o retrato d'aquelle aspirante a seu marido, longe de rir, começou a chorar desconsoladamente e por pouco que não desmaia.

— Não quero ver o homem da nariganca! — gritava ella. — Forte atrevido! E com aquella cara elle ousa pedir a minha mão? Papá, declara-lhe a guerra, fa-lo prisioneiro e faz-me o favor de lhe mandar podar o narizal, quando não seja senão para me ser agradavel.

A côrte viu tambem com os ditos felizes da princeza; e que para certa especie de creaturas lá ha nada mais divertido do que rir á custa do proximo.

Não se atreveu El-Rei a desafiar o principe de Tokay, tanto mais que ardia em desejos de vêr de perto aquella tromba d'elephante; e assim foi que autorizou o seu embaixador a convidar o



O homem da nariganca



Senhor, fui eu que não pude evita-lo.



... retratos de principes em todas as altitudes...

príncipe para vir á Persia no prazo indicado aos pretendentes. Todo o Teheran fervia em curiosidade de conhecer os príncipes e em especial o narigado; assim foi que no dia da sua chegada toda a população se juntou á porta por onde elle devia entrar na capital da Persia.

Com effeito, o príncipe de Tokay, acompanhado por uma modesta escolta e pelo seu inseparavel nariz, penetrou na cidade, encaminhando-se logo para o palacio.

— Olhem que lindeza! — dizia a gente. — Um nariz assim, bem repartidinho, acabava com as caras chatas do mundo inteiro. El-Rei, que sahira a recebe-lo, quiz dar-lhe o abraço da praça, mas esbarrou-se com o nariz e pouco faltou para lhe saltar um olho fóra. Por fim, um cortejo desviou cuidadosamente o narigal e ponde então cumprir-se a cerimonia palatina.

— O tal nariz é tremendo — dizia o rei collocando panno d'agua quente no olho pisado; — mas não me parece tamanho como o do retrato.

— Eu tambem sou da mesma opinião — acrescentou a princeza. — Parece-me tres ou quatro dedos mais curto do que o que o pintor lhe fez. Se algum artista me fizesse a mim o que fez ao príncipe de Tokay, podia contar como certa uma tunda real.

— Para astoar-se, de quantos lenços precisa? — diz um cortejo.

— Assa-se a um lençol — respondeu um outro.

No dia seguinte foram convocados todos os príncipes para darem provas do seu engenho. Todos iam muito preocupados, menos o de Tokay que chegou com o aspecto mais natural desta vida.

— Senhores príncipes — disse o Soberano, sentando-se na ottomana do throno; — para poder dizer qual é o genro que me convem, resolvi pôr á prova o vosso entendimento, já que os côtes pessoas estão á vista.

Todos os circumstantes olharam para o príncipe da nariganga, que continuava tranquillo como se nada fosse com elle.

— Aqui estão as perguntas a que deveis responder-me: — Qual é a coisa de maior valor no mundo? Quanto cestos de terra poderiam tirar-se do monte que se vê do Palacio? E qual é o companheiro mais traidor que todos temos?

Concedeu-se-lhes uma hora para pensarem as respostas, fechados isoladamente. Formou-se um tribunal composto dos homens mais sabios do reino e depois, um a um, compareceram os aspirantes á mão da Princeza.

Uns, declararam que taes perguntas eram demasiadamente difficeis para si lhes responder assim de prompto; outros disseram para alli o que lhes pareceu, mas tão estupidamente que tribunal e côrte não puderam conter o riso.

Por ultimo tocou a vez ao príncipe de Tokay, que, inclinándose-se respeitosaemente, respondeu:

— A coisa de maior valor no mundo é a vida, que é a obra-prima das maravilhas da criação. O monte que se vê do palacio tem exactamente dois cestos de terra, se o cesto fór como a metade do monte. E o companheiro mais traidor é o tempo, que é nosso amigo na juventude, nosso camarada na idade viril e por fim nos mata alevosamente na velhice.

El-Rei sorriu, o tribunal approvou e a côrte applaudiu. A propria princeza pareceu ficar encantada.

Sem duvida nenhuma — disse o Monarcha — sois vós o vencedor desta lucta d'intelligencia; agora falta-vos vencer em força e em destreza.

Na praça publica levantou-se um tablado para El-Rei, para os juizes e para a côrte e, pouco depois, os príncipes, revestidos das suas armas e montados em soberbos cavallos, acudiram á lucta.

Entregaram a cada um sua lança e começou a lucta. O primeiro dos príncipes luctou com o segundo, o vencedor com o terceiro e assim successivamente.

O príncipe de Moscovia, que era um homem reforçado, levou a melhor em grande parte da contenda e deixou muito estropeados os seus adversarios, derrubando-os a todos de seus cavallos, a golpes de lança e obrigando-os a declararem-se vencidos, sob pena de acabar com elles como se fossem cordeiros.

Quando appareceu o ultimo, o franzino príncipe de Tokay, um murmuro de lastima correu as boccas do publico.

O de Moscovia não tinha mais que começar. Demais a mais, como aquelle narigão não cabia em nenhum elle conhecido, o príncipe levava as ventas ao ar com a viseira levantada. Era uma desvantagem manifesta, pois que o outro estava coberto de ferro dos pés á cabeça.

O de Moscovia abeirou-se do tablado onde estava a princeza, e disse-lhe:

— Bellissima Chan-to-lán; sei que tivestes fô capricho de querer fazer encurtar o nariz ao príncipe de Tokay; eu vou arrancar-l'ho pela raiz para vos fazer d'elle o meu presente de nupcias.

E dizendo isto arremetteu contra o seu adversario, que o esperava muito socegradamente. Chocaram-se as lanças com os escudos e voaram em hastilhas; os cavallos ficaram encabestrados, mas nem um nem outro cavalleiro se moveu da sella; partidas as lanças, deitaram mão ás espadas e começou um furioso batalhar até que, partidas tambem estas, acerrou-se o príncipe de Tokay do seu contendor e, com uma só mão, vigor incrivei! arrancou-o da sella e arremessou com elle de roldão ao meio da arena.

Resouu um formidavel salva de palmas e de todos os lados sahiam vivas ao príncipe de Tokay.

Este apouou-se do cavallo, e, abeirando-se do seu inimigo, fe-lo declarar a sua derrota. A Princeza olhava-o entre assombrada e confusa e El-Rei disse-lhe:

— Afinal, sempre te toca o da nariganga! Mas consola-te, que lhe poremos uma funda.

O príncipe abeirou-se do estrado, e, depois de receber os parabens do Rei, a princeza disse-lhe:

— Confesso-vos, príncipe de Tokay, que não sois bonito, e que para o serdes vos falta, ou antes, vos sobra bastante; mas taes mostras d'esteis de-ingenhosos e estorçado que, sem repugnancia, se-rei vossa esposa.

— Minha bellissima princeza — exclamou o cavalleiro: — Tão reconhecido vos estou da vossa bondade que não quero ir amar-gurar vossa ventura sem vos fazer um presente, que, coiza-me, se-rá muito de vosso agrado. O meu adversario offerencia presentar-vos com o meu nariz, causa da vossa passada antipathia; ora, já que elle não logrou o seu intento, seja-me permitido entregar-volo eu mesmo.

E ao fazer d'esta, com grande assombro dos circumstantes, deu um forte sacão ao nariz, arrancando-o cerce. Soltou a gente um grilo, crendo que o homem ia morrer; mas, por entre a surpresa geral, viu-se que debaixo d'aquella nariganga de cartão tinha elle o seu verdadeiro nariz que, de fino e bem feito, nada tinha que invejar aos mais correctos.

O príncipe de Tokay não era outro senão o cortejo do espirito.

— Eu apellei para este recurso — explicou elle — porque não queria que me conhecessis nem me amasseis senão pelas minhas qualidades, que não por meu rosto, pois a belleza é coisa que passa depressa e o talento é um dote muito mais duradouro.

A princeza por pouco não morreu de contentamento, á vista dum futuro tão laqueiro e o extraordinario successo foi o assumpto de todas as conversações.

Celebraram-se as bodas com grande pompa, e os novos esposos foram muito felizes, segundo rezam as chronicas persas.

Numa dependencia do palacio e num lindo fenal, guardou a Princeza o nariz de cartão do pseudo-príncipe de Tokay.

Por baixo lia-se a seguinte inscripção: «Os defeitos phisicos de nada valem, desde que o coração seja generoso o elevado, e claro o entendimento».



... deu um forte sacão ao nariz, arrancando-o...

**KOLA SOEL** - Anemia, fraqueza, rachimto, molestias do estomago, Util no crescimento das creanças.

## Um baile de bonecas

(Página infantil)

Para o Augusto da  
Paixão lêr:

Eram onze horas da noite a fazia magnífico luar. Silêncio e frescura envolviam a terra que o luar vestia de misteriosa beleza.

As casas dormiam silenciosas e fechadas, e na estrada sinuosa e branca não havia ninguém... mas, nos jardins velavam as flores e o zephíro beijava friamente macias corollas.

De repente, surgiu numa curva da estrada um carro, tão lindo, tão extraordinário que seria digno de figurar num encantado conto das mil e uma noites.

A bella adormecida no bosque gostaria de possuir um igual e foi nelle, certamente, que Gata Bonalheira fugiu do baile, tres noites seguidas, em que dançara, a valer, com o mais lindo dos príncipes.

Nunca olhos humanos viram cousa mais bella. Era um grande lyrio de setim branco, repousando sobre duas folhas de: tinhorão — as rodas — e puxado por cascas de rutilantes vagalumes, cujas lanterninhas verdes espargiam no chão pequenas manchas luminosas.

O carro passa ligeiro, célere, quasi voando e leva dentro duas bonecas de porcelana, duas princezinhas minúsculas, lindas como fadas.

Maravilha, loira e pallida, de nariz arrebitado e extrema elegancia é uma franceza de raça; a outra, morena e formosa, pode bem ser brasileira, mas tem o nome hespanhol de Dolores.

A estrada está novamente deserta e o carro continúa a sua louca carreira, sob o olhar curioso das estrellas azues; indo, finalmente, estacionar junto a um caramanchão, que mais parece um ininterrupto chuveiro de estrellas de prata.

Um creado de librê de ouro e rosto de creança surgiu da sombra, e afastando uma haste flexivel de jasmim, annunciou num fiozinho de voz: Princesa Maravilha e Duqueza Dolores.

Houve um sussurro dentro e as bonecas penetraram no caramanchão profusamente illuminado com a luz de mil insectos phosphorescentes e repleto de formosas damas e elegantes cavalheiros... em miniatura.

A entrada do caramanchão prolongava-se uma estreita avenida com paredes de lilaz perfumoso e lactescentes calcareas, onde era o buffet.

Nas mesas — relva velludosa — eram servidos finisimos doces de um sabor exquisito em petalas de rosas e vinhos, gottas microscopicas de um vinho delicioso, feito com o succo das flores, tremiam no calice transparente das volubilis.

A afinada orchestra dos grillos e zumbis começou a preludiar uma valsa.

Não era a Eva nem tambem a Valsa do Amor, mas sim uma musica suave, mysteriosa e bella que tornaria louco o mortal que a ouvisse.

Começaram as danças. Pares rodopiavam languidamente: as damas tinham uma linha divina e os homens envergavam casacas impeccaes de um Danunzio ou de um Brulé.

Depois Hebbe, uma gentil morena, cantou a innumeros pedidos, languida romança, acompanhada pela orchestra dos zumbis que, em surdina, sibillavam fugitivos «psio, psio», para que a voz perlada de canfora se ouvisse claramente.

Com o crescer da noite, crescia a belleza do luar... e dentro do caramanchão, o esplendor da festa.

As conversas se generalisavam e por toda a parte se formavam grupos.

Num divan original, formado de uma curva mole do jasmineiro, o duque Adonis, alto e pallido, testa ampla e intelligente e labios delgados, — typo de sabio — conversava animadamente com a Baroneza Iris, elegante loura, dotada de uma voz incomparavel e conhecida pelos seus invejaveis gostos literarios.

Deploravam ambos a crescente estupidez do homem e o lamentavel engano, em que vivem, no que diz respeito á vida... das bonecas; e Iris animada e bonita falava no livro que em breve publicaria, citando o suggestivo titulo: *A vida desconhecida das bonecas.*

Adonis cumprimentou-a calorosamente, e confidencialmente, ao ouvido roseo de Iris contou o seu segredo: uma conferencia sobre a inutilidade do homem no universo.

A materia exigira-lhe mezes de acurado estudo e profundas investigações scientíficas; e as suas idéas pareceriam talvez extraordinarias, até... paradoxaes! mas o successo seria fatal!

Uma revelação!  
E queixava-se aborrecido do longo silencio que era obrigado a guardar, pois durante o dia não poderia dizer uma só palavra das cousas genias que pensava.

Em toda parte falava-se animadamente e só se ouvia, de manso, o estridular desfallecido dos zumbis.

\*\*\*

A aurora desfazia o encanto da noite, roubando-lhe as sombras e a mysteriosa poesia.

No caramanchão, parecia que um ar perfido infiltrava nos pulmões dos convivas, subtil veneno: os rostos tomavam a impossibilidade de mascar e os gestos duros lembravam liteses.

Fugia a noite e com ella a vida fugaz das bonecas.

A um jacto mais forte de luz... emmudeceram os zumbis e immobilizaram-se as bonecas. Os insectos cerraram, de cançados, as luminosas pupillas e as bonecas — gentis homens e damas desappareceram em carros, automoveis e aeroplanos, cruzando a terra em todas as direcções, procurando a sombra dos arvoredos, o mysterio benéfico das moltas, e nos ares ainda nebulosos, seria facil distinguir-se extranhas flores aladas carregando minúsculos personagens.

\*\*\*

No jardim, no caramanchão salpicado de orvalho, as plantas que acordavam revidadas por uma noite de frescura, nada ficou, que, de leve, fizesse suspellar a phantastica scena que o luar illuminára; mas uma rosa tão bella quanto indiscreta, disse-me baixinho com seus labios de velludo, o que acabo de contar...

Não fossem as bonecas saber...

Como a rosa, eu não possuo a virtude da discreção e por isso posso contar esta historia bem verdadeira de um verdadeiro baile de bonecas.

Marilda Palinia.

(Do «Livro de Zezé»).

Simplicio, um bonacheirão, ouviu dizer que para curar o soluço não havia melhor remedio que um forte susto.

Uma tarde, sobreveio-lhe um soluço tremendo, atroz, que o abalava todo. Correu para casa, o enfiado a mão no bolso do collete, começou a gritar:

— Manoela! Manoela! Que desgraça! Estou perdido! Um horror!

— Que aconteceu, homem? Desembucha!

— Roubaram-me o relógio.

A mulher, mais desencanada, começou a revistar-lhe os bolsos e encontrou o relógio.

— Mas, homem, o teu relógio está aqui!  
— Disso sabia eu. O que eu queria era dar-me um grande susto para curar os soluços.



**N**INGUEM pode sondar, sem o grande terror sagrado, a profundidade do sentimento universal do Homem de todas as raças e religiões ao celebrar a festa auroral da renovação do Anno, em que o declínio de um se afoga no arrebol do outro. No espectáculo do occaso do sol e do seu nascer, da queda das folhas e do rebentar dos brotos virentes, sempre constante aos olhos do Homem, viu elle a lição da sua propria eternidade.

A crença que reproduzia nos altares, pelo attrito de dois paus, o fogo do céo, era nos «Védas», da extrema antiguidade historica, chamada o «menino» e, significando o nascimento do deus Agni, era adorada.

Entre os gregos, a morte de Adonis, o ephebo cuja escultural belleza conquistou a propria Venus, era chorada pelas mulheres em nenas dolorosas, ao crepusculo e ao céo aberto, do alto da Acropolis, quando o occaso vestia de púrpura e ouro o marmoreo pentelico dos seus porticos. Venus transformou o joven heróe em flor de anemona e mais tarde Zeus, o pae dos deuses, restituiu-o a vida.

O homem nunca jamais aceitou com sinceridade a idéa do aniquillamento final e definitivo. Um instincto que vem das profundezas do séo impede de curvar-se á suprema destruição da morte; e muito antes que a verdadeira Religião houvesse diminuído o seu coração, depositando nelle a verdadeira crença, a sua ignorancia primitiva, mais luminosa tantas vezes que as bibliotecas, já lhe ensinava que «ha mais fé, ha mais verda-

ria. A representação da scena da natividade nas cathedraes medievas da Europa era viva e animada.

Ahi está a origem dos autos, porque nos repositos do Natal a representação era feita, nos seculos XIII e XIV, dentro das igrejas, por personagens vivos. Os descendentes populares começaram quando as linguas vulgares se tornaram o idioma corrente, e o povo não entendia mais o latim. Então, enquanto o céo celeste, representado pelo clero, cantava em latim junto á orção de Jesus infante, respondia o povo em idioma vulgar. As arias e os hymnos eram baseados nas canções populares correntes, nas melodias profanas, que levavam ao âmbito dos templos as explosões de alegria e os gemidos da alma popular.

O clero e o povo, alliados na mesma jubiloza celebração, trabalhavam por dar ás igrejas o aspecto rustico necessario á representação da natividade humilde de Jesus no estabulo de Belém. Os ramos de pinheiros e de outras plantas que não perdiam as folhas no inverno cobriam as bellas colunas de marmore e as naves majestosas transformavam-se em cabanos de cabreiros ou em grutas onde as raias de luz se abrigavam das intempéries. O presepio passou depois das igrejas para as casas particulares, assim como os cantares populares e povo respondia ao clero, nas salas dos repositos, para as ruas e os campos.

Diante das antigas scenas de presepios lapidarios, baldes pastoris, e autos, nos quez o nosso povo, adoptando os folguedos de origem européa e introduzindo nelles creaturas próprias,



## FESTA DE NATAL

APONSO ARRONZ

de, ha mais Deus com certeza, nos cardos secos de um rochedo nu» do que nos milhões de linhas escuras das livrarias.

A festa do Natal representa assim o supremo renascimento e a aurora da redempção, que todos os corações humanos confusamente aspiram.

A sua data, como a do primeiro do Anno, variou entre os povos e variou na propria Igreja. Foi só no IV seculo da nossa era que o papa Julio I fixou a natividade de Christo no dia 25 de Dezembro. E o principio do anno, celebrado pelo velho calendario de Romulo a 1.º de Março fixado por Numa Pompilio e Julio Cesar a 1.º de Janeiro, foi de novo festejado a 1.º de Março pelo imperador Carlos Magno, em pleno christianismo. Passou depois a coincidir com a Paschoa, para só voltar a data actual em epoca relativamente recente.

Em toda a christandade, nunca a arte espontanea, cuja mais bella e mais larga manifestação e constituída pelas grandes ceremonias populares, attingiu a um symbolismo mais profundo e mais commovedor do que no Natal. Vemos nelle a fraternisação de todos os seres no amplo seio da Criação. E' a união intima entre Deus, os anjos, os homens, as alimárias, as arvores, as líbres, o rochedo. E' a dignificação do miseravel, e a nobilitação do bruto, e a formação da cadeia infinita dos seres na harmonia suprema da natureza; e a affirmação vehemente e ingenua da grande verdade scientifica de que o organismo humano é a synthese, pois nelle o mineral, o vegetal e o animal se consubstanciam na mesma obra harmoniosa e suprema.

O Natal, pois, é a festa por excellencia da alegria. Os proprios officios da Igreja nesse dia respiram a ale-

gria, se expande ha seculos na celebração de maior data do christianismo.

Todos esses folguedos populares transluzem o colorido rico e o admiravel symbolismo que só o povo sabe dar aos seus quadros. No mais ingenho dos presepios de sertão se pôde perceber aquella corrente palpavel de effluvios do alto céo no amago da terra, desde os anjinhos cantando o «Gloria in excelsis Deo» junto á caminho de Jesus até o canto do gallo, o mugir do gado manso e o balar das ovelhas. Nunca se lha de esquecer estas scenas commovedoras que meos olhos de menino contemplam no alto sertão junto dos presepios, quando as fiéis escravas cheias de fé, convencidas da realidade do que viam, suspiravam nos meus ouvidos com receio de perturbarem e recolhine to dos adoradores do Deus Menino: - Não está ouvindo o gallo cantar? Elle está dizendo: Christo nasceu! O boi pergunta: Onde? Responde a ovelhinha: Em Belém: em Belém!

E quantas vezes não se esconde a verdade mais subtil na rinde simplicidade da ignorancia? E' que, em regra, só a intuição descobre a verdade e a intuição é uma luz natural, viva ou bruxoante, mas sempre luz, existente em todos os seres humanos.

No conto evocador e suggestivo de Anatole France sobre os Tres Reis Magos, vem-os em marcha na planura dourada do deserto, sentados no dorso arqueado dos dormedórios, a festa do seu sequite e distanciado deste, a confabular em sobre o Grande Acontecimento. Balthazar e Belchior, sábios e poderosos, faziavam de coisas graves e profundas, enquanto Gaspar, o rei negro, ignorante e modesto, se contentava de ouvir timi-

damente aquellas coisas transcendentaes. Com os olhos nos na Estrella da Anunciação, proseguiam na rude jornada cada vez mais fatigante, da madrugada ao anoitecer, até que o pallio estrellado fosse a claridade unica pairando sobre a sombra da terra.

As divagações dos reis sabios continuavam ao lado

gelas quadrinhas que moças gentilissimas e rapazes da nossa mais fina sociedades vos cantarão dentro em pouco.

Eu sou o sineiro que subo á torre para chamar-vos ao culto da patria. Não é a minha voz que vos fala e vos concita; é a voz mysteriosa de todas as coisas que vos cercam; é a grande voz do trovão na montanha, é



do silencio humilde do rei negro. Afinal, assaltados pela inquietação do desconhecido, instaram os sabios por uma palavra do ignorante.

— Que sei eu, pobre de mim, que vos venerar como superiores pela vossa sciencia e o vosso poder? Já vos sentis eguaes a mim e não sabeis mais do que eu? Pois nossos reis cabem naquellas tres tendas, que nossos escravos armaram na areia do deserto. E é talvez isto que Deus nos quer ensinar nesta viagem! Assim falou o bronco ethiophe e foi esta a lição mais concisa e a mais profunda que ficou das altas cogitações da regia jornada.

Das festas symbolicas do nosso povo pelo Natal, Anno Bom e Reis podem fazer-se volumes e já os temos dos mais valiosos. Traçou-os a mão piedosa de Melio Moraes Filho, indo colher no seio da multidão, com seu grande amigo Sylvio Romero, estas raras e perfumadas orchideas que só os naturalistas viajantes, dos mais experimentados, descobrem no escuro das nossas matas. Numerosas são os «reisados» colligidos por aquellos illustes escriptores e domopsychologos; numerosos os batizados pastoris que podem variar de anno em anno e de cidade em cidade. Não me proponho a vol-os descrever neste momento, nem penseis que ides ver outra coisa a não ser um exemplo apenas dos nossos tradicionais folguedos populares.

Não vos convoquei para me ouvides, mas para attendes á voz tão simples e sincera do povo nas sin-

o marulho das vagas, é o sussurro das matas, é o canto dos passarinhos; é o som, mas é tambem o silencio,

o silencio das nossas solidões; é a cor, mas é tambem o negrume, o negrume da noite nos nossos escampados; é tudo quanto canta e chora e rugue e ameaça; tudo quanto avisa e aconselha; tudo quanto vos fala enternecidamente; tudo quanto, sem vos falar, vos lembra e vos recorda; é a saudade do passado, é a esperança do futuro; é a

visão da casa onde nesteces, é a vocação da pessoa que amastes, é a sombra de quem choraeis, é o perfil de quem esperaes: é tudo quanto vibra e estremece e sensibilisa e persuade; é a palavra alada que vóa e sonorisa os espaços, é a grande canção dos sinos a conchamar-vos na sua potente e maviosa garganta de bronze: vinde! vinde! vinde!

E vestes e aqui estaes para ouvides o que vossos avós já ouviram afim de que o possaes transmittir a vossos filhos, formando assim o éto da cadeia chamada a tradição de um paiz. E' ella que laz dos habitadores de uma região um povo, dá a este povo uma alma, uma individualidade propria entre os outros povos da terra. E' ella quem dá aos povos as supremas energias para as lutas e se não é ella quem arma os soldados, é ella quem lhes incute esse extraordinario sentimento sem o qual são impossiveis as verdadeiras victorias — o amor da patria!

## THEATRO NACIONAL

Os nossos collegas da *União*, o valente órgão catholico do Rio, que vem prestando um grande e real serviço á causa da reconstituição de nosso caracter e de nossa moral, referindo-se ao nosso eminente collaborador dr. Claudio de Souza, bordou alguns conceitos sobre nossa inolvidavel fundadora, conceitos que nos permitimos registrar, como tudo quanto se refere á nossa boa, querida e idolatrada companheira, cuja imagem é ainda a alma e a vida desta nossa cruzada. Dizem aquellos nossos collegas:

«A companhia Trianon devemos a representação de peças excellentes, sobreshahindo originaes brasileiros. FLORES DE SOMBRA, de Claudio de Souza, é um primor de peça. Seu exito foi completo, permanecendo no cartaz durante mezes. Claudio de Souza é hoje um auctor consagrado. Escreveu em pouco tempo outras peças, como *A renuncia*, alta comedia; *Outono e Primavera*; *Eu arranja tudo*. Todas ellas, além de seu valor litterario, têm fins altamente moralisadores, o que nos faz estimar sobremodo o auctor. Claudio de Souza é irmão de Virgínia de Souza Salles, senhora catho-

ca, escriptora e jornalista das melhores, alma das mais nobres, cujo espirito de iniciativa e de acção se revelou superiormente na REVISTA FEMINA, de S. Paulo, que ainda hoje deplora a morte prematura de sua fundadora».

## AMOR DA PATRIA

O amor da patria é um dos sentimentos mais nobres do homem e que em todas as epochas tem inspirado acções verdadeiramente hericas. Quem vive expatriado sente todos os dias as saudades da terra natal a torturar-lhe o espirito e a enegrecer-lhe a existencia.

E' conhecida na Suissa uma canção nacional muito popular, intitulada *Ranz des vauxes*. Esta musica imita o mugido do gado nas montanhas, o eco dos valles e dos lagos, e traz sempre á memoria os primeiros amores, os carinhos dos paes, as doces relações da familia e os encantos da patria.

Esta musica produz tal impresso nos suizos, despertando por tal fórma os sentimentos de patriotismo, que foi preciso prohibir que se tocasse diante dos soldados suizos ao serviço da França e da Hollanda, para evitar a deserção a que não podia resistir estes bons e leaes soldados.

\*Uma das últimas malas da Europa trouxe-nos, com natural azeite, os jornais de Paris da época da chegada da nossa missão médica a Paris. E o *Matin* assim noticia o facto:

«Acaba de chegar a Paris uma missão *theatral* brasileira sob a direcção do dr. Nabuco de Gouvêas, deputado federal, a qual tem por fim a organização de ambulancias e hospiaes de *retaguarda*, cujas despesas correrão por sua conta.»

E' bem a ironia franceza para com os *sauvages de lá-bas*... A missão medica que enviamos á França, custou-nos, logo de seguida, oito mil contos de réis, e nestas alturas deve andar custando para mais de dez mil. Não foi para a linha de fogo. O governo francez aproveitou-a para tratar de grippentos. E o grande orgão parizienze chama-lhe uma «missão *theatral* para a *retaguarda*». Valla-nos, Deus, pela nossa boa vontade. Somos tão amigos da França, de seus costumes, de sua arte, de sua propria lingua, que dia a dia se enxerta na nossa, que não devemos levar a réis suas ironias, que são as ironias complacentes de quem olha de cima, para os que lhe limpam os pés, humildes e amavelmente... E assim o entendeu toda nossa imprensa, que nenhuma protestou contra a acerba *boutade*.

## II

Em compensação o sr. engenheiro Francisco de Azevedo Monteiro Caminhô está, por vingança posthuma, espiçando a grande Republica Irman. Em seu testamento deixou aquelle engenheiro á Republica Franceza 240 apolices federaes de um conto de réis, e ao mesmo tempo que assim augmentava ponderavelmente o erario francez, enriquecia a Santa Casa do Rio com um legado de 11:000\$000, e deixava á sua irman cincoenta contos. Esta, porém, não se conformou, e achou que entre a Republica Franceza e ella, era muito mais natural que seu irmão a preferisse. E como desconfiasse — e muita gente o desconfia — que o caso do dr. Caminhô não fosse mais que uma exacerbação do delirio xenophilo que nos persegue, e que exporta toda nossa admiração para o estrangeiro, nada deixando para o consumo do patriotismo, tratou d. Delmira da annullação do testamento, e baseada nos Ord. L. III, tit. 31 requereu a intimação dos legatarios para prestarem fiança enquanto se apura o feito, de modo, provavelmente, que elles lhe sumam com a herança... A Santa Casa de Misericordia já havia sido intimada á ultima data... Deve estar em caminho a precatória com a intimação á Republica Franceza para que preste fiança idonea...

Um vapor cargeiro norte-americano chegou ao Rio carregado de carvão, com destino certo. A equipada americana requereu aquelle carregamento, e como o capitão se recusasse a entregá-lo a outro que não seu legitimo destinatario, uma força americana occupou militarmente o cargueiro, dentro *das aguas da Guanabara*, sem avião á Polvra Maritima. O capitão levou ao Juizo. Provoou que não podia entregar a carga renão a seu legitimo dono, e que, dentro da bahia, não podia ter sido feita aquella occupação militar, que em Direito Internacional era violação á nossa soberania, quando não um ultrage á nossa bandeira. O Juiz respondeu que os americanos eram nossos aliados, e portanto estavam fóra das restricções do Direito Internacional, podendo fazer occupações militares dentro dos nossos portos, ás nossas bahias, e ás bahias das repúblicas de nossas autoridades. Deante dessa decisão, o central americano mandou que se passasse a carga para bordo dos navios de guerra americanos. Alternou-se que elle o teria feito mesmo sem aquella decisão...

Os jornaes apenas noticiaram suggestivamente o facto, que, no entanto, nos jornaes, pois demonstra que a America do Norte é uma aliada dedicada do Brazil, e sua boa camarada que já não tem cerimonia: sem entrando ate a cozinha, sopra ella sobre o seu carvão, acende o seu foguinho, e põe a o seu café Bem bom assim.

## IV

Já foram iniciadas as conferencias da Paz, em Paris. Todas as nações que entraram na guerra e algumas outras que mantiveram a sua suggestão neutralidade, estão lá representadas. O nosso paiz, porém, excessivamente preoccupado com a sua «politica» interna, não teve tempo de tratar da sua representação. Os interesses de S. Paulo na politica estão sempre dos interesses da patria nessa Conferencia. Verdade é que, á ultima hora, foi convidado o conselheiro Ruy Barbosa para nos representar. Era, porém, muito tarde. Para isto teria necessario que o illustre patrio se apetrechasse de numerosos documentos, estatisticas e outros elementos indispensaveis para poder, fundado em bases solidas, defender os interesses da patria. Mas estes documentos, estatisticas e outros elementos não os tinha elle á mão, e só as mãos lhe chegaram ao cabo de alguns dias de pesquisas pelas secretarias, isto é, muito tempo depois de definitivamente encerrada a Conferencia. Verdade é que o dr. Ruy Barbosa podia abalar para Paris, de mãos abanando, levando apenas no bolso as suas creencias. Mesmo assim chegaria quasi no fim dos debates.

S. exa., como era de adivinhar, recuou a alta honra com que foi distinguido.

E fez bem, porque não podia fazer outra coisa.

Se isso nos não consola, basta-nos o consolo de saber que o conselheiro Rodriguez Alves está de perfeita saúde e vai tomar as redes do governo

Jardinho Brasileiro

## EXPEDIENTE

(Fundada por VIRGILINA DE SOUZA SALLES)

Secretaria - AVELINA DE SOUZA SALLES

Redacção: Praça Antonio Prado

(Palacete Brícola) 2.º and. gal. 1 - 3 e 5

Telephone n. 5661 - Central

S. PAULO

Officinas: Rua Aurora 3

Correspondencia: Toda correspondencia sobre assumptos femininos, encomendas de trabalhos, etc., deve ser dirigida á secretaria AVELINA DE SOUZA SALLES. Toda correspondencia relativa á administração da Revista, pedidos de assignaturas, emissão de vales postaes etc., deve ser endereçada ao director JOÃO SALLES.

## ASSIGNATURAS:

ASSIGNATURA ANNUAL - 10\$000

Assignatura annual com registro - 15\$000

Assignatura para o estrangeiro  
20\$000

As assignaturas podem começar em qualquer mez, terminando um anno depois, no mez correspondente.

Toda senhora que nos arranjar 10 assignaturas de uma só vez, terá uma assignatura gratis.

Reclamamos as senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformar-as quanto antes, evitando assim que lhes seja suspensa a remessa da REVISTA.

Preclamamos de boas agentes em todas as localidades do Brasil.



*Para as proximas festas de Natal e Anno Bom V. Excia. não precisará reformar a seu guarda roupa ?*

*Porque não prefere a Casa Excelsior, que com uma despesa relativamente modica lhe aprontará, sob medida, o que ha de mais elegante em ternos de paletot, frak ou casaca, confeccionados em casemiras do que ha de mais moderno e fino no genero?*

*E' dever de toda a pessoa elegante proteger a Casa Excelsior e encorajar os seus esforços.*

**Casa Excelsior -:- Alfaiataria - Officina de costura - Modas**  
**A. CIBELLÀ & COMP.**

RUA DO THESOURO N. 3 — TEL. CEN. 4968

Uma das ultimas malas da Europa trouxe-nos, com natural azeite, os jornaes de Paris da epoca da chegada da noze missao medica a Paris. E o *Matin* assim noticia o facto:

«Acaba de chegar a Paris uma missao theatral brasileira sob a direcção do dr. Nalucio de Gouveia, deputado federal, a qual tem por fim a organizacao de ambulancias e hospitales de *retaguarda*, cujas despesas correrão por sua conta.»

E' bem a ironia franceza para com os *sauvages de lá-bas*... A missao medica que enviamos a França, custou-nos, logo de ralhada, oito mil contos de réis, e nestas alturas deve andar custando para mais de dez mil... Não foi para a linha de fogo. O governo francez aproveitou-a para tratar de grippentos. E o grande orgão parizienze chama-lhe uma «missao theatral para a retaguarda». Valla-nos, Deus, pela nossa boa vontade. Somos tão amigos da França, de seus costumes, de sua arte, de sua propria lingua, que dia a dia se enxerta na nossa, que não devemos levar a sério suas ironias, que são as ironias complacentes de quem olha de cima, para os que lhe limpam os pés, humilde e amoravelmente... E assim o entender toda nossa imprensa, que nenhuma protestou contra a acerba *boutade*.

11

Em compensação o sr. engenheiro Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá está, por viageira posthuma, espiciçando a grande Republica Irmã. Em seu testamento deixou aquelle engenheiro á Republica Franceza 240 apolices federaes de um conto de réis, e ao mesmo tempo que assim augmentava ponderavelmente o erario francez, enriquecia a Santa Casa do Rio com um legado de 11:000\$000, e deixava á sua irman cincoenta contos. Esta, porém, não se conformou, e achou que entre a Republica Franceza e ella, era muito mais natural que seu irmão a preferisse. E como desconfiava — e muita gente o desconfia — que o caso do dr. Caminhoá não fosse mais que uma exacerbação do delirio xenophilo que nos persegue, e que exporto toda nossa admiração para o estrangeiro, nada deixando para o consumo do patriotismo, tratou d. Delmira da annullação do testamento, e baseada nas Ord. 1, III, tit. 31 requereu a intimação dos legatarios para prestarem fiança emquanto se apura o feito, de modo, provavelmente, que elles lhe sumam com a herança... A Santa Casa de Misericordia já havia sido intimada á ultima data... Deve estar em caminho a precatória com a intimação á Republica Franceza para que preste fiança idonea...

Um vapor cargueiro norte-americano chegou ao Rio carregado de carvão, com destino certo. A esquadra americana requisitou aquelle carregamento, e como o capitão se recusasse a entregá-lo a outros que não seu legitimo destinatario, uma força americana occupou militarmente o cargueiro, dentro das aguas da Guanabara, sem avizo á Policia Maritima. O capitão correu ao Juizo. Provou que não podia entregar a carga senão a seu legitimo dono, e que, dentro da bahia, não podia ter sido feita aquella occupação militar, que em Direito Internacional era violação á nossa soberania, quando não um ultraje á nossa bandeira. O Juiz respondeu que os americanos eram nossos alliados, e portanto estavam fóra das restricções do Direito Internacional, podendo fazer occupações militares dentro dos nossos portos, ás nossas barbas, e ás barbas das representações de nossas autoridades. Diante disto de novo, o general americano mandou que se passasse a carga para bordo dos navios de guerra americanos. Afirmou-se que elle o teria feito nestes termos aquella decisão...

Os jornaes apenas noticiaram simplesmente o facto que, no entanto, na Europa, pois desmontes que a America do Norte é uma aliada do Brazil do Brasil, e tão neste camarada que já não tem representações: vive entrando até a coumba, sopra ella nos seus ouzinhos, e prepara o seu caso. Bem bom assim.

IV

Já foram iniciadas as conferencias da Paz, em Paris. Todas as nações que entraram na guerra e algumas outras que mantiveram a sua supposta neutralidade, estão lá representadas. O nosso país, porém, excessivamente preoccupado com a sua «politica» interna, não teve tempo de tratar da sua representação. Os interesses de S. Paulo na politica estio acima dos interesses da patria nesta Conferencia. Verdade é que, á ultima hora, foi contratado o conselheiro Ruy Barbosa para nos representar. Era, porém, muito tarde. Para ser seria necessario que o illustre patricio se apetrechasse de inumeros documentos, estatisticas e outros elementos indispensaveis para poder, firme e em bases solidas, defender os interesses da patria. Mas estes documentos, estatisticas e outros elementos não se entalham á mão, e só ás mãos hez chegariam ao cabo de alguns meses de pesquisas pelas secretarias, isto é, muito tempo depois de definitivamente encerrada a Conferencia. Verdade é que o dr. Ruy Barbosa podia abalar para Paris, de novo abanando, levando apenas o boão ao suas credencias. Mesmo assim chegaria quasi no fim dos debates.

S. exa., como era de adivinhar, recusou a alta honra com que lhe distinguio.

E fez bem, porque não podia fazer outra coisa.

Se isso nos não consola, baste-nos o consolo de saber que o conselheiro Rodrigues Alves está de perfeita saúde e vem tomar as redes do governo.

Juch Hobo Broeiro

## EXPEDIENTE

(Fundada por VIRGILINA DE SOUZA SALLES)

Secretaria - AVELINA DE SOUZA SALLES

Redacção: Praça Antonio Prado

(Palacete Briccola) 2.º and. salas 1 - 3 e 5

Telephone n. 5661 - Central

S. PAULO

Officinas: Rua Aurora 3

Correspondencia: Toda correspondencia sobre assumptos femininos, encomendas de trabalhos, etc., deve ser dirigida á secretaria AVELINA DE SOUZA SALLES. Toda correspondencia relativa á administração da Revista, pedidos de assignaturas, emissão de vales postaes etc., deve ser endereçada ao director JOÃO SALLES.

## ASSIGNATURAS:

ASSIGNATURA ANNUAL - 10\$000

Assignatura annual com registro - 15\$000

Assignatura para o estrangeiro  
20\$000

As assignaturas podem começar em qualquer mez, terminando um anno depois, no mez correspondente.

Toda senhora que nos arranjar 10 assignaturas de uma só vez, terá uma assignatura gratis.

Fluamos os se'oras assignatones cujas assignaturas terminam neste mez, que deem mandar reformal-as quanto antes, evitando assim que lhes seja suspensa a remessa da REVISTA.

Precisamos de boas agentes em todas as localidades do Brasil.



*Para as proximas festas de Natal e Anno Bom V. Excia. não precisará reformar o seu guarda roupa?*

*Porque não prefere a Casa Excelsior, que com uma despeza relativamente modica lhe aprontará, sob medida, o que ha de mais elegante em ternos de paletot, frack ou casaca, confeccionados em casemiras do que ha de mais moderno e fino no genero?*

*E' dever de toda a pessoa elegante proteger a Casa Excelsior e encorajar os seus esforços.*

**Casa Excelsior** :- Alfaiataria - Officina de costura - Modas  
**A. CIBELLA & COMP.**

RUA DO THESOURO N. 3 — TEL. CEN. 4968



# ESCRAVA... OU RAINHA?

Chamamos a atenção das nossas leitoras para o lindo romance cuja publicação iniciamos neste número. "Escrava... ou Rainha?" é uma das mais interessantes e empolgantes novelas do grande escritor francez M. Dilly. A tradução é perfeita, tornando-se ainda pela clareza e correção da linguagem. O assunto da novela é verdadeiramente arrebatador e a moral da sua acção e dos episódios que a formam constitue uma lição altamente edificante.

I

Impellido por um vento do sudoeste humido e tépido, as nuvens corriam pelo azul pallido, velando a cada instante o sol de novembro que começava a declinar. Nesses momentos, tornava-se quasi completa a obscuridade no pequeno cemiterio extravagantemente constructo entre a igreja e o prebyterio, duas construcções veneraveis e igualmente desmoronadas. Pelos arreamentos, sobre os tumulos, as folhas mortas executavam uma dança louca, os salgueiros agitavam os ramos tristes e desnudos, estalavam de encontro ás cercas pintadas as «coroas de perolas», e o vento gemia, assoviando, como um lamento de moribundo...

A grande tristeza de novembro, das funebres recordações, desses dias em que as almas dos que se foram parece fluctuar ao redor de nós, a grande tristeza dos tumulos, sobre a qual só a esperança christá lança um luar consolador, pairava ali, nesse dia, com a sua intensidade.

Essa impressão, devia experimentá-la fortemente a joven que apparecia sob o pequeno portico que dava accessão da igreja para o cemiterio, por isso que no semblante estampava-se-lhe indistincta melancolia, e as lagrimas reviam-lhe aos olhos, — olhos de Oriental, grandes, magnificos, cujo olhar tinha a doçura de uma caricia e o exquisito encanto de uma candura, de uma delicadeza de alma, que não fóra ainda aflorada por nenhum solo deperito.

Era uma deliciosa creatura. O rosto offercia o mais puro typo circassiano, posto que os traços ainda não estivessem completamente accentuados, — pois apegas saia da adolescencia, — e pelos hombros, os cabellos, finos e macios, fluctuavam-lhe como os de uma menina.

Desceu os degraus de pedra cobertos de uma esverdeada crosta limosa, e sumiu-se por entre os tumulos. O andar era elegante, grácil, um pouco ondulante. O vestido, de um cinzento pallido, quasi branco, dava uma nota discretamente clara na tristeza ambiente. O vento fazia-o trapear, e, sobre a fronte branca da donzella, esvoaçavam finas madeixas que se lhe desprendiam da toquilha de velludo azul.

A moça parou deante de um mausoleu de pedra, sobre o qual estavam escriptas estas palavras: «Família de Subrans». Ajoelhou e orou longamente. Depois, ergueu-se, caminhou alguns passos, e recai de novo em joelhos deante de um tumulo coberto de chrysantheos brancos.

Sob a cruz que dominava esta sepultura estava gravado o seguinte epithapho:

AQUI REPOUSA,  
 Á ESPERA DA RESSURREIÇÃO,  
 GABRIEL MARIA DES FORCILS,  
 TORNADO PARA DEUS AOS DEZOITO ANNOS  
 DE SUA IDADE.

A moça inclinou um pouco a cabeça, apoiando-a sobre as mãozinhas enclavinhadas. Pelas faces derivaram-lhe algumas lagrimas que foram cair sobre as brancas flores.

— Gabriel, que falta que tu me fazes! — murmurou ella.

Por traz da joven, pela estreita ruaizinha, avançava uma mulher trajando pesado lucto. Ajoelhou-se ao pé da moça e, passando-lhe o braço pelos hombros ain-

da gráceis, depoz um longo beijo sobre a linda fronte que se erguia para ella.

— Não o esqueces, querida, minha Lisazinha, de quem elle tanto amava! — disse ella com a voz estragada por soluços.

— Esquece-lo! Oh! minha senhora!

Chorava. Sobre as brancas flores, misturavam-se as lagrimas da mãe com as da amiga de infancia. Lisa começou o *De profundis*. Os labios trepidos da senhora des Forcils murmuravam o resposno como um sópro imperceptivel. Os olhos azues, amortecidos por tantas lagrimas derramadas, — era viuva e acabava de perder o seu ultimo filho, — fixavam-se na cruz com resignada expressão de dôr.

— *Requiescant in pace!* — disse a voz tremula de Lisa.

O braço da senhora des Forcils apertou ainda mais os hombros da menina.

— Lisa, elle deve estar no ceu! O meu Gabriel era um santo!

— Oh! sim! — exclamou Lisa com fervor.

E permaneceram alli, apoiadas uma á outra, indifferentes ao vento que as fustigava. Aos olhos de ambas surgiam o delicado perfil de Gabriel, seu doce semblante de sorriso meigo, seus graves olhos azues tão doces, tão nobremente ternos, que muitas vezes pareciam olhar algum mysterio e seductor além.

Fôra Gabriel des Forcils um desses raros seres ás vezes enviados por Deus á terra como um reflexo da perfeição angelica. «Eu só lhe conheço um defeito, é o de não ter defeitos», dissera um dia o velho cura de Peroulac, á guiza de gracejo. Filho obediente e carinhoso, christão admiravel, sabendo sacrificar da melhor vontade a solidão em que se comprazia sua alma contemplativa, a fim de se dar inteiramente a todos na vida activa, era querido de toda a gente: crianças, aldeões, pobres, a quem soccorria com a mais delicada caridade, relações de sua mãe, mestres e condiscipulos.

Lisa de Subrans tinha seis annos quando, pela primeira vez, se achou em presença de Gabriel. Desde esse momento, sua alma de criança fóra conquistada pela alma ardente desse rapazinho, cujos olhos pareciam reflectir um tanto de luz celeste. Em casa, entre um pai indifferente e uma madrasa, que pertencia á religião orthodoxa russa, mas em verdade nenhuma praticando, Lisa vivia como uma pagazinha, afóra uma apressada prece que lhe fazia recitar, de longe a longe, á noite, quando lhe occorria, Michelina, a joven ama perigordense. Mas a alma da criança, investigadora e reflectida, que tinha uma sede inconsciente de verdade e de ideal, uniu-se para logo a esses dois seres de eleição, a senhora des Forcils e Gabriel, que viviam um para o outro.

Para Lisa, tornou-se Gabriel o conselheiro, o guia sempre consultado. Fôra elle, o nancebo moralmente amadurecido antes de tempo, e todavia conservado puro como o lirio dos campos, quem formara a alma dessa creança, — alma vibrante e delicada entre todas, alma terna, ligeiramente mystica, mas um pouco tímida, dobrando-se sobre si mesma deante de um choque imprevisto, e a quem elle dissera: «A força de Deus está contigo. Cumpre o teu dever, e nada temas!»

No momento em que elle la contemplar nella o desabrochar de sua obra, Deus o chamara para si. Lisa vira-o pela ultima vez no leito de morte, tão calmo, tão angelicamente bello, que ella só pôde murmurar, caindo em joelhos:

— Gabriel, roga por mim!

Estas mesmas palavras, ella as repetia sempre instinctivamente ao pé do tumulo do amigo que se fóra, como si o fizera sobre a sepultura de um santo. Alli la muitas vezes, e, como outrora, confiava-lhe os seus pequenos cuidados, as suas reflexões sobre tal facto, tal leitura, as suas alegrias ou as suas tristezas espirituales.

Á franca e doce voz não mais lhe respondia. Lisa, porém, sentia uma impressão de alívio, como si a alma angelica a houvesse roçado de leve e fortalecido milagrosamente.

Alli, ella se encontrava com a senhora des Forcils, e para a desolada mãe era indecível consolação o cerrar por alguns instantes contra o coração aquella a quem o seu Gabriel amara á maneira dos anjos, — timida creança, grave e deliciosamente terna, que comprehendia melhor que ninguém a sua dor e chorava com ella o desapparecido.

— Não te demores mais, minha querida, — disse a senhora des Forcils. — Ha aqui uma verdadeira corrente de ar, e estás pouco abrigada.

Lisa depoz-lhe um beijo na face murcha, lançou ainda um olhar á sepultura, e ergueu-se. Saíndo do cemiterio metteu-se por uma ruazinha estreita que la dar directamente ao suburbio. A pouca distancia, começava um longo renque de carvalhos, ao fim do qual se erguia um velho solar, um tanto arruinado, mas conservando ainda um bello aspecto. Sobre a porta, já quasi apagado, via-se o escudo de armas. Fôra outrora essa

— Demoraste tanto, Lisa!

— Dêtive-me um pouco no cemiterio, mamã!

— Não abuses dessas visitas. Com o teu natural um tanto mystico e impressionavel, isso nada vale. Estou que será bom para o anno que vem, sairmos um pouco da nossa existencia de reclusas, afim de que te habitues a conhecer o mundo.

Lisa protestou com um gesto.

— Oh! mamã! Eu teei apenas dezesseis annos!

— Não se trata de uma verdadeira apresentação.

Basta somente que acetteemos alguns convites dos castellões vizinhos... Olha, agora mesmo acaba de me vir ás mãos um da senhora de Cérigny. Insiste, muito amavel, para que vamos assistir á grande caçada que elles realizarão na proxima semana. Não te interessa isto, Lisa?

— Não sei o que penso... Si se trata de ver matar um pobre animal, confesso-te que com isso eu só teei uma impressão desagradavel.

— Podemos excusar-nos de assistir a esse ultimo acto... E, dito isto, vou responder á senhora de Cérigny annuindo ao seu convite.

Lisa, que se aproximara da madrastra, inclinou-se para lhe tomar a mão.

— Mas tu não frequentas mais a sociedade, mamã! E eu não quero que, por mim, que absolutamente o não de-sejo, asseguro-te, tu julgues obrigada a reaparecer nella, em risco talvez de encontrares ahi recordações dolorosas.

— E' meu dever, Lisa. Eu não posso encerrar-te aqui, entre estas quatro paredes, porque afinal, minha filha, dia virá em que será mister cuidar de teu estabelecimento na vida, e certo, não será nesta nossa solidão que os noivos te hão de vir procurar. Sob o teu quarto, vê o que te falta para o teu vestuario, e, si fôr preciso, iremos a Pérignex amanhã.

Baixou de novo a cabeça sobre e trabalho. Entre ella e a enteada, não haviam já mais existido grandes expansões. Lisa, porém, sempre sentira que a madrastra velava por ella com devotamento igual ao que nutria pelos proprios filhos, aliás estreitamente amados, pois que a mãe não acabara

ainda por decidir-se a separar-se delles, fazendo-os educar, bem como a Lisa, na propria residência.

11

Terminara a caçada. O veado corrido ao pé da encruzilhada das Tres-Faixas, jazia agora abatido, e o primeiro picador apresentava sobre a capa o pé da victima a uma grande dama ingleza que os Cérignys admiravam entre os seus hospedes.

— Não valerá isto, príncipe, as suas caçadas? na Ukraina? — perguntou Roberto de Cérigny, o morgado dos castellões, dirigindo-se aquelle dos caçadores, com quem o acaso do encaicho fizera que elle se encontrasse, no momento do *halal*.

— Confesso-lhe que esta caçada muito me agradeu. A caça, sob qualquer aspecto, é a minha paixão.

Aquelle que assim falava, era um mancebo de vinte oito a trinta annos, cuja alta corporatura não parecia

## Amor á Patria

(Para o dr. J. M. Lisboa Filho)

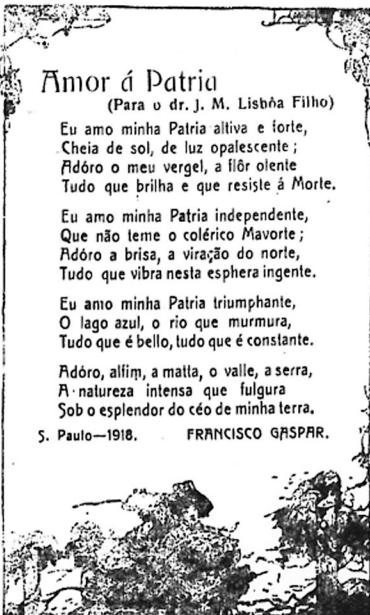
Eu amo minha Patria altiva e forte,  
Cheia de sol, de luz opalescente;  
Adoro o meu vergel, a flôr oente;  
Tudo que brilha e que resiste á Morte.

Eu amo minha Patria independente,  
Que não teme o colérico Mavorite;  
Adoro a brisa, a viração do norte,  
Tudo que vibra nesta esphera ingente.

Eu amo minha Patria triumphante,  
O lago azul, o rio que murmura,  
Tudo que é bello, tudo que é constante.

Adoro, affim, a matia, o valle, a serra,  
A natureza intensa que fulgura  
Sob o esplendor do céu de minha terra.

S. Paulo—1918. FRANCISCO GASPAR.



A viuva continuara a residir ahi, educando os filhos com o auxilio de um preceptor. Lisa era apenas enteada de Catharina de Subrans. O visconde Jaques desposara em primeiras nupcias a prima desta, a linda Xenie Zoubine, russa como ella, que fallecera dezesseis mezes após o casamento, devido ás consequências de um accidente occorrido na epoca do noivado, e de que ella nunca vingara restabelecer-se de todo.

Lisa, ao entrar em casa nessa tarde, encontrou a madrastra no salão, guarnecido de velhos moveis usados, onde esta passava habitualmente os dias a trabalhar. Por seus longos dedos brancos, enfiados de bellissimos aneis, passava uma grande parte do bragal da familia. Era restricto o pessoal da Bardonnay, onde a vida derivava apertada numa estrita economia. Catharina Zoubine era, á epoca de seu casamento, uma rica herdeira, como sua prima Xenie. Porém, nesses ultimos annos, os seus haveres, bem como os que advieram a Lisa por morte da mãe, tinham sido, em parte, sorvidos no curso das revoluções e pilhagens na Russia. Os remanescentes abastavam simplesmente para a manutenção da familia no campo, graças ao genio de boa mãe de familia que se revelara a viscondessa logo após a ruína do marido, — ella, que havia sido educada como grande dama intellectual, e mais facilmente defenderia uma these philosophica do que certizaria uma peça de roupa ou confeçoara gulozinas!

Ao entrar a enteada, a senhora de Subrans ergueu um pouco o rosto magro, de tez pallida, cuja unica belleza fôra sempre os grandes olhos azues, geralmente frios, mas que sabiam volver-se muito expressivos logo que uma emoção agitava Catharina.

exagerada em razão da harmonia das formas e da esbelta elegancia de toda a sua pessoa. Uma ligeira barba loira emoldurava-lhe o semblante de traços firmes, de uma singular energia. A boca era grave, a fronte alta, os gestos graciosos e facéis, muito eslavos. Mas os olhos, principalmente, é que feriam mais a attenção naquella physionomia. De que côr seriam elles? Azues? Sim, iríamos dizer. São quando, diríamos serem verdes, de um verde estranho, cambiante, mysterioso, fascinador. Outras vezes, pareciam-nos-lhe negros, — mas isso mui poucas vezes, nos raros momentos em que o príncipe Ormanoff deixava transparecer, em publico, alguma irritação.

Como quer que fosse, era um olhar enigmatico, frio, desdenhoso e sem doçura, mas fascinador por sua propria extravagancia e pela intelligencia rara que detava.

— Bello moço, este príncipe Ormanoff! Mas duvido de que a mulher tenha sido feliz! — murmurou uma jovem ao ouvido da vizinha, uma fidalga russa, conhecimento de inverno dos castellos, em quanto cavalheiros, a carruagens se dirigiam para um grande pavilhão de caça, onde deveria ser servido o lanche.

— Pois illude-se. Era muito bom para ella, cumulava de joias e vestidos, levava-a constantemente a reuniões e não a deixava nunca. Exigia sómente que ella não tivesse outra vontade que não fosse a delle, outras idéas e outros gostos que não fossem os seus.

— Ora, pois! Si pensa que isso é divertido!

— Depende dos caracteres. Olga Serkine, que elle esposara aos dezeseis annos, era uma creaturinha passiva, amando apaixonadamente o marido, segundo me parece, e completamente dominada por elle. Quer-me parecer que ella não tinha razões para se queixar desse despotismo.

— Era bonita?

— Linda! Herdara de uma avó circassiana uma belleza que mui raramente lhe encontramos parelha.

— E de que morreu?

— A falar verdade, não sei... Um accidente no dominio que o príncipe possui na Ukraina. Morreu, e, com ella, o seu unico filho!

— E o marido não ficou inconsolavel?

— Inconsolavel, elle! Talvez sentisse alguma commoção, — quero crê-lo, pelo menos, — mas já ouvi dizer que, por essa occasião, nunca ninguem lhe viu outro semblante que esse mesmo que a senhora lhe está vendo. De certo, falta a esse homem um órgão: o coração. E assim pensam todos aquelles que o conhecem.

— E pena, porque elle é verdadeiramente original. Ouvi-o, ha pouco, conversar; é admiravelmente intelligente e erudito. Sabe que elle pensa em tornar a casar-se?

— Ignoro-o. Mas, nesse caso, faz-se-lhe mister uma segunda Olga, porque, do contrario, hum!... creio que a união não jurará muito tempo, com similhante natureza. Entretanto, ainda assim, haverá muitas damas que lhe accetariam o pedido, fascinadas pelo titulo, a alta posição social, a immensa riqueza e essa existencia de requintado luxo, que é a sua. De mim, porém, confesso que tudo isso não compensaria a escravidão como a em que viveu a princeza Olga. Nesse homem, á alma ruda dos velhos Moscovitas une-se o despotismo oriental. Para elle, — ouvi-lhe dizer, um dia, — a mulher é um ser inferior, um lindo objecto que se embelleza para prazer dos olhos, que se colloca em casa como si fôra uma bella estatua ou uma famosa obra de arte, e que deve possuir a docilidade e humildade necessarias afim de curvar-se, sem um murmurio, á vontade e aos caprichos de seu senhor e patrão. Não lhe fale nunca, já não digo das mulheres sabichonas, — grande Deus! — mas simplesmente de uma mulher instruida, um tanto intellectual, tendo idéas pessoas, julgando-se, não similhante ao homem, mas diferente e, todavia, sua igual.

— E' medonho o seu compatriota, condessa! Brrr! Não sei eu quem lhe procurará uma segunda mulher!... Os Cérignys conheceram-no em Cannes, pois não?

— De facto. Elle possui lá uma villa maravilhosa,

onde, no tempo da princeza Olga, se realizavam festas memoraveis. E' ahí que elle reside, em companhia da irmã, a baroneza de Rühlberg, viúva de um diplomata allemão, dos filhos desta, e de mais uma prima pobre, personagem pallida que faz parte do mobiliario das várias residencias do príncipe Ormanoff.

Assim palestrando, chegaram as duas amazonas ao pé do pavilhão de caça, galante construcção á Luiz XV, á volta da qual se agrupavam os convidados, que desmontavam dos cavallos ou desciam das carruagens. O príncipe Ormanoff, pondo o pé em terra, e atirando as rédeas do cavallo a um picador que accorreu mui sollicito, — sabia-se que o nobre estrangeiro era generosissimo, — parou um momento, passeando ao redor de si um olhar, a um tempo, investigador e indifferente.

Esse olhar immobilizou-se subito. Acabava de encontrar, em meio de um grupo o magro perfil da senhora de Subians, e, ao lado desta, o semblante encantador da enteada.

Lisa e a viscondessa, tendo chegado um pouco atrasadas, haviam-se juntado na floresta ás outras equipagens. Estavam sendo alvo de muitos olhares, porquanto desde havia annos a senhora de Subrans não sabia de casa, entretendo sómente com os castellos vizinhos relações muito espaçadas. Sobre tudo, a belleza de Lisa movia o interesse e a admiración.

— Estarei sonhando? — murmurou a condessa de Sablovská ao ouvido da vizinha. Vejo acolá uma menina que se parece extraordinariamente com a falecida princeza Ormanoff.

— E' a menina de Subrans. A mãe era russa, como tambem russa é a madrastra. Parece-me que o appellido dellas é Zoubine.

— Zoubine? Realmente, duas condessas Zoubine, duas primas, casaram successivamente co' o Francez... Mas, então, essas damas seriam primas do príncipe Ormanoff!... E, assim, creio, está explicada similhante parelha! Olga Serkine era filha de uma Zoubine.

— Olhe, lá se dirige o príncipe para ella. Entretanto, deve commovê-lo uma tal similhança!

Todavia, o mais perspicaz dos observadores não vingaria ler no semblante impassivel do príncipe Ormanoff a menor commoção, ao tempo em que elle se dirigia para a senhora de Subrans.

A' viscondessa que voltara a face, deparou-se-lhe subito o príncipe, a alguns passos de distancia. Um tom ligeiramente esverdinhalo tingiu-lhe o rosto, decompôndo-lhe as feições, e durante alguns segundos estampou-se-lhe no olhar indescriptivel pavor.

— Não esperava, de certo, encontrar-me aqui, pois não, Catharina Paulovna? — disse elle, cumprimentando-a.

— Realmente, — balbuciu a viscondessa, — eu ignorava que o senhor estivesse em digressão por este paiz.

— Ha cinco dias que sou hospede do marquez de Cérigny... Quer-me apresentar a sua enteada?... Pois creio que tenho deante de mim a filha de Xenia Zoubine.

E seus olhos baixaram sobre Lisa, muito grácil, deliciosa na sua *taille de drap souple*, de um azul macio. A donzella estremeceu sob estranho olhar, indefinivel, onde não havia nem admiración nem doçura, mas, sómente a satisfação do homem que encontra afinal o objecto raro ha longo tempo procurado.

O tom esverdeado accentuou-se ainda mais sobre as feições de Catharina, ao mesmo tempo que esta respondia com a voz quasi estrangulada:

— Sim, é a filha de Xenia... Lisa, teu primo, o príncipe Sergio Ormanoff.

O príncipe, tomando a mãozinha que Lisa, gelada, não pensou offerecer-lhe, levou-a aos labios. Mas inclinou-se apenas, pois, nelle, similhante gesto era acompanhado de uma tal arrogancia, uma tão visivel condescendencia, que perdia toda a significação habitual de cortezia respeitosa ou affectiva, segundo as circumstancias.

— Conheci muito sua mãe, minha prima. Vinha muitas vezes passar as férias em Kultow, meu domi-

nio quando ainda era eu rapaz. Os proprios seus esposões com o visconde de Subrans foram lá celebrados.

E, sem aguardar sequer uma resposta, que Lisa, — completamente paralyzada por uma estranha timidez, a custo teria encontrado, — o principe foi reunir-se ao senhor de Créigny, que debatia com alguns dos seus hospedes as perpelicas da caçada.

— Mamãe, tu nunca me falaste deste primo! — murmurou a menina, erguendo os olhos para a madrastra.

E entrou-se de terror á vista dos traços descompostos da pobre senhora.

— Que tens mamãe? Estás sentindo alguma coisa?

— Sim, não me sinto bem... Voltam-me as palpitações. Parece-me que fariamos melhor si tornassemos para casa.

Despediram-se apressadamente da senhora de Créigny, que as reconduziu á carruagem, mostrando-se desolada. O principe Ormanoff, vendo-as partir, seguiu-as alguns instantes com os olhos, ao tempo, que a carruagem se afastava.

Essa menina, ou antes, essa criança, já é ideal! — observou alguém ao pé delle

E' exacto, — confirmou friamente o principe.

E dirigiu-se a entrada do pavilhão de caça, seguido de muitos olhares, porquanto este grande senhor eslavo, de gesto tão altivo e de physionomia tão enigmatica, excitava a mais viva curiosidade nos convi-

Na carruagem que conduzia para casa os moradores da Bardonny, Lisa, ansiosa, não desfitou o olhar do rosto da madrastra. A senhora de Subrans já havia tido alguns insultos cardiacos, e o medico lhe prescrevera evitasse as fortes emoções.

Mas que emoção teria ella experimentado nesse dia? Esse principe Ormanoff, de quem já jamais falara aos filhos, devia ser para ella quasi um estranho... A menos que elle não lhe recordasse algumas dolorosas lembranças. Lisa sabia que a madrastra perdera os paes e o unico irmão, quando já era uma moça. Talvez que Sergio Ormanoff se achara presente no momento dessas catastrophes, sobre as quaes Catharina nunca se abria em longos pormenores.

A senhora de Subrans, erguendo os olhos, encontrou o olhar inquieto de Lisa.

— Não te assustes, minha filha, — disse ella ainda com a mesma voz estrangulada de ha pouco, quando respondia ao principe. — Não será nada. Eu já não me sentia muito bem, esta manhã; devia ter ficado em casa...

— Sim, mamãe! Porque não m'o disseste? Seria muito mais razoavel termos ficado tranquillamente em nossa casa.

— De certo, si eu tivesse podido prever...

Suas mãos descarnadas agitaram-se e um tremor subiu-lhe aos labios.

Isto, porém, passou despercebido a Lisa, que se sentiu desafagor vendo que, á chegada ao solar, já a senhora de Subrans havia recuperado o seu estado habitual, a não ser um circulo bem pronunciado em redor dos olhos.

Um claro sol de outono inundava a grande sala, parcamente guarnecida, a que denominavam o salão de estudo da Bordonny, e illuminava o cráneo polido do

senhor Babilie, o preceptor, fazendo delle irradiar-se um brilho claro e vivo. Mas ao bom do homem, não se lhe dava de tal irreverencia. Fungando, de onde em onde, delicadamente, uma pitada de rapé, estava de todo absorvido em corrigir uma versão latina, que Lisa, — o mais intelligente cerebrozinho de mulher que tenho conhecido, — como elle proprio declarava com orgulho, — acabara de fazer.

Porque o senhor Babilie sentia-se orgulhoso pela mais velha dos seus discipulos! Certo, Alberico, garoto de doze annos, turbulento e cabeçudo, e sua irmã Anouchka não careciam de intelligencia, mas não tinham a viva comprehensão de Lisa, o seu ardor no trabalho, nem tão pouco essa delicada bondade que sempre vedara que a encantadora Lisa participasse das diabruras que aquelles architectavam contra o preceptor, cujas manias e ridiculos os excitavam aos gracejos, a revezes inconscientemente perversos.

Naquelle occasião, Alberico, inclinando á orelha de Anouchka, indiguitava-lhe o cráneo resplandecente. A menina espirrou uma gargalhada. O senhor Babilie lançou-lhes um olhar, murmurou um «chut» cheio de indulgencia, e remergulhou no trabalho.

Lisa, porém, arremeçou os irmãos um olhar severo, que fez com que estes retomassem suas obrigações. Essa irmã mais velha, tão bella e tão carinhosa, exercia sobre elles um verdadeiro prestigio, os quaes por cousa alguma deste mundo não desejariam fazer chorar a «sua Lisa», como elles a appellavam nos seus momentos de esturdia.

— Menina Lisa, esta sua prova está absolutamente perfeita! — exclamou em tom de triumpho o senhor Babilie, erguendo entre os dedos, lisando pelo rapé, a folha escripta com a encantadora letra de Lisa. — E', em boa hora, uma alumna que me faz honra! Ah! si a menina assim trabalhar ainda dois annos, que bella instrução que ha de ter!

Interrompeu-o um retinir de campainha. Lisa levantou-se, de golpe, dando um piparote ao avental de percale côr-de-rosa um pouco amarratado.

— Vou ver quem bate, porque Micheline e Josette estão fóra.

Foi ao vestibulo, dirigindo-se para a porta, que ella abriu, justamente no momento em que retinha um seguudo toque de campainha, secco e impaciente. Teve um sobresalto e fez voluntariamente p'è traz ao ver deante de si o principe Ormanoff.

— Poderel ver minha prima, a senhora de Subrans? — perguntou elle, descolbrando-se.

— Como não!... Queira ter a bondade de entrar, principe.

Sergio não protestou contra o tratamento ceremonioso, mas envolveu num olhar dominador a jovem criatura, que côrou, sendo constrangida deante de tal personagem.

Lisa precedeu-o até a porta do salão, que ella abriu dizendo:

— Vou prevenir mamãe.

Elle se voltou um pouco, olhando-a de um modo singular...

— Chama-lhe mãe, a menina? Foi ella que o exigiu?

— Não, senhor. Chamei-lhe sempre mãe, porque foi ella quem me educou, — replicou Lisa, muito admirada.

(Continúa no proximo numero).

## FLORES E CRENÇAS

No sentimento dos poetas,  
São as flores e as creanças  
As creações mais dilectas,  
As mais lindas esperanças  
Que ornam a face da terra.  
Nem o infinito do oceano,  
Que tanta grandeza encerra;  
Nem o espaço, o immenso arcano,  
Cofre de estrellas e sóes,  
São tão grandes e profundos  
Como os pequeninos mundos  
De sublimes arrebóes  
— Os corações infantis —  
E que a excelsa belleza  
Que ostentam, com singeleza,  
As flores, nos seus hastis.

Raymundo Reis

— Poderel ver minha prima, a senhora de Subrans? — perguntou elle, descolbrando-se.

Sergio não protestou contra o tratamento ceremonioso, mas envolveu num olhar dominador a jovem criatura, que côrou, sendo constrangida deante de tal personagem.

Lisa precedeu-o até a porta do salão, que ella abriu dizendo:

— Vou prevenir mamãe.

Elle se voltou um pouco, olhando-a de um modo singular...

— Chama-lhe mãe, a menina? Foi ella que o exigiu?

— Não, senhor. Chamei-lhe sempre mãe, porque foi ella quem me educou, — replicou Lisa, muito admirada.

(Continúa no proximo numero).

# JARDIM FECHADO

(Nesta secção publicaremos pequenas communicações de nossas leitoras, bem como produções literarias que não excedam de 30 linhas em prosa e de 14 em verso.)

(É nosso intuito desenvolver assim o gosto litterario entre as leitoras e facilitar-lhes uma correspondencia util e interessante. As produções litterarias deverão ser assignadas, sem o que não serão publicadas.)

## O presente de "Natal"

A' graciosa Luiza — era o nome de uma pequenita loira, de olhos azues e vividos — a vida sorria prazeteira e louçã, adornada por encantadoras florinhas que sóem vicejar na puericia — época a que podemos chamar a primavera da vida.

Seus adorados paesinhos, como deuses delumbrades ante a sua propria creação, guardavam-na no recesso de seus corações, como a exuberante ramagem guarda, no concheço de suas setinadas folhas, teara florinha que perfume exala.

Vigiada por sua boa governante, Luiza passava longas horas a folgar pelo pateo de sua pittoresca e saudavel vivenda, ora a jogar a bola, ora a contemplar os eburneos cygnos que mansamente vagavam pelo placidez serena do manio lago.

Um dia, nessas horas de delicias, em que sua juventude se expandia em folgoes e risos, aproximando-se do portão do parque, que é o que viu: um tremulo pobrezito esquelido, cuja voz a custo se entendia, tão debil era o peito que a desferir, entrecortada por soluços punguivos.

— "Tenho fome" — disse elle á menina — supplicando: «pe-de á mamã um pedaço de pão para mim, tenho fome». E em seus olhos meigos e supplices se lia o soffrimento que o acabrunhava.

— "Pobrezinho!" murmurou Luiza á governante; «levemol-o á mamã e ella lhe dará de comer». E o pequeno Jacques — assim se chamava o humilde pedinteinho — foi satisfeito em seu desejo.

Interrogando-o, soube d. Luciana, mãe de Luiza, que o errabundo pobrezinho era orphão, triste orphão a vagar pelas ruas, tentando entre as multidões

É perigoso  
descuidar-se de  
**TOSES**

**BRONCHITES**

e demais affecções  
do peito ou dos pul-  
mões por mais ligei-  
ras que pareçam.  
Muitos casos de tísica  
começam assim.  
É economico tratar-se  
imediatamente des-  
ses males com o **mel-**  
**hor medicamento, a**

**Emulsão de Scott**



(de Puro Oleo de  
Fígado de  
Bacalhão com  
Hypophosphitos)

A nossa Luiza disse então ao seu meidgo: «Jacques, que é o que de-rejas encontrar em teus rapatinhos? no meu, acrescentou-lhe ella, tomado entre as mãos uma boneca que alli se encontrava, que-

ro' achar um pomposo enxoval para esta filha queira».  
— Oh! rica menina! sou tão pobre! naturalmente o S Nicolau se não lembrará de mim...» e chorou.

— Ora! não chores... eu te prometto que ao me deitar fa-rei preces ao nosso S. Nicolau para que te traga um presente lin-do, bem lindo... Jubiloso com as palavras de Luiza, o humilde Ja-ques deitou-lhe um olhar todo ternura, agradecido. Sabedora D. Luciana do occorrido, e commovida pela ingenua caridade de sua filha, levou-o ao conhecimento de seu esposo que, devéras con-doído, resolveu ultimar a desdita do juvenzinho que tanto affecto manifestava por Luiza. Assim, ao amanhecer, quando o esperoso Jacques correu a examinar o seu velho tamanquinho, que é o que lá encontrou? — "Um envolvero!" exclamou elle, abrindo-o. Con-tudo, atordoado, o pequeno leu as palavras do conteúdo.

O sr. Ernesto, pae de Luizita, convidava-o e mais a sua avózia, para se recolherem á sua residencia. E agora, ao frescor das tardes amenas, enquanto D. Luciana e seu esposo palestram amigavelmente com a ex-desventurada ancã, contemplam as duas graciosas creaturinhas — Luiza e Jacques, que, de mãos dadas, fol-gam pelo vasto jardim, cantarolando felizes, sorridentes...

Bertha C. Homem de Meleio

## Boas amiguinhas

Peço ás minhas consocias e amiguinhas que me indiquem um remedio eficaz para branquear as mãos. Apesar de não apañhar sol, tenho a cutis das mãos muito escuras. Ficarei muito agradecida pelas receitas de que me informarem.

Geranium — Santos

Li no ultimo numero dessa conceituada revista, no artigo intitulado "Prodigios da flora brasileira", que a castanha mineira ou "jatobá" é empregada como remedio.

Desejava saber se o chá dessa castanha produz o mesmo effeito da tintura, ou como se deve preparar esta ultima.

Sylvia de Toledo Moraes  
Macahubas (Linha Mogyana)

## Queridas socias

É notorio que, desde que começou a assolar a epidemia reinante da "Influenza hespanhola", o obituario tem crescido enormemente, mas o numero dos mortos é escondido pelos poderes publicos, para não alarmar a população. Quería que algumas socias bem informadas me dissessem qual foi o maximo atingido pelo obituario durante o apogeo do flagello.

Xenê — Mogy das Cruzes

## Queridas socias.

Assim como as apparencias muitas das vezes nos enganam, assim tambem a pessoa (a qual não assignou) que respondeu no n.º 53 d'esta revista, a respeito de algumas perguntas feitas por mim

n'esta secção no n.º 31, formulou, juízo erroneo, dizendo que cheiravam a anúncio, idéa essa que está muito aquém da verdade, portanto para descargo de sua consciência, em vez de confessar sua culpa ao vigário, autorizo-a e convido-a a dar-me detalhadas informações por esta secção sobre os dizeres de minhas perguntas no n.º 51, satisfazendo assim a minha curiosidade e adiantando-me no que preciso saber.

Um aperto de mão da

Camélia.

Minas, 21—19—1868.

27 de Setembro . . .

(No meu dedicado esposo)

Formosa manhã.

Ao contemplar a natureza, quedamos extasiados diante de tantas bellezas que nos absorvem o pensamento, transportando-nos ao infinito . . . E como a sonhar a nossa alma se enlva, se enlva, embalde a sondar os mysterios que nos cercam.

E eis que as nossas idéias se confundem; temos a sensação da perda dos sentidos, e logo de uma força occulta que nos sacode bruscamente . . . Despertamos! E, nada mais comprehendemos, nada mais percebemos, que aquillo que até hoje os sábios definiram . . .

—o—

No horizonte, o soberbo rei dos astros alça-se magesto e bello, a saudar a terra! Os reflexos dos seus raios dourados, realça indizivelmente os encantos da Natureza!

Maravilhoso espectáculo se depara aos nossos olhos, por uma manhã limpida e serena . . . em Setembro! . . .

Como um arco, a abobada celeste parece unir-se á terra, encalhando-nos em um riquissimo estorjo! . . . Que de belleza, que de sublime, que de poesia! — A excelsa Natureza!

Sob um céo côr de anil . . . nas verdejantes campinas, as fiores esparsas aqui e alli, em seus lindos e variantes matizes, imprimem em nossas almas combalidas pelos desenganos da vida, fé e esperança . . .

Quão eloquente é a muda expressão das fiores!

Ao contemplar-as, parece que a vemos sorrir, incutindo-nos saimo! . . . E, então, invade-nos uma alegria enebriante, e todo o nosso ser fremente, sente-se disposto em viver . . .

—o—

De resto, tudo é vida, tudo é luz, tudo é amor . . . em Setembro!

Nos bosques, os acordes da agreste lyra, annuncia-nos a primavera . . .

S. Paulo, 1918.

Isabel.

Ivette, Piracicaba.

A gentil socia Ivette pede a Alby, por esta secção do numero passado, uma receita de geleia de morangos. Embora eu não tenha sido convidada a responder, e embora não tenha a menor noção de cozinha, apresto-me em correr em auxilio de Ivette. Como não entendo de cozinha, é logico que não entendo tambem do preparo dessa geleia, que conheço apenas pelo sabor, que é divino. Mas encontrei num livro de doces francezes esta receita, que é a classica:

Depois de descaçadas as groselhas, esmaguem-se, passem-se por um panno que tenha sido molhado e torcido, e junte-se ou não summo de framboezas. Deite-se 1 kilo de assucar para 500 grammas de succo, e mexa-se bem tudo. Colloque-se essa mistura em um logar muito fresco, ou na adega, durante 36 horas, e mexa-se 3 ou 6 vezes para derreter completamente o assucar. Deite-se em boídes que haverá cuidado de collocar em logar fresco para evitar a fermentação.

A gentil Ivette, ao ler esta receita, dirá consigo que não é disto que se trata, mas sim da geleia de morango. Pois ahí está. Acho que, substituindo as groselhas pelo morango, o resultado é o mesmo. Demais, esta receita, como se vê, é executada a frio. Não vai ao fogo. E posso garantir que é a coisa mais deliciosa que ha no mundo.

Chiquinha, S. Paulo.

Nair Velga.

A sua idéa foi excellente. Tenho acompanhado com a mais viva curiosidade o resultado da sua "enquetes", por esta secção. Os sonetos apontados pelas socias são todos lindissimos. Seja-me permitido tambem concorrer com o meu conkingente. Deante tantos sonetos que tenho lido, o que mais me impressionou, foi este, de Raynaldo Corrêa, intitulado

Monge

— O coração da infancia — eu lhe dizia — é mouro.

E elle me disse: «Estas estradas,  
Quando, novo Elyseo, as percorria,  
As creanças lançavam-me pedradas».

Fallei-lhe então na gloria e na alegria.

E elle, de barbas brancas derramadas  
No burel negro, o olhar sómente erguia  
As cêrulas regiões illimitadas.

Quando, porém, fallei no amor, um riso

Subito as faces do impassivel monge

Iluminou . . . Era um vialumbro incerto.

Era a luz de um crepusculo indecizo

Entre os clarões de um sol que já vem longe

E as sombras de uma noite que vem perto . . .

Encantador, não? A collecção de sonetos de Raynaldo Corrêa é a mais rica que conheço. Esse poema, que ahí fica, tem, ao lado da belleza e da perfeição, alguma coisa que encanta e faz pensar.

Odette — S. Paulo.

Rosa Branca, Timbó.

Livro de medicina elemental, como este a que a senhora se refere, não existe. Em medicina não pode haver nada elemental. O unico que ha é o "Chernoviz" Para as pessoas leigas em medicina a unica coisa aconselhavel é a modificação homeopathica. A homeopathia é effiziz e de facil applicação. Nesta materia não faltam livros elementares, ao alcance de qualquer intelligencia.

Em minha casa nunca entrou medio. Meus filhos, que são oito, têm uma magnifica saude, e as poucas vezes que adoeceram, foram melindros por mim de accordo com o dicionario homeopathico de Hamphreys e com os seus escriptos.

Rosa Branca, Santa Cruz das Pedreiras.

Melly, Recife.

O cold-cream e o pó de arroz não fazem nenhum mel á pelle. Ao contrario, o cold-cream, feito á base de glicerina, tem até a propriedade de revider a pelle contra a acção da luz e do calor. Quanto aos seus cravos, posso affirmar-lhe que são incuráveis por meio de remedios externos. Esses remedios andam annuciados por todos os jornaes, mas, sobre não terem nenhuma effizica, são, ás vezes, nocivos, irritam a epiderme, provocando-lhe pelliculas ou produzindo manchas de queimadura, que, não raro, são difficis de curar.

O cravo não é uma enfermidade da pelle. A principio, suppunha-se que era um parasito que penetrava no póro e ahí se desenvolvia. Não é um mal da pelle, mas um desvio de nutrição ou, melhor, um erro de nutrição. Certas substancias feculosas, regeitadas pelo organismo, apparecem na pelle em forma de depositos de sebo, de cheiro «mui generis». As azas do nariz, a testa e o queixo são os logares de selecção. Excepcionalmente, porém, os cravos surgem em outros pontos do corpo, como nos braços, no peito e nas costas. Uma vez extrahido o cravo, elle forma-se de novo, bastaado dois ou tres dias para a sua completa formação.

Mas a gentil Melly reclama um remedio. Eu, apesar da minha velha experiencia na materia, não o conheço e sci que não ha. Conheço, é verdade, mais de cem receitas ás quaes os seus autores attribuem qualidades effizicas, mas posso garantir-lhe que a metade dellas é inocua e inutil e a outra metade é nociva. Tudo o que se annuncia para o caso, deve ser regeitado. O unico meio de acabar com esses depositos de sebo que se installam nos póros é mudar de alimentação, adoptando francamente o regimen vegetariata, não ao caso do seu gosto, mas de accordo com um medico vegetariata, que lhe prescreva a alimentação conveniente. Esse regimen, quando bem orientado, elimina as toxinas provenientes da nutrição carnívora, desenvolve a gordura, sem produzir, entretanto, a obesidade, corrige uma porção de perturbacoes gastricas e intestinaes, prolonga a vida e dá muito brilho á belleza.

Aquí fica o meu conselho. Esse regimen, eu adopto ha dez annos e só lastimo que o não tenha adoptado desde a infancia.

Nenê Vieta — Rio.



# TINOCO MACHADO & CIA.

S. PAULO

LARGO DO THESOURO, 5 (1. Andar) - Telephone. 3558

Unicos vendedores neste Estado das superiores **VELAS**

**Brasileiras Pequenas**  
**Ypiranga Colombo**  
**Paulista Bicho**  
**Cia. Luz Stearica**  
**do Rio de Janeiro**

## SAXONIA

TINTURARIA E LAVANDERIA

S. PAULO

LAVA E TINGE ROUPA DE

SENHORAS, HOMENS E CREAM-

ÇAS, CORTINAS, PLUMAS, BOÁS,

LUVAS, Etc., Etc.

Fabrica: Rua Visconde de Parnaíba N. 210

Telephone - Braz 297

Lojas: RUA 'LIBERO BADARO' N. 145<sup>4</sup>

Telephone - Central 2396

RUA SEBASTIÃO PEREIRA N. 5

Telephone - Central 833

## Gravidina

Approvada e licenciada pela junta de hygiene

### A'S MULHERES

- ¶ Senhora está grávida? - Use a Gravidina.
- ¶ Gravidina evita as complicações da gravidez.
- ¶ Senhora sofre de útero? - Use a Gravidina.
- ¶ Gravidina - cura muitas moléstias de útero.
- ¶ Gravidina - evita os vomitos da gravidez.
- ¶ Gravidina - evita as inchações.
- ¶ Gravidina - evita as hemorragias.
- ¶ Gravidina - alivia a dor do Parto.
- ¶ Gravidina - facilita o Parto.
- ¶ Gravidina - tonifica a mulher e a criança.
- ¶ Gravidina - cura as flores brancas.
- ¶ Gravidina - regulariza a menstruação.
- ¶ Gravidina - evita os tumores do útero.
- ¶ Gravidina - é a salvação das mulheres.
- ¶ Gravidina - mesmo á mulher si é útil.
- ¶ Gravidina - não contém substancias prejudiciaes á mulher e á criança.
- ¶ Gravidina - não é *farmacia*.
- ¶ Gravidina - deve á sua acção benéfica e curativa na gravidez, no parto e nas moléstias do útero, á feliz combinação de substancias vegeto-mineraes que entram na sua composição.
- ¶ Gravidina - é formula e preparado de distincto medico parteiro, Dr. Alfredo Zuquim, com 25 annos de Clinica e Partos.
- ¶ Gravidina - é o melhor remedio para senhoras. Provine e evita os accidentes e complicações da gravidez. Prepara o parto facil e rapido, sem dor e sem os soffrimentos dos partos laboriosos. É um excellento auxiliar da lactação que excita e estimula a função da glandula mamária.

Preço: vidro . . . . . 3\$000

N' venda em todas as pharmacias

Depositario: Pharmacia Ypiranga

J. RIBEIRO BRANCO

R. Libero Badaró, 112 — S. PAULO

O ESPECIFICO DA ANEMIA  
TUBERCULOSE etc.

Vinho Reconstituente

— SILVA ARAUJO —

Rachitismo - Fastio - Escrophulose, etc.

Usam-se 2 meios calices por dia

INGESTA Farinha lactea  
phosphatada  
de SILVA ARAUJO

ALIMENTO IDEAL

Para crianças, amas de leite, pessoas  
fracas, convalescentes

Torna as crianças sadias  
e fortifica os fracos

*Para uso das crianças dyspepticas, que têm difficuldade em  
digerir e cujas evacuações são irregulares, fétidas, esver-  
deadas ou talhadas, usa-se* **e sempre efficaz**  
*o poderoso, inegalavel*

**DIGESTIVO INFANTIL**

de SILVA ARAUJO

Usa-se ás colheres de chá após as refeições

— ou após as mammadelas —

A' base de papaina virgem, pura

Companhia de Industria  
e Commercio

**Casa TOLLE -**  
Rua PIRATININGA N. 27 - Caixa, 201 - São Paulo

*Premiada em diversas exposições e com a maior recom-  
pensa "GRAND PRIX" na Exposição de Torino em 1911*

**Bombons  
e Chocolates finos**

Unico fabricante no Brasil e America do Sul do :

**Cacao com aveia, Abelha** (marcas registradas). — **Vinhos,  
Vinagres, Licores, Xaropes,**

**LICORES CUSENIER** fabricados sob a fiscalização da casa de PARIS.

Possue o privilegio em todo o Brazil para a fabricaçaõ do alcool absoluta-  
mente neutro e inofensivo, unico que se presta para a fabricaçaõ dos licores  
finos que a Companhia prepara por distillaçaõ, com productos importados  
directamente da Europa.

# CASA BARUEL

Chamamos a atenção da illustrada classe medica e do publico em geral, para os productos da nossa

## Secção Industrial - Pharmaceutica

que se recommendam pelo carizho e rigor scientifico com que são preparados:

Agua Inglesa Baruel - Elixir Aristopteico - Magnesia Fluida Baruel - Segredo Oriental - Vinho lodo Tannico Phosphatado Baruel - Sabão Infantil - Polvilho Diaquilão Baruel - Depilatorio Marlins - Elixir de CC. Sagrada Baruel - Extracto de Tamarindo e Xarope Easton Baruel.

Secção de vendas

R. Direita, 1 - Largo da Sé, 2

Secção de expedição

Rua Marechal Deodoro, 2

Filiaes

Aven. Rangel Pestana, 149

Rua das Palmeiras, 42

Secção Industrial Pharmaceutica:

Avenida Cantareira, 47

Completo sortimento de Drogas e Especialidades Pharmaceuticas

Secção Especial de Perfumarias

## Baruel & Cia.

Caixa Postal, 64

Telephone N. 20

Endereço Telegraphico: BARUEL - S. PAULO

## S. PAULO

## RESINA DE JATAHY

Cura radicalmente Tosses, Asthma, Bronchite, Coqueluche, Catarrho chronico, Enxaqueca. — PREÇO \$5000 o frasco

## TRANSPIRA-DOR

Evita e cura Influenza, Febres, Gripas, Resfriados, dores de cabeça, neuralgias. — PREÇO \$3000 o tubo.

Preparados pela Pharmaceutica N. Bueno Bierremback.

Encontram-se

RIO — Drogaria R. Hesse & C. — rua 7 Setembro N. 61  
SÃO PAULO — Drogaria Baruel & C. — Rua Direita  
CORITIBA — Drogaria André de Barros — Rua Muricy, 69  
CAMPINAS — Em todas as pharmacies  
DEPOSITO GERAL Rua Regente Feijó N. 16 — CAMPINAS

Photogravura "A Paulicéa"

Clichés e Carimbos de borracha

RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 92

Telephone Central 3908

SÃO PAULO

Comissões — Consignações — Importação — Exportação  
**Salles Junior & Comp.**

RUA SÃO PEDRON. 117 (sob.) — Rio de Janeiro  
Telephone Norte 4038 — Telegramas "SALLES"

Recebem em consignação e compram: Assucar, café, milho, arroz, feijão, cacau, fumo, cera de carnaubá, rezina copal, pennas de Ema e Garça, Oleo de copahyba, cocos de Indayassú, fibras de carúia e paco-paco, paina, lã de cabra e carneiro, amianto, manganez, mica (malacheta) e muitos outros artigos. — Dirijam-se por carta, dando preços e amostras de qualquer artigo, que serão promptamente attendidos.

«Aceitamos toda e qualquer representação»

## FABRICA IRLANDESA

— DE —

## Capas de Borracha

Importação de Capas de Borracha das mais afamadas  
Fabricas Inglesas

## Mauricio Teitel

Especialidade sob medida para homens, senhoras, chapeleiros e crianças

Por atacado e a varejo

Rua Sete de Setembro, 168 - Rio de Janeiro

Telephone 5543 Central

## Hotel Avenida

O maior e o mais importante  
Brazil

Aposentos para 500 pessoas

Diaria a partir de 10\$000

Endereço Telegraphico:

AVENIDA

Rio de Janeiro



**Guilherme Wessel**  
**Clubes**  
Telephone  
N.º 2001.  
(Cidade.)  
Rua dos Guapanazes 155.  
São Paulo.

### A Sciencia da Maternidade

Um dos problemas mais importantes da maternidade é o problema do aleitamento. Diz-se vulgarmente: «isto elle bebeu com o leite» e nesta synthese popular está encerrada toda a importancia do aleitamento.

Com o aleitamento pode-se beber a força, a saúde, o *mens sana in corpore sano*; com o leite pode-se tambem beber o rachitismo, a fraqueza dos ossos, a pessima dentição, renunciando um futuro miseravel, arrastado em meio de molestias e de dores.

Na maior parte desses ultimos casos a mãe deve ser accusada; durante o aleitamento ella não se preoccupou de repousar, de alimentar-se bem e, principalmente, de enriquecer o seu leite com principios nutritivos e basicos para a formação do esqueleto da criança, do arcabouço sobre o qual a casa tinha que ser construida. Todos estes perigos ella teria evitado se tomasse cada dia quatro *Molcom Ircalsic Pastilles*, nas quaes existem todos os elementos necessarios para tornar o leite abundante, grosso, gorduroso e opulento de principios calcicos para a formação dos dentes e dos ossos. A Empresa Feminina Brasileira é a unica depositaria deste producto em São Paulo—Um vidro com soo partilhas: 20\$000. Enviar o pedido e importancia. — Com quantia tão insignificante garantireis a formação perfeita do lindo bebé sobre o qual repousa o vosso olhar delicado de mãe.

Empresa Feminina Brasileira

REVISTA FEMININA

Praga Antonio Prado (Palacet

Briecola) São Paulo

### Para tingir os cabelos

Podemos annunciar ás nossas leitoras que com grandes esforços, conseguimos obter uma nova remessa de PETALINA, o admiravel e inoffensivo preparado, que tão grande successo está fazendo em todo o Mundo e que dá ao cabello uma linda cor, desde o castanho claro, até o negro azeviche. Os pedidos devem ser acompanhados da importancia de Rs. 10\$000, inclusive 500 réis para a despesa do correio.

### Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de **GIFFONI** é um excellente reconstituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, *poderoso tonico depurativo e anti-escrophuloso*, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.



E' superior ao oleo de figado de bacalhão e suas emulsões, porque contem em muito maior proporção o *iodo vegetalisado* intimamente combinado ao *tannino da noqueira (Juglans Regia)* e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vitalizador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel.



É um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao oleo ás emulsões; dahi a preferéncia dada ao **JUGLANDINO** pelos mais distinctos clinicos, que o recelam diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO IODOTANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e phramacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral:  
**Pharmacia e Drogaria de FRANCISCO GIFFONI & C.ª**  
Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

Tonico dos nervos, do cerebro e dos musculos

**GOTTAS PHYSIOLOGICAS**

Silva Araujo

(Guarana - Iodo - Kola - Anemico)

NEURASTHENIA

**NEURO-SÔRO**

SILVA ARAUJO

Phag. Diphosphato de Sodio e Strychnina-Cacodylate

**Santelmo**  
O Rei dos Sabonetes.  
Guiltry - Rio.

Société Financière  
et Commerciale  
Franco Brésilienne

(CASA NATHAN)

CHA' «HORNIMAN» em latas de  
1,1/2 e 1/4 de libra, o mais puro e  
aromático.

Grande sortimento de licores «CU-  
SENIER» de todas as qualidades.  
Verniz especial «CHINAMEL» para  
envernizar soalhos, que substitue  
com vantagem a cera e é mais  
barato.

Grande sortimento de ferragens fi-  
nas e grossas.

MACHINAS PARA A LAVOURA  
de todas as classes, com especia-  
lidade em arados, cultivadores, etc.  
dos melhores fabricantes Norte-  
Americanos.

□□□□

Pedidos e informações á

43-A, Rua S. Bento, 43-A

Caixa do Correio—K  
SÃO PAULO

## Marmoraria Tomagnini



Especialidade em  
tumulos de marmore  
e granito polido

— Pietrasanta

(Carrara) Italia —

S. PAULO

Rua Paula

Souza N. 85

Telephone, 3378

(CENTRAL)

A todas as  
mães extremosas  
Aconselhamos para os  
seus filhos o emprego do  
**OLEO INDIGENA**  
Perfumado

Para completa extinção da cas-  
pa e a boa hygiene dos cabelos.



Usando o oleo INDIGENA per-  
fumado, alisa os cabelos, mata  
por completo a caspa, lendias, pa-  
rasitas e todos os insectos do cou-  
ro cabeludo. Evita a queda e faz  
crescer o cabelo, podendo ser  
usado em todas as «toilettes» de  
bom gosto, pelo seu perfume e  
por todas as virtudes.

A' venda em todas as pharma-  
cias, drogarias, perfumarias e bar-  
bearias. PREÇO 24000

PELO CORREIO, 34200

Deposito em S. Paulo:

**BARUEL & COMP.**

Córite e envie sem demora  
este coupon á redacção  
da Revista Feminina

.....de..... de 191.....

SR. JOÃO SALLES DIRECTOR DA "REVISTA FEMININA"  
Praça Antonio Prado (Palacete Briccola)—S. Paulo

Peço-lhe inscrever-me como assinante da Revista Feminina,  
por um anno, a começar em.....  
de 191..... e a terminar em ..... de 191.....  
para cujo pagamento encontrará annexa a importancia de Rs.10\$000  
caso prefira receber a Revista registrada deveis enviar mais cinco mil réis ou  
sejam 15\$000 (em dinheiro, cheque, ordem ou sellos).

As cartas com as importancias devem vir sob registro e valor dec .....

Endereço.....

logar.....

Estado.....

Observações.....

## "O PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.  
Se começa a ver pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.  
Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette — O PILOGENIO

SEMPRE O "PILOGENIO"

"PILOGENIO" SEMPRE!

A' venda em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias

# LYCETOL

GRANULADO  
GIFFONI  
DISSOLVE E EXPELLE  
O ACIDO URICO

RECEITADO-MARIAMENTE PELLAS SUMMIDADES MEDICAS  
CONTRA  
DIATHESE URICA—COLICAS NEPHRITICAS  
CALCULOS BILIARES  
ARTHRITISMO—RHEUMATISMO  
→ GOTA ←

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRAZIL  
DEPOSITO GERAL DROGARIA GIFFONI

DE  
FRANCISCO GIFFONI & C.<sup>MA</sup>—RUA 1.<sup>ª</sup> DE MARÇO 17  
RIO DE JANEIRO

Exclusivamente para  
**Senhoras e Senhoritas**

Premiado na Exposição de Bruxelas e com  
medalha de ouro na Exposição de Hygiene

## O CREME DO HAREM

tem a primasia, porque . . .  
. . . é uma preparação conscienciosa, seria e  
não é imitação.

. . . tem sido usado, sempre com excellentes  
resultados, contra as **sardas, rugas, pannos,**  
**espinhas e manchas** da pelle e nenhum outro  
é comparavel a elle.

Portanto, todas as imitações que appareceram,  
que apparecem, e que apparecerão, embora  
com nomes diferentes, não podem fazer  
concurancia ao já consagrado

## CREME DO HAREM

Estoje 3\$000

Pelo Correo 4\$000

Em todas as perfumarias e drogarias e na

**PHARMACIA E DROGARIA  
SANTOS**

Rua São Bento 74-A- S. PAULO



## VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos.  
Poderoso tonico e estimulante da "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente  
indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das  
forças, da actividade psychica e da energia cardiaca.

E' o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neu-  
rasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, arterio sclerose), etc.

Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás  
amas de leite. E' um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Receitado diariamente pelas summidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias. Deposito Geral:  
**PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.**  
Rua 1.<sup>ª</sup> de Março, 17 — Rio de Janeiro

# KUNDRY

Melhor que a loção que julgardes como a melhor

## hoção vivificante para os cabellos

(Nome e Marca Registrados e Depositados na Junta Commercial)

Composta exclusivamente de Vegetaes e garantida como sendo poderosamente tónica, vivificante, anti-septica e suavemente perfumada

(Aprovada pela Directoria de Hygiene do Estado de S. Paulo e por distintos clinicos que a usam e recebem)

## Dae vida aos vossos cabellos

Evitae a queda dos cabellos! Evitae que a caspa, as parasitas e quaisquer outras substancias vionozas para o couro cabeludo corroam as partes vitaes do cabelo, afim de não lhes produzir a morte! Convem impedir que os pigmentos colorantes peream sua vitalidade por falta de alimentação adequada, e não alimenteis jamais os cabellos com substancias e tinturas colorantes

**Não sejaes calvos! Nem tenhaes cabellos brancos!**

### Usae KUNDRY

5\$ custa um vidro de Kundry em toda parte Mais de 1000 casas no Brasil vendem KUNDRY

Pedimos aos nossos leitores procurar Kundry na casa onde costumam fazer as vossas compras. Si não o encontrarem enviem o endereço do seu fornecedor e \$3000 em vale postal á Casa Edison de S. Paulo, Rua 15 de Novembro, 55, e pela volta do correio receberão um vidro, correndo as despesas por nossa conta.



**NEGOCIANTES!** — Arrolae-vos no numero dos revendedores, cada vez mais crescente, deste maravilhoso preparado. Podeis ter certeza que não compromettereis o vosso nome, fazendo propaganda deste surpreendente producto, porque KUNDRY é o primeiro e o unico que satisfaz o comprador sendo sempre eficaz na falha dos outros.

Fornecemos prospectos em abundancia e "cl. chês" para facilitar a venda.

## "A CRAYOLA"

UMA NOVIDADE UTIL P'AS CRIANÇAS

O gosto pela pintura ou leve desenho, muito custava a tomar vulto no cerebro das creanças, dadas as dificuldades que tinham.

Nem sempre podiam tomar um professor que lhes fosse insuflando n'alma a scenteilha da arte, dos traçados e cores.

A "Crayola" veio preencher essa lacuna. É um aparelhosinho elegante. Como a kudak de "film" tem elle uma tira de papel que corre sobre o modelo que a creança quizer desenhar. Sendo finissimo esse papel, resaltam ás vistas da creança os traços todos com o colorido vivo do modelo. Com os lapis, de 18 cores variadas, que acompanham cada "Crayola", poderá a creança reproduzir lindos desenhos, encontrando nella um guia seguro, quasi um mestre, para os primeiros ensaios de pintura e desenho. É um verdadeiro regalo, aliando o util ao agradável.

PREÇO: 7\$000 livre de porte. Pedidos a Gustavo Figner, Rua 15 de Novembro, 55 — S. Paulo.



## O JOGO DO "15"

"15" O Quebra-cabeças "15" que agrada a todos

Qualquer pessoa que veja os blocos correctamente collocados com certeza não acreditará que seja preciso tanto trabalho e paciencia para conseguir este resultado.

Dizem, entretanto, os entendidos:

• O "15" é o melhor e o mais original quebra-cabeças deste seculo.

• Um verdadeiro quebra-cabeças em toda a accepção da palavra, porque não depende de nenhum truce a sua solução.

• Um quebra-cabeças que agrada aos moços e os velhos ao mesmo tempo.

• Vale muitas vezes o preço, e é curia certa para o enferrujamento do cerebro.

• É impossivel uma demonstração mathematica e pôde ser resolvido com a mesma facilidade tanto por quem começa a soltear como por quem pgsuue erudição.

• Levem um "15" para a Praia — Preço 1\$500



## A MACHINA DE BORDAR LA FÉE DE FOYER

Com este pequenino e engenhoso aparelho qualquer pessoa pôde fazer trabalhos de bordado em alto relevo de extraordinaria belleza, destinados a qualquer fim, sem precisar de aprendizagem alguma, seguindo apenas as detalhadas instruções em portuguez que acompanham cada aparelho. Toda rethora ou moça poderá, com o auxilio deste pequenino aparelho ornamental ou seu lar a seu gosto e de uma maneira verdadeiramente artistica.



PREÇO: 6\$400 livre de porte.

Todos os pedidos desta pagina devem ser dirigidos com a respectiva importancia a Casa Edison - S. Paulo, rua 15 Nov. 55. Gustavo Figner

# Cia. Mechanica e Importadora de São Paulo

IMPORTADORES de toda a classe de material para construcções e para Estradas de Ferro, Locomotivas, Trilhos, Carvão, Ferro e Aço em grosso, Oleos, Cimentos, Asfalto, Tubos para abastecimento d'agua, Material Electrico, Navios de Guerra, Rebocadores, Lanchas e Automoveis «FIAT» etc.

FABRICANTES de Machinas de café e para a lavoura, de Material ceramico e sanitario, Fabrica de pregos, parafusos e rebites, Fundição de ferro e bronze, etc

## GRANDE SERRARIA A VAPOR

— Constructores e Empreiteiros —

AGENTES de Robey & Co. Fabrica «FIAT» (Automoveis) - Fabrica de Ferro Esmaltado «SILEX» - Comp. Paulista de Louças Esmaltadas - Societá Italiana Transaerea «SIT» Aeroplano e hydroaeroplanos Bleriot). - Soc. de Productos Chemicos "L. de Queiroz" etc...

DEPOSITO, FABRICAS e GARAGE:

Rua Monsenhor Andrade e Americo Brasiliense - Braz

ESTABELECIMENTO CERAMICO:

Agua Branca - Telephone No. 1015

Codigos em uso: A. B. C. 5.ª edição, A. I., A. Z., Western Union, Lieber's, Bently's e Ribeiro

Escritorio: Rua 15 de Novembro N. 36

Officina e Fundição: Rua Monsenhor Andrade - Braz

: - São Paulo - :

Filiaes em Santos - Rio de Janeiro - Londres